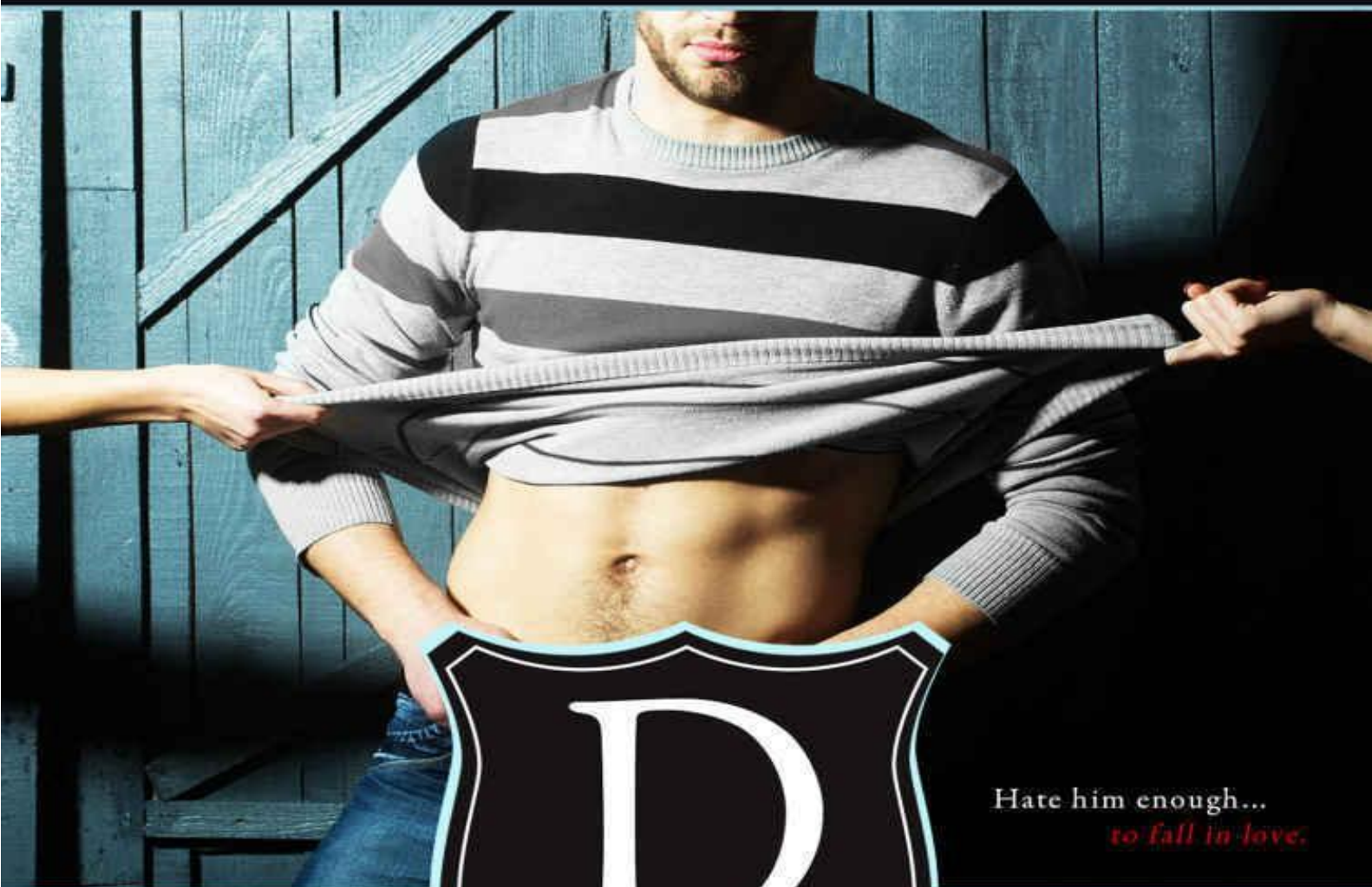


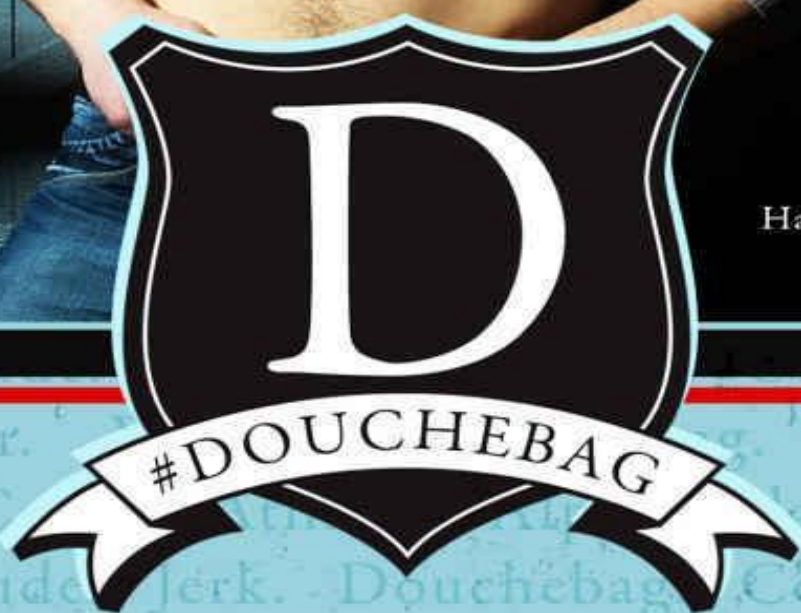
HOW TO DATE A DOUCHEBAG SERIES BOOK ONE

HOW TO DATE A DOUCHEBAG

THE STUDYING HOURS



Hate him enough...
to fall in love.



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

SARA NEY





Pegasus Lançamentos
Apresenta

AS HORAS DE ESTUDO

COMO NAMORAR UM BABACA 1



SARA NEY



Equipe

Pegasus Lançamentos

ENVIO: SORYU

**TRADUTORA: IZABELLA CAMPOS - BELLA
READER**

REVISÃO INICIAL: LENINHA

REVISÃO FINAL: CAMIKA

LEITURA FINAL: ROXIE Z (PL)

FORMATAÇÃO: DANIELA RODRIGUES

VERIFICAÇÃO: ARWEN (PL)

AVISOS

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no Facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no Facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informa-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores de romance!

A equipe do PL agradece!

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Não aceitamos reclamações sobre as traduções dos grupos! Não gostou, leia o livro no idioma original.

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

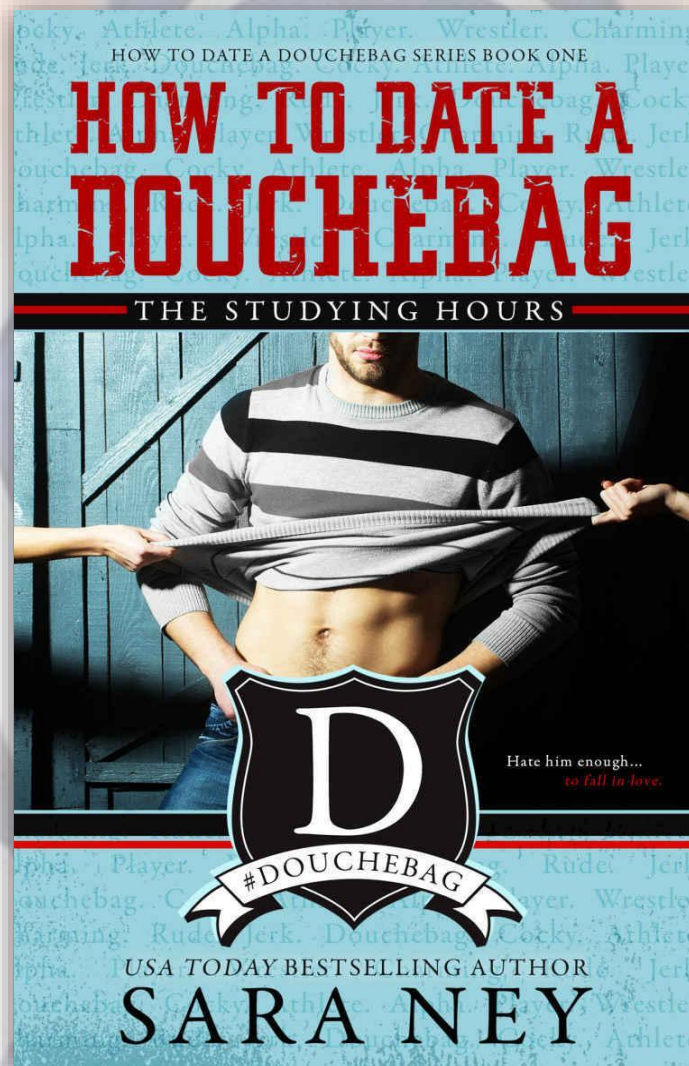
No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, se prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

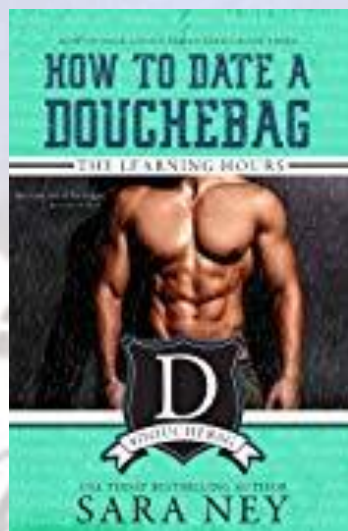
O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Série **COMO NAMORAR UM BABACA**



Lançamento



Próximos...

SINOPSE

Grosseiro. Arrogante. Pé no Saco

Sem dúvidas, Sebastian "Oz" Osborne é o atleta mais famoso da universidade, e provavelmente o maior imbecil. Ele é um clichê ambulante, tem uma boca suja, um corpo fantástico e não liga para o que os outros pensam.

Inteligente. Elegante. Reservada

Não se engane: Jameson Clarke pode ser a estudante mais aplicada, mas não é dissimulada. Ela passa a maior parte do seu tempo nos corredores sagrados da biblioteca e é cautelosa com os pervertidos, atletas e pé no saco, e Oz Osborne é tudo isso.

Ela é inteligente, sarcástica... E nem um pouco como ele esperava.

...CADA IMBECIL TEM SUA FRAQUEZA.

Ele quer sua amizade.

Passar um tempo com ela. Deixá-la louca.

Ele quer...Ela.



"Quando a vi pela primeira vez sentada diante da biblioteca, com a cabeça baixa, pensei que ia ser fácil. Pensei que talvez se eu dedicasse tempo suficiente, ela deixaria cair suas calças e ficaria de joelhos durante cinco minutos comigo. Pois, adivinhem? Eu estava errado".

— Sebastian Osbourne



PREFÁCIO

JAMESON

Alguns dias fico em casa para estudar, mas não é muito frequente.

A biblioteca é meu consolo.

Meu refúgio.

Aonde venho para escutar o som das páginas viradas, o tênue barulho do teclado de um laptop fazendo clique, passos leves sobre o piso de madeira desgastado. O edifício tem cento e três anos de idade, um dos monumentos mais antigos do campus e cheio de história. Cheio de madeira esculpida e cantos escuros. Cheio de conhecimento e segredos de cientistas, filósofos e estudiosos.

Realmente. É o único lugar em um raio de oito quilômetros onde posso ficar a sós com meus pensamentos.

O único lugar sem colegas de quarto, suas músicas, telefones, e a constante explosão de atividades da república fora do campus. Nunca sei quando vai haver algum cara estranho no sofá, desconhecidos entrando e saindo, ou risadas tolas antes que as portas dos quartos se fechem de repente.



Os incômodos sons da cama da colega de apartamento, seguido pouco depois por um gemido frenético em uma casa totalmente silenciosa é...

Desconfortável.

E isso falando o mínimo, porque honestamente como se tira esse som da cabeça?

Não consigo.

Em vez disso, fujo para a biblioteca.

Não me preocupo com os sons de gritos ou brincadeiras ou interrupções, ou o cheiro do macarrão Lámen¹ muito cozido. Geralmente, não tenho que me preocupar com distrações, tampouco.

Exceto hoje.

Hoje estou concentrada em uma mesa tumultuada perto da entrada, na forma de quatro garotos muito grandes e muito atléticos. Garotos ruidosos, garotos arrogantes.

Garotos relativamente atraentes. Hoje, não consigo me concentrar.

Os vejo antes de me verem, me permitindo um breve descanso do estudo para observar o maior deles com olhar crítico. Com um chocante cabelo escuro e sobrancelhas ainda mais escuras, não olhou para o livro aberto na frente dele nem

¹ Aqui no Brasil chamamos de miojo.



uma vez, pelo contrário, ficou espiando a sala de leitura da biblioteca.

Assim como eu.

Os braços cruzados sobre seu amplo peito, as pernas estendidas, a expressão impaciente, quase como se não se interessasse pela tarefa.

Conclusão: deve esperar que o céu se abra e o universo faça o trabalho para ele. Nossos olhares colidem, suas sobrancelhas se arqueiam enquanto os lábios rodeados por uma leve barba se curvam. Olhos perspicazes tão pálidos que, daqui, não posso discernir sua cor, descem gradualmente para a linha de botões em meu suéter antes de se fixar em meu peito.

Estremeço.

Ele sorri.

O idiota sádico *sabe* que seu olhar fixo está fazendo minha pele se arrepiar e desfruta do fato.

Garotos como ele? Certamente a universidade será um breve ponto na rota de sua vida, uma parada no caminho da intimidação dos colegas de trabalho, sócios de negócios, e provavelmente mulheres.

Este garoto? É um babaca, com um “B” maiúsculo.

Piscando para sair de nosso duelo de encarar, meus olhos azuis viajam ao redor da mesa, parando no loiro que golpeava



seu teclado, a cabeça balançando com qualquer tipo de música que esteja tocando em seus fones de ouvidos brilhantes. Depois caem no latino que descansa em sua cadeira, olhando para o teto e mordendo um lápis amarelo.

Por último, mas não menos importante, o garoto com o pescoço grosso e braços tatuados mais grossos ainda.

Fascinada, baixo ainda mais a cabeça para olhar timidamente por baixo dos meus longos cílios, ele está claramente tentando se concentrar em seu trabalho, a irritação com os barulhentos companheiros de mesa, arruinando seu rosto atraente e fazendo com que os ombros fiquem tensos. De vez em quando, se move inquieto em seu assento antes de dar uma sacudida em sua cabeça.

Sopra uma baforada de frustração.

Ele se move em seu assento. Sacode a cabeça. Bufo.

Xampu. Enxaguar. Repetir.

Até...

A mesa inteira é interrompida por uma bonita universitária com o cabelo castanho claro preso em um coque informal e bagunçado, mas mesmo daqui vejo os olhos fortemente delineados e os lábios vermelho brilhantes. O visual com olhos esfumados não necessariamente combina com a leggings preta e suéter de Iowa, mas quem sou eu para julgar?



Ela caminha até eles descaradamente e descansa seu quadril na lateral da mesa, arrasta um dedo pela superfície lisa, subindo até passar sobre o braço do rapaz tatuado, deslizando a unha até a parte nua do antebraço.

Sua cabeça se levanta surpreso. Então se concentra nela.

Solto o fôlego que não sabia que segurava com a visão do sorriso que ele dá a ela.

Ele se reclina, cruza seus sólidos braços e estende as pernas.

Ela é linda.

E obviamente seu tipo.

Assisto ao show, fascinada enquanto ele se levanta e passa o braço musculoso ao redor de sua fina cintura... Removo o fone de ouvido a tempo de ouvir uma risada forçada e entusiasmada brotar da garganta da garota... Apanho o timbre baixo da voz dele enquanto os conduz mais para o fundo da biblioteca, para a última fila de revistas e jornais acumulados. Solto outro fôlego quando acerta o traseiro da garota com uma palmada sexualmente carregada... Suspiro, decepcionada quando viram a esquina, sumindo de vista.

Pois bem.

Tirando meus óculos de aros pretos, esfrego os olhos cansados e me pergunto por um breve instante como seria ser



esse tipo de garota, a despreocupada que deixa os meninos a guiarem para as escuras fileiras de livros.

Por diversão. Porque se sente bem.

Não o tipo de garota que passa todo seu tempo acordada estudando porque as aulas a sugam e não pode se permitir o luxo de não fazer.

Recoloco os óculos, os pelos da nuca formigando com consciência enquanto dou um delicado bocejo, deslocando meu olhar.

Encontro olhos cinza frios e intimidantes.

Eles se enrugam deliberadamente nos cantos como se dissessem: *estou vendo você observá-lo, mas, coração não segure o fôlego, ele nunca sairia com alguém como você.*

E tinha razão, a figura que desapareceu nas estantes da biblioteca, não iria querer sair comigo. Não me olharia duas vezes se tivesse a oportunidade.

Fazer sexo comigo? Talvez.

Sair comigo? Não. Mas, adivinhe? Eu tampouco iria querer. Porque posso dizer com apenas um olhar, que provavelmente ele é um idiota, assim como seu horripilante amigo.

E não quero ter nada a ver com um homem assim.



CAPÍTULO 1

"Você não é material para ser esposa troféu. É mais o tipo de garota de prêmio por participação."

SEBASTIAN

— Cara, faça-me esse favor e veja se é ela.

Ignoro sua súplica, determinado a começar o ensaio² para uma aula que tenho amanhã na primeira hora, uma aula que preciso para me graduar. Pensei que vindo para a tranquilidade da biblioteca conseguiria terminar o trabalho, mas ao que parece estava errado.

Tão errado.

— Você está me escutando? Preciso que vá lá e veja se aquela garota que está olhando para cá é minha monitora. Por favor, sou tímido.

Eu me detenho.

² Ensaio, ou Ensaio Acadêmico é um texto de **caráter crítico** sobre certo debate ou questão de ordem científica. Nesse sentido, o ensaio é **discursivo**, no sentido de mostrar o **posicionamento** e as **reflexões** do autor a respeito do ponto sob consideração.



— Zeke, não vou até lá só para ver se ela é sua monitora, faça você mesmo.

Abaixo minha cabeça e volto para minha folha.

— Sou o capitão da equipe de luta olímpica, imbecil.

Minha caneta para pela segunda vez.

— Não, eu sou o capitão imbecil, ou já se esqueceu? Fazer seu trabalho sujo não faz parte das minhas funções.

Ofendido, mas não intimidado, meu amigo tenta de novo.

— E se eu lhe pedir amavelmente?

— Não. Você já foi um chato do caralho muitas vezes hoje.

Isto o anima consideravelmente.

— Falando em pênis, e se eu te der uma chupada? — Ronrona. — Então, você o faria?

— Eu faço por um boquete — Interrompe nosso amigo Dylan do outro lado da mesa, que parecia grande o suficiente para acomodar todos nós quando sentamos, mas que agora parece do tamanho de uma toalha de banho.

— Feche a maldita boca, Landers. Ninguém te perguntou — Diz Zeke com desprezo. — Osborne, vá ver se ela é minha monitora.

Jesus Cristo, ele é incansável.

— Ela não é sua monitora.



Duvidoso, ele gira o tronco para vê-la.

— Como você sabe?

Todos nós esticamos os pescoços para dar uma boa olhada na garota em questão, sentada do outro lado da biblioteca fracamente iluminada. Meus olhos escuros caem sobre a despreocupada garota, ela está inclinada sobre uma pilha de livros e empunhando um lápis, escrevendo furiosamente.

Intensa e séria, essa garota significa problemas.

Ela não está aqui para paquerar.

Notei-a várias vezes, mas nunca pensei melhor até agora, a transformando em outro corpo quente que ocupou uma mesa inteira, na qual meus amigos e eu poderíamos estar.

Acadêmica. Pouco arriscada. Provavelmente uma fodida dissimulada se o colar de pérolas em volta de seu pescoço for uma pista.

Nem levantou um olho quando passei do seu lado com a Cindy, ou Mindy, ou qualquer nome que rime com "Indy", e a levei para o depósito para lubrificar meu pau.

— Como sei que ela não é sua monitora? — Repito. — Primeiro, o rosto está enterrado naqueles livros, e não olhou em volta nem uma vez, durante o tempo em que estamos aqui.

As sobrancelhas escuras de Zeke se levantam.



— Isso é papo furado. Ela estava nos observando todo este tempo.

Ignoro sua expressão e firmeza.

— Em segundo lugar, ela não parece precisar de um trabalho. Quer dizer, você não viu as pérolas no pescoço? De maneira nenhuma ela precisa de dinheiro.

— Talvez ela goste de ajudar os necessitados — Brinca Dylan.

— Eu lhe darei uma necessidade: *preciso* de uma boa nota em biologia. — Zeke nos expõe ao ridículo, a estudando atentamente. — Virgem Maria, e ainda por cima se parece com a porra de uma bibliotecária. Uma garota assim vai ficar solteira para sempre.

— Sim, mas olhe para ela: é inegável que não espera por ninguém — Observa Dylan.

Zeke dispara um olhar irritado para ele.

— Você acabou de usar a palavra inegável?

Nosso amigo o ignora.

— Ou talvez ela tenha dado uma olhada em seu rosto zangado e decidiu que o trabalho não valia os quarenta dólares que você vai lhe pagar. Qual é a do suéter dela? Aposto que precisa de uma boa foda. — A estridente voz de Dylan atravessa o ruído, o tom áspero corta através da tranquila



biblioteca universitária de maneira inquietante. — Parece uma megera.

A risada de Zeke é crua.

— Talvez esse seja o problema, ela teve um pau e ainda está entalado no rabo. — Ele verifica o telefone pela quinta vez. — Se não é minha monitora, então ela não veio. Poderia por favor, ir até lá por mim? Sou muito preguiçoso para tirar minha bunda dessa cadeira.

Olho para ele, sacudindo a cabeça com sua presunção antes de me levantar.

— Bem, qual é o nome da sua monitora?

Ele desdobra um pedaço de papel que descansa sobre sua pilha de livros e lê em voz alta.

— Violet.

— Ah, que gracinha. — Caminho tranquilamente pela biblioteca, atravessando o intrincado labirinto de mesas, olhando fixamente no cardigã preto. — Violet.

O rabo-de-cavalo clássico está liso e bem preso, nenhum fio de cabelo fora do lugar e os óculos pretos apoiados na cabeça. Vestia uma simples camiseta branca e o cardigã preto, um só filamento de reluzentes pérolas creme circulando o pescoço.

Assim como eu disse, malditas pérolas.



Os cabos dos fones de ouvido cor de rosa pendurados em seu pescoço.

Chego mais perto, me aproximando cautelosamente, assim como abordaria um cão de rua, ou uma garota que prevê que está em seu período. Com receio, com cuidado.

Relaxando as pontas dos dedos na lateral da mesa de madeira maciça, espero que ela olhe para cima e me note, diga algo, ruborize.

Mas não o faz. Na verdade, se esta garota notou minha presença, ela é nível: *Perita* em esconder.

Limpo minha garganta, digo uma saudação casual e tento parecer aborrecido.

— Ei.

Sua mão continua se movendo pelo caderno, o dedo continua no meio do parágrafo escrito à mão. Com a cabeça ainda inclinada, sua voz tranquila murmura:

— Não sou uma monitora, então não se incomode.

Suponho que isso responde a minha pergunta. Viro-me para meus amigos, os dois me dando um polegar para cima, e balanço minha cabeça. Negativo Ghost Rider³. Zeke franze as

³ De acordo com o site “Urban Dictionary”, aqui o significado pode ser mais de um: 1 – Alguém que fica espreitando nas sombras e é difícil de ser pego. 2 – Alguém que de repente aparece do nada. 3 – Quando se está numa orgia com as luzes apagadas e não se conhece com quem está fazendo sexo (como ele está se referindo ao amigo pode ser uma piada interna).



sobancelhas, irritado como de costume, e olha o papel dobrado em sua mão com o cenho franzido e o joga no chão.

Bom.

Suponho que isso resolve. Exceto...

— Seu nome não é Violet? — Pressiono por mais informação, querendo que ela me olhe.

Ela nem sequer estremece.

— Sinto te decepcionar, mas não.

Forço uma risada, me apoiando na mesa com o quadril e cruzando os braços.

— Apenas confirmando. Meu amigo ali foi esquecido por sua companheira de estudo e agora está desanimado.

— E por que ele mesmo não veio aqui perguntar?

— É muito preguiçoso para se levantar. — Meu tom é direto.

— Não querendo ser grosseira, mas se ele precisa de um monitor, talvez a preguiça seja parte do problema.

Belo argumento.

— Belo argumento.

— Muito bem, agora que resolvemos que não sou essa misteriosa Violet desaparecida, realmente preciso voltar a estudar. Está acabando com a minha concentração.



— Certo, sinto muito por te incomodar. — A desculpa escapa e consegue soar sincera.

A garota cantarola um desdenhoso "Mmmhmm" e volta a colocar a ponta do dedo na linha da folha de caderno, sem olhar para mim.

É irritante para caralho.

Quero dizer, meu orgulho está tomando uma verdadeira surra aqui. Não é todo dia que sou dispensado, e certamente não por uma *ninguém* na maldita biblioteca, uma colega de classe entediante com um comprido pau enfiado no rabo.

Simplesmente me viro e me afasto? Ou tento ter a última palavra? Fico lá, sem saber realmente o que fazer e coloco as mãos nos bolsos do jeans.

Esta garota conseguiu me incomodar em menos de um minuto, teve colhões para me dispensar e não tenho certeza de como lidar com isso.

— Pode ir agora. — Ela lê minha mente, uma ligeira vantagem em sua voz. Que merda há de errado com esta garota?

— Relaxa — Protesto. — Já vou.

Volto para minha mesa é uma viagem rápida, e meus dois amigos têm expressões divertidas estampadas em seus rostos idiotas. Puxo minha cadeira, lhes respondendo com um olhar de desgosto.



— Isso parece que não foi muito bem. — Arrisca-se Dylan.

— Vai. Se. Foder.

— Aquela não é a Violet? — Zeke pergunta.

— Não. — Abro o livro de topografia. — Não é a Violet.

— Ei, OzMan. — Reflete Dylan pensativamente. — Aposto que se voltasse lá e se atirasse nela, lhe daria algo para se gabar durante semanas. Dê à garota nerd uma razão para viver.

De algum jeito, eu duvido.

— Primeiro teria que tirar seu rosto do livro tempo suficiente para saber que estou lá.

— Aposto que poderia fazer com que ela arrebentasse a calcinha branca de vovó.

— Nenhuma merda poderia. Quão difícil seria?

Zeke ri.

— Sejamos honestos, ela não está usando calcinhas de vovó e provavelmente um cinto de castidade.

Não que me importe com calcinha branca de vovó; todas deslizam pelas coxas de uma mulher da mesma maneira: lentamente e com um doce som satisfatório quando caem no chão.

Sorrio deliberadamente.



— Sim, provavelmente.

— Acha que é virgem? — Pergunta Dylan em voz alta.

Zeke ri, olhando por cima de seus amplos ombros para a bibliotecária, que está caminhando pelo perímetro da sala. Ele abaixa sua voz.

— Merda, garanto que é, olhe para ela. Certamente será uma chorona depois do orgasmo quando finalmente tiver um...

— Certo, agora chega. — O cortei bruscamente, tenho meus padrões quando se trata de uma mulher. É claro, eles não são altos, mas tenho alguns, e agradá-las sexualmente é um deles. — Você está sendo um cretino. — Dou à garota outro olhar por cima do ombro, meu tom suavizando. Ela na verdade é um pouco bonitinha. — Além disso, por que se importa?

— Não me importo, só disse que com toda arrogância que tem, não conseguiria que essa garota fizesse sexo com você, garanto. — Inclina a cabeça em minha direção. — Vi a forma como te ignorou, e você não está acostumado a alguém te dispensar.

Certo. Tomo como exemplo a noite passada: não tive trabalho quase nenhum, para foder na varanda de trás da casa de hóquei. Um pouco de bate-papo, alguns poucos sorrisos e estava contra uma parede fodendo uma garota que nem me disse seu nome.

— ... E aposto que não poderia fazer com que ela pusesse a boca em qualquer lugar de você. Pagarei cem dólares.



Espera. Rebobina.

Cem dólares?

Isso me chama a atenção e minha cabeça se move bruscamente para cima. Por quê?

Porque estou falido.

A verdade é que não cresci nas melhores escolas. Fui um lutador talentoso desde o começo, mas não pude ter treinamento adicional; nossa família não tinha dinheiro. Quando estava na escola secundária, minha irmã conseguiu seu primeiro trabalho real ao sair da pós-graduação, mas logo se viu envolvida em uma batalha judicial, detalhe no qual não vou entrar que esgotou grande parte da aposentadoria de meus pais.

O dinheiro para clubes de luta olímpica e a universidade se foi junto. Então sim, diferente da maioria dos meus amigos, não tenho a bênção de estar aqui às custas dos bolsos sem fundo dos meus pais. Não tenho cartões de crédito ilimitados e nem renda mensal.

Não.

Posso ter sido abençoado com um talento dado por Deus para acabar com meus oponentes no tatame de luta, mas financeiramente só estou armado com uma bolsa esportiva (que não posso me permitir o luxo de foder) e um trabalho. Isso mesmo. Um trabalho.



T-R-A-B-A-L-H-O.

No sentido de que quando não estou na aula, no treino, ou estudando, arrebento minha bunda trabalhando até vinte horas semanais, conduzindo uma empilhadeira durante o turno da noite em uma serralheria de madeira a quinze minutos do campus. Paga o aluguel da merda que compartilho com meu companheiro de equipe Zeke, um jogador de futebol chamado Parker, e seu primo Elliot.

O trabalho ajuda a pagar os gastos que a bolsa e meus pais não podem cobrir: os serviços públicos, gasolina e mantimentos, sem muita folga para mais.

E se alguém descobrir estou fodido.

Tecnicamente, não se supõem que eu esteja trabalhando; meu contrato com a Iowa me proíbe. Mas não há nada que eu possa fazer, *tenho* que trabalhar geralmente à noite, quando deveria dormir, estudar e descansar o corpo.

O corpo que toma uma surra regular e é meu único ingresso para uma educação Big Ten⁴.

Ajuda quando alguns milhares de dólares adicionais por ano em bolsas escolares são patrocinados pela companhia de seguros onde meu pai trabalha, mas eu realmente poderia usar o dinheiro que Zeke acabou de apostar, mesmo sendo apenas cem dólares.

⁴ Big Ten Academic Alliance é um consórcio acadêmico das 14 melhores instituições de ensino superior dos Estados Unidos.



Então.

Estudo a garota outra vez, a examinando com renovado interesse. Cardigã abotoado. Rosto sério. Cabelo liso e escuro. Boca apertada em uma linha reta, a ponta rosada de sua língua aparecendo no canto, indiscutivelmente concentrada.

Imagino que poderia suportar sua boca na minha durante alguns segundos. Dou um grunhido de assentimento ao Zeke, e porque sei que ele pagará, digo:

— Se for quinhentos, você tem um trato.

Ele ri.

— Feito.

Recostado em sua cadeira, meu companheiro de equipe cruza os volumosos braços, me incitando com um movimento de seus dedos.

— Melhor se apressar, Casanova, antes que ela te pegue olhando e fuja com o rabo entre suas pernas bem apertadas.



CAPÍTULO 2

"A garota com quem me encontrei ontem à noite despertou esta manhã, se virou me olhou e disse:

— OH, graças a Deus que é gostoso, e depois voltou a dormir".

SEBASTIAN

— Pensei que já tínhamos estabelecido que não sou monitora.

A garota está curvada, perdida em seu livro, o marcador suspenso sobre a margem direita. Ainda não olhou para cima, mas pelo menos me reconheceu antes que tivesse que tomar medidas drásticas como limpar a garganta e bater na mesa.

Chamo isso de progresso.

— Certo, entendi da primeira vez que vim até aqui.

O marca texto parou e ela o colocou sobre o livro aberto. O fechou, removeu um fone do ouvido e o manteve suspenso no ar enquanto aguardava que eu dissesse alguma coisa.



— Há algo em que possa te ajudar?

Inclinou a cabeça para um lado, à espera, me escutando falar, mas continuou estudando.

Decido me arriscar.

— Preciso que me beije.

Nada.

Não há nenhuma reação.

Sem se negar, sem rubor, sem comentários.

Como se esse tipo de coisa acontecesse regularmente com ela.

— Você poderia me olhar, maldição?

Sim, surte efeito, *isso* chama sua atenção.

Ela levanta a cabeça, o longo rabo-de-cavalo castanho caindo sobre o ombro direito, com classe e sofisticação.

Seus olhos são de um azul brilhante, com longos cílios.

Nossos olhares se encontram.

Parecem se conectar.

Os corações palpitando com força.

Seja qual for o maldito clichê que queira jogar na cara, todos são irritantes, mas aí está. Ela me olha com desconfiança, os olhos azuis se estreitando com irritação.



A agitação alarga suas narinas.

Muito pouco promissor.

Desprezando-me depois de um longo tempo de silêncio, ela coloca o fone em seu ouvido e abaixa a cabeça, reiniciando o destaque em seu resumo, riscando linhas sem esforço no papel à frente.

— Você é ridículo — Murmura com um lindo movimento de sua mão. — Volte para seus amigos.

— Não posso. — Bem poderia ser brutalmente honesto; talvez ela gostasse disso. Na realidade, parece que temos algo em comum: zero tolerância para a mentira.

Posso trabalhar com isso.

Ela levanta sua cabeça e rola os olhos.

— Não pode voltar? O que isso significa?

Sorrio, me preparando para a bomba que estou a ponto de soltar.

— Sinto muito docinho, mas isso é impossível. Estou aqui em uma missão e não posso voltar até que esteja cumprida.

Seguro minhas mãos no alto com impotência, implorando.

— Em primeiro lugar, não me chame de docinho de novo. Sou uma estranha para você. Em segundo lugar, não estou interessada sejam quais forem os jogos que vocês garotinhos



estiverem jogando. Tenho um trabalho sério para fazer aqui, então...

A garota solta o marcador amarelo, remexe entre os materiais de escrita sobre a mesa, e escolhe um marcador azul. Seja o que for que esteja trabalhando conta com sua total atenção e ela volta a trabalhar nisso como se eu não estivesse parado aqui à sua frente, com todo meu um metro e oitenta e oito.

Apesar do fato de que não me sinto atraído por ela da maneira que me veria atraído, digamos por alguém que quer se deitar comigo, o atleta competitivo D1⁵ em mim se recusa a sair deste lugar; prefiro mudar de estratégia.

Aproximo-me de sua cadeira, minha mão apoiada no canto da mesa de madeira. A centímetros do seu laptop, invadindo seu espaço pessoal, meus dedos grossos tamborilando no canto da mesa, batendo lentamente na madeira. Algumas batidas a mais e puxo a cadeira ao lado dela, consciente de que meus companheiros de equipe observam do outro lado da sala.

Imbecis intrometidos.

Os pés da cadeira arranham o velho piso de madeira, fazendo com que mais de um par de cabeças se virem rapidamente em nossa direção.

⁵ Utilizado para descrever as qualidades de um atleta da Divisão 1 da universidade.



Sento-me na cadeira, cruzando os braços sobre o encosto, e a encaro.

A cabeça inclinada para um lado enquanto copia as notas do laptop, passando para o papel. A primeira coisa que percebo quando joga para trás o errante rabo-de-cavalo é a pele suave na curva do pescoço, depois os pequenos brincos de diamantes nas orelhas.

Observo o tecido macio da jaqueta, sei que é assim porque estou bastante seguro de que a última garota de fraternidade que comi tinha o mesmo suéter, o uniforme das mulheres universitárias esnobes padrão.

Além disso, está me ignorando descaradamente.

Esta garota é toda elegância.

A observo mais alguns minutos enquanto copia as anotações de aula de seu laptop para um caderno de espiral, me ignorando.

— Por que copia notas que já fez?

Um suspiro comprido e sonoro.

— Repetição, assim posso memorizá-las.

Hmmm. Não é uma má ideia, talvez eu tente em algum momento.

— A propósito, meu nome é Oz. — Dou um sorriso de megawatts, boca cheia de dentes perolados e perfeitamente



retos que já baixaram tangas, biquínis, e shorts por todo esse campus, e para falar a verdade, em várias outras universidades.

Quem sou eu para discriminar?

Mesmo assim, a garota não diz nada.

— Oz, Osborne — Repito, só para o caso dela ter problemas auditivos, porque ainda não me respondeu. Puta. Merda. E se ela for surda e só puder ler os lábios? Espero que o reconhecimento do nome apareça. Espero que suas sobrancelhas se levantem ou que suas bochechas se ruborizem. Espero por qualquer sinal de que ouviu sobre mim; todos o fizeram.

Mas minha saudação se encontra com um silêncio desconfortável e ensurdecedor; portanto ou ela realmente nunca ouviu falar de mim, o que se torna interessante, não pode me ouvir ou simplesmente não se importa com porra nenhuma do que digo.

Risca, risca, risca, vai caneta pelo papel.

Constrangido, estou preso a sua mesa de estudo idiota enquanto meus amigos olham o regozijo petulante de Zeke evidente do outro lado da sala. Com os braços cruzados, ele se inclina para trás na cadeira, com o lápis atrás da orelha, observando-me em vez de estudar, como se eu fosse uma atração de circo.

Suas arrogantes sobrancelhas se elevam.



Que seja, eu vou cuidar disso. Nenhuma garota presunçosa vai me ignorar, sou Sebastian *do caralho* Osborne.

Decidido, limpo a garganta e volto a tentar.

— De qualquer forma, como estava dizendo, meu nome é Oz. Fico feliz por te conhecer. — Inclino meu cotovelo na borda da mesa, meu peito se aproxima perigosamente de seu espaço pessoal. Levanto minha voz e gesticulo, para o caso dela ser surda e não poder me ouvir. — Vê aquele grupo de meninos lá? — Inclino minha cabeça para a mesa que meus companheiros ocupam; eles me animam com gestos lascivos. Típico deles. — Pensando melhor, não olhe, são uns imbecis.

A garota bufa.

— Além disso, não acreditam que você me dará um beijo. — Cada palavra soa clara como um sino, forte o suficiente para chamar sua atenção.

— Em primeiro lugar, abaixe sua voz. — Ela rola os olhos, mas mantém a cabeça baixa, escrevendo. — Segundo, eles têm razão, não vou te beijar.

— Ah, bom! Então você não é surda, estava ficando meio preocupado.

Sua cabeça se levanta.

— OH meu Deus, o que acabou de dizer?

— Pensei por um segundo que fosse surda e por isso estava me ignorando.



— Você é um idiota insensível. — O olhar chocado em seu rosto disse tudo, o tom de voz horrorizado em seus lábios: — Posso te ouvir, sentir seu cheiro, caramba! Posso até te ver! Estou definitivamente te ignorando.

— Me apresentei quatro vezes.

Seus olhos ficaram em branco.

— Não ouviu falar de estranhos perigosos?

— Deixei minha caminhonete branca dos sequestros na casa onde vendo crack, então você está a salvo... Por enquanto.

A resposta espirituosa lhe interessa, e ela levanta sua cabeça com incredulidade. Olhos faiscantes se encontram com os meus, pela segunda vez desde que me dirigi até sua mesa, me avaliando da mesma maneira que a estudei: com consciência, curiosidade, e... Humor.

Ela se diverte comigo, posso notar.

— É algo absurdo, mas... Divertido. — Faz uma pausa. — Oz.

— Obrigado? Eu acho.

— Entãããooooo... — A garota bate levemente a caneta na ponta da mesa, semicerra os olhos para ver o canto do monitor de seu computador e me olha. — Terminamos aqui, não é mesmo? Está tarde e não tenho muito tempo para estudar.

Limpo a garganta.



— Só um beijo e te deixo em paz.

— Que parte do não, você não entendeu? Seu cérebro de atleta não aprendeu essa palavra? — Sua voz é calculada, lenta, como se talvez eu não entendesse inglês.

— Tecnicamente você nunca me disse não.

Ela me devolve o olhar, inexpressiva. Insisto.

— Que tal um pequeno? Um beijinho rápido nos lábios, nada de língua.

Minha brincadeira passa sem sequer o mais leve rastro de um sorriso.

— Está bem. — Rio. — Um pouco de língua.

Ela solta a caneta e coloca os dedos juntos, os olhos azuis cintilando.

— Pare.

Uma palavra.

Pare.

Nem eu sou tão idiota para pressionar. Bem, vou pressionar, mas só um pouco.

— Vamos baby. Não me faça voltar para lá com esta longa cauda entre as pernas.

Ante minha insinuação, seus perspicazes olhos vão rapidamente para minhas pernas, aterrissam na virilha do



jeans, e se alargam antes que perceba o que fez. Se não a tivesse pegado, pensaria que tinha imaginado.

Seus lábios se franzem.

A garota retira os óculos da cabeça, os apoiando na ponta do impertinente nariz, e dispara um olhar depreciativo para o outro lado da sala, em minha mesa cheia de companheiros de equipe.

— Sei como esta coisa toda deve parecer, mas eu prometo, minhas intenções são honrosas. Só estamos tentando nos divertir um pouco, ok? Não há mal em...

— Honrosas? — Os cabos rosados ainda pendurados em suas orelhas quando ela os alcança e retira, deixando cair os fones sobre o laptop. — Um pouco de diversão? Á custa de quem?

Falando em custar, estou a ponto de perder quinhentão com o movimento de sua mão elevando-se para cortar minha resposta.

— Me diga uma coisa: você vem aqui, tenta conseguir um beijo por só-Deus-sabe-a-razão, e acha que devo estar lisonjeada por sua atenção? Por favor. Quem você acha que é?

Abro a boca para dizer, mas ela me interrompe.

De novo.



— Você vai ganhar algum status especial, uma placa com seu nome, talvez? A vaga principal de estacionamento na casa da fraternidade pelo mês de setembro?

Ela quer que eu seja direto? Muito bem.

— Não estou em uma fraternidade, mas sim, na realidade ganho uma coisa. Consigo quinhentos dólares se me beijar, e honestamente, poderia usar *muito bem* o dinheiro.

Agora ela está recostada na cadeira, balançando as pernas como um cara.

— Ah, então interrompeu minha pesquisa para agir como um idiota em alguma brincadeira, *por dinheiro*.

— Sim, basicamente. — Dou de ombros. — Quinhentos dólares são quinhentos dólares.

Então, temos um reconhecimento, respeito ao outro com um interesse não dissimulado. Ela faz pouco para disfarçar a inspeção em meu corpo, uma ilegível expressão mascarada quando começa por minhas botas e continua subindo.

Noto quando seus olhos encontram com a parte plana do meu abdômen esculpido. Sinto quando correm despreocupadamente sobre meus ombros e hesitam quando se movem com rapidez de minhas pernas estendidas, para a virilha do meu jeans.

Seus longos cílios escuros cobertos com rímel batem asas. Sua pele pálida sem defeitos se ruboriza. Seus lábios,



não posso deixar de notar, estão franzidos, mas são agradavelmente cheios.

Bem bonita, exceto que sou completamente incapaz de dizer no que ela está pensando.

— Você tem uma cara de paisagem dos diabos, sabia?

— Obrigado.

Deixo-me levar.

— Qual é seu nome?

Ela rola seus olhos azuis.

Com indiferença, dou de ombros.

— Se não me disser, serei obrigado a continuar te chamando de Bibliotecária Sexy.

Seus olhos dão um alegre passeio pelos meus grossos braços dobrados sobre a cadeira, cheios de tatuagens.

— Vê aquela mulher ali com o coque cinza e casaco catalogando os dicionários? *Aquela* é a bibliotecária.

Agora eu rolo meus olhos.

— Não me diga, você parece com uma, mas se as compararmos, tudo o que está faltando em você é o cabelo cinza, a expressão amarga e os óculos de nerd. — As mãos



tocam os aros que rodeiam seus olhos azuis. — Não importa, você bateu dois de três. Uma trifecta⁶ na repressão sexual.

— Não sou reprimida sexualmente.

Na base do meu pescoço grosso, finjo ter um colar ao redor de minha garganta e aponto para uma pérola imaginária.

— Poderia ter me enganado.

Seus olhos se estreitam.

— Se esta for sua forma de tentar ser encantador, está falhando miseravelmente. Pensei que estava tentando me beijar.

— Isso quer dizer que está pensando?

Ela para por um instante, recolhendo a caneta e desenhando pequenos círculos no caderno.

— Te surpreenderia se eu dissesse que sim, não é?

Rio.

— Sim.

— Espere, quero me lembrar deste momento quando disser as palavras. — Ela aperta os olhos para mim como se estivesse tirando uma foto em sua mente, e logo fala lentamente: — Sim, estou pensando nisso.

⁶ Na terminologia das corridas de cavalos, um tipo de aposta em que o apostador deve acertar os cavalos que finalizarão em primeiro, segundo e terceiro, na ordem exata.



Não. Era. O. Que. Estava. Esperando

Esta garota é real?

— Sério? — minha sobrancelhas sobem até a raiz do cabelo. — Não está só brincando comigo?

Seus ombros se elevam em um dar de ombros.

— Claro, por que não? Eu poderia usar trezentos dólares.

As pessoas não me surpreendem muito frequentemente, mas a Bibliotecária Sexy... Simplesmente me surpreendeu completamente.

— Trezentos dólares?

Que porra é essa!

— Sem querer ofender, mas não vou dar mais da metade do dinheiro; isso não fazia parte do trato.

Ela levanta seus fones, os colocando de novo nos ouvidos com um petulante e satisfeito sorriso.

— Nos vemos por aí então, Oz.

A pego rolando os olhos de novo antes de inclinar o pescoço, mover a caneta no ar e voltar a estudar.

Suspiro.

— Está bem. Cinquenta dólares.

— Duzentos e cinquenta.



Em nenhum momento ela levanta a cabeça. Que inferno?

— Besteira. É sério, não vai me beijar de graça?

— É claro que não. — Olha de cima abaixo em meu tronco cinzelado, os olhos observando meus densos bíceps e tatuagens só com um leve interesse. Uma sobrancelha se inclina. — Você não é exatamente o meu tipo.

Mentirosa.

— Gatinha, você não poderia ser menos o meu tipo, mesmo se estivesse sentada nessa cadeira sem usar nada exceto esse maldito colar.

Mentiroso.

— Por favor, não volte a chamar ninguém de gatinha, é pior do que docinho. Parece que acabou de vomitar na minha boca. — Então fica de frente e ajusta seu corpo, se posicionando longe de mim. A cabeça se inclinando sobre o caderno, os ombros afundando um pouco antes de levantar a cabeça para me olhar diretamente nos olhos. — Sabe o que mais? É uma merda para dizer a alguém.

— O que! Acabou de me dizer a mesma coisa!

Mesmo assim, quando me olha fixamente com sua máscara de incerteza, não vou mentir, me sinto como um total imbecil por ter lhe dito isso.

Algo assim.



Mais ou menos.

Bem. Na realidade, não.

No entanto, deixo escapar um longo e interminável suspiro, como se estivesse a ponto de lhe fazer um enorme favor para compensá-la por isso.

— Está bem. Darei a metade do dinheiro.

Seu nariz se enruga em desgosto.

— Esse é seu pedido de desculpa? Dinheiro de pena?

Eu me nego a dizer que o sinto.

— É pegar ou largar.

— Está bem. Eu te beijarei, mas só porque me cansou.

— Acabou de me tirar duzentos dólares!

— Duzentos e cinquenta.

Analizamos um ao outro sob a tênue luz da biblioteca, os abajures da mesa emitindo um quente resplendor sobre sua pele lisa e seu rosto em forma de coração. As sombras dançam quando ela inclina a cabeça em minha direção esperando que eu diga algo.

Tento olhá-la de cima para baixo para catalogar mentalmente seus peitos, quadris e a bunda, mas é impossível com ela sentada.



— Pode me fazer um favor? — Rosno. — Acredito que isto seria menos desconfortável para mim se ficasse de pé.

Ela aspira com indignação.

— Menos desconfortável para você? Estou a ponto de colocar meus lábios sobre um completo estranho e agora está se tornando exigente. Continue acumulando esses favores.

— Em vez de se queixar deveria me agradecer pela oportunidade.

Um bufo.

— Está certo, você está me pagando porque é o epítome da moralidade e da honradez. Praticamente gotejam para fora de seus poros.

— Jesus, senhorita. Eu disse que iria dar a metade e o farei.

— Vou acreditar quando vir. — Bufo de novo, mas se levanta, elevando-se em toda sua altura, e me surpreende de novo. Uma coisa pequena, mal chega a minha clavícula, e estou tentado a experimentar se posso descansar o queixo sobre sua cabeça.

— Se não confia em mim e te incomodo, por que está de acordo com esta cena estúpida?

Isto a faz parar e parece considerar minha pergunta.



— Curiosidade. Além disso, não é bom tomar más decisões de vez em quando?

Olho para baixo entre nossos corpos, notando que seus peitos se esticam contra os botões da jaqueta e sorrio. Sinto muito, não posso evitar, a Bibliotecária Sexy tem um grande decote sob seu apropriado suéter, com apropriados botões enfileirados, e agora estão indevidamente sendo pressionados contra meu peito de maneira mais inapropriada ainda.

— Como disse que se chama? — Minha pergunta sai mais rouca do que pretendia.

Sua boca tensa forma outro sorriso satisfeito.

— Bibliotecária Sexy.

— Não, falo sério.

Ela faz uma pausa, inalando um pouco de ar antes de expulsá-lo.

— Bom. Se quer tanto saber, meu nome é James. James Clark.

Sei que é bastante rude, e provavelmente muito desagradável, mas deixo que meus olhos saltem e minha boca se abra.

— Seu nome é James? Como em James, James?

Pacientemente, ela espera que eu fale primeiro.



Simplesmente olho fixamente, conciliando o nome masculino com a figura feminina diante de mim. Então, digo a primeira coisa que me vem à mente:

— Os garotos não se confundem quando está transando com eles? Não se torna confuso para eles seu nome masculino?

Os olhos azuis de James se acendem, mas ao contrário ela não reage. Obviamente está acostumada a esta reação com seu nome.

— James é abreviação de Jameson. — O "idiota" implícito acrescentado no final de sua frase permanece no ar, comprimido entre nossos corpos.

Minhas sobrancelhas escuras se elevam sarcasticamente e meus lábios se torcem em um sorriso.

— O que? As duas letras adicionais no final o tornavam tão comprido que teve que abreviar?

— Algo do tipo. — Quieta, ela morde o lábio inferior. — Vai me beijar ou o que? Tenho que terminar um documento de trinta páginas antes da meia-noite, e só estou na página vinte e dois.

— Você tem que me beijar.

— Oh, céus. — Ela dá um forte suspiro e brinca nervosamente com o botão superior de sua jaqueta. Meus olhos pousam lá, sobre o pedaço de pele cremosa, antes que



fale: — Que sorte a minha! Isto só fica melhor, não é? Muito bem Oz, então fique quieto. Está pronto?

Pronto para cacete.

— Estou pronto Jim. — Rio. — Inclina-se sobre mim.

Enquanto ela pressiona o corpo mais perto, sinto o cheiro de talco de bebê e algo floral. Inalo, olhando para baixo em seu peito. Quer dizer, já que seus seios estão esmagados contra mim, eu bem poderia tirar uma vantagem, e surpreendentemente ela deixa.

Ela fica nas pontas dos pés.

Agita seus cílios e franze os lábios sensuais.

Espero um beijo casto na bochecha, só um toque de seus lábios, ou um beijo rápido no maxilar.

Nunca estive tão errado em toda minha maldita vida.

E sinceramente, nunca estive tão excitado. Tentar fazer com que James me beije foi divertido, uma verdadeira caçada, juro por Deus, em que desfrutei cada segundo.

Assim observo seus lábios e aprecio da sensação de seus...

Pare com isso, filho da puta.

Foco.



As mãos quentes de Jameson agarram meu rosto, embalando meu queixo. Os polegares começam uma lenta e constante carícia ao longo de minhas bochechas, deslizando para trás e para frente até que meu pescoço se inclina de forma involuntária, as pálpebras se tornam pesadas enquanto a observo com assombro. Estou realmente cativado, enquanto essa estranha e modesta desconhecida procura meus olhos.

Instintivamente, meus lábios procuram o contato de sua palma, querendo colocar um beijo ali. Como se sentisse minha intenção, sua cabeça dá uma sacudida.

— Não.

Um sussurro.

Um suspiro.

Seus botões se cravam mais em meu peito quando ela se ergue mais para cima nas pontas dos pés para colocar seus lábios contra o canto exterior de minha boca.

Ela os coloca ali, inalando. Pressiona os lábios de um lado, depois do outro.

Em meu lábio inferior.

Dá a meu arco de cupido⁷ um movimento rápido de língua.

⁷Arco do *cupido*: região no centro do lábio superior, abaixo do nariz que lembra o formato de coração.



Minhas narinas se dilatam enquanto estou de pé, totalmente ereto e rígido, esperando... Esperando até Jameson recuar, suas suaves mãos persistentes, nunca me deixando, olhos azuis memorizando cada detalhe do meu rosto.

Debatendo.

Meu escuro olhar de falcão segue os dentes que ela arrasta por seu lábio inferior e puxa, depois a língua segue lançando-se para fora para umedecer a boca.

Não movo um só músculo do corpo, mas não posso evitar provocá-la.

— Não tenho todo o dia.

— Shhhh — Me adverte. — Silêncio, por favor. Quando fala, tenho vontade de colocar algum bom senso em você.

Sua boca rosada se encontra a apenas um suspiro de distância, provocando, o ar entre nós é curiosamente cada vez mais explosivo. A energia entre nossos lábios emite um leve chiado elétrico que mais tarde ficarei na cama me questionando, mas por agora, meu pênis se contrai dentro do jeans escuro e meus punhos se abrem e fecham ao meu lado, para ganhar algum controle da situação.

É impossível.

Minhas pernas ficam inquietas, e de repente a adrenalina corre por todo meu corpo. Poderia dar umas cem voltas ao redor do campus, o que é ridículo para caralho.



Ela nem sequer é meu tipo habitual: loira, estúpida e fácil. Ela é uma ninguém, e não fodo ninguém. Geralmente não.

Os lábios franzidos, finalmente pressionam sobre os meus.

Suspiros.

Meus lábios se abrem e como uma boa garota, ela desliza sua língua para dentro sem pressa. Estou duro. Tão ridiculamente duro.

Jameson tem um gosto fresco, como chiclete de hortelã e morangos, e de repente encontro minhas mãos rodeando sua fina cintura, a puxando em direção a meu corpo para que possa pressionar minha ereção em sua coxa enquanto nossos lábios se abrem. Mais. Minha língua procura o trajeto para dentro... Tudo, até o fim.

Tão intenso como um salva-vidas.

Em questão de segundos estamos nos beijando como estudantes do ensino médio sem supervisão no porão de seus pais, bem no meio da maldita biblioteca, rodeados por nossos companheiros.

Gemo quando ela morde meu lábio inferior e depois o chupa.

De trás, escuto meus estúpidos companheiros na mesa do outro lado da sala assobiando, não forte o suficiente para



que a bibliotecária venha, mas alto o suficiente para que Jameson quebre o beijo, empurrando para trás meu peito agitado com um gemido, a mão pousando em seus lábios.

Depois de algumas respirações para se acalmar, com a voz entrecortada ela pergunta:

— Foi bom o suficiente para um dia de pagamento? Satisfeito agora?

Diabos, não.

— Não estarei satisfeito até te foder sobre a mesa na sala de estudos. — Tento pegar sua mão. — Vem.

Seus olhos se abrem com surpresa quando chego para frente para agarrar seus braços. A intenção: puxá-la para outro beijo. A realidade: ela me evita se esquivando, seu traseiro bate na mesa, empurra a lâmpada, e faz as canetas caírem pela lateral com um barulho. Uma mão trêmula voa para seus lábios inchados, os acariciando suavemente com as pontas dos dedos.

— Não sou esse tipo de garota.

Meus olhos iluminados a estudam, dos pés à cabeça: jeans, camiseta branca, cardigã preto, pérolas reluzentes.

Pérolas. Jesus Cristo.

— Então, que tipo de garota você é? Uma que não se diverte? Ou simplesmente é uma provocadora?



Visualizo a cena em minha mente com ela empurrando descuidadamente os livros para fora da mesa. A limpando para que eu possa sentá-la na borda, tiro seus jeans e a acaricio em lugares... Por toda parte. Dentro de lugares com meu pau, seu clitóris enquanto a vejo gozar, deitada sobre a mesa da sala de estudo.

— Ganhou a aposta — Começa James lentamente, alisando com uma mão o rabo-de-cavalo. — Ganhou seu dinheiro, e eu aplaquei minha curiosidade. — Seus grandes olhos azuis, agora cautelosos, vagam para a mesa onde Zeke e Dylan se sentam, observando. — Você deveria ir, seus amigos o esperam.

Dou uma sacudida brusca de cabeça, minha mão baixando para ajustar dramaticamente a ereção em minha calça.

— Obrigado pelas bolas azuis.

Seus lábios se contraem.

— De nada.

Dou-lhe outra olhada dos pés à cabeça e a vejo de maneira diferente de dez minutos atrás. Em um piscar de olhos, ela passou de puritana e pouco aventureira para atrevida e estranhamente erótica.

Uma pena que não cede.



Finalmente, me viro dando as costas antes de me afastar, um pesado passo atrás do outro, para meus amigos. Ando a metade do caminho pela biblioteca quando sua voz borbulhante ressoa, em um suave chamado.

— Ei Oz?

Paro.

Em vez de olhá-la, giro minha cabeça apenas uma fração, lhe apresentando apenas meu perfil.

— O quê?

Fica quieta por alguns segundos, tão tranquila que minha curiosidade mórbida me obriga a virar. Jameson se encontra dentro da suave luz do abajur no canto escuro, seus olhos faíscam com inteligência e humor.

Cativado, minhas sobrancelhas se levantam impacientemente.

— E então?

— Um conselho de amiga? — Seus lábios carnudos se separam e me sinto atraído por eles enquanto murmuram: — Nunca julgue uma garota por seu cardigã. – Alto o suficiente para que apenas eu escute.

Isso faz com que eu me detenha.

— Obrigado pela sugestão, mas não preciso.



Duas horas e vinte minutos mais tarde, esse conselho silenciosamente pronunciado é tudo em que posso pensar: Nunca julgue uma garota por seu cardigã. Nunca julgue uma garota por seu cardigã.

O que diabos isso significa?

Irritado, acerto meu travesseiro, o ajeito debaixo da cabeça e olho fixamente para o teto, completamente acordado, tentando afastar a imagem de certo colar de pérolas da minha mente e focar em outra coisa, como os seios firmes da Rachel Não-entendi-seu-sobrenome, aquela pequena provocadora. Ou o pequeno traseiro apertado da Carmen Qual-é-mesmo-seu-rostro. Ou aquela morena pervertida que deixei que me chupasse na biblioteca antes...

Cuspo na palma da mão antes que desapareça dentro do short. Para um melhor acesso, empurro o cóis por meus quadris, além de minha raivosa ereção. Agarrando a base de meu eixo rígido, dou uns poucos puxões para levá-lo ao limite antes de me comprometer à tarefa, bombeio em um ritmo constante até que minha respiração se tornar difícil.

Minha testa se enrugando em concentração e a ponta da minha língua lambe o lábio inferior, meus dentes mordendo com cada golpe. Merda me sinto tão bem, apesar de que é a porra da minha própria mão.

Infelizmente.



Levo apenas alguns minutos para gozar, e com umas poucas sacudidas minha carga explode, gemendo quando minha palma se enche de sêmen quente e pegajoso.

E como todos os clichês românticos desde o início dos tempos, não é com o rosto magnífico e impecável de uma loira sexy com o qual estou me masturbando, e sim o rosto fresco de Jameson Clark. Seu cabelo imaculado, seus olhos claros, aqueles óculos negros sobre seu nariz.

Definitivamente, o universo é uma vaca de uma amante implacável.

Levanto-me da cama, visto os shorts novamente, passando a mão sobre meu tanquinho, e vou descalço para o banheiro comunitário que compartilho com outros três meninos para lavar minhas mãos... E meu pau.



CAPÍTULO 3

"Cada vez que faço sexo com ele, tenho que dizer" buraco errado". Está começando a nos deixar complexados.

JAMESON

Meu coração continua pulsando a um quilômetro por minuto quando me enfio na cama, apago a luz e me deito de costas para olhar o teto.

Oz.

Oz o imbecil.

Arrogante. Ridículo. Irritante.

Lascivo.

Sexy.

OH Deus, como era sexy. As coisas que sua língua fez em minha boca no curto espaço de tempo que nos beijamos ainda me deixam sem fôlego, se minha respiração difícil for algum indício.



Com o cabelo espalhado por todo o travesseiro, minha mão traça lentamente a pele exposta do osso do meu quadril. O short puído e dobrado na cintura, meus dedos roçando... Passando ao longo da costura elástica.

Fecho os olhos, meus dedos dentro do short, zombando de mim com uma ligeira carícia. Para cima e para baixo... Mais e mais perto do ápice de minhas coxas até que minhas pernas, por vontade própria, se abrem só mais um pouco.

Oz...

Grande.

Firme.

Tatuado

O alto Oz pairava sobre minha mesa como uma espécie de gladiador moderno, musculoso e imponente.

Irritado.

Seus olhos penetrantes me fitavam com cautela, para não dizer totalmente enfadado... Mas não pode estar certo, garotos como ele têm o mundo a seus pés e não curtem isso. E, ainda assim... Enquanto estive de pé ali, zombando de mim, não havia dúvida da falta de entusiasmo por sua missão.

Até que coloquei minha boca na dele.



Fecho os olhos fortemente, recordando dos seus lábios. Cheios, suaves e gentil, se ignorasse o sorriso irônico. Sua língua...

Oh, Deus.

Ele não é meu tipo, não é meu tipo, não é meu tipo, faço coro.

Não é meu tipo absolutamente.

Entretanto, aqui estou gemendo na escuridão, com meus dedos finalmente encontrando aquele ponto úmido e dolorosamente doce que deixei descuidado por muito tempo. Acaricio-me, minhas pálpebras vibram fechadas e me afogo na vívida imagem de Oz Osborne. Imponente. Poderoso.

Decidido.

Há mais atrás daquele sorriso arrogante que apresenta para impressionar, disso tenho certeza.

Não é alguém que eu já tenha visto pelo campus, ele apareceu do nada esta noite com seu grande corpo e expressão arrogante, como se fosse o dono do lugar. Que tipo de homem exige o controle de uma biblioteca, pelo amor de Deus? Deus, não suporto caras assim, presunçosos e cheios de si mesmos.

E, no entanto...

Os dedos de minha mão livre encontram minha boca na escuridão, descansando sobre os lábios enquanto me acaricio



com a outra. Queimada pela sua barba, minha boca se sente marcada, apesar da intenção mercenária de nosso beijo.

Oz.

Viro e me coloco de frente para a parede, gemo com a lembrança de seus poderosos braços; tenho uma fraqueza por tatuagens, e ele tinha um punhado sob as mangas de sua camiseta desgastada azul marinho. Seus braços fortes e densos, peito sólido, costas tonificadas.

Ele não é meu tipo. Tenho que continuar a me lembrar disso enquanto acaricio entre minhas pernas, procurando essa liberação.

Ele não é meu tipo. Ele não...

Um longo e feliz suspiro em uma fria noite de primavera. Um momento incrível que não esquecerei tão cedo. Um presunçoso e teimoso idiota com um gosto deplorável em companhia.

Ele é tudo o que não quero.

E sem dúvida...

De algum jeito ele é.



CAPÍTULO 4

"Não me enviem nenhuma imagem de peitos. Envie-me fotos de seu banheiro e do interior de seus armários. Preciso ver com que tipo de perseguidora estou lidando".

SEBASTIAN

— Amigo, não é aquela garota da biblioteca? — Zeke me empurra com um cotovelo, embora mal possa ouvi-lo sobre a multidão e a música. Inclino-me para perto. — Que merda ela está fazendo em público? Não deveria estar catalogando livros ou alguma outra merda assim? — Se queixa desnecessariamente.

— Parece que ela voltou para outro pedaço do grande D. — Dylan ri, me batendo no bíceps. — Aquele beijo que ela te deu na outra noite foi quente.

Sim, foi.

— Fui para casa e me aliviei — Admite a Zeke, pegando uma garrafa de cerveja. — Tive a pior ereção no caminho de casa.



Sim, eu também.

Meu olhar registra a sala, finalmente aterrissando em Jameson parada perto da porta, usando uma pesada jaqueta de inverno, plumas de ganso de corpo inteiro, junto com luvas e um cachecol. Envergonho-me interiormente, perguntando o que diabos ela faz aqui, e por que está vestida como uma maldita princesa esquimó.

Nenhuma das outras garotas aqui está usando roupa, bom estão, mas escassamente, e aqui vem Jameson Clark, vestida para uma viagem ao Círculo Ártico.

Está menos um grau lá fora, não menos trinta.

Entretanto, a vejo entrar na sala de estar com um pequeno grupo de amigas, uma que reconheço como uma assídua frequentadora no circuito de festas da fraternidade, outra é a habitual amiga com benefícios do Parker, meu companheiro de quarto. Todas são garotas muito agradáveis, tenho certeza, mas com mentalidade de tiete, embora nenhuma delas seja tão conservadora e ingênua como James.

Jameson. Jim.

Tento escutar enquanto Zeke reclama ao meu lado, mas em vez disso me concentro em James enquanto ela baixa lentamente o zíper do casaco acolchoado. Ela arrasta o zíper lentamente por seu corpo. Separa as abas, arqueando sua coluna para liberar os braços.



Jogando a cabeça para trás, ela ri de algo que a amiga com benefícios diz e faz uma estranha dancinha sobre seus pés enquanto suas amigas agarram as pontas de seu cachecol e a desenrolam. Depois, todas juntas retiram as grossas luvas de Jameson e as guardam nos bolsos do agasalho.

Ela sacode seu longo cabelo castanho escuro.

Esse maldito cabelo.

Está despenteado e úmido pelas rajadas de neve no exterior, e sexy como o diabo, embora um pouco descuidado.

Olho para outro lado, mas não antes de perceber um cardigã verde esmeralda, provavelmente de um material pretensioso como caxemira, uma camiseta de gola V e jeans. Meus olhos percorrem seu corpo dos seios até os pés, com botas pretas de salto.

Sim, roupa de mais.

— O que ela está fazendo aqui? — Zeke me empurra de novo, uma inflexão aborrecida em sua profunda voz. — Não achei que deixassem as nerds saírem da biblioteca nos fins de semana.

— Sejam os honestos, ela é a DUFF⁸ — Diz alguém.

Estremeço. A amiga designada para ser feia e gorda? Difícilmente.

⁸DUFF: Designated Ugly Fat Friend (A amiga designada para ser feia e gorda).



Todo mundo ri, e nosso amigo Jared balbucia:

— Ela não é a DUFF, idiotas. Não é gorda.

Ou feia.

Nem perto.

Calmamente dou de ombros, não querendo chamar mais a atenção sobre Jameson, mas tampouco sem defendê-la.

— Quem se importa? Parece que veio com a boceta amiga do Parker.

Posso soar indiferente, mas por dentro estou soltando fumaça.

Agora que beijei aqueles lábios, sei que não é tão suave como parece. Sei que seus seios são reais, seus lábios são exigentes, mas flexíveis, e que sua língua faz aquela coisa giratória mágica que faz meu pau ficar duro. Sei que gosta de suéteres, estudos e da biblioteca.

E não vamos esquecer sua sarcástica e inteligente boquinha.

Então me incomoda um pouco que estes idiotas zombem dela.

— Esqueçam isso, meninos.



Zeke encolhe os amplos ombros de campeonato de luta NCAA⁹.

— Que seja cara, só disse que ela está aqui. Eu me manteria longe se fosse você; sabe como as nerds são. Pegajosas – Ele pronuncia intencionalmente, como se fosse um maldito expert em garotas nerds.

— Pegajosas nível cinco — Acrescenta Dylan, tentando ser útil, até que o acerto na caixa torácica com o cotovelo. Uma coisa sou eu degradar a Jameson em suas costas, e outra coisa completamente diferente são meus amigos, e já tive suficiente.

— Está bem, está bem, entendi. — Dylan tosse pelo contato, balbuciando sobre sua cerveja. — Grande coisa... Ela apareceu em uma festa.

— Vou pegar outra cerveja. Alguém quer algo? — Pergunto, sem esperar suas respostas e já me dirigindo para a cozinha. O barril solitário no piso de linóleo amarelo me chama e respondo a seu chamado.

Junto ao barril? Jameson Clark.

Que coincidência.

— Espere, deixa que te ajudo. – Me aproximo da boquilha do barril, pego o copo vermelho de sua mão, e dou à alavanca do barril um bom par de bombeadas.

⁹National Collegiate Athletic Association ou NCAA (*Associação Atlética Universitária Nacional* em inglês) é uma associação composta de 1281 instituições



Apesar da música estridente que ressoa através da casa, ainda consigo captar o som de seus pés tamborilando sobre o piso da cozinha.

— Você me deve mais do que uma mísera cerveja espumosa, Oswald — Zomba.

Ela acabou de me chamar...

— Oswald? — Procuro entre a multidão que nos rodeia.
— Com quem diabos está falando?

Jameson franze o nariz, fazendo com que as sardas na ponta pisquem para mim. Na realidade, é muito fofo, ou são as três cervejas que bebi?

— Uh, você? Oz. Oswald.

Então rio, uma gargalhada forte e ressonante que ecoa na pequena cozinha de merda.

— É sério que não sabe quem eu sou?

Franzindo os lábios, ela toma um delicado gole do copo plástico vermelho, batendo na borda com seu dedo indicador enquanto bebe. Uma linha fina de espuma branca cobre seu lábio superior.

— Não sei... Deveria?

Suponho que isso responde minha pergunta.

— Docinho, Oz é um apelido. Não me procurou no Google ainda?



Os olhos azuis rolam divertidos.

— Tenho certeza de que você se procura no Google o suficiente por nós dois.

Merda, ela tem razão. Eu me procuro muito no Google.

Entretanto, insisto.

— Não é possível que não saiba quem sou.

Ela me dá um olhar de soslaio, pensando. Golpeia sua bochecha com a ponta de seu dedo indicador.

— Você é um ator? Eu te vi na televisão? — Estala seus dedos. — Já sei, seu pai é um político importante. O presidente de algo assim? Não? Hmmm...

Meu sorriso se alarga.

— É uma pequena idiota sarcástica, sabia?

— Tomo como um elogio vindo de você. Felizmente, meu sarcasmo costuma ser um sinal de afeto quando estou me encantando por alguém.

— Uau, isso é você sendo legal? — Sobre seu ombro, vejo a amiga de foda e a outra garota abrindo caminho aos empurrões pela multidão até nós. Elas param quando chegam ao lado de Jameson, ambas arrumaram seus longos cabelos loiros em belas ondas.

Mesmo com ambas ao seu lado, Jameson reinicia as brincadeiras.



— É claro que estou sendo amável, você me deve duzentos e cinquenta dólares, ou já se esqueceu?

— Como poderia me esquecer quando está empenhada em me lembrar disso? Em vez de dinheiro em efetivo, por que não somos mais criativos?

Ela levanta uma bonita sobrancelha.

— Criativos?

— Sim. Há outras maneiras em que posso te pagar, começando sobre meus joelhos com minha língua. Ou se não é uma fã de orgasmos, eu te deixarei...

— Pare! — Grita Jameson com pressa, com as mãos se levantando no sinal universal de pausa. — Pare de falar! Jesus. Certo. Que tal se me pagar quando lhe pagarem?

— Você não me deixou terminar o que ia dizer.

— Confie em mim, sei qual seria o rumo.

A boca da amiga com benefícios se abre.

— Uh, James, não quero interromper, mas... por que Oz Osborne está tentando te pagar com favores sexuais? — Seu peito se sobressai, os peitos a plena vista em uma camiseta rosa brilhante com um grande decote, o cabelo loiro oxigenado, encaracolado artisticamente e caindo pelas costas. Ela o coloca sobre o ombro outra vez e sorri amplamente.

Bonita. Muito bonita.



Muito simpática, aposto.

É tão quente que não é de surpreender que Parker a foda habitualmente. Se Jameson percebeu que analiso sua amiga, não comenta. Em vez disso, toma um bom gole de cerveja, outra camada de espuma em seu lábio superior. Afasto meus olhos dos peitos de sua amiga e depois observo que a língua rosa pálida de Jameson desliza para fora. Ela lambe a espuma. Lambe mais espuma da parte superior de seu copo vermelho como se fosse chantilly.

Jameson se recompõe e abana o rosto antes de apresentar suas amigas.

— OH Oz, estas são minhas amigas, Allison e Hayley. Allison e Hay... Bom, obviamente vocês já sabem quem ele é, e suponho que vocês não têm que procurá-lo no Google.

As garotas olham entre nós, engrenagens enferrujadas girando dentro das belas cabeças loiras.

— Eh... — A loira de rosa começa. — O que acontece com vocês dois?

— Nada — Diz Jameson inexpressiva, seu raciocínio rápido de volta. — Se não levar em conta o fato de que ele me deve dinheiro por serviços prestados.

Sua inflexão pelo óbvio me faz cuspir de surpresa, a cerveja escorre por meu queixo, no gotejamento nada sexy quando uma risada alegre sai de minha garganta. Não me



lembro da última vez que engasguei porque algo foi engraçado, e muito menos com álcool.

Ou talvez só esteja bêbado.

Agarrando a ponta da minha camisa, levanto-a para limpar a baba, notando com arrogância que tanto Allison como Hayley estão olhando com vontade para o sólido e firme abdômen exposto. Tomo meu tempo baixando minha camisa.

Deixo que as damas olhem até se saciar. Diabos, eu até mesmo as deixaria tocar.

— Simplesmente tenho que te pagar por eles – Lembro a Jameson.

— Claro, bem. Mas só porque implorou por isso. — Ela pisca inocentemente, bebendo de seu copo de cerveja.

— Docinho, implorar é algo que nunca faço.

Do seu lado, as sobrancelhas perfeitamente feitas de suas amigas loiras se elevam simultaneamente, e por um breve momento, me pergunto o que mais nelas está perfeitamente arrumado.

Provavelmente tudo, sobrancelhas, pernas, boc...

— Estou tão confusa— Interrompe a boceta amiga. — O que está acontecendo?

Nós a ignoramos.



— Para encurtar, Oz ganhou uma aposta e tem que me agradecer.

— Isso é tudo? De que serviços você estava falando antes?

— Pergunta Allison, com os olhos vagando pela sala. – Um de vocês poderia explicar o que está acontecendo?

Jameson nega.

— Sinto muito Al, mas isto é entre o Oswald aqui e eu. — Agarra a amiga de foda pelo braço e a puxa. – Vamos encontrar o Parker, essa é a razão pela qual estamos aqui, não é? Para que possa chutá-lo descaradamente enquanto está com coragem líquida?

Allison cora lindamente.

— Sim. — Entretanto, seus olhos percorrem a frente de meus jeans, aterrissando no vulto ali. — Prazer em conhecê-lo, finalmente. Odeio fazer a caminhada da vergonha por seu corredor, Oswald.

Merda, isso é verdade. Só tinha visto seu traseiro pela manhã caminhando pela porta, e de vez em quando a ouço gemer o nome do Parker durante o sexo ruidoso e sujo.

Oswald?

Maldição, o som de outra garota dizendo não me dá nos nervos. Cruzo os braços e assinto, vendo que Jameson arrasta suas amigas, a fuga rápida é um pouco... Insultante.



Sinto-me levemente ofendido porque ela simplesmente me deixou aqui de pé sozinho. Estranho, não é?

Isso quase nunca acontece. Bem, nunca acontece.

Intrigado, irritado e ligeiramente fascinado, minha natureza competitiva aguça meus sentidos e a rastreio a durante a porra da noite inteira.

É bastante irritante.

Pego um vislumbre dela: James e esse maldito suéter puritano que está de alguma maneira desabotoado. James sóbria com Jack Pryer, um novato do primeiro ano de futebol, rindo no canto; com a amiga com benefícios perto do barril; com a cabeça inclinada para prender o cabelo castanho sedoso, entrando e saindo pela porta principal, presumivelmente atrás de ar fresco.

James, James, fodida Jameson Clark e o irritante colar de pérolas ao redor do pescoço. Quanto mais olho, mais irritado fico, sobretudo quando a encontro na sala de estar com Elliot, meu companheiro de quarto.

Elliot, que na realidade é um cara decente. Estável e confiável é o tipo de universitário sério, finanças e direito, e provavelmente um melhor candidato para Jameson do que eu.

Melhor para ela? Merda, que diabos eu disse? Devo estar bêbado.



A cerveja jorra e os shots¹⁰ também.

Perto da meia-noite, estou bêbado o suficiente para parar de vigiar cada um de seus movimentos como um perseguidor. Bêbado o suficiente para deixar de ver cada movimento monótono que ela faz. Bêbado o bastante para frear qualquer instinto possessivo que esteja brotando dentro do meu rabo embriagado, não porque eu goste, mas porque a pobre parece tão fora de lugar em seu entediante cardigã, e por alguma ingrata razão, tenho um afeto fraternal de merda.

Afeto? Aflição? Afeto, um sentimento horrível, mas é o melhor que posso fazer sob as circunstâncias em que me encontro.

Ela não me brinda com tal cortesia enquanto paquera Elliot.

Engulo outra cerveja e minha atenção só vacila quando uma mão serpenteia ao redor de minha cintura e desliza sobre meus duros abdominais. Lábios quentes encontram o lado de meu pescoço, e Cristo se isso não me faz sentir bem. Estico-me e agarro o traseiro redondo não identificado atrás de mim em um firme aperto.

— Oz, querido, sou eu — Ronrona uma gutural voz feminina em meu ouvido. — Sentiu saudades?

¹⁰ Dose de bebida alcóolica feita para ser tomada em um só gole, “virando de uma só vez”, “em um só tiro”.



A proprietária dessa voz se move para frente, arrastando suas mãos talentosas pela minha cintura, sobre meu abdômen inferior, os dedos puxando o cinto de meus jeans.

— Posso ficar sozinha com você, baby? Não há ninguém no último quarto. Eu verifiquei.

Diga baby mais uma vez, entoei sarcasticamente. Ou melhor, ainda, feche a maldita boca.

— Talvez. — Arrasto as palavras enquanto ela brinca com a braguilha da minha calça. — Se parar de falar.

Ela assente, o cabelo vermelho e os peitos se balançando com entusiasmo. Tropeçamos para trás, para o corredor, e a coloco de costas contra a parede, os dedos lutando com sua apertada leggings, acariciando a suave pele debaixo de seu umbigo. Com um gemido exagerado digno de uma estrela pornô, ela coloca a língua em minha boca e sussurra:

— Quero que me foda, Oz.

Agarro sua cabeça por trás e arrasto um beijo descuidado por seus lábios, a voz desprovida de qualquer emoção.

— Ao invés disso, que tal você me chupar?

Com outra ansiosa inclinação de cabeça, ela limpa a boca com o dorso da mão e me dá um leve empurrão para a porta de um quarto a minha direita... Ou esse é o armário?

— Não no corredor, ok?



Bem, merda não, não no corredor. Sou mais cavalheiro do que isso. Jesus Cristo.

No entanto, a deixo brincar com meu zíper me puxando enquanto eu brinco descuidadamente com a maçaneta da porta. Ela o puxa para baixo lentamente, bem no corredor para que qualquer pessoa veja, seus dedos experientes vão para dentro do meu jeans. A maçaneta da porta cede bem quando uma descarga de esmeralda aparece em minha vista.

Um suéter verde brilhante, reluzentes pérolas, cabelo castanho escuro e brilhantes olhos azuis param abruptamente no corredor. Ela se vira para nós e para completamente, congelada como um cervo diante de faróis.

Ou como uma virgem em um sacrifício.

— Droga, sinto muito — Diz uma voz muito familiar.

Merda.

Chapéu de inverno de volta no lugar, colocado sobre o comprido e sedoso cabelo castanho, emoldurando o inocente rosto e me irrita para caralho. Olhos muito abertos, muito curiosos.

Muito pudicos.

Entretanto, ela faz a última coisa que espero que faça:

Olhar.



O perceptivo escrutínio de Jameson não perde nada, enquanto começa uma lenta descida pelo braço da ruiva, para sua mão agarrando o vulto em minha calça. Sua palma quente apertando meu pênis duro.

Com os olhos meio fechados, vejo que Jameson Clark me observa passar os dentes por meu lábio inferior, enquanto gemo; quando a ruiva retira sua mão da parte dianteira de meus jeans e brinca com minha braguilha para cima e para baixo para recuperar minha atenção. Para baixo. Para cima. Para baixo. Os dentes metálicos deslizam sem esforço.

Minha confusão induzida-pelo-álcool permanece em Jameson mesmo enquanto a ruiva trabalha sobre meu pênis.

A clavícula pálida da James.

Suas bochechas coradas.

— Vai embora tão cedo? — Pergunto o mais casualmente que posso, com a braguilha aberta, a roupa íntima amontoadá acima do zíper.

Jameson nunca perde o ritmo. Mostrando suas feições, ela toma um relaxado gole de seu copo vermelho de plástico e olha por cima da borda com os olhos entrecerrados.

— É assim que está ganhando o dinheiro para me pagar?

Que vadia.

— Talvez — Meio zombo, meio gemo. — Me chamou de prostituto?



— Não. — Com as costas retas, ela arqueia uma sobrancelha. — Só estou dizendo... Que poderia considerar cobrar. Poderia conseguir um bom dinheiro vendendo esse seu corpo.

— Isso soou estranhamente como um elogio. — Apoiando uma mão contra a parede para que meus joelhos fracos não dobrassem, meus olhos percorrem Jameson de cima a baixo. — Interessada em ser minha primeira cliente pagante?

Ela ri, o som alto voa sobre a música estrondosa e sobre o gemido da ruiva em meu ouvido. A ignoro quando ela dá um puxão em meu braço para o quarto.

— Interessada? — Outra risada do outro lado do corredor.

— Asqueroso.

Asqueroso?

— Que diabos acha que isso significa?

— Em que momento deixa de usar seu corpo para provar um ponto?

Estou bêbado ou ela geme a cada três palavras? Gemendo, minha cabeça se inunda e minha língua sai para molhar meus lábios.

— Ouça Jim. — Suspiro, apontando sem força para o corredor abaixo. — Se quer urinar, errou o caminho. — Queixo-me quando a mão da ruiva volta a acariciar minhas bolas através da cueca. — Você tomou o caminho errado —



repito. — É pela cozinha. A menos que, é claro, você queira nos acompanhar até o quarto.

Por alguns segundos inquietantes nossos olhares se travam e seu olhar se abrandando, me olhando com uma emoção irreconhecível e uma boca curvada para baixo.

Ela está decepcionada.

Comigo.

Tão certo quanto estou aqui me apoiando contra a parede, bêbado até a bunda e duas vezes mais excitado. Pela primeira vez em quase vinte e um anos, passa-se um segundo em que eu realmente estou enojado comigo mesmo. É fugaz, mas esses doces e sóbrios olhos azuis, pensativos e imunes a toda a merda de admiradoras me rodeando, me faz sentir...

Bêbado como o inferno, sujo e chauvinista.

Consciente de mim mesmo.

Julgado e insuficiente.

Passa um minuto antes que Jameson finalmente gira em suas sapatilhas e desaparece de vista.

Sacudo a cabeça desorientado, mas decidido a não lhe dar nenhum outro pensamento, e... Não vou mentir, é nesse momento que empurro a ruiva através da porta do quarto. Em vez de um boquete, eu a fodo até cansar contra a parede.

Porque não quero me importar.



Porque me sinto bem.

Porque eu posso.



CAPÍTULO 5

"É linda. Mais ou menos como a nerd, a garota do lado, mas uma que gosta de uma boa foda na cama de sua infância".

SEBASTIAN

A sinto antes de vê-la.

Não me perguntem como, mas quando Jameson desvia da minha mesa, determinada a me evitar, meu corpo fica mais ereto.

Em alerta máximo.

Sem dizer olá, ela habilmente passa entre as mesas até as estantes do outro lado da biblioteca, seu traseiro firme balança na leggings justa azul marinho, botas altas marrons e uma bolsa de couro combinando.

Sob meus cílios, sigo seus movimentos, o caminhar direto, se movendo decididamente para a área de descanso mais afastada. Minhas mãos se detêm sobre as teclas do MacBook, paro para ver quando ela deixa sua bolsa na mesa. Tira o laptop e o conecta.



Ela alinha as canetas e lápis, coloca cada um em seu lugar com a ponta do dedo, como se cada um tivesse um lugar certo. Calculadora à direita, computador no centro.

Tira uma pequena pilha de cadernos e os move para o lado das canetas.

Minhas sobrancelhas se levantam interessadas, quando ela suavemente tira o elástico do cabelo escuro. Ele brilha quando dá uma sacudida sob o tênue brilho da luz do abajur e depois o penteia com seus dedos. Os óculos de aros pretos posam sobre sua cabeça.

Maldição se isso não é sexy.

Boa escolha, Jimbo¹¹.

Dez minutos depois, ainda a observo sob a aba do meu habitual boné de beisebol de Iowa, como se não tivesse uma tonelada de merda para estudar. Alheia a minha inspeção, ela tecla em seu computador, depois abaixa a cabeça para escrever. Tecla algo. Bebe de um canudo na garrafa de água. Afasta mechas soltas do rosto antes de levar as mãos para trás e rapidamente trançar o cabelo.

Meus joelhos começam a saltitar, de nervoso.

Abaixo o olhar para meu laptop. O cursor pisca no mesmo ponto em que estava quando Jameson entrou tão fresca na

¹¹**Corky James "Jimbo" Jones** é um personagem do desenho animado Os Simpsons e é um dos membros da gangue de Dolph e Kearney, que, na escola, são "os valentões".



biblioteca, passando do meu lado como se eu não existisse e se sentando a nove mesas de distância.

Sim, nove.

Eu as contei.

Movo o cursor pela tela, afasto o olhar o suficiente para teclar várias frases em meu documento, o pequeno triângulo negro pisca para mim, por uma nova ordem. Em vez disso, a calejada ponta de meu dedo risca um círculo no centro do touchpad¹² inutilmente.

Meus olhos voltam para Jameson, cujos esbeltos ombros agora estão curvados sobre um livro aberto, seu rosto descansa sobre as palmas das mãos enquanto lê, os óculos agora estão sobre seu nariz.

Ah. Lindo.

Conto até quatro antes que meu joelho comece o rítmico e constante saltitar e firmemente coloco a mão lá, pressionando para parar.

Merda.

Maldição.

Fecho o laptop de repente, agarro o cabo e o estojo, e giro meu boné de beisebol para que fique para trás. Me levanto, vou através do labirinto de mesas e cadeiras.

¹² Área abaixo do teclado do laptop que mexemos o cursor.



Paro apenas aos pés da mesa de Jameson, limpo a garganta quando ela não levanta a cabeça para me olhar.

— Não sou tutora, então não incomode — Dispara.

— Sei. Sei. Usa essa tática com todos?

Essas malditas pérolas ao redor do pescoço brilham quando para de escrever o suficiente para me lançar um olhar. Um sorriso inclina seus lábios.

— Oh. É você, Don Juan.

Sorrindo... Sempre é um bom sinal.

— Ouch. Cuidado... Meu ego é tão frágil que poderia quebrar. — Deixo meus livros e outras tolices na mesa, puxando um assento diante dela.

Um pfff sai de seus lábios.

— Frágil? Pouco provável.

— Disse frágil? Quis dizer pomposo e arrogante.

— Melhor. — Ela exagera um suspiro, franze o cenho falsamente ante a pilha de livros que acabei de deixar em sua mesa. — Argh, o que acontece com você? Não te convidei para se sentar.

Ignorando sua careta, desato meu carregador, o conecto na tomada na base do abajur, e rio suavemente.

— Parece que te faria bem um pouco de companhia.



Ela responde com uma risada baixa própria dela.

— Não pareço como se precisasse de companhia. É tão mentiroso.

— Talvez, mas tem que admitir que a biblioteca se transformou em nosso lugar especial. — Levo meu lábio entre os dentes, mordo e depois dou um sorriso malicioso. Em vez de ruborizar como espero que faça, como todas fazem, ela revira os seus olhos azuis e inclina o pescoço de volta aos estudos.

Olha-me rapidamente.

— Pode me fazer um favor e tentar não fazer barulho? Tenho um exame de química amanhã que promete ser brutal.

— Se acalme, posso fazer isso, especialmente com uma mordada na boca. — Movo minhas sobrancelhas, embora esteja empenhada em me ignorar.

Sua caneta para.

— De alguma forma eu duvido.

— Você poderia me amordaçar e descobrir por si mesma.

O silêncio se estende. Depois:

— Não, obrigado.

— Como quiser.



Abro o laptop, conecto ao WiFi da universidade, e reinicio a pesquisa sobre logística de comunicação empresarial pelo qual estou ralando, é para segunda-feira, o que me dá quatro dias.

Estou à procura de um processo legal de assédio sexual de 1997, Johnson V. Olastaire, um caso apresentado por uma corporação contra seus próprios gerentes, e faço notas nas margens do meu documento.

Abrindo o Excel, gero uma folha com a informação recolhida, comparando o caso com um recente da Corte Suprema, e faço uma linha severa com a boca devido ao artigo diante de mim: assédio sexual no trabalho em uma corporação cujo departamento de relações públicas transformou a vítima na parte culpada.

Todo o assunto me deixa doente e acerta muito perto da minha casa, tão perto que é a razão pela qual tenho feito de Recursos Humanos minha especialização.

Minha irmã mais velha Kayla.

Trinta e dois anos, brilhante e bonita, Kayla estava recém-saída da universidade quando se tornou vítima de assédio sexual no trabalho. Um advogado a colocou para trabalhar em uma pequena escrivania, e ela passou incontáveis noites trabalhando em casos, incontáveis horas com os assistentes legais. Madrugadas intermináveis.



Então, uma noite quando estava sozinha investigando um caso, foi atacada em seu escritório por um dos sócios. De alto nível e com influente, ele fez parecer que Kayla foi culpada e os Recursos Humanos fizeram vista grossa.

Toda a coisa se tornou pública, os meios de comunicação em nossa cidade a pintaram como a jovem e bela golpista, a censurando por não ter ética e ambição em demasia.

Isso arruinou a emoção de seu primeiro trabalho, as perspectivas de futura carreira, potenciais ganhos... E sua autoestima.

E foi ela quem conseguiu ser atacada pelo imbecil do chefe, Kayla pode ter vencido o caso nos tribunais, mas não foi a mesma depois disso.

É nojento.

Toda a situação com minha irmã me deixam doente, assim copio diligentemente as notas.

Copiar, colar. Anotações. Copiar, colar, anotações.

Repetir.

Eventualmente, faço uma pausa. Levanto minha cabeça, pego minha garrafa de água e bebo um refrescante gole.

Jameson está me estudando de forma estranha. As mãos que golpeavam furiosamente as teclas do laptop agora descansam, a boca cheia torcida pensativamente.



— O que foi?

Ela sacode a cabeça suavemente, o cabelo trançado balançando.

— Nada. — Morde o lábio inferior, pega um marcador e o passa por seu livro, depois morde a ponta.

— Tolice, você estava me olhando.

Suas mãos se estendem.

— Bem. Sim, estava te olhando. Conseguiu me surpreender ao realmente fazer o dever de casa.

Divirto-me.

— Te disse no outro dia... Tenho uma média de 3.7.

— Sim, mas... — As palavras pairam no ar entre nós. Com um encolhimento de ombros, sorri. — Realmente não acreditei em você.

— Tenho uma bolsa, não posso me dar ao luxo de perdê-la.

— É por isso que aceitou aquela estúpida aposta com seus amigos no outro dia? Pelo dinheiro?

— Sim, foi por isso que aceitei aquela aposta estúpida. Qualquer ajuda é válida, certo?

Jameson inclina a cabeça para o lado e me estuda por um segundo.



— Isso é tudo? — Pergunto.

— O que?

— Não vai me interrogar?

Ela sacode sua cabeça.

— Não, se tivesse mais alguma coisa a dizer, teria dito. —
Sua cabeça se inclina e reinicia o trabalho.

— Por que faz isso? — Deixo escapar.

Ela suspira.

— Isso o que?

— Me ignora. — Merda, isso soou como se me queixasse.

— Olha— Diz, apoiando pacientemente as mãos sobre a
mesa para me olhar nos olhos. – Tenho certeza de que você é
um sedutor e que todo mundo acha você encantador. — Seus
lábios se franzem.

Um sorriso parte meus lábios.

— Mas você não?

— Sinto muito. — Sua cabeça sacode de um lado para o
outro. — Eu não.

Inclino-me contra a cadeira de madeira, balançando
sobre as pernas traseiras e pergunto:



— E não acha que um tipo como eu vai considerar isso um desafio?

— Um "tipo como você"?

— Sim, você sabe: teimoso, competitivo... Bonito.

Com uma gargalhada, ela sacode sua cabeça de novo.

— Não posso evitar não te achar encantador. Você é muito arrogante, então me perdoe por não arrancar minha roupa e permitir que abuse de mim.

— Abusar — Digo com surpresa. — Vê, isso só enche minha cabeça com muitas imagens fantasticamente eróticas.

Um golpe do marca texto seguido por um indignado humph é sua única resposta.

— Abusar. Abusar. Não deveria ter dito isso porque agora te considero um desafio.

— Continue. — Ri Jameson de novo, uma risada suave e baixa envia um maldito calafrio pela minha espinha. — O que faz com essa informação não é problema meu.

Meus olhos estudam a parte superior de seu corpo. Clavícula, pescoço esbelto. Peitos.

— Quer apostar?

— Deus não. — Jameson ri. — Essa é sua forma de tentar conseguir seus duzentos e cinquenta dólares de volta? — Pega



seu lápis e o balanço como uma pequena espada em minha direção. — Que ainda não me pagou, por sinal.

— Concordamos que te pagaria quando eles me pagassem, e o farei, palavra de escoteiro.

— Não tem que ser um escoteiro para fazer esse tipo de promessa?

— Provavelmente.

— Você é terrível.

— Mas você gosta.

Olhos em branco e um suspiro.

— Disse que não faria barulho.

— Sei, mas preciso saber qual é seu negócio.

— Meu negócio?

— Sim, você sabe... Qual é a sua história? Vem aqui estudar com frequência? Ignora a todos, ou só a mim? Por que usa esse colar?

Sua risada é baixa e divertida.

— Podemos guardar essa lista de perguntas para outro dia? Tenho a sensação de que se começar a responder, nunca conseguirei terminar nada.

Maldição, ela tem razão.



Agora sou eu quem sussurra.

— Tudo bem.

— Faça sua tarefa, Oswald.



CAPÍTULO 6

"Se fosse minha lição de casa, estaria te fazendo em minha mesa agora mesmo".

SEBASTIAN

— Temos que parar de nos encontrar assim.

Levanto o olhar do editor de texto na tela do meu laptop, surpreso ao ver Jameson Clark ao pé da minha mesa de estudo com um sorriso artiloso. Um chapéu de inverno está sobre seu cabelo, arrumado em uma longa trança castanha sobre o peito. Jaqueta em uma mão, computador na outra, suas bochechas rosadas ruborizadas.

Sorrio ao ver as pequenas sardas âmbar espalhadas pela ponta do nariz, é meigo.

Quero lambê-las.

— Com certeza vem bastante na biblioteca— Provoco. — Vamos, sente.



Meu pé empurra a cadeira diante de mim e ela a afasta antes de hesitar, colocando seu notebook no canto da mesa. Depois coloca a jaqueta na cadeira antes de sentar.

— Poderia dizer o mesmo de você. Parece passar tanto tempo aqui quanto eu.

— É verdade, mas você já sabe... Tenho essa bolsa. — Pisco um olho e ela começa com seu ritual de arrumar os materiais: canetas, cadernos, livros, computador.

Marca texto.

Seus olhos azuis se suavizam.

— Ainda não consigo superar o fato de que você realmente estuda.

— Ainda não consigo superar o fato de que me acha resistível.

— Faça sua pesquisa, Oswald.

— Por que continua me chamando assim?

— Porque é o seu nome? — Me dá um olhar de duh.

— Não. Não é.

Genuinamente perplexa, ela franze o cenho.

— Não é?

— Espera. Você realmente pensou que meu nome era Oswald?



— Hum, sim?

Eu olho para ela fixamente.

— Espera. Realmente pensou que meu nome era Oswald?

— Está ouvindo um eco?

Ignoro as brincadeiras.

— Está me dizendo que ainda não me procurou no Google?

— Mmm, não?

— Para com isso. — Dou uma leve sacudida mental em minha cabeça, maravilhado com esta informação. — Então, me permita entender, você não tem nem ideia de quem eu sou?

Ela joga o lápis sobre a mesa de madeira e cruza seus braços.

— Tenho a sensação de que você está louco para me esclarecer.

Merda, sim!

— Merda, estou!

Jameson se inclina para trás em sua cadeira com uma expressão condescendente.

— Bem. Vamos lá. Sou toda ouvidos, irei me agarrar a cada uma de suas palavras, majestade.



Droga. Seu sarcasmo descarado fez com que o vento parasse de soprar minha vela.

— Oz. Como em Osborne.

Jameson me olha fixamente sem compreender antes de enrugar seu lindo nariz sardento.

-Seu primeiro nome é Osborne? Merda. Isso nem sequer estava em meu radar de possibilidades.

— Não. — Impacientemente, minha perna começa a balançar sob a mesa. — Meu sobrenome é Osborne.

Suas mãos vão para o ar em rendição.

— Céus, não se ofenda tanto. Como diabos eu iria saber?

Ela está falando sério?

— Quer saber? Não importa. — Me aproximo de um lado da mesa, remexo em minha mochila e tiro um livro. Ao abri-lo, faço todo o possível para ignorá-la.

— Vamos, não seja criança, disse que não sabia. – Ficou calada por alguns segundos, e depois disse: — Posso te chamar de Oswald? Estou triste agora que sei que não é seu verdadeiro nome.

Irritado, me viro para olhá-la, fechando o livro com um golpe de satisfação.

— Eu pareço com Oswald?



Ela me olha de esguelha, me medindo.

— Hmmm, realmente não, agora que você mencionou. Agora que dei uma boa olhada em você, parece mais um Blake. Ou um Richard.

— Bom, agora está de sacanagem com a minha cara.

— Eu? — Aponta com um dedo para seu peito. — Nããããooo.

Ambos começamos a rir então, o som claro de sua risada alegre provocando uma merda bizarra em meu estômago e coração que não consigo classificar; uma estranha e fodida merda revoando.

Que irritante.

Quando finalmente paramos de rir, ela se inclina para o outro lado da mesa e pergunta em voz baixa:

— Qual é o seu nome?

— Acabei de dizer... É Oz.

— Não. — Negou ligeiramente. — Seu verdadeiro nome. Não que eu não possa procurar no Google se me sentir motivada, o que não vai acontecer. – Diz a última parte com os olhos revirados. — Como seus pais lhe chamam?

Por silenciosos segundos, considero não lhe dizer, a fazendo trabalhar por isso. Mas então...

— Sebastian.



— Seu nome é Sebastian?

— Sim. — Deixei que “im” soasse prolongado.

Jameson me estuda então, mais do que já tenha feito antes, olhos azuis procurando pelas linhas rígidas do meu rosto. Mandíbula forte, o hematoma desbotando sob o olho esquerdo por ter sido pego pelo pescoço com o cotovelo.

Sinto cada movimento de seu olhar, como se seus dedos suaves realmente acariciassem minha pele.

— Sebastian — Repete em voz baixa, provando o nome. O repete várias vezes, cada pronúncia com uma inflexão diferente. — Sebastian... Sebastian. Hmm. Quem imaginaria?

— Eu preferiria ser chamado de Oswald.

— Não, você não quer. — Seus sussurros se ouvem através da mesa.

Meu queixo descansa em minha palma, o cotovelo apoiado na mesa.

— Tem razão, esse nome é uma bosta.

Jameson morde o lábio inferior, ficando tímida de repente enquanto olha para baixo nos livros abertos diante de mim na mesa. Limpa a garganta.

— Não estamos fazendo nenhuma tarefa.



— É verdade. — Meus dedos se arrastam sobre os botões do mouse em círculos, sem pressa, enquanto ela começa a bater com as pontas dos dedos sobre a mesa.

— Eu provavelmente deveria ir.

— Fique, vamos conversar por mais alguns minutos. Não há nada de errado nisso, não é?

Parece refletir sobre isto, os dentes ainda pressionados o lábio inferior.

— Bom, vamos conversar. O que quer saber de mim?

— O que rola entre sua companheira de quarto e o meu?

A expressão surpresa de Jameson é efêmera.

— Acredito que eles são apenas amigos com benefícios. Por quê?

— Ela deve permanecer longe dele. Ele é um mulherengo.

Jameson ri. Com a cabeça jogada para trás, o alegre som se espalhando.

— É isso que dizem de você.

— Alguém disse que sou um mulherengo? Quem?

— Todo mundo. Depois que nos viram conversando na festa, meus amigos me deram um grande sermão.

Inclino-me para trás na cadeira e ela geme quando a apoio nas pernas traseiras.



— Fofoca das boas?

Ela imita minha postura e se equilibra diante de mim.

— Bom, me deixa pensar. — Suas pernas golpeiam o chão de novo e ela coça o queixo. — Allison te escutou trepando na festa do fim de semana passado e disse que a porta tremia. Então essa foi uma notícia interessante.

Pretendo considerar isso.

— Sim, não posso mentir sobre isso. Destruí aquela porta, e a ruiva quase destruiu as dobradiças. Tem outras?

— Você sai com várias pessoas de uma vez.

— Falso. Não saio com ninguém. Jamais.

O rosto de Jameson é uma máscara impassível.

— Hayley me disse que você terminou com sua última namorada pelo Twitter.

Faço uma careta e franzo o cenho.

— Oh, a Hayley disse isso? Sério? Sua mãe não ensinou a não escutar boatos?

— Sim, mas é verdade?

— Sim, mas em minha defesa ela não era minha namorada. Era uma boa foda que se transformou em uma regular.



— Romper pelo Twitter? — Desta vez Jameson estremece.
— Isso é ruim.

— Sinto muito, mas é a verdade. Era a única maneira de me desfazer dela. Confie em mim, eu fiz um favor a ela.

— Como fez um favor? Provavelmente foi humilhada! Posso perguntar o que dizia o tweet?

Rio.

— Por que simplesmente não vai ao Twitter e descobre por si mesma?

Esses olhos fascinantes, que me julgaram durante os últimos minutos, se estreitam em frestas azul brilhantes, enquanto arrasta o telefone sobre a mesa e desbloqueia a tela.

Dá alguns toques na tela.

— Que nome eu procuro?

— OneTapUofl. Tudo junto.

Digita, digita, digita.

Seus olhos estreitos se alargam e suas sobrancelhas escuras se elevam. Sua boca se abre um pouco de horror quando encontra.

— Isto é terrível! É tão vulgar.

Rio de novo.

— Leia em voz alta para eu poder rir.



— Não!

— Oh, vamos, Jim! Ela merecia.

— Não! Você a chamou de troll... Tão desagradável. —
Volta a olhar para a tela do telefone. — Todo este tweet é
terrível.

— Cuidado, você está se repetindo.

— Oh, cale a boca, seu...

— Cretino?

— Sim.

— Imbecil?

— Sim.

— Babaca?

Ela ri dissimuladamente.

— Você quem disse, não eu.

— Ninguém jamais me acusou de ser um cavalheiro, Jim.

— Casualmente a observo do outro lado da mesa. – Nunca fez
nada do qual se arrependeu?

Ela finge considerar a pergunta.

— Quer dizer deixar que um desconhecido me convença
a beijá-lo em público?

— Ha ha. Acho que é exatamente a isso que me refiro.



Desta vez, Jameson realmente pensa, cantarolando para si enquanto pensa em uma resposta. Inala, inspirando profundamente, e diz com expressão séria:

— Uma vez comi no White Castle¹³. Isso conta como arrependimento?

— Com certeza, por que não?

— Eu o chamo de O White Castle dos Remorsos.

Rimos, e logo nossos olhos estão cheios de lágrimas de alegria.

— Puta que pariu, é engraçado— Digo com entusiasmo, secando minhas bochechas. — Você não parece ter senso de humor, mas é divertida.

Ela está animada.

— De vez em quando me reconhecem por fazer comentários espirituosos.

— Ainda quero saber mais a respeito de uma garota que usa pérolas na biblioteca, mas de boa vontade fica acompanhada de um estranho.

— De boa vontade? Isso é exagerar.

— Pare de fugir da pergunta.

Se recostando na cadeira, James inclina sua cabeça.

¹³ A White Castle foi a primeira cadeia de restaurantes de Fast Food de hambúrgueres.



— Sou muito tímida...

— Você não é tímida, mas boa tentativa.

— Bom, não sou tímida... Mas se realmente quer saber, às vezes uso pérolas e jaquetas na biblioteca, assim pareço séria e as pessoas me deixam em paz. — Ela me dá um olhar significativo. — O que, obviamente. Não. Funcionou.

— Obviamente. Não é um disfarce muito bom e te faz parecer uma professora de jardim de infância, e nem um pouco sexy.

— Nossa, obrigado — Responde com sarcasmo. — A questão é que estou tendo dificuldades para manter minhas notas. Tenho que trabalhar muito duro, não é fácil para mim, especialmente química que eu odeio, mas tenho que passar. — Sussurra. — Minha especialização é em farmácia, mas tenho dúvidas. Um dos meus maiores arrependimentos foi ter escolhido tão cedo. Às vezes, gostaria de ser mais aventureira, embora esteja muito contente vendo todos agirem como idiotas nas festas.

— Você não parece fácil de surpreender. — Refiro a nosso encontro no corredor, quando a ruiva estava agarrando meu pau.

— Não, não sou. Minha mãe faz pornografia, então... — Ela dá de ombros com indiferença, arrastando sua frase. — Não tem nada que não tenha visto em um de seus filmes.



A bomba faz com que meus olhos saltem das órbitas e praticamente pulo da cadeira.

— O que?

Uma explosão de risos sai de seus lábios e antes que saiba, está desenfreado. Caindo de seu assento e agita as mãos, tentando se acalmar.

— Sente-se, sente-se, é brincadeira. Oh, meu Deus, você deveria ver a sua cara.

— Você é uma idiota.

— Então continue dizendo. — Seu sorriso volta. — É como se olhar no espelho, não é?



CAPÍTULO 7

"Meus pais vêm de visita esta tarde, o que significa que tenho que fazer com que o apartamento pareça como se uma virgem vivesse ali até as quatro.

Não vai ser fácil".

SEBASTIAN

Ela é a última pessoa que espero ver quando contorno o canto da Faculdade de Administração, mas é exatamente quem vejo quando me abaixo para amarrar o tênis. Elevo o olhar quando suas familiares sapatilhas de verniz aparecem à vista.

Levanto-me em toda minha estatura e me endireito.

Jameson usa óculos hoje — Com aro preto— e um longo e liso rabo-de-cavalo cai por suas costas. Não posso dizer se está usando um agasalho por baixo do casaco azul marinho, mas imagino que o faz... E isso é básico. Abotoada até a garganta. Provavelmente em alguma cor entediante como cinza.

Ou azul escuro.



— Olá, Oz — Me cumprimenta com sua própria olhada, me estudando de cima abaixo. — Não está me seguindo ao redor do campus agora, não é? Porque odiaria ter que chamar a segurança.

— Sim. Só pretendo amarrar meu tênis para poder olhar sua saia.

Ela está usando jeans e dá um sorriso.

— Oz, você conheceu Allison e a Hayley na festa... Esta é nossa outra companheira de quarto, Sydney.

— Olá – Eu cumprimento com um enorme sorriso porque, bom, Sydney é quase tão agradável de olhar quanto Allison e Hayley. Suas três companheiras de quarto são do tipo sexy que te acertam imediatamente, não do tipo sutil e clássico que lhe afeta lentamente, como Jameson.

A mão enluvada da sexy companheira se estende.

— Olá. Deus, você é tão... Não sei se lembra, mas nos conhecemos na Semana de Boas-vindas em agosto. Sou da equipe de dança.

Porra será que já a fodi? Fiquei muito bêbado na Semana de Boas-vindas em uma pré-festa à tarde em uma fraternidade e não me lembro de uma porrada de merda sobre esse fim de semana.



— Provavelmente não se lembra — Continua tagarelando.
— Trabalhei na mesa de informação do departamento de esportes. Você é jogador de futebol, certo?

— Não.

Nem sequer perto.

Com a expressão desanimada de Sydney, James se aproxima mais para me acotovelar na caixa torácica. Dou um olhar de "Que foi que eu disse?" e encolho meus ombros porque, honestamente, não sou da maldita equipe de futebol. O que espera que eu diga?

— A equipe de dança, hein? — Pergunto. — Sim, sim, certo. Agora me lembro. É bom te conhecer... De novo. — Disparo um sorriso sedutor. Quer dizer, por que não o faria? Sydney é sexy. Com o peito plano sob seu agasalho da equipe de dança de Iowa, mas ainda bastante sexy.

Jameson agarra a sua companheira de quarto pelo braço.

— De qualquer jeito, foi bom te ver, Oz. — Ela começa a caminhar, tentando afastar Sydney. — Chegaremos tarde.

— Aonde vão? — Dou dois passos para frente, colocando minha mochila sobre o ombro. — Talvez estejamos indo na mesma direção.

— Não. Já acabamos aqui no campus. Chegaremos um pouco tarde em nosso apartamento.

— Tarde em seu apartamento?



Jameson limpa a garganta.

— Se quer saber, os pais de nossa companheira Allison vêm à cidade, e lhe dissemos que a ajudaríamos a limpar.

— Não há biblioteca?

— Não esta noite.

— Tem certeza de que não posso te convencer a me encontrar no canto de trás? — Dirijo um sorriso malvado e balanço as sobrancelhas.

A boca de Sydney cai.

Jameson, entretanto, parece desanimada.

— Deus, não. Não tenho tempo para isso esta noite, especialmente quando ainda me deve aquele dinheiro.

— Por que continua falando nessa merda?

— Porque me deve dinheiro.

— Tecnicamente, eu te devo dinheiro, mas pense assim: na realidade você não ganhou dinheiro. Só não teve um ganho.

— Tecnicamente você fez um compromisso verbal para me pagar metade de seus lucros. Sou eu quem ganhou.

Certo, mas mesmo assim...

Mudança de assunto.



— Se não for à biblioteca, quem vai me ajudar com química?

Jameson estreita os olhos, subindo os óculos pela ponte do nariz com uma linda pequena risada.

— Você não tem aulas de química!

— Bem, mas gosto de praticar química, e não é a mesma coisa?

Os olhos marrons escuros de Sydney se movem entre Jameson e mim, em seguida se ampliam quando sua companheira de quarto deixa escapar um bufo impróprio para uma dama.

— Vou te dizer o que temos Jim, já que somos amigos, vou te ajudar. Se a pequena e linda Sydney aqui tem aulas que seriam úteis para química...

— Não o escute, Sydney. Ele não tem aulas de química.

— Jim, assim você fere meus sentimentos. – Coloco uma mão sobre meu coração solenemente. — Sydney, o que me diz? Você parece o tipo de garota que sabe se virar bem em um... Laboratório.

Chuta o chão.

— Oz, sério?



— Meu ponto é, se estiver livre hoje, Sydney, por que não me deixa te levar para um hambúrguer? Tem tanta fome quanto eu, querida? Quer me ajudar a estudar?

Sydney assente com entusiasmo.

— Eu posso fazer isso. Tenho bioquímica agora, assim seria bem fácil.

— Sem ressentimentos se eu sair com ela, não é mesmo Jimbo?

Seu rosto é uma máscara impassível, a única pista de indecisão é o breve morder no lábio inferior rosado.

Olho para Jameson, tentando compreendê-la. É sério que ela vai ficar aqui e me deixar sair com sua companheira de quarto sem lutar por mim? Quem diabos faz isso? Cada garota no campus morre para sair comigo, para me foder, ou me prender em uma relação... E James não quer fazer nada disso.

Sobre que merda é tudo isso?

Se ela está brincando de me manter adivinhando, deveria saber que é melhor não jogar com um atleta.

Não nos desanimamos tão facilmente.

Faço um último esforço desesperado, e dou uma última oportunidade de mudar de ideia e recuperar o sentido.



— James, e se nos encontrarmos para jantar depois que acabar de arrumar? Te levarei para comer um hambúrguer sem compromisso, e pode levar seu notebook.

— Você acabou de convidar a minha companheira de quarto para ir com você em meu lugar!

— Quem se importa? — Franzo o cenho para Jameson, que se encolhe.

— Ela pode nos ouvir discutir, sabe.

Apenas dou a Sydney uma olhada.

— E?

— Você é absolutamente ridículo.

— É sério que você não quer me encontrar para jantar?
— Preciso admitir, estou muito perto de sapatear no chão como um menino birrento.

— Não posso te encontrar para jantar, vou ajudar Allison.

— Não vou implorar, Jim.

Ela ri.

— Não quero que faça.

— Que tal um trio? — Brincadeira, não é brincadeira.

— Oz. — Seu tom me adverte de que passei da conta. Olhamos um para o outro até que Sydney limpa a garganta desconfortavelmente entre nós.



— Um hambúrguer soa genial.

— Excelente, estou faminto. — Lambo meus lábios para o espetáculo, as duas garotas seguindo o movimento de minha língua com os olhos muito abertos. — De fato, poderia comer... Qualquer coisa neste momento.

Sydney morde o lábio inferior, reprimindo um chiado emocionado, e recita o endereço de sua casa.

Uma incômoda sensação me embarga quando olho para James procurando algum sinal de desaprovação, algum sinal de que está me fazendo de bobo. De que a qualquer segundo vai levantar suas mãos e anunciar que está brincando... É claro que vai me encontrar no Malone's!

Em vez disso, há um enorme sorriso em seu rosto que parece sincero. Pesaroso. Exagerado, mas sincero.

Deveria estar aliviado. Deveria me sentir eufórico por tirar James de cima. Sem incomodar. Sem réplicas maliciosas. Sem descaramento.

Não deveria sentir nada.

Mas maldição, eu o faço.



Eu deveria estar aliviada.

Deveria me sentir emocionada pela Sydney, Sebastian Osborne é cem vezes mais seu tipo. Desde seus amplos e firmes ombros a suas escuras tatuagens, a boca suja e popularidade no campus.

Não deveria sentir nada por ele.

Mas... Maldição, eu o faço.

Merda.



CAPÍTULO 8

"Se lançasse uma moeda agora, qual seria a probabilidade de que acertasse minha cabeça?"

SEBASTIAN

— Então, o que acontece entre você e a Jimmy?

— Quem?

Bato o dedo indicador na mesa com impaciência.

— Jameson. Já sabe... Vocês duas não são... — Movo uma batata francesa sobre o prato de aperitivo no centro da mesa. — Vocês não são exatamente quem eu juntaria para uma relação.

Pego um bocado de batatas e observo Sydney atentamente, mastigando lentamente enquanto aprecio tudo nela com um olhar masculino. Durante a hora que disse para se preparar... Seja lá o que isso signifique... Ela usou todo seu tempo para se arrumar. Maquiagem esfumaçada nos olhos, cabelo loiro ondulado elegante, suéter azul claro justo, jeans ainda mais justo.



Neste momento, estamos sentados em uma cabine de canto no Malone's, um dos bares mais próximos do campus, que serve os melhores hambúrgueres da cidade. Você pode sentir que acabou de sair de uma fritadeira quando deixa o lugar, mas a comida compensa completamente. Se vou ser encurralado em um encontro— que está me custando o pouco dinheiro extra que tenho — vou comer um delicioso hambúrguer, embora tenha que correr três quilômetros a mais, e cinquenta abdominais extras para queimar as calorias.

— Juntas em uma relação? — As sobrancelhas loiras escuras de Sydney se sulcam em confusão. — O que você quer dizer? — Sua longa unha rosa empurra um palito de muçarela no prato de aperitivo, mas não faz nenhum movimento para comer.

Pego outra batata e a jogo em minha boca.

— Sério. — Engulo. — A conservadora Mary e a Barbie Malibu? Como acabaram indo morar juntas?

Ela empurra novamente os palitos de muçarela.

— Conservadora? De quem diabos você está falando?

Quando a vir, vou culpar mais tarde a Jameson, coloco os olhos em branco.

— James.

Como ela pode não saber de quem estou falando?

— Você está falando da James? — Pergunta perplexa.



Tenho que dar crédito à garota: Sydney tem a sensatez de parecer ofendida. Eu lhe dou alguns pontos por lealdade, e um pela expressão de irritação que ela está tentando disfarçar, atrás de seu sorriso vacilante.

— Jameson Clark? Conservadora?

Ela diz com tanta incredulidade que começo a me perguntar se começo a irritá-la.

Entretanto...

— Você conhece mais de uma Jameson? — Me reclino na cadeira e cruzo os braços. Os olhos de Sydney estão cobertos com um pesado delineador preto e observam meus bíceps cheios de tatuagens, brilhando com evidente interesse.

Levanto minha garrafa de cerveja e bebo um gole rápido.

— Sim. Formal e apropriada. Boca inteligente. O que há nisso?

Estou sendo um idiota, mas parece que não se importa. Bom, se importa, mas eu não.

Sydney se ruboriza com irritação.

— James não é entediante.

Zombo.

— Não disse que ela era entediante, sei que sempre estuda, mas em quais outras coisas ela está metida? Se há outras coisas, não é mesmo?



— Acredito que ela apenas leva a sério a escola. Não gosta que a incomodem quando estuda.

Evito rolar os olhos.

— Sei. Já te ocorreu que não precisa usar cardigã e outra merda, para parecer mais séria na escola, ou para que a deixem em paz? — Pergunto mais a mim mesmo do que a Sydney. — Alguma vez ela sai e se diverte? Se solta? Veste-se como puta?

As mentes inquietantes querem saber.

— Sim?

Sim, claro. Minhas sobrancelhas se levantam em dúvida.

— Verdade? Qual tipo de diversão?

Os braços da Sydney correm pela lateral da cabine.

— Não sei! Você nos viu na festa, esse tipo de diversão. Ela gosta de snowboard e de natação no verão, então pratica bastante.

— Snowboard? — Pergunto com incredulidade.

Sydney assente.

— Ela é muito boa, também. Acredito que está no clube de snowboard, logo eles irão para Utah para as férias da primavera.

Merda de maneira alguma.



— Snowboard? — Repito, soando como um idiota. — Não há merda de jeito algum.

Sydney olha fixamente, através da mesa me fitando perplexa. Suas sobrancelhas se enrugam em linhas profundas, e a boca forma um arco.

— Desculpe-me? Estou muito confusa.

Sua risada tola não chega a seus olhos, e o ar entre nós fica desconfortável. Merda. Isto não é bom. Sou um idiota, mas se agir abertamente como um, não há nenhuma possibilidade no inferno de que Sydney me chupe no banheiro no final desse quase encontro.

Mudo de assunto, e acendo meu encanto.

— Sabe o que? Esquece que falei alguma coisa, só tinha curiosidade. Então me fale mais sobre você.

Agora todo seu rosto muda, ela passa de estar com a guarda alta para estar animada quando ofega emocionada.

— Sou uma das principais da enfermaria de alto nível, originária do Tennessee, estou na equipe de dança e adoro luta olímpica. Sou uma grande, grande fã.

Uma grande fã para alguém que pensava que eu estava na equipe de futebol penso com sarcasmo.

— Uh huh. — Assinto, meio escutando e comendo outra batata, depois de tomar um gole de cerveja enquanto tento visualizar Jameson Clark fazendo snowboard.



Sinto muito, mas por mais que tente não consigo conciliar a imagem em minha mente. A pequena Jameson, vestida com jaquetas abotoadas e colares de pérolas, fazendo snowboard? Pistas de neve e rampas. Jaqueta e macacão. De jeito nenhum.

A voz de Sydney entra e sai.

— ... E depois me mudei no ano passado quando percorri o campus com minha prima. Foi assim que conheci Allison, que já vivia com Jameson. Tenho que fazer algumas aulas no final deste ano, que não foram creditadas da minha escola anterior, o que me atrasará um semestre. Isso vai ser ruim.

Sem pensar, eu respondo:

— É uma merda.

— Sério? Meus pais vão me matar. — De repente, a boca de Sydney se alarga em um enorme sorriso. — Então, já é o suficiente sobre mim. Me fale mais sobre você. Qual é a história de Oz Osborne? Não posso acreditar que estou sentada aqui com você. Sinto que temos muito em comum.

Seus dentes brilham brancos no rosto bronzeado e ela dá um pequeno chiado de deleite.

Ótimo. Simplesmente genial. Jameson me enganou para que eu saísse com uma fanática esportiva. Vou matá-la da próxima vez que a vir; talvez ela me deixe colocar a língua em sua garganta como castigo.



Me inclino para frente na cabine, apoiando os cotovelos na mesa pegajosa.

— Não sei o que dizer. Estou aqui com uma bolsa de luta olímpica, mas todo mundo sabe. Minha especialização é em RH, mi...

— RH... Tipo recursos humanos?

— Sim.

— Huh. — Sua resposta é igual a muitas que ouvi um milhão de vezes antes. — Não acredito ter ouvido falar de um homem especializado em RH. Por que decidiu fazer isso?

Tenho minhas razões, mas não é assunto de ninguém. Não conheço Sydney, não me interessa conhecê-la, então não lhe digo a razão pela qual me especializarei em RH quando havia um milhão de outras carreiras que eu poderia ter escolhido.

— Então, Sydney, o que mais você gosta de fazer para se divertir? — O tom em minha voz é obviamente, uma insinuação, um convite que não estou sentindo muito em minhas calças.

— Bom. — Ela começa a dizer lentamente. — Eu gosto de festas e de esportes... E conhecer gente nova... E de ser amável.

Falando em amável: a imagem de Jameson se levantando de seu assento na biblioteca antes de me beijar me detém. O suéter preto e as pérolas que usava. O cardigã verde abotoado



que usava, quando viu que estavam me masturbando no corredor de uma casa durante uma festa no fim de semana passado. O cinza que usou ontem.

— Espera, ela sempre usa cardigãs? Quer dizer, ela usa outra merda fora de casa, não é?

Meu encontro hesita.

— Desculpa?

— Nunca a vi em nada além de cardigãs. Ela tem outras roupas, certo?

— Er... Estamos falando da Jameson outra vez?

— Ela tem outra roupa em seu armário, não é? Ela não tem apenas aquela merda simples? Tem moletons?

— Uh... Sim. Eu já a vi em outra merda. — A testa de Sydney se franze fazendo cara feia. — Sinto muito se dou a impressão de estar muito confusa, é só que... Nunca ouvi ninguém dizer que ela era simples antes. Acredito que precisa que examinem sua cabeça.

Provavelmente tenha razão, por que caralho continuo falando desta merda?

Pego um dos palitos de muçarela da Sydney, o inundo em molho e engulo inteiro.

— Só acho que é estranho. Ela parece uma maldita professora do jardim de infância.



Meu encontro encolhe os ombros.

— Eles dizem muito, mas não é sua forma de ser. Confie em mim.



CAPÍTULO 9

"Finalmente consigo que vá embora depois de lançar indiretas toda a manhã. Eu me negava a lhe apresentar meu companheiro de quarto ou a lhe dar de comer. O sexo foi tão ruim que não quero que volte nunca mais".

JAMESON

— Bem, esse foi o encontro mais estranho que já tive. — Sydney entra pela porta de nosso apartamento e joga a bolsa sobre a poltrona onde estou sentada. — Se é que se pode chamá-lo assim.

Sento-me mais ereta, meu pijama de flanela amontoado ao redor dos joelhos. Um pedaço de alçaçuz vermelho pendurado no canto da boca enquanto fecho o notebook, o deixo sobre a mesa de café e me reclino nas almofadas do sofá.

Tentando parecer casual, digo com o tom lento:

— O que quer dizer?

Sid suspira e abre alguns armários, os revirando até que encontra um copo limpo.



— Ele passou todo o tempo me perguntando sobre você.

O que?

— Cala a boca.

— É sério, todo o tempo. No início pensei que era fofo, sabe? Pensei que só estava perguntando com um interesse educado, mas então, se tornou verdadeiramente desconfortável.

— Sydney, pare com isso, não é engraçado.

— Gostaria de estar brincando – Se queixa enquanto enche o copo com água e toma vários goles. – Juro para você James, esse cara é muito sexy. Podia ver os mamilos através da camiseta dele e as tatuagens? Meu Deus, tão excitantes, mas não vou mentir, ele matou meu tesão ao trazer seu nome a cada dois segundos.

— Por que ele faria isso?

Ela me olha fixamente.

— Caramba, eu queria saber.

Reviro os olhos, a sigo quando vai para o banheiro, andando atrás dela com os pés descalços.

— Quer dizer, não que eu me importe, mas o que ele perguntou? Seja mais específica.

Sydney baixa a tampa do vaso e me convida a sentar.



— Queria saber por que você estudava tanto, por que é tão séria, se vai a algum outro lugar além da biblioteca para se divertir.

Movo-me ao seu lado no pequeno banheiro. Sentada no vaso, emito um *Humpf* indignado e cruzo os braços enquanto ela se queixa:

— Eu sei ok? E aqui está à parte mais louca, ele insinuou sobre voltar a me chamar para um encontro, o que achei muito bizarro, porque não parecia se importar nem um pouco com o que eu dizia.

— Você aceitaria se ele a convidasse?

Diga que não, diga que não.

Sydney faz uma careta com um olhar de você está louca? Antes de voltar a se concentrar no espelho.

— Uh, claro. Quer dizer, não sou estúpida, é o Oz do caralho Osborne. Ele é tão incrivelmente sexy. Juro, eu queria passar a mão nele. Oh, meu Deus! James, as tatuagens me deixaram tão excitada... Poderia ter pulado no colo dele. Minhas calcinhas estão tão molhadas.

Tatuagens. Molhada. Sexy.

— Claro — Comento inexpressiva. — Sexy.

E molhada.



Minha companheira de quarto, pega um pedaço de algodão, o umedece e começa a tirar o rímel. Ela se vira para mim com um olho aberto.

— O que aconteceu com você? Está agindo de modo estranho.

— Eu? Não, não estou!

Mas, absolutamente, estou.

— Ele pediu seu número — Comenta Sydney antes de abrir a água e se inclinar para lavar o rosto. — Honestamente, me surpreendeu que não o tivesse, pela forma como se falam.

— Pediu meu número de telefone?

Minha companheira de quarto ri.

— Sim Jameson, seu número de telefone.

— Por que iria querer meu número? — Murmuro perplexa. — É muito estranho.

— Uh, não, não é. — Procura uma toalha às cegas, com voz abafada quando diz: — Juro, se não soubesse melhor, pensaria...

Prendo o fôlego.

— Pensaria o que?

— Pensaria que existe algo entre vocês além de serem companheiros de estudo — Diz com cautela, como se temesse



minha resposta a seguir, que talvez eu lhe dissesse para se manter longe dele.

— Pfff, por favor. Isso é ridículo — Protesto. — O vi na biblioteca talvez cinco vezes, isso é tudo.

— Não estou tão segura! — Canta. Depois baixando a voz, brinca: — O que há entre vocês, Jameson Vitória Clark?

— Nada! — Protesto energicamente.

Talvez muito energicamente, porque minha companheira amplia seu sorriso em um grande sorriso zombador.

— A-há. — Passa seus olhos verdes sobre minha camiseta de marinheiro e calça de pijama. Sid bate no queixo com um dedo fingindo pensar. — Agora que estou pensando, ele pareceu se fixar em seu guarda-roupa. Mencionou seu cardigã duas vezes. Eu contei tudo sobre sua coleção de cardigãs.

— Cale-se, Sydney! — Pego uma esponja da ducha e a jogo. — Não tenho uma coleção de cardigãs, pirralha!

Só um, de cada cor do arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul... Violeta. Rosa. Branco, preto e cinza.

E alguns estampados.

Mas, vamos lá; quem não tem?

— Mas em parte você o faz. Não se incomode em negar — Brinca, nomeando as cores em meu armário. — Vermelho, rosa, amarelo, verde.



Mostro a língua.

— Às vezes eu te odeio.

— Não, não odeia. — Sydney volta a tirar a maquiagem.
— Então, não se importaria se ele voltasse a me chamar para um encontro?

— O que? Por favor. Não, por que o faria? Não é como se eu fosse ter um encontro com ele. Ha, ha! Não. Continue... Ele é apenas um menino com quem estudo na biblioteca.

Sério, preciso parar de falar.

Brincando com um pote de hidratante, sem se virar para encontrar o meu olhar, ela assente hesitante.

— Está bem, se você diz. Mas... Sabe? Se mudar de ideia, me diga está bem? Não quero que seja estranho se Oz e eu começarmos a sair.

— Oz Osborne tendo encontros? —reviro os olhos, mas ela não vê. — Está bem, Sydney. Essa foi boa.

Desta vez sim ela se vira para me enfrentar, com o cenho franzido. Ferida.

— Por que fala assim?

— Por favor. O garoto fode todo mundo... Eu o vi conseguir uma punheta no corredor de uma festa. Talvez seja boa ideia se manter afastada de um cara assim, sem importar com o quão bonito ele seja.



— Em primeiro lugar, não tem como ele ter fodido com todo mundo. Todos os atletas têm uma reputação simplesmente por serem atletas, nem todos são uns porcos. Oz pode ser culpado por associação. E, em segundo lugar, porque eu não iria querer um encontro com ele? É Oz Osborne. Se me convidar, eu seria uma idiota ao dizer não; pareço uma idiota para você?

Não, maldição. Não parece. Não é.

Cruzo os braços com obstinação.

— Está bem. Mas não permita que ele te engane, sem dúvidas está ficando sem espaço para novos entalhes nas pernas da cama.

Ela me olha fixamente.

— Honestamente não acredita nesse lixo, não é verdade?

Bom, não. Não acredito. Então o que, por que diabos eu disse isso? Meu suspiro é evidente.

— Não. Mas tampouco acredito que deveria se envolver com esse tipo.

Sydney considera alguns instantes, passando uma mão por seu cabelo comprido loiro.

— James, são apenas alguns encontros, não vou me casar com ele.



Seu rosto fica com um suspeito tom rosa, que tenta esconder atrás de uma toalha branca.

— Como quiser, mas não diga que não avisei, e tenha certeza de usar camisinha.

Ela ri de forma encantadora.

— Ele também?

— Não precisa dizer — Brinco enquanto abaixa a toalha para aplicar o hidratante.

Espero enquanto escova os dentes, o cabelo e volta para o quarto. Espero o revelador som da sua porta se fechando antes de exalar um suspiro entrecortado e relembrar nossa conversa anterior.

Sebastian falou de mim o tempo todo que estiveram no encontro? Depois pediu meu número de telefone?

O que isso significa?

Um nó de incerteza se forma na boca do meu estômago, junto com uma pontada de algo mais.

Ciúmes.

Estou com inveja por não ser sociável do mesmo modo que Sydney, Allison e Hayley. Inveja de que os meninos não me achem sexy porque pareço ser conservadora. Inveja porque simplesmente não posso me libertar. Inveja de que...

Ugh pare James. Apenas pare!



Ele não é meu tipo, não é meu tipo, não é meu tipo, repito algumas vezes.

Oh, Deus, eu fiz isso em voz alta.

Levanto-me do vaso, caminho para o balcão e me agarro em ambos os lados da pia, respirando através do nariz e exalando pela boca para refrear a onda de náusea.

Náusea com o pensamento de minha companheira de quarto saindo com Sebastian.

Eu. Ciumenta.

Então é assim que se sentem?

Esta é uma nova forma de baixeza e lamento miseravelmente.



CAPÍTULO 10

"É o SAT¹⁴? Porque faria durante três horas e quarenta e cinco minutos... com um descanso de dez minutos no meio para comer um sanduíche".

SEBASTIAN

— Reservei uma sala de estudo para nós.

Paro ao lado da mesa de James e olho seu livro de estudo aberto. O olhar azul me golpeia direto nas vísceras quando ela o levanta, e me remexo incomodamente sobre os calcanhares.

— Você o que?

Endireito-me em toda minha altura.

— Eu reservei uma sala de estudo. Vamos, a sala 209.

— Você nos reservou uma sala?

— Sim, então poderemos conversar e estudar sem ninguém nos incomodar.

¹⁴ O **SAT** (uma vez sigla para *Scholastic Aptitude Test* ou *Scholastic Assessment Test*) é um exame educacional padronizado nos Estados Unidos aplicado a estudantes do ensino médio, que serve de critério para admissão nas universidades norte-americanas (semelhante ao Exame Nacional do Ensino Médio brasileiro, embora as universidades não se baseiem somente nas notas dos alunos para aprová-los).



Seus lábios se inclinam em um sorriso.

— Oz, não quero conversar, muito menos quando estou estudando.

— OH James. Jim, Jim, Jim... Há tantas formas sujas que eu poderia responder isso.

Ela morde o interior de sua bochecha para evitar que seu sorriso se estenda, e uma covinha que nunca notei aparece em sua bochecha esquerda.

— Ha, ha, muito engraçado.

— Você não é engraçada. — Suspiro, deixando minha mochila vermelha e preta na beirada da mesa. — Bem, sem sala de estudos.

— Espera. Você não se sentará aqui.

— Por que não?

Ela revira seus olhos.

— Porque você é um falador e uma distração.

— Uma distração boa? Como gastar seu tempo pensando nas formas as quais poderia te foder para se distrair?

— OH meu Deus, não. Você é tão grosseiro.

— Tudo bem. Não vou conversar, prometo. — Faço o gesto universal de fechar meus lábios e jogar a chave longe.



Ela me olha pensativamente, solta um suspiro de resignação e recolhe suas coisas.

— Está bem. Podemos ir para a sala de estudos.

— Sêrio? — Não consigo esconder minha surpresa.

— Sêrio. Claramente suas intenções malvadas para me esgotar até ser a casca de ovo de uma mulher funcionaram. Você sabe como um interrogador do FBI quebra um suspeito, ou um menino implora por um doce.

— Ou como um bom vinho.

— Não, não como um bom vinho. O oposto de um bom vinho.

— Como quiser Jim. — Quando levanta sua bolsa, notebook, e livros de estudo, me estico. — Vem me dê isso, carregarei suas coisas.

— Oh, que cavalheiro.

— Você é muito pequena e delicada para carregar todas estas coisas de qualquer modo. É ruim para suas costas.

— Você... — Sua voz cheia de surpresa, James levanta as sobrancelhas para mim. — Acha que sou delicada?

Dou uma olhada.

— Duh.



Só se passam sete minutos antes que Jameson quebre o silêncio quando nos instalamos na sala de estudo, sentados um ao lado do outro na sala privada para reuniões. Completamente presos com uma estreita janela na porta, isolados no final do corredor, e em silêncio.

Poderia se escutar a queda de um alfinete. Até que...

— Então. Como foi o encontro com a Sid?

Contenho um sorriso. Perguntava-me quanto tempo ela demoraria a mencionar isso, e não me decepcionei.

— Ótimo— Disse alegremente. – Ela é um encanto.

Mais silêncio. E depois...

— Então... Do que falaram? — Jamie é a personificação da compostura e indiferença, seus traços passivamente contidos.

— Você sabe. Coisas.

— Que tipo de coisas?

De você, essas coisas.

— Qual é das vinte perguntas?

Levantam os ombros os encolhendo.

— Só curiosidade. Sid estava nas nuvens quando chegou em casa. Você deve ter mostrado todo seu encanto.

Não, nem sequer um pouco. Em vez disso digo:



— Ou talvez Sydney seja fácil.

Jameson fica tensa, franzindo a boca em uma careta.

— O que quer dizer?

— Sabe o que quero dizer. — Deixo a intenção no ar.

Silêncio.

Então ela me ignora, inclina sua cabeça e escreve em seu caderno, o som de seu lápis ressoa contra as paredes em golpes punitivos.

— Não. Não sei. — Sua voz é baixa, pouco acima de um sussurro. Sinto-me um imbecil.

— Oh, relaxa, não aconteceu nada. Estou te fodendo.

Ela não está alegre com minhas palhaçadas, ou meus palavrões.

— Você usa muito essa palavra.

— É verdade, é “fodásticamente¹⁵” genial.

Eleva a cabeça e suas bochechas estão vermelhas. Ruborizadas. Em chamas.

Tudo pelo uso de uma palavra. Decido ver que o quão longe posso forçar a barra.

— Você não gosta disso? — Pressiono. — Foder?

¹⁵ No original ele usa muito a palavra fuck, para manter o sentido preferi colocar a palavra “fodásticamente” por mais que seja uma expressão inventada.



Com o nariz dilatado, o rosto fica ainda mais vermelho... Se é que é possível, e seus olhos brilham em um forte azul. Claro. Cristalino.

Sem focar. Com as pálpebras pesadas. Excitadas... Estou falando em outro idioma.

— Foder é minha favorita — Digo suavemente. — A palavra, quero dizer.

Limpando a garganta, James inclina a cabeça para me estudar, com o olhar azul intenso em meus lábios. Eles ficam lá, olhando minha boca enquanto falo.

— Pessoalmente Jameson, acredito que é uma das palavras mais versáteis do nosso idioma. Não acha?

Um pequeno assentimento e posso ver sua garganta se esticar enquanto engole.

— Apenas ouça uma vez: fooder. — Estendo o som em um lamento dolorido, a palavra tensa em um lento e tortuoso gemido, como soaria se eu estivesse a ponto de ter um orgasmo. — Fodida-mente — Continuo. — Fodido. Foder.

Ela se remexe no assento, inquieta agora.

— Entendo o que diz Oswald. Pode parar agora.

Mas não me detenho.

— Te foder, ou até melhor, me foda. — As palavras saem da minha boca como uma ordem. Minha ereção cresce



enquanto abaixo os olhos para o suéter lavanda de Jameson, os botões esticados contra seus seios. A pele visível no V sobre sua clavícula está manchada e vermelha.

— Oh, sim, foda-me. — Arqueio a sobrancelha. — Você o tem feito, Jim? Fantasia em foder comigo?

— É necessário ser tão vulgar? — Pergunta sem fôlego e com esforço. Não me passa despercebido que ela evitou responder a minha pergunta.

— Necessário? Não — Digo. — Mas é mais divertido.

— Bom isso está me incomodando.

— Sério? Ficou desconfortável? — Esfrego meu queixo, pensativo.

Solta um suspiro de que assumo ser uma inalação sexualmente frustrada.

— Me deixa desconfortável ter você sentado aí e dizendo coisas como essas, quando ambos sabemos que só diz, porque acha que pareço virginal e tenta me surpreender. Que pena que não funciona.

Levanta alguns pontos válidos. Mesmo assim...

— Não me engane, Jim. Cada vez que usei a palavra foder você começou a ruborizar como louca. Aposto que está toda vermelha, não é verdade? — Seu rosto se vira para as prateleiras para evitar minha refutação. — Me olhe nos olhos e me diga a verdade; você está se excitando.



Sua resposta soa pequena e vulnerável... Muito diferente dela.

— Talvez não me sentisse tão desconfortável se pensasse que você não está fazendo algum joguinho imaturo. E não minta para mim; isto é um jogo. A única coisa que está tentando fazer ao falar foder tantas vezes é conseguir uma reação minha. Na realidade você não se importa com o quão desconfortável estou sentindo.

Ignoro todo seu bate-papo sobre os sentimentos dela e pulo para a parte boa.

— Puta merda, não acredito que falou isso.

— O que? A bomba “F”? Pff, por favor... Sei amaldiçoar quando estou com vontade.

Rio.

— Muito bem, moça rude, me dê sua melhor maldição. Vamos.

Jameson afasta as mãos do teclado, se inclina na cadeira até me olhar. Apoia as mãos na lateral da mesa com cuidado, ajusta o pequeno e sexy corpo no assento de couro, costas retas.

Ela solta as mãos e os dedos tamborilam na suave superfície laqueada. Minha atenção é atraída para elas como um inseto para a luz; abaixo o olhar e as estudo, pálidas e frágeis, as unhas curtas lixadas e pintadas em um brilhante



tom de pêssego. Elevo o olhar para o elegante colar de pérolas que adorna seu gracioso pescoço, a cor lavanda do cardigã com as mangas elevadas até os cotovelos.

O brilhante e delicado relógio de ouro que rodeia o pulso tentador. Jameson morde seu lábio inferior, o suga alguns segundos, depois inala.

Exala um longo e exaltado suspiro enquanto reúne a coragem.

— Muito bem, imbecil. Sebastian. — Ela solta meu nome serenamente, as palavras mais como uma suave carícia do que profano.

Ao primeiro sinal do meu pênis endurecendo, me deixa completamente atento quando ela continua, com a voz tranquila.

— Você quer uma maldição, mas farei algo melhor para te surpreender. Pronto? Definitivamente não sou uma virgem. E definitivamente não estou... Usando... Nenhuma... — Inclina todo o espaço, seu suave fôlego faz cócegas no lóbulo de minha orelha do outro lado da mesa... — calcinha.

Ela para de respirar ao mesmo tempo em que eu, a mesa de reuniões diante de nós é um monólito de épicas proporções, estendida largamente e me separando de sua boceta sem calcinha. Ela se remexe no assento, me lança um olhar de desculpa; está molhada, eu simplesmente sei.



— É um convite? — Sussurro em resposta, com as palmas sobre a mesa e baixando em minha cadeira, preparado para saltar. A tomaria bem nesta mesa se me deixasse.

— Não. — Sussurra.

— Tem certeza?

Outro sussurro.

— Sim.

— Mas não um sim, como em "Sim, Oz, sim! Mais duro! Sim, Oz, bem aí" — As palavras saem em um grunhido adolescente, minha voz se quebra enquanto luto contra a urgência de acomodar o volume em minha calça.

A súplica viaja ao longo da sala em silêncio até seu objetivo, se acumula lentamente, abrindo caminho entre a leggings de Jameson. Se remexe novamente, levantando seu traseiro desconfortavelmente da cadeira.

— Não.

— Sabe que está partindo meu coração, não é verdade Jim?

— Sim.

Sim, sim, sim.

— Foda.



De repente e sem aviso, Jameson se levanta, a cadeira de couro cai para trás e acerta a parede. Ela recolhe suas coisas, fecha o notebook e coloca tudo dentro de sua bolsa.

— Talvez eu devesse ir. Eu não sou feita para o quer que isto seja, e não vim aqui para ser assediada, então claramente não sou seu tipo de garota.

Minha boca cai aberta, mas não sai nada; sem protestos, sem brincadeiras, sem insinuações. Merda.

— Jim, por favor... Sente-se. Estou brincando.

Sua bolsa balança sobre o ombro, ela deixa cair um lápis no chão, mas não se agacha para pegar.

Provavelmente porque não está usando roupa íntima. Faço uma careta ante o pensamento.

— Fique... Por favor. Deus maldição, sinto muito, está bem? Eu vou deixar de ser um imbecil.

— Você é um cara legal, não é verdade? Acredito que é genial. Mas não vai entrar nas minhas calças, então gostaria que parasse de perder seu tempo.

Espera. Ela acaba de me chamar...

— Genial?

— Sim, genial. — Sua cabeça se sacode com uma risada.
— Te vejo por aí, Oz. Faça um favor às mulheres do mundo e trate de se comportar.



Outra piscadela e ela se vai, nada restou além da porta se fechando atrás dela e o aroma almiscarado de seu perfume.

Fico sentado sozinho sob as luzes fluorescentes da limpa sala de estudos.

Vai me ver por aí?

Comportar-me?

Sim, não. Não há nada que eu goste mais do que um desafio, e Jameson Clark acaba de disparar meus reflexos competitivos.

Pressiono algumas teclas no computador antes que uma ideia apareça em minha cabeça.

Uma extravagante e genial ideia.

Me vê por aí?

Pode apostar sua bundinha que sim.



CAPÍTULO II

“Tive que procurar no Google todas as coisas sexuais estranhas e pervertidas que ela queria fazer comigo”. Se não for uma razão para me propor, não sei qual é.

Ou pelo menos posso levá-la para um segundo encontro”.

JAMESON

— Ainda não posso acreditar na ousadia dele! — Praticamente gritei, rapidamente atravessando o campus, minha voz ecoando pelo pátio, através das árvores espalhadas e no chão congelado. Vários estudantes caminhavam pelo passeio de concreto e moveram suas cabeças e rostos em minha direção, com curiosidade. — Aquele... Aquele... Imbecil!

Decidida, ando pelo campus, com os olhos fixos no edifício, e só no edifício.

Meu dia tinha sido ótimo. Depois de uma longa noite sem dormir, finalmente tirei Sebastian Osborne da minha cabeça, dominei meu exame de química, e consegui o último biscoito de crispy de arroz da máquina na cafeteria.



Tudo antes das dez.

Com um assobio e um alegre caminhar, entrei no escritório de esqui e snowboard para pegar algumas informações de última hora que precisaria para a viagem de amanhã. Não tinha nenhuma preocupação no mundo antes que Chad Hanson, nosso presidente anunciasse:

— Ouça James, temos uma adição de última hora para a viagem das férias da primavera deste ano. Ele se inscreveu ontem à noite, pagou tudo com cartão de crédito.

Chad então se deteve, remexeu numa pilha de papéis e limpou a garganta, tirando o longo cabelo dos olhos verdes antes de se dirigir a mim novamente.

— James? Você me ouviu?

Sacudi minha cabeça, com um sorriso alegre no rosto.

— Sinto muito, não sei qual é o meu problema. O que disse?

— Temos um novo cara inscrito para a viagem... Sebastian Osborne, se é que se pode acreditar. Por que não me disse que ele era seu primo? Ele ligou antes que eu fechasse o escritório ontem à noite e pagou pela viagem com um cartão de crédito. Estranho, não?

Sinto muito, o que?

— Sinto muito, acho que não te ouvi direito.



— Disse que temos um novo garoto inscrito para a viagem...

Levantei minha mão para detê-lo.

— Não, não, sei o que disse Chad. Só... Não posso acreditar que isso seja o que ouvi. Fechamos o registro faz semanas. Semanas.

Chad rolou seus bonitos olhos verdes para mim... Olhos verdes que ultimamente tinha estudado com adoração quando ele não prestava atenção, olhando as profundezas quando brilhavam com diversão.

Amável, mas arrogante, depois de paquerar comigo sem cansaço pelo último ano, finalmente comecei a corresponder seu afeto. Mais ou menos. Bom, de minha própria forma especial. Eu comentei o fato de que ele é incrível e talentoso com o snowboard?

— Eu sei James, mas é Oz Osborne. Simplesmente não se diz não para esse cara...

— Sim você faz.

— Ouça, tive que tomar uma decisão técnica; ninguém mais estava aqui ontem à noite. — Chad tinha levantado às sobrelhas, me desafiando a discutir. — Osborne quer ir à viagem, ele vai à viagem. Precisamos de publicidade.



— Publicidade? Não precisamos de mais publicidade! Chad, você e Patrick estiveram no X Games¹⁶ do ano passado.

— Claro, eles não tinham passado das quartas de Final, mas mesmo assim.

Os X Games.

— Qual é James, não vou discutir com você.

— Sêrio? Isso é tudo? Vai deixar que ele venha? Tínhamos uma data limite, Chad! Ninguém que se interessasse pela viagem poderia se inscrever depois do dia doze do mês!

— Eu sei, mas ouça... Já que Celeste desistiu quando o auxílio financeiro não chegou, tínhamos um lugar extra...

Minha bunda que tínhamos lugar extra.

— Onde ele vai ficar sabichão?

— Resolveremos isso quando chegarmos ao hotel. Ele é seu primo, então talvez...

— Não!

— Vamos dar um jeito, relaxe.

Relaxe? Oh, meu Deus, os esquiadores e sua atitude lânguida. Infelizmente, se Chad Hanson queria Oz Osborne na maldita viagem, então ele o teria. E agora eu estava presa com ele pelos próximos dias. Cinco dias e quatro noites. A mil e oitocentos quilômetros da escola. Sem professores, sem

¹⁶X Game: Torneio de esportes radicais.



companheiros de quarto, sem pais... Só nós, as montanhas e a neve fresca sob nossas pranchas.

Minha viagem estava arruinada.

Arruinada pelo idiota estúpido com um apetite para me tornar idiota. Arruinado pelo Golias de um metro e noventa e cabelo loiro areia chamado Sebastian — que eu ia matar assim que pusesse minhas mãos nele.

Quando cheguei aos degraus da biblioteca, olhei para os tijolos cobertos de hera e os quatro andares, me perguntando se a sorte estaria ao meu lado, se Oz Osborne estaria lá dentro.

O que ele quer comigo?

Não sou estúpida; eu sei que ele vem nesta viagem para me torturar. Mas por quê? Ele mal me conhece!

Determinada, empurro minhas dúvidas, atravesso as pesadas portas, e entro no vestíbulo. Sem me incomodar em tirar o pesado casaco como normalmente faria, meus olhos verificam o primeiro andar, analisando com cuidado cada um dos estudantes. O ruivo com os óculos. A garota que ele olha, obviamente o considera amigo, apesar de seus horríveis esforços para paquerar. O menino latino que está aqui mais frequentemente que eu, que sempre tem a mesma pilha de livros no mesmo canto, na mesma mesa. O jogador de futebol e sua bonita namorada loira.

E... Oz.



Eu reconheceria esse escorregadio bastardo em qualquer lugar, mesmo de costas.

Com a caneta sobre um caderno, os músculos em suas fortes costas se esticam contra a fina camiseta azul clara, delineando para qualquer um babar. Quer dizer, de fato posso ver cada músculo definido em seu *latissimus dorsi*¹⁷ daqui.

Deus, esse imbecil é bonito.

Infelizmente não está sozinho, reconheço um dos meninos como o idiota da outra noite, que havia incentivado Oz e me olhou lascivamente. Sem me importar, vou diretamente para sua mesa, empenhada em uma missão, caminho rápido e golpeio Oz no cotovelo por trás, notando com satisfação uma negra linha manchada ao longo do que parece ser um papel muito importante.

Sorrindo, me inclino e me aproximo para que ele possa escutar cada palavra que vou lhe dizer, meu grosso casaco preto roça contra seu ombro duro como uma rocha enquanto murmuro em seu ouvido por trás.

— Literalmente vou te matar.

Ele se move para trás, com os amplos ombros roçando a frente do meu casaco, antes de inclinar sua cabeça.

— Recebo ameaças diariamente, Jim. Deve ser mais específica.

¹⁷*Latissimus dorsi*: Musculo dorsal largo,



— Por que fez isso? Você está louco? — Me afasto, recuando para acertá-lo em seu quente e musculoso braço. É duro como uma pedra sob minha mão. Finalmente ele para de escrever, baixa a caneta, e vira seu tronco para me olhar, divertido. Bastardo presunçoso.

O cara grande do seu lado ri.

— O que você fez com esta, Ozzy? Teve muito sexo?

O cara grande de cabelo preto ri como se eu fosse uma piada. Como se fosse um dos membros de seu clube de fanáticas lutando para dormir com ele. Nada melhor do que uma seguidora. Ele deve me achar desejável, porque seu desinteressado olhar me percorre antes de direcionar os olhos azuis, frios e glaciais para Oz.

— Tire-a daqui.

Bato em Oz de novo, os cantos de seus olhos se enrugam com humor enquanto ele faz todo um espetáculo de me olhar de cima abaixo lentamente... Exatamente como olhava Sydney, Allison e todas as outras garotas. Assim como aquela garota ruiva que o masturbou na festa.

Insensível, frio e depreciativo.

— Oh, por favor. — Rolo meus olhos dramaticamente. — Não se incomode em fingir que não sabe quem sou, idiota. Estou tão zangada com você agora que poderia te estrangular com as minhas mãos.



Mais risadas ao redor da mesa quando Oz replica.

— Eu gosto de rude como qualquer um Jim, mas por que não espera até que estejamos sozinhos.

— Oh! Ha, ha! Acha que é engraçado? Tudo é uma piada para você? Bom, adivinhe?!? Esqueça... Você não virá na minha viagem das férias de primavera.

— Espera. — O gigante loiro sentado com eles geme confuso. — Ozzy, irmão... É sua irmã?

Oz me pisca um olho.

— Prima.

Ignoro o idiota, mesmo quando minhas bochechas ardem em vermelho vivo.

— Sebastian Osborne, quero que ligue agora mesmo para cancelar esta viagem.

— Droga, Ozzy, ela está dizendo nomes completos... Deve estar zangada. Tem certeza de que não está dormindo com ela?

Em vez de responder ao imbecil, Sebastian coloca a mão em sua bolsa, e tira um pacote de chicletes, desembrolha um lentamente, e o coloca em sua boca. Dá algumas mastigadas e...

— Sinto muito Jimmy, já paguei.

Meus braços se cruzam sobre meu peito acolchoado.



— Bom, isso é muito ruim, não é? Porque vai ligar para o Chad Hanson neste instante e cancelar. — Bufo, querendo dar um chute em protesto.

Ante meu tom elevado, Oz olha ao redor da silenciosa biblioteca, sobre o ombro, para a direita e depois para a esquerda. Conspirativamente, ele abaixa a voz.

— Olha Jameson... Podemos falar disto em particular? Sem uma plateia?

Oh, agora ele quer ser civilizado?

Bem. Eu posso também.

O gigante corpo se empurra contra a mesa, a cadeira se arrasta no chão de madeira enquanto ele fica em pé, se erguendo em toda sua estatura.

Isso me lembra do quão masculino e viril ele é. E sólido.

Sua forma se abate sobre mim, luto contra um gemido quando a mão suavemente agarra meu braço. Oz me arrasta para o lado oposto da biblioteca, esquivando e passando através das mesas sigilosamente, até um corredor do labirinto.

Apoia minhas costas contra a parede oposta, os braços ao meu lado e se inclina para mim com a voz baixa. Ele cheira a chiclete de hortelã, ducha fresca e loção de barba silvestre. Como um lenhador sexy.

Em uma palavra: Celestial.



Então grunhe perto do meu ouvido.

— Jameson, eu vou nessa viagem.

— Está louco? — Rosno. — Que diabos na terra te possuiu para fazer isso? Nem sequer me conhece. Por que viria em uma viagem comigo?

Sei que ele não tem o dinheiro. De fato, tenho certeza de que está falido. Seus olhos me perfuram e vejo o debate interno; ele quer me confiar algo... Está lá em seu cenho franzido; mas o que? O que está acontecendo dentro da grande e bela cabeça dele?

Grande e bela cabeça? Argh. O que me possuiu ultimamente?

Esbofeteio-me mentalmente enquanto Oz sacode sua cabeça.

— Gastei seiscentos dólares que não tenho em meu cartão de crédito ontem à noite, James. Vou nessa viagem.

Meus lábios se abrem.

— Mas por quê? Por que faria isso, Sebastian? Você não conhece alguém e então poucos dias depois decide viajar com ele. É estranho.

Sua mão livre se eleva e ele a passa através do despenteado cabelo.



— Por que. — A palavra sai rapidamente; ele toma uma profunda e calma respiração para continuar. — Porque pelo menos uma vez em minha fodida vida quero ver como é estar com alguém que não sabe quem eu sou.

Meu nariz se enrugou.

— Que diabos significa isso?

Ele se inclina contra a parede e coloca as mãos nos bolsos, triunfante.

— Vê? Exatamente por isso.

Estou tão confusa. Suspira novamente.

— Jim. Sou um lutador por Iowa, no próximo ano posso estar treinando para os Jogos Olímpicos. Eu poderia trabalhar em um escritório em qualquer parte. Irei para onde esteja o dinheiro, então quem sabe, mas nada sobre mim é comum.

Minha boca se abre e logo se fecha. Depois...

— Sinto muito, a coisa da luta é tão importante?

Posso notar que tenta conter sua expressão, mas falha. Sua boca não fica fechada, em vez disso cai aberta.

— Importante? James. Jim. Milhares e milhares de fanáticos gritam meu nome a cada ano. Eu estive na televisão. Fui convocado por todas as Dez Grandes Faculdades, e três das maiores no último ano do Ensino Médio antes de me



decidir por Iowa. — Parece petulante. — Então sim, é mais ou menos algo importante.

Santo Deus, como responder a isso?

— Eu não sabia.

— Sei que não. Essa é uma das coisas que gosto de você; isso e sua constante necessidade de me irritar. — Quando sorri, estou perto o suficientemente para vislumbrar um dos dentes inferiores estilhaçado. Branco, mas imperfeito.

Perfeitamente imperfeito.

Argh.

— Por que não me disse quem era?

— Te dizer? — Uma risada lhe escapa então, e percebo outro aroma nele quando joga sua cabeça para trás. — Você me mata. Não é um segredo. Quer dizer, olhe ao redor Jameson. Todos aqui nos olham boquiabertos.

Afasto meus olhos do seu rosto; ele tem razão. As cabeças estão viradas com curiosidade. Olhadas, olhares, observações... Parece que todo mundo está nos olhando.

Que grosseiro.

— O que estão olhando? É meu casaco grande? — Me queixo, puxando o zíper, nervosamente o subindo e abaixando. — Me condenem por sentir frio todo o tempo.

Oz levanta o dedo e golpeia a ponta de meu nariz.



— Você realmente é uma figura, sabia? Adorável.

Desta vez, rolo meus olhos e cruço os braços fazendo uma careta.

— Super.

Ele coloca um braço ao redor de meu ombro e me aperta.

— Vamos nos divertir muito, eu prometo.

— Sim, sim, sim. Ainda estarei zangada com você por não me perguntar primeiro. Falando sobre arrogância...

— Vai superar.

De alguma forma, eu duvido.



CAPÍTULO 12

"Ouça senhor impaciente, se não sabe que não se deve pular em um tobogã de água quando não está molhado.

Possivelmente então entenda por que a preliminar é importante".

SEBASTIAN

— Última noite, antes de ir para Utah. Não arrumou suas coisas ainda? — Dou um pedaço de chiclete a Jameson através da mesa. Ela o alcança e nossos dedos se tocam, enviando eletricidade para minha coluna.

Estranho.

Isso nunca aconteceu antes.

Descarto, abrindo meu livro e ligando o computador.

— Não tenho muito que empacotar, principalmente roupa de inverno e debaixo. Não é nada. – Bate sua caneta sobre a mesa. — E você?

Assinto.



— Tenho uma bolsa que sempre está cheia para as partidas, então vou tirar meu terno e colocar minhas coisas de inverno nela. Levará três minutos.

— Seu terno?

— Meu terno. Você sabe... Calças, blazer. — Diante sua expressão confusa, digo: — Temos que nos vestir assim quando somos convidados para outro campus para lutar.

Jameson ri entre dentes.

— Você deixa o terno enfiado em uma bolsa?

— Às vezes, sim. Por quê?

Seu rosto se franze.

— Não amassa?

— Mmm, sim?

A cabeça bate na mesa sólida com um ruído surdo.

— Ufff, nem eu posso com você — Diz, sorridente. — Quem passa para você?

— Eu, eu e eu. — Lanço um sorriso diabólico. — Não é como se eu tivesse alguém que passe para mim, mas às vezes uso um avental quando preciso.

A cabeça de Jameson se inclina para um lado enquanto me estuda, seu olhar persistente em minha boca. Não posso



dizer o que pensa neste momento, mas só posso esperar que esteja me imaginando em meu avental imaginário.

Nu.

— Você não usa avental.

— Não, mas agora me imagina em um, certo?

— Não sei, depende. É um desses antigos com babados que se prendem ao redor da cintura, ou um de churrasqueira?

— Seus cotovelos golpeiam a mesa e se inclina para frente. Seu suéter azul pálido fica tenso sobre os seios redondos e fantásticos.

— Qual prefere?

Jameson finge pensar nisso.

— Em você? Um viril de churrasqueira, mas não com um dizer brega nele. Não gostaria que arruinasse a sua... — Fecha os lábios com força.

— A minha...?

Sua cabeça dá uma pequena sacudida.

— Vamos, diga. Não gostaria de depreciar meu rígido... Corpo? Meus firmes... Músculos? — Me inclino para trás na cadeira de couro, os braços cruzados sobre o peito. — Te mataria paquerar comigo?

— Isso não é paquerar, isso é uma descarada...



— Preliminar?

Assente bruscamente.

— Se é assim que você o chama? Está me deixando louca.

— Mas não louca do tipo "quero te foder", é?

Parece desconcertada. Zangada.

— Sexo é a única coisa em que pensa? Você é implacável.

— Não, não é tudo em que penso, mas juro que alguma coisa nesses malditos suéteres seus me deixam estúpido.

— Certamente não vou discutir com você sobre isso — Diz. — Soa estúpido.

— Você se incomoda quando falo assim?

— Sim. — Mas nega com a cabeça.

Me inclino com uma risada.

— É um sim ou um não?

— Sim, me incomoda.

— Por quê?

Ela revira os olhos.

— Já falamos sobre isto.

— Falamos? Não me recordo.



— Bom, vamos repassar tudo de novo. — *Porque é divertido brincar com você e é sexy, e gosto de te ver se retorcendo na cadeira. Excita-me, especialmente quando sua respiração se intensifica e seus peitos sobem dentro do cardigã.*

É claro, pelo menos uma vez mantenho a maldita boca fechada. Com um suspiro, Jameson fecha o computador com um estalo decisivo.

— Não consigo decidir se devo confiar em você ou não, e me deixa louca que só me veja como um desafio. Louca.

— Sabe que você é mais do que isso. Por que eu iria nesta viagem só para tentar fazer sexo com você quando poderia contratar uma prostituta por menos do que pago por você?

— Contratar uma prostituta?! — Quase grita, com os olhos saltando das órbitas — Realmente faria isso?

— Bom não. Um: porque nunca precisarei; posso me deitar com alguém a qualquer momento que quiser. E dois: não posso me permitir o luxo. Meu ponto é que vou nessa viagem porque somos amigos, Grilo Falante, então não posso realizar meus movimentos em você. — Consigo manter uma cara séria quando a mentira derrama de minha boca, totalmente convincente.

— Ir nesta viagem? Você fala como se tivesse sido convidado. — Ri. — Você é o pior tipo de sequestrador e, por minha vida, ainda não consigo entender o porquê.



Abro a boca para falar, mas imediatamente a fecho quando ela continua:

— Sim, sim, eu sei... Você disse que era porque queria ver como era estar com alguém que não sabia quem você era, mas por acaso você e seus amigos neandertais frequentam lugares decadentes como a costa da Flórida? Barris de cerveja e biquínis? MTV, garotas fáceis, e DST's?

Sim, demônios sim, sim, foda sim, e não.

— Já que estamos sendo honestos, parece extremamente louco ir a uma viagem com uma garota que acaba de conhecer para fugir da realidade que criou para si mesmo. Nunca ouviu a frase "Quem tem fama, deita na cama"?

Rio como um adolescente com a palavra cama.

Jameson me joga um lápis amarelo.

— Você é tão imaturo.

Imaturo.

Tarado.

Desejoso por um desafio, e ela acabou de me dar um.



CAPÍTULO 13

"Um menino muito atraente entrou em meu quarto procurando suas roupas. Te pertence ou posso declarar posse?"

JAMESON

— O que diabos fazem você e sua merda na minha porta?

O vento sopra, enviando neve e um gelado ar frio açoitando além de mim e para meu quarto de hotel.

Ele está parado diante da minha porta, deixando cair sua bolsa vermelha no chão congelado. Uma brilhante prancha de snowboard verde lima se apoia no batente da porta, junto com uma bolsa preta para as botas.

— Meu novo amigo Chad, disse que seu companheiro de quarto te abandonou — Diz com um encolhimento casual dos ombros largos. Sobre sua alta figura, vejo a integrante do clube de snowboard do segundo ano Beth Lauer fazendo buracos em seu traseiro. Triste.



Nem quero saber o que Beth pensa neste momento, e silenciosamente espero que uma pilha de neve branca deslize do teto e me enterre inteira.

Ou melhor, ainda, *a* enterre inteira.

Oz fala, ignorando o olhar óbvio de Beth.

— Eu disse ao Chad que éramos primos, lembra? Então ele não viu problemas em nos alojarmos juntos. Felicidades, Jim! Parece que vamos ser companheiros de quarto.

— Não se refere a companheiros de cela? — Gemo, dando uma olhada por cima de meu ombro no dormitório vazio, à única cama Queen size com sua única almofada desfiada, o guarda roupa individual e o pequeno banheiro com uma pequena ducha.

Não é o Bellagio¹⁸. Poderia ser um buraco, mas era meu buraco, e só meu, durante trinta e sete felizes segundos.

Encaro Beth enquanto vem em nossa direção através da neve; nossos olhos se conectam quando levanta o olhar do fantástico traseiro de Oz. Mesmo com o clima frio do inverno, a vergonha a inunda e se vira, fugindo precipitadamente na direção oposta como um rato pervertido.

Falando em pervertidos...

¹⁸**Bellagio** é um luxuoso hotel e casino da cidade de Las Vegas, Nevada, nos Estados Unidos. O Bellagio localiza-se na famosa Las Vegas Strip em frente ao também requintado Paris Las Vegas



Ter Oz preso comigo durante o fim de semana é o contrário do que quero. Paguei os mesmos seiscentos dólares que ele pagou; e a última coisa que preciso é que meus amigos fofiquem sobre mim enquanto ele procura uma maneira de entrar e sair do meu quarto.

Um gemido escapa de meus lábios.

— E pare de dizer a todos que somos primos.

— Vamos, qual é o problema?

— Primos? Sério, qual é?

— Deveria ter dito que somos primos que se beijam? — Ele me dá um sorriso amplo e dentado. — Desbloqueie a porta James, e me deixe entrar. Meus testículos se arrastaram para dentro de meu escroto para se esconder.

Gemo novamente e destranco a porta, o puxando pelo antebraço para que entre junto com toda sua merda no recesso do meu quarto. A pesada porta se fecha atrás de nós, a trava automaticamente se fecha com um clique.

Passo o trinco antes de me virar para ele, com as mãos nos quadris, o observando severamente.

— Primeiro estraga minha viagem, agora se mete no meu quarto. Pode dormir no chão.

— No chão? — Ele agarra sua bolsa e a mal e passa por mim. Me rendendo, permito sem discutir e o sigo. — Não posso Jim. Este corpo é um templo.



— Não vamos compartilhar a cama.

— É porque não confia em si mesma estando comigo?

— Não. É porque não confio em você.

Oz ri.

— Vamos, será divertido.

— Honestamente, vou te matar.

— Por que continua dizendo isso? “Oz, vou te matar” — Imita com uma voz feminina. Na realidade, é algo desconcertante. — Esta é a segunda vez que ameaça a minha vida; estou começando a pensar que fala sério.

Sorrio.

— O que posso dizer? Você faz com que eu queira te estrangular.

Ele me ignora, em vez de responder levanta a mala até a parte superior da cômoda no outro lado do quarto e a desfaz.

— Decidi que se não vamos ser amigos com benefícios, uma má decisão de sua parte, gostaria de acrescentar, então podemos ser amigos do tipo sem benefícios. O tipo chato.

— Que magnânimo da sua parte.

Dá-me um olhar de soslaio.

— Eu sei, ok? Também pensei o mesmo.



— Isso foi sarcasmo, Oz.

— Sarcasmo ou não Jimbo, logo se dará conta dos benefícios de me ter como seu amigo.

— Ah, não me diga? — Cruzo os braços. — Me ilumine.

— Por exemplo, sou um amigo impressionante. Teremos a mulherada batendo em nossa porta a qualquer momento.

— É minha porta — Rosna. — E não sou lésbica.

— Não é? — Parece duvidoso.

— Não.

— Então, por que continua resistindo a todos os meus avanços? — Oz se senta no pé da cama e retira os sapatos que batem na parede e aterrissam com um ruído surdo, as meias em seguida.

— Uh, porque não fez nenhum?

— Espera. — Gira ao redor. — Foi um convite?

Mais ou menos?

— Não!

— Viu? — Volta para a porta descalço, pega minha mala e a coloca na cômoda junto à sua. — De qualquer modo, como eu dizia... Os meninos estarão derrubando sua porta coberta de teias em pouco tempo... Ou neste caso, sua vagina cheia de teias.



Lado a lado, começamos a tirar as roupas de nossas malas e as dobramos cuidadosamente na gaveta superior, suas camisetas à esquerda, as minhas à direita, como se tivéssemos feito isso cem vezes antes.

— Em primeiro lugar, minha vagina não é assunto seu. Em segundo lugar, não está coberta de teias.

É óbvio por sua expressão que não acredita em mim.

— Como quiser Jimbo. Meu ponto é, comigo ao seu lado este fim de semana, os afastará com um taco de beisebol.

— E se eu não quiser um parceiro?

Segurando uma calça jeans azuis contra o peito como um escudo, ele me olha fixamente, o lábio ondulando desagradavelmente. Os dedos giram no ar, dirigidos a minha região inferior.

— Teias.

Aproximo-me da mesa de cabeceira, abro a gaveta e procuro uma caneta e papel, obrigatórios em todos os hotéis.

— Temos que estabelecer algumas regras se vamos compartilhar um quarto nesta semana.

— Tudo bem.

— Tomarei a liberdade de escrever algumas.

Seguro o pequeno caderno branco para sua inspeção. Seus lábios se encolhem para cima.



— Por que não me surpreende que faça uma lista?

Ignoro sua pergunta.

— Um: Sem sexo no quarto...

— Então, apenas no banheiro ou o armário?

Minha caneta fica suspensa.

— Estou falando sério, não pode trazer garotas aqui.

— Também falo sério Jim, tão sério quanto um ataque cardíaco. Estou totalmente bem fodendo alguém dentro do armário.

— Não duvido nem por um segundo, entretanto, realmente preferiria que não fizesse sexo em nenhum lugar dentro do quarto. — Ele gira seus olhos para o teto. — Dois: mantenha-se em seu lado da cama, e afaste essas enormes mãos de mim.

Ele coloca uma dessas enormes mãos sobre o coração.

— Jim, você me machuca! Acha que colocaria em perigo nossa amizade em floração se te tocasse?

Minhas sobrancelhas disparam para a linha do cabelo.

— Não sei Oz... Você faria?

Ele parece ponderar seriamente sobre essa pergunta, e depois sussurra.



— Honestamente? Sim, faria. Provavelmente tentarei te tocar inapropriadamente pelo menos uma vez. Talvez duas vezes, se for honesto. Seria descuidado de minha parte se não o fizesse, levando em conta que notei sua bonita estante. Seus suéteres são muito justos, Jimbo.

Exasperada dá uma batidinha em meu rosto.

— Suponho que não posso te culpar por ser honesto.

Senta-se reto aos pés da cama.

— Isso ganha pontos de bonificação?

Um suspiro resignado.

— Claro, por que não.

— Genial. — Aplaudiva alegremente com suas gigantes mãos, as esfregando entre si. — De acordo, me acerte com o número três.

— Não há número três. Dois é tudo o que tenho, mas podemos arrumá-lo à medida que avançamos.

— Oh, bom. Isso será estupendo.

Estou de pé perto da cama, inocentemente desempacotando meu equipamento de snowboard e redobrando um dos trajes de neve quando a porta do banheiro se abre e Oz sai, uma nuvem de vapor atrás dele.



Olha-me de cima a baixo.

— Como demônios acha que devo manter as mãos para mim mesmo quando usa uma merda assim? — Agita suas mãos, gesticulando grosseiramente para cima e para baixo, apontando meu pijama.

Desço o olhar para estudar a mim mesma, perplexa.

— Isto? É uma velha camiseta sem mangas e shorts.

Ele cruza seus braços aborrecido, meus olhos voam para seu amplo peito e bíceps lindamente tatuados. Eu babo.

— Bom, mas não está usando sutiã.

— Não usarei um sutiã na cama, Oz. Tampouco é problema meu que você seja um cachorro no cio.

Ele não está de acordo.

— A camiseta é branca, por isso é praticamente transparente. — Pela segunda vez desde que invadiu meu espaço, Oz eleva os olhos para o teto, seu pomo de Adão se movendo. Ele levanta três dedos.

— Regra número três: não ficar por perto sem sutiã. Cubra essa merda, pelo amor de Deus. Posso ver seus mamilos e estão me deixando duro.

— Está vestindo apenas uma toalha, seu hipócrita! Posso ver o contorno de você... — Me detenho, uma risada forte e



nervosa borbulha dentro de mim tão abruptamente que bato uma mão sobre minha boca para calar.

Meus olhos caem para os esbeltos quadris de Oz. Não posso deixar de notar as gotas d'água escorrendo pela suave e sedutora pele de seus esculpidos abdominais... Até o bem definido V... O caminho da felicidade de pelos escuros desaparecendo na toalha branca que mal está ocultando seu...

Cruzo um braço sobre meus peitos defensivamente, os escondendo da quente inspeção.

— O que sugere que eu vista sabichão? Só tenho isto e planejava me hospedar sozinha.

— Não faço porra de ideia nenhuma, mas não pode saltar assim por aqui. Vamos, coloque uma de minhas camisetas.

Saltar?

Mesmo assim, assinto uma vez.

— Tudo bem.

— Bom.

— Bom. Regra número quatro: não ficar por aí envolto em nada além de uma toalha de banho. Essa coisa mal se ajusta em sua cintura.

E está me fazendo querer fazer coisas ruins, sórdidas. Como por exemplo, arrancar o nó da toalha e jogá-la no chão para ver o que há debaixo.



Oz vai pisando forte e descalço até a cômoda, abre a gaveta superior e tira uma camiseta cinza de algodão. Amassando como uma bola e a lança em minha direção, o que a envia zumbindo pelo ar e acerta minha cara.

Alcanço com muita dificuldade.

— Por favor. Apenas vá vestir isso. E volte mais feia.

Sydney: Ele perguntou por mim?

James: Quem?

Sydney: Oh, por favor, você sabe quem. Não me irrite assim! Oz... Perguntou por mim? Vamos, dê a uma garota algo para que passe uma noite fria.

James: Estivemos muito ocupados, sinto muito.

Sydney: Não posso acreditar que vai passar o fim de semana com ele. Se eu soubesse, talvez tivesse ido.

James: E dar as costas para o sol da Flórida?!

Sydney: Tem razão. Ainda assim não teria ido para Utah, LOL. Talvez eu devesse tentar lhe enviar mensagens de texto. Acha que eu deveria?

James: Acho que deveria fazer o que te faz feliz ;)

Sydney: É isso é um sim ou um não.

James: Claro. Sim, envie uma mensagem.

Sydney: Ótimo!!!! Está bem, vou mandar.



James: Boa sorte.

Não menciono a Sid que há poucos minutos Sebastian estava meio nu e gotejando, recém-saído do banho. Ou que estava me analisando sob a camiseta branca. Ou que acabei de vestir sua camiseta, uma que parece como o céu e cheira ainda melhor.

Coloco meu celular no frio e antiquado balcão de fórmica do banheiro e conecto o carregador à tomada. Alisando meu cabelo sedoso, afundo o nariz na gola da camiseta de Sebastian. Inalo outra vez...

Exalo melancolicamente.

Tomo uma respiração profunda antes de sair pela porta do banheiro, inalo outra vez rapidamente para conseguir uma boa dose.

É tão incrivelmente bom que não posso parar.

Vou pelo quarto para o interruptor da luz com medo, parando quando ele se senta em nossa cama compartilhada. A cama, que teria sido perfeitamente aceitável compartilhá-la com Celeste, parece minúscula com o gigante Oz Osborne descansando nela.

Uma torre de travesseiros está empilhada no meio, uma barreira que ergui quando ele estava na ducha, embora seja ridiculamente frágil.



Oz está sentado na cama, em cima dos lençóis e nu da cintura para cima. Apoiado na cabeceira, ele lê uma revista Men's Health¹⁹. Faz uma careta quando olha para cima e me saúda com um irritado:

— Porra, Jim, isso é pior!

Olho ao redor do quarto, confusa por seu tom zangado.

— O que é pior?

— Você. Nessa camiseta.

Bom, é claro. Só vesti sua camiseta cinza de luta olímpica de Iowa depois de que sua ridícula regra de sem partes de cima se aplicou.

— Não há como ganhar com você? — Sacudo minhas mãos em derrota. — O que tem de errado com essa camiseta? Você me disse para que vestisse isso. Na verdade, amassou e a jogou. Até acertou na minha cara, lembra? E quase me arrancou um olho.

— Não achei que tiraria os shorts! — Acusa, franzindo a testa.

Levanto novamente as mãos, exasperada.

— Oh meu Deus, qual é o problema?

¹⁹ Revista que trata de comportamento, saúde, moda e bem-estar, publicada também no Brasil. Tendo como correspondente feminina a Women's Health.



— Qual é o problema? Qual é o problema, você pergunta?
— Murmura para si mesmo, golpeando um travesseiro fofo e o ajustando atrás da cabeça. Não posso deixar de admirar a flexão de seus bíceps enquanto o faz. Sinto muito, mas são incríveis para olhar. — O grande problema é que agora só está coberta por sua roupa íntima.

— Certo — Digo lentamente, afastando meu olhar de seu corpo para levantar a barra de sua camiseta. — Mas a camiseta chega até minhas coxas...

— Você está louca? Mantenha essa merda como está.

— Uh...

Oz levanta as mãos, parando meu raciocínio.

— Regra número cinco: não depilar as pernas.

— Não depilar as pernas? — Uma risada escapa de meus lábios e me dobro pela cintura, rindo histericamente. As lágrimas fluem por minhas bochechas. Quando finalmente recupero o fôlego, exclamo — Essa é a coisa mais idiota que já escutei. O que tem que a ver depilação com isso?

Ele me dá um olhar que diz exato:

— Pernas peludas são nojentas. Nenhum cara quer foder uma mulher com mais pelos do que ele. Confie em mim, é sua única defesa.

O encaro sem expressão, meus lábios apertando desagradavelmente, antes de limpar uma lágrima perdida.



— Você é tão estranho.

— Tem razão. Eu totalmente foderia uma mulher com as pernas peludas. — Dá um golpe de caratê com a mão na minha barreira de travesseiros, um sorriso zombador se estende por seu estúpido rosto arrogante. — Isto é para te manter em seu lado da cama? Porque tenho que te dizer Jim, não vou brigar com você se decidir cruzar para o lado negro.

Deus, ele é tão diabolicamente bonito.

Sacudo a cabeça, sorrindo enquanto retiro os lençóis e subo do meu lado na cama.

— Isso não vai acontecer.

— Quer apostar?

— Poderia parar de fazer isso?

— Fazer o que?

— Apostar sobre tudo.

— Sinto muito, hábito ruim.

Retiro a colcha e me deito, minhas pernas nuas golpeando a malha fresca. Recostada junto a ele na cama, meu corpo relaxa nos travesseiros.

Sinto que ele me observa pelo canto do olho quando apago o abajur de cabeceira. Suspiro.

— O quê?



Uma risada baixa sai da escuridão.

— Realmente acha que a barreira de travesseiros irá me manter do meu lado da cama?

— É claro que não. É uma metáfora para que mantenha distância.

— E minhas garras longe? — Ri de novo, mas desta vez o som de barítono me deixa tremendo. Ele deve sentir a vibração através do colchão porque pergunta — Frio?

— Um pouco. — Me afundo mais um pouco nos lençóis, desejando que estivessem recheados com plumas.

— Bom, estou aqui se quiser fazer uma conchinha. Minha mãe costumava dizer que eu era uma caixa quente, você ficaria quente e com sorte, suando em muito pouco tempo.

Escondi um sorriso na escuridão.

— Obrigado pela oferta.

— Sou um doador, Jimmy.

Não duvido. Enquanto estou ali na escuridão, escutando sua respiração constante, minha mente divaga. Quer dizer, alguém me culparia? Deitada junto a este homem grande, forte, sexy, de sangue quente, com o torso nu?

Teria que estar louca para não fantasiar... Ou estar morta da cintura para baixo, o que não estou.

Limpo minha garganta, o som enchendo a escuridão.



— Me conte sobre a luta olímpica.

— O que quer saber?

— Você é bom?

A resposta é um rumor profundo e grave. Eleva-se, sacode e reverbera na cama. Mesmo sem as luzes acesas, sei que ele está agarrando o estômago.

— Não zombe de mim! — Estico meus braços e agarro o que presumo ser um bíceps grosso, afundo os dedos na sua pele quente e rapidamente puxo.

— Não estou zombando, só que você é tão bonitinha.

Hesito.

— Tudo bem, você é bom?

— Sim, eu sou bom.

— Quão bom?

— Realmente bom. Não sou só muito bom... Sou o melhor de todos. — O colchão se afunda e ele vira para se apoiar de lado, ficando de frente para mim. — Sabe qual é minha parte favorita da luta olímpica?

— Qual é sua parte favorita? — Pergunto em um sussurro, e depois suspiro.

— Os momentos antes de finalmente conseguir um ponto, a antecipação quando ambos sabemos o que está vindo. A



antecipação, de ir e vir que conduz a esse ponto. — Está zumbindo positivamente, e meus nervos zumbem junto. — Meu corpo estendido, suado pelo esforço, meu oponente deitado debaixo de mim.

Por que parece que já não estamos mais falando de luta olímpica? Um calor palpitante se forma entre minhas pernas, e me movo desconfortavelmente para evitar as esfregar juntas.

— Oh. — Sussurro e suspiro.

— Sim. — O colchão se afunda de novo quando se vira para mim. — OH.

— É uma viagem poderosa?

Sinto-o considerando a pergunta.

— Não de todo. Para mim, a emoção é tudo mental, saber que posso calcular como alguém vai reagir antes de fazê-lo a fim de conseguir a vantagem física. — Depois, como uma ideia posterior, acrescenta: — É mais sobre o controle de meu próprio corpo e seus movimentos em vez do que qualquer outro.

O quarto está em silêncio.

— Meu tamanho... Te assusta James? — Sua voz está relutante e cheia de preocupação, como se o pensamento acabasse de lhe ocorrer.

— Não. Não, seu tamanho não me assusta. — Justamente o contrário; não me assusta, todo seu tamanho faz meu corpo



traidor estremecer. Não menciono como se tornou mais e mais difícil respirar quando estamos juntos. Como comecei a fantasiar com ele quando estamos separados. Como estar deitada aqui na escuridão é uma luta para minha decisão.

Quero tocá-lo.

Quero deixar que me toque.

Sussurrar seu nome enquanto ele...

— Pode ser que eu seja grande, mas não quero que tenha medo de mim nunca, James. Nunca te faria mal.

— Eu sei. — Ele nunca faria.

— Meu pau tampouco te faria mal. É muito gentil.

Estupendo. Agora vou ficar deitada aqui pensando no pinto dele.

— Oh, meu Deus Oz, você é tão...

— Bom na cama.

— Por que tem que fazer isso?

— Estou apenas expondo os fatos, Jim.

— Vá dormir Oswald.



CAPÍTULO 14

"Não é sempre que faço o merda quando esquio, mas quando o faço, é no teleférico".

SEBASTIAN

Puta merda, Jameson é boa.

Não, risca isso.

Ela não é boa. Porra é genial.

Serei o primeiro em admitir: quando escutei que James era boa no snowboard... Não acreditei. Com certeza, todas as minhas conjecturas eram apoiadas por completo em sua aparência conservadora, nos suéteres arrumadinhos, colar de pérolas, aqueles clássicos e modestos brincos de diamante e a leggings ou qualquer calça que estivesse usando.

Nenhuma dessas características gritava, “sou ótima descendo uma montanha sobre uma prancha de snowboard”.

Mas ela é.

Ela arrebenta.



Ela realmente o faz, e vê-la hoje foi incrível. Não conseguia afastar meus olhos dela: seu cabelo marrom escuro em duas das tranças sexys que eu nunca havia visto, aparecendo debaixo do capacete preto e dos brilhantes óculos. Felizmente descí a montanha atrás dela, perseguindo cada movimento de seu casaco azul e sua calça de snowboard, azul brilhante.

Lutava para acompanhar seu ritmo enquanto fazia um giro de 360° no terreno do parque. Maravilhado quando pegou curva rápida. Vibrei quando deslizou habilmente entre os postes do percurso.

Considero-me um snowboarder decente, mas nem sequer posso fazer um Ollie²⁰. Jameson fez três perfeitos deles.

Ela tira o brilhante casaco azul enquanto entramos no quente chalé de esqui e meus olhos procuram ao redor, notando todas as pessoas dentro escapando do gélido frio: vários jovens que obviamente são parentes, um casal tomando café, e a mesma MILF²¹, peitos de silicone gigantes e lábios com botox, que acidentalmente se chocou comigo esta manhã quando entreguei o ingresso do teleférico. Pode ser ou não que ela tenha me dado o olhar de “venha e me foda”.

Risca isso... Ela definitivamente o fez.

²⁰ O ollie é uma manobra de skate onde o praticante e o skate saltam para o ar sem o uso das mãos. Especialmente em terreno plano, não é intuitivamente óbvia a forma que a decolagem é alcançada, tornando a manobra visualmente impressionante. (Snowboard é como se fosse o skate na neve).

²¹ O acrônimo MILF (Mother I Woul'd Like to F***k) é uma expressão popularizada pelo filme American Pie e surge na boca de um rapaz que encontra um tremendo *sex appeal* numa mulher com idade para ser sua mãe.



Os suspensórios pretos da calça de esqui de Jameson chamam minha atenção, tensionados sobre seus ombros, passando pela frente da roupa térmica, justa, de cor preta, destacando seus peitos. Não são imensos ou falsos; não como os da MILF, e admiro sua suavidade e tamanho, uma forma arredondada sob suéter.

Todo um conjunto.

Depois vem o capacete. Jameson estica a mão e solta a correia abaixo do pescoço antes de tirá-lo e sacudir as duas tranças castanhas para se pendurarem sobre os preciosos peitos, mechas soltas ao redor do rosto ruborizado.

Sexy para caralho.

Fecho a distância entre nós, pegando seu casaco e capacete.

— Vem me deixe colocar isto no nosso armário. Tem a chave?

Ela me olha, a surpresa alarga seus bonitos olhos. Um sorriso brinca na sua boca e ela morde o lábio inferior evitando que se estenda. Um ligeiro rubor, que não estava lá pelo frio, colore as bochechas.

— Claro. Sim. Obrigado.

Coloca a mão no bolso da jaqueta e tira uma pequena chave prata do armário. Balança entre nós pelo aro.



— OH! Levaria minha calça também? — Jameson baixa as correias da calça, e as desliza pelos braços até caírem. — Não quero assar quando estivermos diante do fogo, morreria de tanto calor.

Observo enquanto abre os botões dianteiros, abaixa o zíper, e desce a calça de vinil preto por seus quadris com um pequeno balanço sedutor. Debaixo, ela não usa nada além de uma justa calça térmica preta.

Estranhamente, acho toda a situação muito erótica.

Saindo da calça, ela se inclina pela cintura, eleva o arrebitado traseiro no ar, e levanta a calça do chão me passando como um apreciativo sorriso.

Inocentemente. Como se não tivesse acabado de sacudir seu traseiro na direção dos meus genitais.

Levanto uma mão para detê-la.

— Espera. Você realmente não vai andar por aqui em apenas sua roupa íntima, não é?

Jameson inclina a cabeça, olhando seu tronco e as longas e belas pernas cobertas, antes de me olhar.

— Eh. Quer dizer minha legging de lã? Sim, é com isto que vou ficar. — Sua risada está cheia de humor. — Por quê?

— Não são decentes.



Suas mãos vão para a cintura enquanto para sobre uma perna.

— E o que te importa?

Desço o olhar para o interior da sua coxa.

— Não me importa. Só a estou imaginando nua, e todos os outros também. Se pode viver sabendo disso, então suponho que não temos um problema.

— Duvido muito que todos me imaginem nua. — Ri Jameson, diminuindo a importância. — Mas suponho que ficarei bem com isso se eles estiverem.

Cruzo meus braços sobre o peito sem estar de acordo.

— Não acha que Chad está te olhando? E aquele cara, Blaine?

Seu rosto se enruga perplexo.

— É Brandon, não Blaine.

— É a mesma coisa — Argumento, porque honestamente eu não me importo como o menino se chamava.

— Sabe o que, Oz? Você realmente é muito estranho algumas vezes. Ninguém está olhando meus atributos, então pode deixar de bancar o primo mais velho.

— As reações em minha virilha são dificilmente parentais — Brinco, finalmente pegando suas coisas. —Sinta-se à vontade quiser sair com eles, mas não venha chorar comigo depois.



Outra suave risada e ela está me dando um tapa no ombro. O breve contato envia um calor direto para minha...

— Acredito que posso lidar com isso, mas obrigado. — Me dá novamente um tapa, passando seus dedos pela manga de minha roupa térmica de algodão. — E obrigado por levar minhas coisas para o armário. Vou pegar nossos lugares.

Então, como um bom escoteiro, levo a calça de Jameson, a jaqueta, e o capacete para a área dos armários. Abro a porta de metal e jogo todo nosso material lá dentro, incluindo meu próprio casaco, calça e capacete. Coloco toda nossa merda antes de fechá-lo e colocar a chave dentro do bolso de minha calça esportiva.

Viro de costas para o armário.

Do outro lado da quente sala de armários, não estou surpreso ao descobrir a MILF apoiada na parede do outro lado, me apreciando. Um sorriso tímido puxa o canto de seus lábios vermelhos, seu cabelo loiro claro está preso em baixo do gorro preto de lã. O restante das roupas é branco: suéter gola alta, calça de esqui, meias.

Se for pela aparência virginal, não funciona; e vamos ser sinceros, ela sabe que não engana ninguém.

Passo ao lado da MILF e lanço meu sorriso mais sexy, sabendo que estará por perto se eu ficar aborrecido.

Subo dois degraus de cada vez, vou para o vestibulo principal e procuro na rústica e cavernosa cabana por aquela



fina leggings preta. A encontro no centro da uma grande lareira de pedra cinza. Os bonitos dedos dos pés de James estão cobertos por meias de lã cinza erguidas até as panturrilhas.

Me pega a olhando e move os dedos quando me aproximo. Dando um tapinha no assento do enorme sofá de couro, seus pés batem no chão enquanto dá espaço para que eu me sente.

— Toma, peguei um chocolate quente para você —
Anuncia Jameson, me passando uma xícara quente e branca, com chantilly por cima. — Isto é por levar minhas coisas lá para baixo.

Nossos dedos roçam quando passo a mão pela xícara para pegá-la, e com um pequeno sorriso me sento ao seu lado no sofá. Acomodo-me no couro usado, estendendo as pernas amplamente para que nossos quadris e coxas se toquem com satisfatório calor.

— Então, Oz, cara, como vai sua temporada? — Pergunta-me um garoto de moletom vermelho. Com o capuz sobre a testa, com os óculos ainda sobre a cabeça.

— Uma desgraça. Tenho sorte de poder escapar pelo fim de semana. — É parcialmente verdade, a verdade é que tive que mentir como uma mãe para conseguir o fim de semana livre com o treinador. Inventei uma tolice sobre meu tendão estar distendido e que não queria forçá-lo até nosso próximo encontro.



O que é exatamente em seis dias. Contra o número um da Penn State²². Contratualmente, os atletas de primeira divisão, como eu, não são permitidos tecnicamente de participar de outros esportes, em especial os "perigosos" como o snowboard.

Bem. Não há nada técnico nisso. Supõe-se que não devemos fazer nada que poderia nos machucar, e isso inclui jogar voleibol de praia com minha irritante prima Brielle, Oh e não sei... Fazer snowboard em uma montanha insana.

Se eu chegasse a me quebrar, ou torcer algo, haveria uma grande chance de que isso custasse a temporada à minha equipe.

O que quer dizer, que estou realmente fodido se me machucar na colina ao esquiar.

— Quanto pode levantar? — Um snowboarder em uma jaqueta de Iowa pergunta. Sua boina está virada para trás e como James, só está usando leggings de lã, e as suas não são nem de perto tão agradáveis quanto às dela. Mesmo do meu assento no sofá, posso ver o vulto de seus genitais... Quero dizer, Jesus, é difícil colocar calças na companhia de damas?

— Aproximadamente cento e oitenta

— Puta merda — Murmura, impressionado.

— Desculpa, não sei seu nome.

²² Penn State é a Universidade Estadual da Pensilvânia é uma universidade pública estadual de pesquisa e ensino localizada na Pensilvânia.



— Sou Scott, meus amigos me chamam Striker. — Scott se levanta de seu lugar no centro da lareira para estender sua mão para mim para um choque de punhos. — Sou jogador de futebol.

Dou um golpe suave.

— Pode ser que tenha ouvido sobre você — Admito a contragosto, estreitando meus olhos. — Seu treinador sabe que está nesta viagem?

Scott me olha, o cabelo vermelho sob a boina se sobressai nas pontas. O merdinha tem coragem para responder com um:

— O seu sabe?

Um cotovelo pontudo me apunhala de lado, olho para baixo e os olhos azuis furiosos de Jameson. Sem palavras, ela me envia uma mensagem silenciosa: *Pare com isso agora mesmo.*

Ergo meu queixo um pouco. *Fica tranquila.*

— Então o que há entre vocês dois? — Pergunta uma das garotas. Seu cabelo loiro claro está em um coque desordenado no topo da cabeça, e apesar do fato de que acabamos de ficar o dia todo fora, tem o rosto cheio de maquiagem perfeitamente aplicada. — Estão saindo?

— Eles são primos — Explica Chad com autoridade.

— Não somos. — Jameson franze a testa, seu arrebitado nariz se enrugando.



— Não são primos? — Chad me olha. — Cara, foi isso que me disse ao telefone.

Oh, merda, é verdade.

— Claro... — Arrasto a palavra e acrescento. — Primos que se beijam... — Rindo. — Às vezes.

Ninguém acha engraçado. Em especial Jameson.

Ela ofega... Um suspiro surpreso e horrorizado que soa surpreendentemente orgástico e se repete na minha cabeça.

— Oh, meu Deus, ele está brincando! — Ela enterra o cotovelo pontudo para cacete na lateral do meu corpo. — Oz, diga para eles que é brincadeira — Rosna entre os dentes.

— Bem. Estou brincando sobre a parte dos primos — Digo sem expressão. — Mas definitivamente nós nos beijamos e não somos primos. — Tomo um gole do chocolate para ocupar minha boca e sinto o chantilly cobrir meu lábio superior, o lambo. — Eu menti. Estou tentando entrar em suas calças, mas se quiserem a verdade, está muito difícil.

A meu lado, Jameson rosna, sua cabeça cai para trás no sofá de couro.

— Oh Deus, minha vida.

Chad se inclina para trás na chaminé de pedra, me estudando: meus chinelos, calça atlética, camiseta de luta. Seus olhos olham minhas tatuagens, a dura linha do meu



maxilar, cicatrizes sobre as sobrancelhas e ao longo da ponte do meu nariz.

Finalmente...

— Por que mentiria amigo?

Dou uma olhada de rabo de olho em Jameson que somente ele e Scott podem ver, depois levanto minhas pesadas sobrancelhas, enviando uma mensagem em silêncio: *Não é óbvio?* Lentamente, ambos assentem entendendo enquanto meu braço sobe pela parte de trás do sofá e descansa atrás da cabeça reclinada de Jameson.

Dou um suave toque no couro, brincando com as pontas macias de seu cabelo, envolvendo os fios soltos ao redor de meu dedo.

Ela deixa.

— Ouçam o que faremos depois? — Pergunta uma garota de cabelo negro. Acredito que seu nome é Sam ou o que seja de qualquer forma o cabelo surpreendentemente negro está empilhado sobre a cabeça em um desordenado nó, as pontas saem por toda parte. É mais ou menos bonito, de fato. Pergunto-me se é solteira; meu corpo desesperadamente procura uma vagina. — Meu namorado quer fazer uma vídeo-chamada. Só preciso lhe dizer a que hora.

Esqueça.



Chad, obviamente o líder do grupo, esfrega o começo de barba em seu queixo.

— Diga para ele que a qualquer hora. Acredito que esta noite depois do jantar nós só relaxaremos.

— Falando de jantar, eu poderia comer até o traseiro de um gambá — Anuncia Scott, para a mortificação das garotas. Sam, Jameson, e as duas loiras fazem cara feia e o chamam de porco asqueroso. — São quase seis, vamos comer.

— Táxi para a cidade?

— Soa como um plano.



CAPÍTULO 15

"Ontem à noite, a garota com quem transava me esbofeteou porque gritei seu nome errado. Mas depois se lembrou de que era o nome que tinha me dado".

SEBASTIAN

— O que achou que estava fazendo no restaurante? — Começa a dizer Jameson assim que voltamos ao nosso quarto de hotel, depois do jantar em grupo. Fecho a porta atrás de nós, colocando a trava no lugar. — Estava evitando que eu paquerasse?

— Evitando que paquerasse com quem? — De que diabos ela está falando? Joguei nossos casacos e outras merdas na cama, girando sobre meu calcanhar para enfrentá-la. — Quem diabos você esperava que te convidasse para sair? Scott? Porque aquele cara é um idiota.

— Scott não é um idiota — Discute fracamente. — É um cara agradável, diferente de algumas pessoas! E não, não quero sair com ele.

Rio.



— Ele ficaria encantado de saber que o chamou de agradável. Os meninos agradáveis gostam dessa merda. — Não. — Então, por quem tem tesão?

— Não é da sua conta.

— Então, como acha que vou saber se estava evitando que paquerasse ou não? Sou um lutador, não um fodido leitor de mentes.

Jameson caminha para a cômoda, a abre com força, e tira sua camiseta branca e shorts de dormir.

— Bom, você é um parceiro de merda, também.

Franzo o cenho, descontente.

— Eu pareço um maldito parceiro?

Abre a boca.

— Sim! Você literalmente, disse que iria me ajudar!

Um bufo escapa de meu nariz.

— Não com os caras do snowboard. Pensei que se referia aos outros caras hospedados no hotel!

— Tudo bem! — Em derrota, Jameson estende seus braços no ar. — Então vamos nos vestir e sentar no bar do hotel.

Estreito os olhos para ela, cético.

— Já tem vinte e um?



— Oh, meu Deus, te odeio nesse momento. — Bate o pé no tapete com um pequeno bufo, fingindo estar zangada. É um pouco adorável. — Regra número seis: nada de evitar que eu paquere. E sim, tenho vinte e um. Podemos ir agora?

— Uh... Você viu os idiotas que se hospedam aqui?

— Sim, estou olhando para um — Diz, mantendo uma expressão séria durante alguns segundos antes de começar a rir.

— Ha, ha, muito engraçado. — Sorrio. — Para sua sorte, eu não conto.

— Se tivesse deixado Erik me dar seu número de telefone, não teríamos esta conversa. Você foi muito grosseiro com ele.

— Ele usava um moletom amarelo! — Quase não consigo evitar o desdém em minha voz.

Ela me olha fixamente.

— Então?

— Então? Então! Não se pode confiar em alguém que use um moletom amarelo.

Suas sobrancelhas se levantam e ela aponta para meu moletom amarelo.

— Você usa um moletom amarelo.

— Obrigado! Acabo de provar meu ponto. — Sacudo uma penugem imaginária de meu moletom com capuz. — Além



disso, Erik tinha mãos pequenas. — Sem reação? Bom, repito:
— Mãos pequenas? Pequeno...

— Pinto.

— Viu? Você entendeu.

— Não... Você é um cretino.

Deus, ela é adorável quando está discute, tudo em uma enxurrada. Com olhos brilhantes, vivos de interesse, James aperta a roupa de dormir em uma mão e apoia a outra no quadril.

— Vamos para o bar ou não?

— Não. Não até que se acalme. Você está sendo realmente irracional para quem não planeja se deitar com ninguém. — A olho de cima abaixo. — E o que diabos está fazendo com esse top?

Ela rola os olhos.

— Se ficarmos, então eu estarei pronta para ir dormir.

Aponto para o top ofensivo.

— Não nessa merda, não. Não. Jim, nós estabelecemos isso no primeiro dia, esse top me faz querer te foder. Duro.

Dá um sopro pouco feminino.



— Me lembre de novo por que é um problema meu, porque neste momento não estou com humor para receber ordens suas.

— Se o usar, estará quebrando a regra três: não ficar sem sutiã.

— Tente impedir que eu o use, Neandertal. — Jameson me olha com arrogância, recua para a cômoda com os olhos fixos na porta do banheiro aberta. Seus pés nus se aproximam de lá.

Vai correr para chegar lá.

Estou muito tranquilo para alguém a ponto de atacar. Eu a pressiono.

O camundongo se encontra com o gato. *Miau.*

— Nem sequer pense nisso, Clark.

Ela revira os olhos e os desvia para a porta do banheiro. — Puff. Pensar no que?

— Esse ato inocente não vai funcionar comigo, mas foi uma tentativa muito boa. — Tsk, tsk. — Você não vai a nenhuma parte com essa camiseta, Jimbo. — Estendo meu braço, palma para cima, e movo meus dedos. — Dê-me isso.

Jameson bufa cruza os braços sobre o peito, olhos brilhando.

— Não pode me dizer o que fazer.



— Não, mas posso te jogar no chão e tomar isso. O pensamento me excita e meu sangue se esquentar. — Que tal se eu te der vantagem de dois segundos? Um...

Nem sequer termino a contagem, porque Jameson se lança para o banheiro, quase soltando faíscas de seus pés e mais rápido do que um maratonista. Vou atrás, mas ela muda de trajetória, gira rápido para a direita, se esquivar de meus braços estendidos e se joga na cama.

Cai a vários centímetros de distância, se arrasta para a parte superior e depois se levanta para ficar no centro, agitando o top em cima de sua cabeça como uma bandeira da vitória.

— Sim! Chupa essa! — Grita, com o punho no ar, aos pulos no colchão barato e de má qualidade. Com os braços estendidos, estremeço com a visão de seus peitos extraordinários balançando com o movimento. — Chupa essa, Osborne.

— Aww, não é a coisa mais linda. — Cruzo os grossos braços tatuados sobre meu peito. — Não comemore tão rápido, Clark. Agora você está presa.

Isso apaga o sorriso arrogante de seu rosto.

— Maldição — Amaldiçoa com o ar entrecortado. Morde o lábio inferior antes de afastar uma mecha de cabelo da boca. — Eu te odeio agora mesmo.

Não, não o faz.



— Está meio que ferrada. — Me aproximo como um gato, me arrastando através do tapete como um predador espreitando a sua presa. — O que é muito ruim, porque gosto muito disso.

Miau.

— O que vai fazer comigo? — Sussurra. Seu top fino está colado no peito, proporcionando zero proteção.

— O que gostaria que eu fizesse? — Porque posso chegar a pensar em um milhão de ideias diferentes, todas implicam pernas, peitos e bundas. E nus. Muitas ideias de nós nus.

— Um... — Seus olhos se alternam entre mim, o banheiro e a cômoda. Eu. Banheiro. Cômoda. Eu.

Pobre coitada, ela planeja sua estratégia de fuga, mas está claro que falha miseravelmente porque ainda está parada no meio da cama; eu lhe dou um “A” pelo esforço, mas um grande “F” por sua execução.

— Poderia sair correndo — Disse, altruisticamente estendendo minhas mãos. — Ou...

— Ou o que?

— Ou vou até aí e... whoa! Que diabos acha que está fazendo?

Assisto quando ela joga o top branco na cama e coloca suas mãos no cóis da legging de lã preta. Equilibra-se no colchão enquanto a desce pelas pernas, a tira e a joga no chão.



Meus olhos vão para sua pequena roupa íntima azul bebê que cobre o centro entre suas pernas lisas, atraentes.

Rendas. Minha fraqueza.

— Vista a maldita calça de novo neste instante — Digo furiosamente, dando um passo adiante.

— Parece o pai de alguém. — Jameson ri, pegando a borda do grosso agasalho de esquí. — E não vou te chamar de papai tão cedo.

Ela levanta mais o suéter, expondo uma pálida extensão de seu abdômen bem tonificado.

— Pare. Que diabos você está fazendo?

— O que parece, gênio? — Sua risada abafada me insulta. — A vingança é uma piranha.

Deixa escapar um grito e depois um suspiro quando meus braços rodeiam sua cintura nua, a arrasto pelo colchão e a deito de costas.

— Oz! — Ri. — Saia de cima de mim!

— Diga a palavra mágica – Brinco com ela. Como ímãs, meus dedos encontram a pele nua de sua coxa e aterrisam ali por atração gravitacional. Deslizando ligeiramente, não se detêm até que encontram a borda de seu suéter de lã.



O puxo para baixo para que cubra seu estômago tenso, porque Deus não permita que eu tenha que olhar essa merda agora e manter minhas mãos para mim mesmo.

É mais fácil falar do que fazer.

Inclino-me para ela prendendo-a ligeiramente sobre o colchão, com um gancho por seus delicados ombros e pernas até estarem embaladas em meus braços, eu a encaro.

— Diga a palavra mágica — Repito minha voz mais rouca do que queria e muito mais séria.

— A palavra mágica. — Pequena inteligente. Abaixo a cabeça e sussurro no vão do seu pescoço.

— Não, não é assim. Tente de novo.

Estou em chamas. Minha mão se move na parte posterior de seu joelho, sem pressa até a suave coxa, depilada, deixando um rastro de sua necessidade de calor na pele abrasadora. Estendo minha palma completamente, meu polegar acaricia aquele lugar intoxicante da linha de biquíni.

Ela me deixa fazê-lo.

É suave e completamente sem pelos, e agora estou morrendo para saber.

— Depila sua boceta, Jameson?

Um pequeno gemido e um sussurro — Não, eu raspo — faz com que eu morra de dor para vê-la, tocá-la, prová-la.



Debaixo dos suéteres simples de lã, colar de pérolas, sapatos refinados de verniz, Jameson Clark está parecendo ter uma de boceta de primeira. Uma sem pelos dentro de suas calcinhas.

E quero brincar com ela.

— Maldição, isso é sexy. — Ela é completamente atraente. Cada centímetro de seu reservado ser.

Meu polegar passa pela costura de suas calcinhas e Jim ofega como uma boa garota. Inclino-me para ela, desejo pressionar a minha boca sobre sua pele nua visível.

Jameson lambe os lábios.

— Oz, por favor.

— Por favor? Por favor, o quê? — Por favor, me peça para fodê-la.

— Me deixe levantar?

Não soa convencida que isso é o que quer, nem um pouco. Não com todo o arfar. Não com seu peito se movendo de cima para baixo com cada respiração ofegante. Parece como se desfrutasse da pressão de meu corpo duro, o contato de nossas pélvis enquanto suavemente a seguro contra o colchão em um clássico movimento de luta olímpica.

A um centímetro de distância, lhe dou seu espaço e a ajudo a se levantar puxando-a pela mão. Suas maçãs do rosto



se ruborizam e ela olha para o outro lado com um bufo quando está de pé. Ardente. Incomodada.

Agitada.

— Tudo bem, não usarei o top. Você ganhou — Murmura, sem olhar meus olhos escuros. — Me dê sua camiseta.

Coloco-me de pé, acomodo minha furiosa ereção dentro das calças e atravesso o quarto. Agarro a camiseta que está dobrada ordenadamente na cômoda, levo a meu nariz e inalo.

— Mmm, cheira a você. Provavelmente nunca mais a lavarei.

As mãos trêmulas de Jameson se estendem.

— Apenas me dê

— Viu? Agora era disso que eu falei...



CAPÍTULO 16

"A garota que estive fodendo ontem à noite me parou no meio do sexo para tirar seu anel de castidade²³ e atirá-lo no lixo".

JAMESON

Meu Deus tenho que fazer xixi.

Muito.

Na escuridão total, me levanto da cama tão silenciosamente quanto posso para não despertar Oz — que acaba por ser um monopolizador total — e me dirijo para o banheiro medindo a parede revestida com painéis de madeira.

Felizmente a luz já está acesa, a luz do teto sobre a banheira emite um resplendor opaco. Preciso tanto fazer xixi que meus dedos já estão dentro do cóis da calcinha enquanto me dirijo direto ao vaso sanitário. A abaixo até meus tornozelos e me sento com um gemido de alívio.

²³ Anel usado por grupos de abstinência, que representa a pureza sexual.



Faço xixi com os olhos fechados para afastar o brilho, os abrindo apenas quando não encontro a ponta do papel higiênico.

Levanto minha fina calcinha azul pelas coxas delgadas.

Viro-me para dar a descarga.

Levanto a cabeça para me verificar no espelho enquanto lavo minhas...

— Porra, Jameson. — Meu nome se estende em um rouco gemido forçado.

Eu suspiro morta de medo.

— Puta merda! — Grito, batendo uma mão sobressaltada em Oz. Se tivesse uma arma, eu o mataria. — Você é um idiota! Assustou-me até a...

— Porra Jameson.

— Qu-o que... Desculpa. Pensei que estava na cama!

Vou até a pia, nossos olhos se encontram no espelho, os meus grandes pelo susto, os seus de prazer, então finalmente, os passo por seus grossos e dobrados braços que estão bombeando. Seus shorts de atletismo de cor vermelha se encontram ao redor dos tornozelos, sua enorme mão envolvendo o comprimento de seu duro...

— Oh, meu Deus.



Faço uma revisão rápida, só para garantir. Sorvo. Sebastian Osborne está se masturbando no banheiro, e eu acabo de fazer xixi a meio metro dele.

Agora que o vi, não posso esquecer.

E se for ser honesta, não quero.

SEBASTIAN

— Oh, meu Deus! Oz, que diabos você está fazendo?! — A aguda indignação é completamente desnecessária quando Jameson encontra com meus olhos excitados, meio entrecerrados no espelho. Os seus estão arregalados pelo choque, horror e algo totalmente diferente enquanto lança olhares furtivos para minha mão acariciadora.

Duas vezes.

Três vezes.

— Achei que fosse bem óbvio o que estou fazendo — Rosno as palavras travando com cada golpe uniforme. — Além disso, é culpa sua.

— Minha culpa! — Fica congelada na pia, depois se vira para mim enquanto a água goteja de suas mãos molhadas. — Você está se masturbando enquanto urino maldito voyeur! Que diabos há de errado com você?



— Talvez devesse ter pensado em tudo isto antes de se livrar dessa diminuta calcinha e me excitar com sua boceta raspada.

— Eu-eu... Como...

Outro movimento lento de cima abaixo da ponta do meu pau e meus olhos vibram fechados.

— Tudo a respeito de você me excita. Não sei qual é meu maldito problema. — *Merda, isto está tão bom.* — Jesus, Jameson, a porta estava fechada. Quem acha que estava aqui?

— Eu... Você não trancou idiota! Além disso, é uma da manhã! Pensei que estivesse na cama!

— Estava agora não estou.

Pela quarta vez, seus olhos se desviam parando na dura e pulsante ereção na minha mão. Bombeio mais uma vez enquanto ela olha e deixo sair um gemido satisfeito quando ela endurece mais enquanto o seguro.

— Você me dá nojo.

Tão bonita e pequena mentirosa.

— Mesmo? Então, por que está... *Hugh fodendo-me...*? — Gemo. — Por que continua parada aí? Você gosta, não é verdade?

Merda nunca foi um exibicionista no passado, mas tê-la olhando enquanto me masturbo me excita ainda mais.



Putaquepariuessa pequena diabinha adora.

Segundos se passam antes que ela reaja, gire sobre seus pés e saia do banheiro, fechando a porta com um estrondo atrás dela. Treme as dobradiças, mas não escuto seus passos se afastarem.

Em vez disso, reconheço o som de alguém se inclinando contra a porta. Mais alguns poucos segundos e uma garganta se esclarece.

— Ei, Oz?

Acaricio-me lentamente com o som de sua voz, mordo meu lábio inferior.

— Sim?

Evito acrescentar baby, uma resposta instintiva que de algum jeito não acredito que ela aprecie.

Outro golpe rápido. Merda. Foda-se. Estou tão perto de gozar.

— Perdão por ter interrompido.

Meu polegar acaricia a ponta do meu pau, espalha o pré-sêmen, e puxo uma respiração difícil para controlar a inflexão de minha voz quando o primeiro puxão apertado de minhas bolas as faz doer.

De algum jeito, encontro minha voz.



— Tem certeza? Porque estou bastante seguro de que quer ver... *OH merda, isso está tão bom.*

O som de sua respiração pesada chega ao silêncio e a imagino com a testa pressionada contra a fria porta, escutando.

Ela está me ouvindo masturbar, apenas sei.

— Diga alguma coisa.

Com a fala hesitante, ela obedece.

— Regra número sete. — Engole. — Não se masturbar no banheiro.

— James? Mude a regra número sete para que diga: sem sons de masturbação com a porta destrancada e tem um trato.

Incapaz de controlar, eu gemo.

— Tudo bem.

O silêncio é quase ensurdecedor, até que a escuto finalmente se afastando.

— Tudo bem. — Gozo em minha mão, no banheiro mal iluminado.

Sozinho.



CAPÍTULO 17

"Ou tem um cão em seu quarto ou trouxe uma garota para casa. Não posso dizer qual soa mais estranho".

JAMESON

Não consigo voltar a dormir, ele também não.

Tenho certeza de que ele gemeu o meu nome.

Sebastian estava gemendo meu nome, e a última coisa que preciso é ser a estrela pornô em alguma manifestação noturna de um esportista.

Ambos estamos totalmente acordados, o colchão se afunda sob seu peso quando ele se aproxima de mim.

— Ei, James?

Oz raramente me chamou de James desde o dia em que nos conhecemos, sempre é Jim ou Jimbo, e gosto de como soa meu nome sussurrado.

Giro para ele na escuridão, seguindo sua voz, que soa a pouco mais que um centímetro. Compartilhar uma cama é



provavelmente uma ideia horrível, mas agora não tem como voltar atrás e é um castigo muito duro que um de nós durma no chão de um hotel cheio de fluidos corporais.

Só de pensar no que pode haver no tapete me dá calafrios.

— Sim?

Sua voz quebra, tamborilando os dedos no colchão com energia acumulada.

— Qual é a verdadeira razão pela qual me deixou te beijar na biblioteca?

É uma boa pergunta, uma sobre a qual não parei de pensar. Penso em todas as coisas que poderia lhe dizer agora mesmo. Poderia responder que foi pelo dinheiro, que não preciso. Poderia dizer que foi porque sentia pena dele. Poderia garantir que foi completamente um esforço humanitário.

Em vez disso, vou com a verdade.

— Eu confesso, tinha curiosidade.

— Curiosidade de que?

— Nunca beijei alguém como você antes.

— O que quer dizer? — Escuto o sorriso satisfeito, o bastardo está aproveitando.

Exceto que ele sabe exatamente o que quero dizer, bastardo presunçoso; simplesmente quer me escutar dizer as palavras em voz alta, não que eu o culpe. Quem não gosta de



escutar coisas lisonjeiras sobre si mesmo? Galanteios. Adulações.

Belos pedaços masculinos de persuasão não são uma exceção.

— Bom, eu não brinquei quando comentei que você não era meu tipo — Falo em sua direção. Está escuro e mal posso distinguir sua silhueta na cama. — Os meninos com os quais me encontro normalmente são menos...

— Sexys?

Sim.

Escapa-me um suspiro.

— Não. Não era isso que eu ia dizer.

— Menos musculosos?

Sim.

— Não. Normalmente são menos...

— Populares?

Sim.

— Poderia parar de me interromper? — Penso. — Espera. Você acabou de se chamar de popular? Sabe que não estamos no ensino médio, não é?



— Baby, se acha que agora sou imponente, ficaria realmente impressionada com o quanto eu era no ensino médio. Era do caralho.

Não duvido nem por um segundo. Fechando os olhos imagino um Sebastian Osborne no ensino médio, alto, presunçoso e completamente excitante. Se tivesse que adivinhar, imaginaria que ele provavelmente passou sua fase do colégio fodendo no assento traseiro do carro de seus pais desde o primeiro ano, acumulando medalhas e troféus de primeiro lugar em luta olímpica depois de alcançar a equipe universitária no segundo ano. Continuando invicto nos três anos seguintes. Perdendo sua graduação para competir no torneio estadual de luta olímpica...

Está bem. Pode ser que eu acidentalmente o tenha *Stalkeado*²⁴no google.

Acidentalmente.

E não, não dizia nada sobre ele tendo sexo como novato, essa parte eu imagino.

— Nunca disse que achava que era imponente. — Rio, me aconchegando nos lençóis e travesseiros com um estremecimento. — Imponente. Quem ainda diz isso?

Ouçó a brincadeira de Oz na escuridão.

²⁴*Stalkear* é uma gíria do idioma português, baseada na palavra inglesa *stalker*, que significa literalmente "perseguidor". Assim, esse "verbo" costuma ser usado para se referir ao ato de "espionar" ou "perseguir" as atividades de determinada pessoa nas redes sociais.



— Imponente ou não, eu já teria fodido você se estivéssemos no colégio.

Está falando sério? Graças a Deus as luzes estão apagadas, porque minhas bochechas estão ruborizadas e posso sentir meu pescoço arder. Coloco-me profundamente sob a roupa de cama.

— Uh não, não o teria feito.

Zomba de novo, desta vez mais alto.

— Oh vamos, me dê um tempo; você me deixaria te foder. Não conseguiria resistir ao grande D. Todas as garotas morriam por mim.

É tão ridículo que rio, mas sarcasticamente, também o acho completamente encantador.

Argh.

— Más notícias Oz, se acha que agora sou uma desmancha-prazeres, deveria ter me visto no colégio. Eu era pior, prepare-se para a reviravolta da história: eu estava me guardando.

— Para que? Um convento?

— Não idiota, para alguém que me respeitasse, me amasse. Casamento. Não sei, eu era jovem... Ou talvez, simplesmente sabia que não queria ceder a um menino de colégio hesitante e inexperiente.



— Então, para quem acabou dando sua cereja?

Permaneço em silêncio alguns segundos, ignorando o fato de que ele acabou de se referir a minha virgindade como "a cereja" e penso em minha resposta com um sorriso.

— Finalmente me entreguei a um hesitante e inexperiente estudante de universidade do segundo ano porque me cansei de esperar que chegasse um bom menino.

Sua risada soa entre as sombras.

— Teve um orgasmo?

— Não vou responder a essa pergunta.

— Isso é um não.

— Por que...? Argh. Sim, isso foi um não, mas fui recompensada depois. —Encolho meus ombros na escuridão.

Ele balbucia um:

— Interessante... — Seguido de: — Então, o que considera como um bom rapaz?

— Está fazendo aspas no ar?

Oz ri, sacudindo o colchão.

— Sim, como pode saber?

— Você é um pouco tonto. — Não obstante, considero sua pergunta. — Um bom rapaz? Ummm. A resposta é... Não tenho nem ideia. Alguém respeitoso suponho? Que faça o que diz que



vai fazer. Confiável, que não me engane... Que não minta para mim.

— Isso são muitos nãos.

Eu percebo isso agora que disse em voz alta.

— Por fim, eu gostaria de alguém que me fizesse rir.

— Eu te faço rir.

Rio.

— Com certeza faz.

— E sou confiável — Assegura amavelmente. Giro de costas e olho para o teto.

— Sem querer ofender, mas não sei por que me diz tudo isto. Quer se candidatar ao posto?

— Provavelmente porque quero foder com você?

Rolo meus olhos para o teto, ignorando sua resposta vulgar.

— Está bem, vamos falar de você? Quem foi sua primeira vez?

— Ah, eu me lembro como se fosse ontem. Eu tinha quinze anos e seu nome era Penny Vander Wahl. Era amiga da minha irmã mais velha e me deixou fodê-la no celeiro. Definitivamente ela não era virgem. Conta se gozei colocando a camisinha?



Asqueroso.

— Acho que não.

— Sim, provavelmente tem razão, não houve nenhuma penetração. Foi apenas a ponta.

— Oh, meu Deus. Filtro! Filtro!

Seus roncos ressoam na escuridão.

— Sinto dizer isso Jim, mas se acha que isso é ruim, não queira saber o que está se passando dentro da minha cabeça agora mesmo.

Está tão enganado — Não posso evitar pensar. — Tão enganado.

Quero saber.

— Você é tão profundo quanto um atoleiro, Osborne. É claro que sei o que se passa por sua cabeça agora mesmo. Você não tenta esconder que você é o que minha avó chamaria de um libertino.

— Libertino? Merda, não ouço isso há muito tempo. Embora goste.

— Não é um elogio, Sebastian.

Ele ri entre os dentes.

— Se você diz.



Permanecemos em silêncio, mas podia escutá-lo pensando. Até mesmo sentir sua respiração do meu lado. Senti sua mão passar sobre o firme colchão, deslizar sob a parede de travesseiros e pegar a minha.

Com os dedos entrelaçados, me deu um aperto.

— Me alegro de estar aqui.

— Eu... — Engulo o nó na garganta — Eu também.

E estou.

Estou contente de que esteja aqui comigo, apesar de suas travessuras para chegar até aqui. O pateta, bonito e estranhamente bondoso Sebastian Osborne. Meu amigo.

— Obrigado pelo convite. Eu precisava de umas férias.

Na escuridão, revirei os olhos.

— Você acabou de revirar os olhos?

— Não?

— É uma mentirosa terrível, sabia?

— Durma Oswald.

Aperta minha mão de novo.

— Doces sonhos úmidos, Jim.



CAPÍTULO 18

"Ela estava se despindo para mim em vídeo chat, mas tive que deixar no silencioso porque meu treinador estava dando uma bronca na equipe. Isso tirou a maior parte da diversão".

JAMESON

Esquiamos o resto do fim de semana e empacotamos nossas coisas no domingo à tarde para a viagem de 137 quilômetros de volta para o campus. As nuvens cinza se estendem acima, ameaçando nevar, um ocasional floco de neve cai no chão.

Assim que tiro minha bolsa de lona do quarto, a arrastando pelo estacionamento do complexo, um solitário floco de neve cai na ponta de meu nariz e descansa ali. Meus olhos se cruzam e o observo momentaneamente antes que o calor de minha pele o derreta e desapareça em uma pequena gota de água.

Um por um, eles começam a cair. Molhados, silenciosos, e belos, como milhões de pequenos raios que dançam no céu.



Tomo uma respiração, e enquanto inalo e exalo, o calor de minha respiração se transforma em uma nuvem de fumaça. De repente, Oz aparece do meu lado e pega minha mala, a jogando sobre o ombro como se não pesasse nada e me guiando para o ônibus.

Caminho atrás dele, apenas meu notebook e uma pequena bolsa nas mãos. Oz leva tudo.

Depois as bolsas estão armazenadas no nível inferior do ônibus, ele espera pacientemente enquanto procuro os bilhetes em minha bolsa de mão. Me espera subir cada degrau, com a mão apoiada na parte baixa de minhas costas, me guiando. Continua atrás de mim pelo longo e estreito corredor do ônibus. Espera enquanto escolho um assento.

O ônibus não está cheio, longe disso, então posso escolher livremente e me dirijo para a parte de trás onde é privado, escolho a penúltima fila, perto do banheiro.

Guardo minha bolsa debaixo do assento e me sento na poltrona ao lado da janela.

Oz joga sua mochila sobre o assento vazio do outro lado do corredor, senta-se ao meu lado e bate a cabeça no encosto com um ruído exausto. Abre as pernas o máximo que a sua gigante estrutura permite.

— Estou cansado — Rosna, irritado. — Jim, posso apoiar minha cabeça em seus ombros? Só quero dormir um pouco.

— Uh, claro.



Oz então se senta, alcança a barra de seu moletom com capuz e o puxa por cima da cabeça, depois o enrola. Seu alvo? Meu peito.

Ele se vira para mim, tentando amontoar o moletom enrolado debaixo do meu queixo.

Me afasto do pacote dirigido a mim, para o meu rosto.

— Whoa, amigo. Whoa. O que está fazendo?

Ele me dá uma olhada.

— Hum, fazendo um travesseiro. Às vezes os ossos dos ombros têm caroços.

Não posso evitar, então rio.

— Muito bem, mas não quero que me asfixie ao colocar o moletom debaixo de meu pescoço. Me dê aqui, me permita fazer as honras, não preciso que você esmague minha traqueia.

Oz me entrega seu travesseiro improvisado e volto a dobrá-lo para depois enrolar. Reclino o assento, recolho o apoio de braços para conseguir mais espaço e encaixo o moletom no vão de meu pescoço.

Ahh, perfeito.

— Acredito que também fecharei meus olhos. Um cochilo curto não pode machucar.

— Obrigado, Jim.



Sua grande figura se desloca para ficar mais à vontade, as longas pernas esticadas, os pés sob o assento da frente. É como encaixar um pino quadrado em um buraco redondo, ele simplesmente não cabe.

Mais movimentos, mais suspiros descontentes e seu corpo se torce em posição fetal, não é uma pequena façanha para um homem de seu tamanho no estreito espaço que temos.

Faço uma pausa para essa palavra: homem.

Oz é um homem. Um homem sólido, sexual, divertido, preparado e inteligente. Cujas bochecha está enterrada no vão de meu pescoço, as sedosas mechas de cabelo de sua magnífica cabeça fazem cócegas em meu nariz quando inclino meu pescoço para acomodá-lo.

Ele realmente é enorme.

Ofego quando seu tronco se torce e ele se vira para tentar encontrar mais espaço, mudando de posição, seu nariz se enterra em meu peito. Ele desliza seus volumosos braços tatuados ao redor de minha cintura para ficar à vontade, meus braços apoiados por cima de suas costas por falta de lugar para colocá-los.

— Relaxa Jimbo. É só um cochilo — Seus lábios murmuram no oco de meu pescoço, seus braços em minha cintura me dão um aperto, o fôlego quente acaricia minha clavícula. — E não tem problema me tocar.

Ele tem razão, preciso relaxar.



Permito-me um breve momento para apreciá-lo, aconchegado em seu assento, apoiado em mim. Abraçando-me, realmente, me segurando como se fosse seu urso de pelúcia favorito. Seu aroma me assalta; hortelã, xampu masculino. Limpo. Homem. Sua essência faz minha boca se encher de água e meu corpo dói.

Seu aroma me deixa sedenta.

Uma suave camisa de algodão com mangas curtas revela seus poderosos braços. Tatuagens pretas e cor da pele cobrem todo o bíceps esquerdo, envolvendo o antebraço terminando no pulso. As mãos são grandes, calosas. Mãos de trabalhador.

Essas mãos contam uma história. São sólidas. E... Seguras. Causam dor.

Trazem prazer.

Lentamente, por sua própria vontade, minhas mãos encontram seus deltóides²⁵, deslizando o suave tecido da camisa em um movimento lânguido, memorizo os planos duros embaixo. As pontas de meus dedos rastreiam cada curva curiosamente, aprendendo sua forma.

Essas mesmas pontas cavam nos músculos de seu grosso pescoço. Amassando. Massageando.

Memorizando.

²⁵ O músculo deltoide, *deltoideus*, é um músculo proeminente que recobre o ombro.



— Maldição Jim, isso é tão bom — Geme no moletom ainda preso entre nós.

— Durma Oswald — Murmuro em seu cabelo, sentindo mais por ele neste momento do que me permitia admitir.

Sei melhor do que isto. Este cara é um cabo de alta tensão cheio de testosterona; é o contrário do que procuro, apesar de não saber realmente o que seria.

Ele se deita por aí. É áspero. Cru. Rude. Insensível.

Totalmente inapropriado.

Pensativamente, olho para baixo no couro de seu cabelo, resistindo ao impulso de inalar. Apesar de tudo, capto um cheiro inebriante de seu xampu, na realidade é meu xampu porque ele o roubou, e fecho meus olhos, saboreando as diferenças entre ambos.

Sua dureza e minha suavidade. Sua franqueza ao meu toque. Sua virilidade e mi... Merda preciso transar.

Mas Sebastian Osborne é a última coisa que preciso. A última pessoa que preciso... Que me foda.

Houve um tempo em que costumava me preocupar em nunca encontrar um caminho certo. Preocupada porque ficaria sozinha para sempre, sem ninguém para quem voltar para casa à noite, exceto um cão, ou gato, ou peixe. De fato, a maioria dos meus amigos estavam felizes e solteiros. Eles queriam estar.



A propósito.

Livres para fazerem o que quiserem e com quem quiserem.

Acredito que despertei uma manhã e decidi que já não importava; não ter um homem em minha vida não ia me definir não ia me fazer sentir menos e indesejável.

Indesejável. Que coisa mais ridícula de se dizer aos vinte e um anos.

Indesejável, talvez seja uma palavra muito forte porque os homens me desejavam; eu simplesmente não desejava à maioria deles. Claro, estava disposta para a ocasional aventura de uma noite; provavelmente tinha minha mão sob minha calça de pijama mais frequentemente do que Oz usava as suas.

Mas talvez uma aventura para relaxar já não fosse suficiente.

Já não era.

Ou talvez não uma aventura com ele.

Embora esteja sentada aqui, envolvida nos braços de um cara que queria me foder até a morte, um cara que me levaria a um coma de doze horas se eu deixasse, não podia me fazer dizer que sim.

Sim.

O que me fazia não permitir?



O agrupamento de calor entre minhas pernas me deixa inquieta no banco.

— Posso te ouvir pensar — Murmura Oz. — Baby, relaxe.

Baby.

Ele já me chamou assim várias vezes antes, mas desta vez é quase como se quisesse mesmo dizer, se é que isso faz sentido.

É então que sinto suas longas e gigantescas mãos começar sua ascensão, vagando por minhas costas. Para cima e para baixo, se movendo em minha cintura no pequeno espaço que tem para percorrer. Parecem tão quentes e boas, arqueio minha espinha para lhe dar mais acesso, arquear só um pouco, por que... *Oh Deus, isso é tão bom...*

— Não pode me ouvir pensar — Argumento fracamente sem convicção.

— Sim, posso. Leio a linguagem corporal como um esporte, lembra? Relaxa James, não consigo dormir com toda esta energia nervosa.

A linguagem corporal como um esporte.

Segurando um oponente em nada mais do que suas malhas, quente, suado e duro. A imagem catalogada dele naquele conjunto de spandex apertado, as fotos que eu tinha procurado no Google quando ele finalmente ganhou minha



curiosidade, me deixam inquieta, me contorcendo em seu abraço.

Pergunto-me se é assim se sentem ao serem imobilizados por ele.

Pergunto-me se é assim que se sentem ao estar debaixo dele na cama.

Não nele, em cima.

Sem cobertores.

Sem roupa.

OH Deus.

— James. Relaxa. — Então ele inclina sua cabeça para cima, nossos lábios separados por uma fração de centímetros. Lábios cheios e rosados que já provei. Que chupei. Entre os quais estive minha língua.

— Estou tentando. — Suspiro. — Mas é duro.

— Vai *ficar* duro se não parar de se mover.

Nem sequer posso juntar energia para lhe dar um sermão sobre a decência, de tão concentrada que estou em seus lábios. Antes que possa encostar minha cabeça contra a janela, antes que possa fechar meus olhos e fingir dormir, lábios quentes pressionam firmemente contra os meus. Um. Dois beijos. Uma língua úmida salta rapidamente e mede o canto de minha boca.



Sua grande mão segura à parte posterior de meu pescoço, me puxando para baixo, me puxando e apoiando seus lábios nos meus. Meu batimento cardíaco segue o ritmo com os segundos que nossos lábios se unem. Um, dois, três, quatro...

Minhas pálpebras se fecham brevemente e Oz se afasta, acomodando sua bochecha em meu peito.

O sabor de hortelã permanece em minha boca franzida.

— O que...? Por que fez isso? – Até mesmo para meus ouvidos minha voz é inaudível, rouca. Quero pressionar um dedo em meus lábios, mas minhas mãos estão ocupadas de outra maneira, pressionadas nos músculos sólidos e tensos de suas costas.

— Porque queria fazer. Agora relaxa e tira uma soneca comigo. Seja minha calma.

Ser sua calma? Ser sua calma.

— Vou tentar — Digo respirando.

A cabeça de Oz se inclina para cima e nossos olhos sonolentos se encontram.

— Você é linda.

Ele está sempre dizendo isso. Linda.

Eu odeio isso.

Feminista ou não, ainda odeio que nunca seja quente, sexy ou tímida.



Incapaz de paquerar, não digo nada, deixando passar o momento até que seus suaves roncos encham o pequeno espaço que ocupamos em nossa viagem para casa.

A primeira a despertar, sou capaz de me sentar quando Oz se desloca, as pernas abertas e braços cruzados enquanto descansa.

Estudo seu perfil, meus olhos hesitantes em seu bonito rosto, viajando pela fina linha de seu nariz, subindo pelo forte maxilar, minha leitura rastreando o lóbulo da orelha com cada olhada.

Seu lábio se contrai.

— Está me olhando dormir?

Ah, então a fera está acordada.

Sim.

— Não.

— Mentirosa. — Um sorriso aparece em seus lábios, mas as pálpebras permanecem fechadas. — Você esteve me observando dormir todo o fim de semana, não é mesmo, pequeno monstrinho?

— Você me olhou dormir todo o fim de semana? — Brinco, sem esperar que concordasse comigo.



Ele faz uma pausa, abre uma pálpebra e me estuda. Por um segundo, não acredito que responda honestamente.

— Pode ser que o tenha feito uma ou duas vezes.

Sério?

— Sério?

Inclina sua cabeça para o lado, para mim.

— Sério. Você é linda adormecida.

Muito bem então.

— Então, espera. Você não me observou dormir? — Sua pergunta me tira do meu sono e ele me dá uma cotovelada. — Ei, acorde.

— Me deixe em paz. — Nem sequer abro uma pálpebra, simplesmente me viro cegamente em sua direção. — Já lhe disse isso pelo menos cinco vezes.

— Certo, mas eu apenas supus que mentisse.

Um sorriso frouxo.

— Você é ridículo.



CAPÍTULO 19

"Ela tinha um desses abajures que se ativam com o som. A fodi tão duro que cada vez que a cabeceira se chocava contra a parede, as luzes se acendiam e apagavam. Foi genial".

SEBASTIAN

É estranho que eu sinta falta dela?

Ela não é uma amiga com benefícios. Não é minha namorada. E para ser franco, ela nem sequer é uma amiga.

E mesmo assim...

Quero vê-la. Falar com ela. Irritá-la só para ver seu rosto se avermelhar de vergonha.

Enviei a primeira mensagem ao amanhecer desta manhã, depois de correr ao redor do campus, sabendo que provavelmente ainda estava na cama, mas queria enviar uma mensagem de qualquer modo. Sem uma razão legítima para isso, escrevi:

Chegou bem em casa?



Paro de correr, quando o telefone vibra no bolso do meu short, caminho pelo pavimento para manter meus músculos quentes, mas quero ver se era ela.

Jameson: Chegamos em casa faz dois dias, esquisito... Mas o mais importante.

Meu telefone volta a vibrar.

Jameson: SABE QUE HORAS SÃO??

Oz: Sim. 5:47 e para falar a verdade não esperava que respondesse, então não pode se zangar. Você não coloca seu telefone no silencioso quando dorme, como um ser humano normal?

Jameson: NÃO!

Oz: Já que está acordada, quer correr comigo? Eu sei onde mora...

Jameson: Nem sequer pense nisso. Eu vou te matar se aparecer em minha porta. Vou te matar.

Oz: Ou poderia me deitar na cama com você. Me acostumei a compartilhar uma cama com você e a torre de travesseiros bloqueadores de pau.

Jameson: Aqueles travesseiros fizeram seu trabalho. Espera. Por que estou acordada? Por que você está acordado?



Oz: Estou na pista perto do campus, te mandando mensagens.

Jameson: O sol ainda não saiu...

Oz: Está amanhecendo. Eu deveria continuar a me mover. Tenho que estar no ginásio em 5 minutos.

Jameson: Quando é sua próxima luta? Briga? Combate? Lançamento...? POR QUE ACORDOU?

Oz: LOL²⁶ se chama combate, e é na quinta-feira, então sairemos na quarta-feira à noite.

Jameson: Suspiro. Onde é?

Oz: Na Pennsylvania– Penn State.

Jameson: Wow! Quer dizer, estou muito cansada, então a única coisa que posso dizer é Wow, mas... Wow.

Oz: LOL. Estará na biblioteca hoje?

Jameson: Bocejo. Quem quer saber?

Oz: Eu.

Jameson: Bom, nesse caso.

Oz: Sim? Te envio uma mensagem depois da aula esta noite, ok?

²⁶O que é LOL: LOL é uma gíria em inglês que representa a abreviação da expressão "laughing out loud", e em português significa algo como rindo muito alto, rolando de rir, etc.



Jameson: Claro, mas só porque me pegou em meu estado mais débil. Neste momento diria que sim para qualquer coisa que não me incomodasse.

Oz: QUALQUER COISA?

Jameson: Continue sonhando. Tudo menos ISSO.

Oz: Um dia desses vai mudar de opinião, Jameson Clark.

Jameson: vou voltar a dormir.



CAPÍTULO 20

"Quando lhe perguntei quão flexível era, ela me disse que uma vez machucou as costas colocando um absorvente".

SEBASTIAN

— Então, você vai amanhã à noite? — Pergunta James enquanto digita em seu teclado, os dedos ágeis voando sobre as pequenas letras negras.

Levanto o olhar do livro de ética aberto diante de mim.

— Sim. Temos que estar no ônibus às nove. O que é um saco. Perdemos uma hora com a mudança de horário.

A sala fica em silêncio quando ambos voltamos para nossa tarefa. Mas então...

— Alguma vez fica nervoso?

Meus olhos deixam de repassar as linhas e linhas de texto e faço uma pausa para considerar sua pergunta. Alguma vez fico nervoso? Diabos, sim. Todo o tempo, de fato... A adrenalina que me percorre antes de um combate combinado com tudo o



que jogo em minhas vitórias me deixa a ponto de ter náuseas em mais de uma ocasião.

Mas ninguém jamais me perguntou, então considero como responder. Vou com um simples:

— Sim.

— Quando?

Faço uma pausa de novo.

— Quando meus oponentes são da mesma categoria de peso, mas maiores. Mais volumosos. Ou menores. Ou vêm para cima de mim com ressentimento que posso ver quando estão no chão. — E agora estou no embalo, olho distraidamente para a pintura pendurada no lado mais longínquo da sala. — Alguns caras estão tão desesperados para ganhar que você pode ver em seus olhos. Os ansiosos que tem tudo a perder com cada derrota.

Como eu.

As palavras tácitas penduram entre nós.

— Qual é seu histórico?

— Nesta temporada? Acabamos de começar, mas estou em oito à zero.

Invicto, filho de puta.



Impressionada, os lindos olhos azuis de Jameson se ampliam como malditos pires e um pequeno suspiro escapa de seus lábios.

— Sebastian, isso é incrível.

Sebastian.

Meu nome soa como elogio de seus lábios.

Sento-me mais reto, um pouco mais arrogante do que estava uns dez segundos atrás. Quer dizer, não é que as pessoas não me digam normalmente o quão incrível eu sou, mas um elogio da parte de Jameson Clark de algum jeito parece como um triunfo na vida.

Ela não distribui elogios habitualmente.

Não aguenta tolices e não é fácil de impressionar.

— É realmente incrível. — Inflo meu peito e minha postura. — Deveria me ver em ação algum dia.

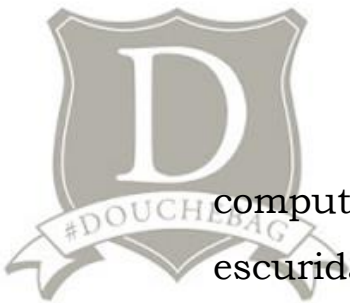
— Eu já vi.

Isto é novo para mim.

— Você viu? Quando?

— Quer dizer, há uma possibilidade de ter procurado no Google... Depois que exigiu que eu fizesse isso, é óbvio.

— Realmente me stalkeou on-line? Estou emocionado. — Por que estou tendo um momento difícil ao imaginá-la em seu



computador procurando merda sobre mim? Possivelmente na escuridão, com sorte se tocando inapropriadamente, preferivelmente usando um pouco de renda e transparência.

O pensamento faz com que meu pau se contorça.

— Quer parar? Não era perseguição. Você me disse para que te procurasse no Google.

Não paro.

— Sim, mas quando foi esta suposta perseguição? Seja específica — Zombo, usando aspas no ar.

Ela parece horrorizada.

— Por favor, pare de chamar assim. — Hesita. — E foi antes que fôssemos para Utah. Queria saber com que nível de egocentrismo estava lidando.

Empurro o livro de texto pela mesa e para fora do meu caminho e me encosto-me à cadeira em que estive plantado durante a última hora.

— Então o quê, eu imploro que me diga, você descobriu durante esta busca? — De novo com as aspas no ar.

Um sorriso se amplia em meu rosto quando o seu se torna escarlate, a pele sob o suéter é de um brilhante e furioso rosa.

— Bem — Começa deliberadamente, limpando a garganta, cada sílaba medida. — Sei que é de Illinois, assim



como eu. Sei que tem uma irmã, e que na escola secundária você era uma estrela.

James hesita, soltando uma rajada de ar. O longo e ondulado cabelo caindo em cascata se eleva do rosto.

— Está aqui com uma bolsa completa. Sei que é um lutador de peso pesado de um metro e oitenta e cinco de altura, mas tem cento e três quilos de músculo sólido com sete por cento de gordura corporal.

— Certo.

— É gentil, e tanto quanto odeio admitir, divertido. Preocupa-se mais com suas notas do que quer que as pessoas saibam, mas por minha vida não posso descobrir por que.

Agarro minha garrafa amarela de água de Iowa enquanto suga seu lábio inferior e morde nervosamente antes de elevar os olhos para me estudar do outro lado da mesa.

— Mm... Cheira bem. Como ar fresco e hortelã.

Minhas sobrancelhas se elevam.

Sim. Isto. É dessa merda que falo.

Inclino-me para ela interessado, mas por outro lado me sento perfeitamente quieto, ansioso para ouvi-la falar mais.

— Continue.

— Você... Tem os braços mais fortes que já vi.



— Tem um fetiche por pernas.

Assinto, com a garrafa de água equilibrada em minha boca cheia de água.

— Certo.

— Sabia que eu não era uma monitora no dia em que nos conhecemos, mas se aproximou mesmo assim.

— As duas vezes — Confirmo, tomando um gole de água, o líquido na temperatura ambiente descendo pela minha garganta.

— Você gosta de trabalhar com suas mãos, e apesar do que todo mundo pensa, também foi o que pensei quando nos conhecemos, não é um mulherengo total.

Cuspo, me afogando com a risada, soltando uma baforada de água no processo até que goteja fria e úmida por meu queixo. Subindo a gola da camiseta de algodão, seco o rosto.

— Como sabe que não sou um mulherengo?

— Não disse que não era, disse que não era totalmente. Primeiro não deu em cima da minha companheira de quarto Sydney, quando teve a oportunidade e provavelmente ela queria que o fizesse, e em sua vida ela não pode descobrir por que. E segundo, não deu em cima de mim em Utah apesar termos compartilhado a mesma cama.



— E não usava calça de pijama.

— Correto.

— Por que fez isso, a propósito?

Suspira alto e longo e entrecortado.

— Ugh, voltamos para isso?

— Foda-se sim, voltamos para isso! — Estou indignado.

— Sabia muito bem o que estávamos fazendo. Ardilosa *Femme Fatale*. Não usar calça de pijama foi suspeito e cruel.

Ela solta uma suave e vibrante risada, doce e encantada, brincando com os botões de seu cardigã rosa pálido.

— *Femme Fatale*? — James põe seus olhos em branco. — Difícil.

Meu olhar desce, fixando no segundo brilhante botão onde seus compridos e magros dedos o colocam e tiram da casa, bem no centro dos redondos e fantasticamente cheios seios... Os seios dos quais tentei roubar uma olhada ao menos uma dúzia de vezes na viagem.

— Por favor — Suspiro, cruzando os braços sobre. — Não me diga que não sabia o que fazia rebolando por aí sem calça.

Seu sorriso se amplia.

— Está louco.

— Tolice. Você sabia que eu estava ficando louco.



— Bom sim, mas... Poderia ter sido qualquer uma correndo por aí sem calça e tentaria se deitar com ela.

— Não estabelecemos que não dei em cima da sua companheira de quarto como-se-chama?

— Sydney. Certo sim, mas...

— E sim eu dei em cima de você.

— Fez? Quando?

— Lembra quando te disse que queria te foder?

Ela revira os olhos.

— Isso não é dar em cima de mim. Isso foi me dizer descaradamente que quer dormir comigo.

— Não dormir. Foder. Há uma enorme diferença, Jim.

— Sabe, justo quando penso que tem alguma sensibilidade muito enraizada morrendo para sair, você a arruína quando fala.

Encolho meus ombros.

— Não pode me culpar por ser honesto.

— Não, mas caralho, Oz, às vezes uma garota não quer tê-lo empurrado por sua garganta assim. Gostaria de ter uma conversa real. Ser cortejada.

A frase “empurrada por sua garganta” me faz querer soltar uma risada como um menino de treze anos. Me contenho



para não fazer isso, mas não posso resistir em mencioná-lo. É muito bom.

— Tem alguma ideia do que acaba de dizer? Disse empurrar e garganta, e imediatamente pensei num boquete. Então nem sequer... Ei, sente-se. Aonde vai?

Ela guarda o computador e revira os olhos.

— Para casa. Tanto quanto eu gostaria de ficar, realmente tenho algumas tarefas sérias para fazer.

— Está irritável para cacete. Se sente de novo, por favor?

— Não estou irritável! — James deixa sua bolsa de novo sobre a mesa e cruza os braços. — Ficarei se puder me dar uma boa razão de por que deveria me sentar de novo e deixar que continue a me distrair. *Uma*. Estou quase certa de que o não fará.

— Quer apostar?

Um decisivo assentimento.

— Sim. Com certeza.

— Ótimo. — Porque conseguirei. — Para começar. O que aposta? Faça com que valha a pena.

— Que tal se você escolher o meu e eu o seu.

Péssima ideia, Jim.



Horrível, horrível ideia. Tão horrível, que praticamente esfrego as mãos em regozijo.

— Tudo bem. Primeiro as damas.

— Se não puder me dar uma razão legítima para que eu fique nesta sala, você tem que... — Jameson franze suas sobrancelhas em concentração. — Tem que... — Faz um pequeno som ao pensar. — Hmmm. Deixe-me pensar.

— Tome seu tempo — Incentivo, me recostando na grande cadeira de escritório de couro da sala de estudo. Giro um par de vezes, a observando deliciosamente pelo canto do olho enquanto morde o lábio, pensando. — Tenho a noite toda.

Fica calada por dois minutos, então estala seus dedos.

— Certo, já sei! Se não puder me dar uma razão, você tem que cozinhar para mim.

Ela está falando sério?

Tento não bocejar com sua entediante ideia, mas é tão patética que deixo que escape.

— Cozinhar para você? Isso é tudo? — Dizer que estou decepcionado é um total eufemismo e deve ser evidente porque ela assente com um sorriso de superioridade. — Cozinhar como em “Vamos comer!” ou cozinhar como em “Você traz o chocolate líquido para o corpo, e eu levarei a língua?”

— Cozinhar como em comida caseira.



Inclino-me para frente na cadeira, o suave assento de couro e as rodas chium ficando tensas sob meu peso quando dou outra volta.

— De acordo. Minha vez.

Deixo que o silêncio se faça antes de juntar minhas mãos com um aplauso satisfeito, as esfregando com prazer.

— Se eu ganhar — Quando ganhar – Vou te prender de novo. Deixo-te cair no chão e te deixo suada.

No tatame, no ginásio, na escuridão, quando não houver ninguém por perto.

Jameson revira os olhos, mas posso ver a dúvida se materializando no seu olhar. Torna-se tangível quando engole apreensivamente.

— Uh, de acordo. Pode me pôr para baixo de novo, eu acho.

Começo a soltar razões pelas quais deveria ficar comigo; elas se derramam de minha língua como o suor goteja de minha testa durante um combate. Líquido, derretido e ensopado.

— Uma razão pela qual ficar? Por que quero que o faça. Segunda razão: você me distrai e não consigo me concentrar a menos que esteja comigo. Três: quero desabotoar os botões de seu maldito suéter. Quatro: óculos. Cinco: poderia precisar de



sua ajuda com uma resposta; você parece realmente inteligente.

Sua boca forma uma reta e pouco impressionada linha com essa última.

— Mas a verdadeira razão pela qual quero que fique? — Prolongo a frase, enfatizando as últimas palavras. — Você é a única garota neste campus pela qual tenho algum respeito.

Afasto-me da mesa e recosto na cadeira, cruzando os braços e deixando que essa informação seja assimilada.

— Bem. — Jameson engole. — Isso...

— Essa é a verdade. Eu te respeito para caralho, e se você for eu também vou, e então não farei nada. Reprovarei em minha tarefa, ficarei para trás e sairei da escola, deste modo me tornando inapto para minha bolsa. Quer isso pendurando sobre sua cabeça?

Aquele descarado sorriso que amo retorna.

— Não, certamente não.

— Bom. Então se sente e pegue seu calendário.

— Para que?

— Eu ganhei, o que significa que vou te derrubar no tatame e você vai gostar, então temos que escolher uma data.
— Ela fica boquiaberta, incrédula. — Agora se sente e faça sua tarefa, Jimmy.



CAPÍTULO 21

"Fingi quase todos os orgasmos que tive, então é bem provável que possa fingir durante este encontro às cegas".

SEBASTIAN

Não sei como me encontro fora da casa de Jameson, em sua rua, em sua varanda, batendo. Mas pela graça de Deus, o universo decidiu me fazer um favor e pela primeira vez em meus anos universitários, minhas aulas terminaram pela manhã.

O treinamento terminou cedo. Não tenho que ir trabalhar.

O ônibus da equipe só partirá mais tarde.

Então aqui estou, de pé diante da varanda de Jameson, com o punho levantado para chamar.

Dou alguns golpes vigorosos e espero. Uns passos se aproximam da porta e fico ereto em toda minha estatura, ponho um sorriso em meu rosto e espero que desbloqueie a fechadura. A maçaneta gira, a porta se abre ligeiramente e surge um falatório vertiginoso.



Não é Jameson.

Meu sorriso fraqueja, mas rapidamente me recupero.

— Olá Sydney. Tudo bem?

Coloco as mãos dentro dos bolsos da jaqueta de inverno e me balanço sobre os peitos dos pés.

— Oz! Olá! — Exclama Sydney, toda cabelo loiro, peitos e entusiasmo. — Chegou minha mensagem? Eu te enviei uma mensagem!

Sim, não me sacaneia. Dez mensagens, tudo chato e sem resposta. Tentei parecer surpreso ante sua revelação.

— Me enviou uma mensagem! Não chegou nada.

Mentiras, mentiras, mentiras e todas rolam de minha língua como o mel. Ela enruga o rosto extremamente maquiado em uma careta.

— Sêrio? Ah. Deve ter algo errado com meu telefone. Terei que levá-lo ao conserto para que olhem.

— Sim, boa ideia. Então... — Vou direto ao assunto. — Jameson está em casa?

— Jameson?

— Não tínhamos planos, então pensei que poderíamos ir à biblioteca ou algo assim.

Basicamente ou algo assim.



Qualquer coisa.

— Ela não está aqui e não sei quando estará de volta, mas acontece que estou livre. — Sydney gira timidamente uma mecha loira, depois joga o cabelo sobre o ombro. — Vamos, vamos tomar um sorvete. Sorte sua! Será divertido.

Sei, eu com sorte.

Fico quieto, debatendo se deveria ir ou não tomar um sorvete enquanto Sydney volta a entrar, saindo alguns segundos depois com uma jaqueta e uma bolsa, como se tudo estivesse decidido.

Merda.

Ela gira sobre os calcanhares, gritando na casa antes de fechar a porta atrás dela e sair para a varanda.

— Allison, Oz e eu vamos tomar um sorvete! Se James voltar, diga que voltaremos a qualquer hora!

Ou não, quase resmungo.

Porque a última coisa que quero é que Jameson descubra que voltei a sair com sua maldita companheira de quarto. Não sei porra nenhuma sobre mulheres, mas sei que ela ouvirá sobre isso e ficará com a impressão errada.

Sydney me arrasta até a caminhonete, pela qual me matei de trabalhar para ser dono e acabei de pagar este mês e pula no assento do passageiro com alegria.



Com pressa para acabar o mais rápido possível este encontro de sorvete, faço rápida a viagem. Peço uma casquinha de chocolate com raspas, para viagem. Volto para a caminhonete. Dirijo de novo para a casa de Jameson velozmente com Sidney falando idiotices sem parar ao meu lado.

Tocando minha perna. Rindo. Tentando o impossível para ser graciosa e começar uma conversa comigo.

Em vez de prolongar o passeio, deixo-a diante de seu quintal antes de chegar ao final de minha casquinha.

Se percebe minha pressa, é muito educada para comentar, sorrindo amplamente todo o tempo, até o momento em que estacionamos diante da casa.

— Oh, olha! James está de volta!

Oh, estupendo.

Sydney sai antes que eu possa me opor e abre de repente a porta do motorista, agarra meu braço e me puxa.

— Vamos para dentro e dizer olá.

Cada passo sobre a calçada de entrada é como se estivesse partindo para minha execução com correntes de cimento em meus tornozelos. Forma-me um nó no estômago e me sinto...

Tento identificar como me sinto neste maldito momento e é... Merda.



Sinto-me um merda.

Um pouco doente.

Agora estamos na varanda e Sydney atravessa a porta, tagarelando. Hesito, tenho os pés fixos no cimento em sua varanda coberta, sem querer chegar mais à frente.

— Não vai entrar? — Pergunta Sydney, a porta aberta quando nota que não entrei na casa atrás dela.

Não. Negativo.

— Eu deveria ir.

— Mas... — Ela para. — Eu deveria chamar James?

Não.

— Claro.

Ela desaparece na suave luz da sala de estar, seguida por vozes, algumas portas se abrindo e fechando, e a aparição de...

— Jim.

Ela está de pé sob a entrada, agarrando a maçaneta da porta com a mão.

— Olá.

A primeira coisa que noto sobre Jameson é que está com o cabelo solto, caindo sobre os ombros, um pouco agitado pelo vento e despenteado, como se dirigisse com os vidros abaixados. É sexy.



A segunda coisa que noto é que ela não está vestindo uma jaqueta de malha, um suéter ou um cardigã. Uma calça apertada abraça as curvas de seus quadris e não posso evitar deixar o olhar sobre a gola em V, desgastada, da camiseta com o decote muito baixo.

— Olá.

Jameson revira os olhos, a agressão passiva gravada em seu belo rosto.

— O que aconteceu?

— Eu vim antes para te ver.

— A-ha.

— Você não estava aqui.

— Não. — Passa o olhar sobre mim com cautela. — Estava fazendo um trabalho. Voltei quando estava saindo. Com a Sydney.

Com a Sydney.

Com a maldita Sydney.

Maldito seja tudo.

Imediatamente enfio as mãos nos bolsos.

— Hoje eu tinha tempo livre, então pensei...

— Em conseguir um sorvete?



Sim.

— Não.

— Não, não conseguiu um sorvete?

— Sim. Conseguimos.

Seu sorriso triste é forçado.

— Que ótimo. Foi bom?

Então a estudo, avaliando seu humor. Quero dizer, claramente está zangada, mas calma, tranquila e pacífica Jameson não me enganam. Ela me dá medo, mas não me engana.

Muito ruim que eu não saiba como agir sem me colocar em problemas. Quer dizer, ela está com ciúmes, certo? É disso que se trata?

Está irritada e vai me forçar a admitir que sair com sua companheira de quarto foi um movimento imbecil.

Merda, merda, merda.

Prossigo com cautela.

— Eu vim aqui para te ver. — Não a sua maldita companheira, que admito ser incrivelmente atraente, mas em quem não tenho nenhum interesse. Nem para uma trepada rápida. — E talvez sair contigo.

Jameson estica os braços, apontando para a porta aberta.



— E aqui estou.

— Como disse, eu tinha um pouco de tempo. Não muitos deveres nem redações. — Remexo os pés na varanda. — O treinamento acabou cedo. Nosso ônibus não parte até mais tarde.

— Encantador.

Suas respostas curtas estão me intimidando. Inalo e continuo:

— De todo modo, como tinha este tempo, pensei que podíamos você sabe, fazer algo...

— Ah, isso é tããããooo estranho — Interrompe.

Sim. É uma armadilha, posso ouvir na forma em que sua voz de repente se torna muito alegre. Muito borbulhante. Muito falsamente feliz enquanto me lança adagas com o olhar.

— O que é estranho?

— Bom você disse que veio aqui para me ver, mas... Céus, não sei. Partiu daqui com a Sydney, então... Estou um pouco confusa de como tudo isto funciona.

— Eu fiz. — Quantas vezes tenho que explicar? Tiro o telefone do bolso e verifico a hora. — Já fiz a mala para a viagem e ainda é cedo se quiser...

Jameson limpa uma pluma imaginária da frente de sua camiseta, depois olha para o pátio sobre meu ombro.



— Não, obrigado.

— Tem certeza?

Ela solta uma risada curta que não faz nada para esconder a dor brilhando em seus olhos.

— Oh, sim... Tenho certeza.

— Mas te verei na segunda-feira no ginásio quando voltar de viagem, não é?

Dá um breve assentimento.

— Trato é trato. Eu prometi que o deixaria me derrubar no tatame, então é isso que vai acontecer.

— Às onze e quinze?

Jameson suspira.

— Estarei lá, Sebastian. Pare de insistir.

— Usando uma camiseta sem mangas?

Emite uma suave risada.

— Não. Não usarei uma camiseta sem mangas.

— Mas é o uniforme exigido.

— E se não usar?

Penso nisso durante um segundo, a imagem mental de Jameson vestindo nada além de um body preto é muito para resistir. Toda essa suave pele cremosa exposta.



— Regra número oito: ambos temos que estar adequadamente vestidos se formos fazer isto. Faça o que puder para encontrar algo preto. — E apertado. E decotado.

Um forte suspiro prolongado.

— Está bem.

— Bom.

— Ótimo. – Ela se afasta, um sorriso luta para romper a apertada linha de seus lábios.

— Está bem, então estamos combinados. Oh, James?

— Sim, Oswald? — Desta vez ela me dá um sorriso de merda ao fazer uso do meu apelido; um que planejo eliminar com meu próximo anúncio, passando o olhar de cima abaixo por seu corpo com o olhar semicerrado.

— Não usamos nada debaixo das camisetas.

Suas sobrancelhas se erguem com preocupação.

— Nada?

— Nada.

A deixo lá, de pé na varanda boquiaberta. Viro-me e vou até minha caminhonete, assobiando todo o caminho.



CAPÍTULO 22

"Sabia que quando uma fêmea está no cio, ela grita e os machos seguem seu som e às vezes brigam entre si para conquistá-la?... Até agora não consegui que um menino me responda uma mensagem de texto".

JAMESON

Nada poderia ter me preparado para ver Sebastian Osborne em seu uniforme de luta; nem as imagens de busca do Google, nem as fotos de publicidade do departamento esportivo da universidade, muito menos as imagens vívidas alimentadas por minha imaginação hiperativa.

O drama da semana passada com a Sydney se evapora, substituído por vê-lo nesse elegante, e colado ao corpo spandex; é nada menos que um milagre.

Um presente de Deus para as mulheres.

Um terrível objeto de uma só peça em poliéster construído exclusivamente para incomodar meus níveis de estrogênio.

Mostra. Absolutamente. Tudo.



É preto com a mascote da escola no centro, as alças de corte baixo sobre os ombros abraçam seus músculos peitorais, se afundando para baixo emoldurando a parte inferior de seu corpo. Os abdominais, o esterno, desde os duros mamilos até o vale do peito bem desenvolvido...

Seu tudo. Posso ver cada detalhe gloriosamente bem definido.

Uff.

Eu o vejo se esticando sobre as plantas dos pés antes que me veja sair dos vestiários do ginásio de treino dos lutadores. Examino o centro acolchoado da sala, fingindo interesse pelo reluzente piso de madeira e o recentemente pintado logotipo da escola nas paredes de concreto.

Oz está parado, as mãos nos esbeltos quadris, um sorriso se estendendo no rosto ao me ver sair do vestiário usando apenas um collant de bailarina preto, pelo qual corri pela cidade como uma louca procurando, me dando conta muito tarde de que não há nenhuma loja de balé nesta cidade universitária. O único lugar que vende algo remotamente parecido a um collant é na Target, e esses?

Esses são para crianças.

Então, sim. Estou usando um em tamanho extragrande para criança, que não fica exatamente bem. De fato, não fica nenhum pouco bem.



Preto, sem mangas, e muito apertado. Tento ignorar isso e me obrigo a cruzar o frio piso de madeira, puxando o tecido que está entrando na minha bunda. Tudo porque Oz é um idiota que insistiu que eu vestisse um.

Uma só luz brilha sobre um tapete azulado no centro do piso do ginásio, uma lâmpada pendente, como se veria nos filmes.

A escuridão cobre as curvas da sala. Aponto para luz acima.

— Eh, você planejou isso? É muito horripilante.

Sorri.

— Pode ser que eu conheça o pessoal da limpeza, e agora lhes devo um favor. — Ele me olha de cima abaixo. — Por sinal, você está quente.

Insegura, puxo as alças que mal cobrem meus peitos. Porque. Sou. Uma. Idiota.

— Quente como uma "stripper barata"?

— Não. Quente como uma "bailarina stripper barata". De onde tirou essa coisa?

— Target, porque não tive tempo de pedir um nessas lojas de balé on-line e foi o único lugar que tinha.

Seus belos lábios esculpido deslizam para uma curva conhecida.



— Você não tem Prime²⁷? Demoraria apenas dois dias para chegar.

Quero me dar um tapa na cara porque é verdade. Em vez disso, ignoro completamente a pergunta.

— Estou congelando aqui; podemos terminar com isto? Sinto que estou a ponto de ser posta debaixo de um microscópio.

Avanço na sala através do brilhante e suave piso de madeira. Consciente de minhas pernas nuas e sem cor. Meus pálidos e sardentos braços. Minhas unhas pintadas de rosa às quais cairia bem uma camada fresca de esmalte.

Hipersensível a Sebastian me olhando com os pés descalços enquanto cruza o espaço, tento não olhar sua glória masculina. Seu corpo tenso e largo, os esbeltos quadris, as enormes coxas. Seus bíceps tensos e ondulantes. Seu relevo...

Oh, Deus.

Não posso olhar. Mas tenho que olhar.

Meus depravados olhos viajam despreocupadamente de sua definida clavícula até os peitorais duros como rocha, os abdominais planos e tonificados, e cada centímetro de seu largo, grosso e visível pau sob a fina e justa malha sem mangas.

²⁷ Status de cliente que tem algumas vantagens, em determinadas lojas, dentre essas vantagens o envio mais rápido da mercadoria.



Que Deus abençoe o desenhista desse horrível traje.

Meus olhos se abrem quando se instalam em seu comprimento, à vista no tecido de spandex que não deixa nada à imaginação porque ele não usa nada debaixo.

Nem sequer um protetor.

Engulo saliva.

Dou mais alguns passos cautelosos. Vacilo.

— Assustada? — Pergunta não realmente em uma brincadeira. Surpreende-me com o quanto soa... Sincero. Preocupado. — Animada?

— É difícil se animar quando não sabe o que esperar. — Cruzo os braços sobre os seios que sempre considerei de porcelana; não viram o sol em meses e agora só parecem... Brancos. Brancos, brancos, brancos.

— Então tem medo.

Dou um só assentimento.

— Um pouco.

— Não tenha. Vou cuidar muito bem de você. — Ele se move sob a única luz fraca. — Talvez você goste.

Engulo nervosa.

— Não é provável.

— Não rejeite até provar.



— Você me irritou ultimamente. — Dou um pequeno bufo de indignação. — Tem sorte que eu vim.

— Tínhamos um trato.

— E estou aqui, não estou?

Seu olhar entreaberto se move para cima e para baixo sobre mim, tão terrivelmente descarado, que um arrepio percorre toda minha pele, todo meu corpo.

Estremeço.

— Descruze os braços, Jim. —bate uma palma. — Vamos começar esta festa.

Não posso evitar, com uma risada nervosa, deixo cair meus braços de lado e fico ali parada inquieta e desajeita.

— Quando chama de festa, não soa tão horrível.

Suas enormes mãos se esfregam alegremente.

— Não pensei em mais nada todo o dia além de te derrubar. Ter você debaixo de mim. — Ele dá um passo deliberado para mais perto. — Sem estudar. — Passo. — Sem treinar. — Passo. — Sem trabalhar.

Ele para com apenas centímetros nos separando. Apenas.

— E aqui está. Jameson Clark, em meu ginásio. — O calor que se irradia entre nós é como combustível. — Então. O que vamos fazer a respeito, Jim? Alguma sugestão?



Dois collants pretos. Duas figuras magras.

Uma dura, uma suave.

Elevo os olhos para encontrar com os seus, balanço minha cabeça de um lado para o outro, a boca seca.

— Nada? Sério, James? Nenhuma sugestão, nem sequer uma? A boa notícia é que tenho várias para ambos.

Faz com que essa simples declaração soe suja, pervertida e quente.

Meus níveis de estrogênio disparam, os ovários vibram em silêncio.

A mão quente de Sebastian aperta meu braço, deslizando lentamente para meu cotovelo. Estremeço quando minhas partes femininas fazem... Coisas inapropriadas.

— Está tudo bem, Jimbo. — Sua voz está baixa. Erótica.
— Isto é o que vamos fazer: vou te mostrar como ficar em posição, depois vou te dar a volta sobre suas costas. Está bem?

Olho fixamente para seus peitorais.

— Jim, assinta se entendeu.

Movo a cabeça para cima e para baixo.

Ele sorri para mim, todo testosterona e atração sexual e acaricia meu queixo com sua mão enorme.

— Deus, você é muito linda.



Linda? Eca!

— Dobre seus joelhos assim e imite minha postura. — Me solta e recua se agacha e afasta ligeiramente as pernas, joelhos dobrados e costas curvadas. — O ponto é centralizar sua gravidade.

Imito sua postura.

— Assim?

— Exatamente assim Jameson. — Sua voz é uma carícia delicada, suave, sexy e baixa, e ruborizo ao ouvi-la, meus ovários dando outro suspiro. — Agora. Estenda suas pernas, sim, estenda assim, e pise firme com seu pé, assim. Chamamos isto de perna de apoio.

Com meu trêmulo pé direito, dou um passo para frente.

— Agora levante suas mãos em uma posição de proteção. — Assente com aprovação quando o faço corretamente, os olhos examinando meu corpo. — Vou baixar a cabeça e mirar seu quadril, ok? Porque sou maior, poderei te colocar na posição que preciso que esteja para poder te levantar.

Mal consigo consentir. Minha respiração é difícil e mal posso suportar a ideia de que me toque, muito menos que me manipule, sem que me excite e me doa por toda parte.

Quente, dolorida e úmida. Terei que sofrer com isso...



Ele me olha, relaxado e tranquilo, gasta um doce e torturante tempo me estudando. Avaliando. Calculando. Dolorosamente lento.

Baixa seu olhar velado, meus mamilos se endurecem e suas narinas inflam quando esses mesmos olhos quentes passam sobre meus peitos, aterrissam e ficam ali.

— Não há pérolas hoje? — Pergunta.

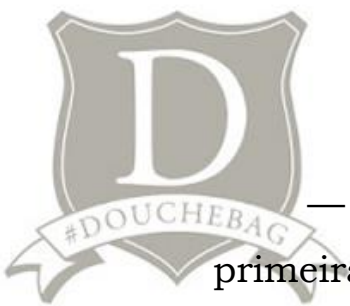
— Sem pérolas — Sussurro.

— Que pena— Sussurra de volta.

Baixa de novo sua postura, com as pernas dobradas em ângulo baixo, sobre as pontas dos pés para encontrar o centro de gravidade. Avança para mim com suas mãos estendidas, estirando-se para baixo. Chegando até que essas grandes mãos roçam a parte interior da coxa de cada perna.

Minha respiração tropeça quando seus polegares acariciam esse vale limpo e raspado entre minhas pernas antes de deslizar suas mãos sobre meus quadris para acariciar minhas nádegas.

— Essa não é uma técnica de luta. — Ofego quando se aproxima um pouco demais da minha fenda para ficar confortável, ele desliza suas mãos por minhas costas e pressiona com movimentos ligeiros.



— Deveria ser — Murmura. — Isto é mais excitante que a primeira vez que tive você debaixo de mim, provavelmente porque desta vez posso ver seus seios fantásticos.

Antes que eu possa protestar, suas grandes mãos estão debaixo de minhas coxas, agarrando meu traseiro.

Meus pés se levantam sem esforço do chão.

Levantada.

Dando volta.

Com as costas retas contra o plástico fresco, inesperadamente sou esticada no tatame olhando para o teto, meu cabelo solto espalhado ao meu redor.

Minha respiração se acelera quando Oz desloca o braço que enganchou debaixo de minha perna esquerda, as calosas palmas de suas mãos grossas deslizam suavemente pela pele pálida da minha panturrilha. Ele a acaricia de cima a baixo até que minha respiração se torna difícil.

— Ai, ai — Me acalma. — Isso não foi tão ruim, não é?

— Você faz parecer muito fácil.

— Isso é porque sou bom nisso — Zomba, se deitando sobre mim, com os braços embalando minha cabeça em suas grandes palmas, acariciando meu cabelo. — E porque você é pequena.

— Só me sinto pequena porque você é muito grande.



Em todas as partes.

Sua sobrancelha direita se eleva, a boca se curva em um sorriso.

— Certo. Eu sou grande.

Em todas as partes.

Os dedos grossos deslizam deliberadamente sobre minha perna, atrasando-se na fina pele perto de minha virilha, a palma plana, seu polegar acariciando minha linha do biquíni. Minha respiração é forte; o polegar de Sebastian engancha no tecido da costura de meu collant, o separando de minha pele, flertando perigosamente perto da mi... Onde mais quero.

Oh, Senhor.

Seu toque é o mais ligeiro tremor de um suspiro e me sinto... Tão bem que poderia ter um orgasmo com ele se me permitisse isso.

Sinto um calor subir pelo meu peito, e resisto ao desejo de abanar o rubor em minhas bochechas. Nunca tive tanta dificuldade para respirar, não é? Nunca me pareceu tão difícil não mover os quadris. Precisei de toda minha força de vontade para não me contorcer embaixo dele. Esfregar. Mexer.

Contenho um gemido.

Ele não é meu tipo, não é meu tipo, não é meu tipo.



— Realmente era necessário vestir este estúpido body? —
Ele precisa tirar sua mão dali antes que eu envergonhe a mim mesma.

— Não — ronrona. — É óbvio que não, mas não achei que fosse justo eu ser o único a mostrar a mercadoria.

— E eu caí na armadilha.

— Anzol, linha, chumbada. Nasce um otário a cada minuto — Dizem seus lábios enquanto os dedos finalmente viajam para acariciar meus quadris.

— Está me chamando de ingênua?

— Não, mas espero que seja uma tola, porque *eu* sou.

— Bom isso foi um pouco pervertido.

O ar ao redor de nós é tão grosso quanto o tendão do seu pescoço, como seu comprimento rígido que está pressionado contra a parte interna de minha coxa, esticado dentro da malha sem mangas de spandex.

— Um — Inicia a contagem, batendo no colchonete com a palma. — Dois. — Sua cabeça se afunda. — Três. Para o vencedor os despojos.

Gira a cabeça, sua língua traça um suave e úmido rastro entre o vale de meus seios fartos; do decote de meu collant, ele lambe até minha clavícula. Lento. Sexy. Mordisca minha clavícula e suga.



Úmido. Quente.

Úmido.

Oh, doce menino Jesus, Santa Mãe de...

— Pare. — Ofego quando ele lambe meu pescoço. — Sebastian, pare. — Ofego de novo. *Deus me sinto muito, muito bem.* — Regra número nove: não faça isso se não estiver falando sério.

— Oh, maldição — Rosna em meu pescoço, sua língua declarando guerra a cada célula do meu corpo. Atrás de minha orelha. Pela minha clavícula. Meu corpo dolorido e desesperado.

— Isso não é o que quero dizer. Não acho que posso fazer isto. Não com você. Sinto muito, tanto quanto...

Por mais que eu o queira, queira seu corpo, senti-lo em cima de mim... Não posso. Não posso fazer o que ele fez com muitas outras mulheres que me precederam a menos que tenha pensado bem. As fudas casuais não são a minha.

Ele se inclina para trás para me olhar, uma máscara ilegível em seu rosto.

— Não se desculpe. Eu entendo. Vou parar.

Nem sequer me dou conta que prendo o fôlego até que o solto, o ar é expulso de meus pulmões com um suspiro decepcionado. Estúpida, James estúpida, pensando que talvez



ele diga algo diferente. Pensando que talvez tente me fazer mudar de opinião.

Pensando que talvez... Não.

Não o faz.

Em vez disso me olha, pensando bem. Assimilando-me. Ele abaixa a cabeça de novo e roça o canto de meus lábios com a boca. Um lado e depois o outro, com muito carinho como se quisesse fazer meu coração chorar de arrependimento. Planta um beijo suave em minha têmpora. Bochecha. Na extremidade de meus olhos, fazendo que batam as asas fechados por si mesmos. Agitando, agitando as asas fechados com um suspiro.

Bem aí. Neste lugar, meu lugar favorito para ser beijado: a suave pele debaixo de meus cílios inferiores.

— Pode estar dizendo que não deve — Cantarola perto de meu ouvido. — Mas você gosta, não é mesmo Jim?

Reúno um brutalmente honesto e ofegante:

— Uff, sim.

Deus, sim.

— Eu deveria fazer de novo? — HUMMM.

Sim por favor, diz meu assentimento.

Ele faz, pequenos beijos chovem sobre a delicada pele. Beijos suaves. Cuidadosos. Um de cada vez, os ligeiros



batimentos do meu coração mantendo o ritmo de seus belos lábios.

Os quentes e carnudos lábios cobrem minha boca suavemente, e pelo leve intervalo de um segundo, meus olhos se abrem, desejando gravar este terno momento entre nós.

Os olhos de Sebastian estão fechados. Maços do rosto altas. Seus lábios, descansando sobre os meus, esperando. Procurando. Perguntando.

Respondo, separando lentamente meus lábios, a língua hesitante explorando a sua. Elas se misturam. Chupam. Giram até que ambos gememos o um com o outro.

— Deus, James, eu quero...

Sua grande mão esfrega o interior da minha coxa suavemente, percorre a longitude do meu quadril e sobre o poliéster barato do meu collant preto mal ajustado enquanto seus lábios trabalham em minha boca. Em direção aos meus sensíveis seios. Arrastando o dedo indicador ao longo de suas partes inferiores, ele o esfrega preguiçosamente para frente e para trás contra minha sensível carne até que estou arqueando as costas, desejando que me toque.

Faça qualquer coisa, qualquer coisa, para mim. Desejando mais. Desejando mais que algumas poucas carícias rápidas em um piso do ginásio.

Choramingo quando sua boca quebra o contato.



— Sim, Sebastian? O que quer?

A mim. Diga que me deseja. Diga que quer sair comigo e passar um tempo e chegar a me conhecer. Não só ter sexo comigo em um ginásio frio.

Diga as palavras e sou sua.

— James baby, quero que me monte todo o caminho até a cidade do sexo.

Espera.

O que?

Ele não disse só isso.

— O que disse?

Uma profunda risada afoga seu peito.

— Sempre quis fazer sexo neste tatame. Chamo de uma fantasia infantil e louca. Está de acordo?

É oficial: ele é um cretino e o momento está arruinado.

— Sério Oz? Não tenho ideia do que dizer, mas não. Não, não quero fazer sexo no tatame de luta olímpica. Eu... Isso não é o que eu esperava que dissesse.

Seus dedos retiram alguns cabelos errantes de meus olhos.

— O que esperava?



Dou uma risada curta e sarcástica.

— Achei que você gostava de mim.

— Sim eu gosto de você.

— Não Oz. Pensei que você gostava de mim. O suficiente para você sabe... — Oh, Deus, como posso dizer isto? — O suficiente para querer algo mais. Na semana passada quando saiu com a Sydney, você feriu meus sentimentos.

Agora ele está ligeiramente afastado, seu corpo comprido e firme ainda pairando.

— Merda, eu sabia que estava com ciúmes.

Conto até três.

— Eu não disse que estava com ciúmes; e sim que feriu meus sentimentos.

— Você está me pedindo que me comprometa com você, James? Porque não acho que estou pronto para me prender a uma só pessoa.

Ficamos quietos. Imobilizados, respirando pesadamente, consumidos pelo balde gelado da realidade, que acaba de cair sobre nós dois. Minutos passam, não sei quantos, até tentar empurrá-lo.

É um esforço tão lamentável que sua massa sólida não se move.



— Se prender? Não. Tudo o que disse, achei que você gostava mais de mim do que para rolar na sujeira do chão em um ginásio. Você nem sequer saiu comigo, e saiu com minha companheira de quarto duas vezes.

— A segunda vez foi um acidente.

Estremeço, por não me dar conta até este preciso momento sobre o quanto realmente me preocupo com ele, o quanto que eu gosto dele. E não só gosto como estou falando que gosto muito. Um amor à moda antiga, como de pátio de recreio. Mariposas, fantasias sexuais, sonhos, cuidados, corações.

Todos os sentimentos.

Todos eles.

Estou desenvolvendo a maior paixonite do mundo por ele, desenvolvendo dores por ele de forma que não imaginava que fossem possíveis.

— Não deveríamos estar aqui agora – Ele geme sobre meu cabelo, o acaricia com sua mão enorme, a respiração em minha têmpora. Meus olhos piscam, lágrimas ameaçam cair ao escutá-lo dizer descuidadamente. — Isto foi um erro. Se alguém da equipe descobre, nunca irão parar de falar disso.

— Então, por que me trouxe aqui?

Ele dá de ombros, ainda em cima de mim.

— Você perdeu a aposta.



— Essa é a única razão?

— Que outra razão haveria?

É verdade. Que outra razão?

Imbecil.



CAPÍTULO 23

"Bati em seu traseiro depois de que fizemos sexo e deixei minha mão impressa em sua bunda. Disse que era como deixar um selo de cinco estrelas".

SEBASTIAN

— Ouvi que estive no ginásio de treino outro dia com aquela garota bibliotecária.

Um de meus companheiros de equipe se aproxima, pingando água do chuveiro, a toalha jogada sobre os ombros e outra envolvida ao redor da cintura.

— Sim. — Viro minhas costas para remexer em meu armário vestiário para equipes visitantes. — Como ouviu sobre isso?

— Gunderson.

Gunderson? Ele é um estudante do primeiro ano e equipe PNS (AKA Pé No Saco), e pelo visto um mexeriqueiro puxa-saco com o nariz enterrado no traseiro do Cannon.

— O que mais o fodido Gunderson disse? — O merdinha.



— Nada. — Meu companheiro ri, atirando sua toalha no banco. — Só que fez com que o zelador abrisse o ginásio de treinamento e tirasse alguns colchonetes. De qualquer modo, o que fazia com ela ali, inaugurava os pisos novos?

Com o financiamento de uma generosa doação de uma ex-aluna, o ginásio de luta recentemente teve uma reforma completa dos pisos, murais e alguns dos equipamentos maiores.

— Não. Não estava inaugurando o piso novo.

— Então, o que estava fazendo... Jogando a porra do Twister?

— Sabe o que, Cannon? Não é da sua conta.

O idiota estudante de segundo ano apunhala um dedo em seu peito.

— Tem razão, não é assunto meu, é a merda do assunto de todos nós. Aquele também é nosso ginásio irmão; e você não me vê levar garotas para lá. Se concentre na maldita luta.

— Ele tem razão, Ozzy. Você sabe que não são permitidas namoradas no ginásio. Fode com a cabeça de todos.

Merda, ele tem razão.

Eu não estive focado.



Não estive treinando tão sério porque estava preocupado. Esta coisa com a Jameson faz um nó de culpa se embolar no fundo do meu estômago.

O olhar em seu rosto quando ela se afastou me perseguiu durante toda a semana.

— Ela não é minha namorada.

— Então não entendo por que foi naquela viagem de snowboard quando poderia ter ido para Daytona com a equipe. Cara havia tanta boceta que é um milagre que eu seja capaz de caminhar. — Grita um bronzeado Zeke de uma cabine do chuveiro. Sua ressonante declaração ecoa nos azulejos e ricocheteia no teto. — Meu pau ainda está dormente.

— Eu te disse que queria relaxar.

Um bufo.

— Ah. E o snowboard é relaxante agora, não é?

— Bom, não. Mas a paisagem era bonita. — Jameson era bonita. Jameson é bonita.

— Bonito. — A voz de Zeke é monótona, pouco impressionada. O ouço fazer uma pausa. — O caralho, amigo.

— Espera — Intervém Aaron Bower. — A menos que me diga que deu uma nessa viagem. Quer dizer, tinha que haver coelhinhos de neve em algum lugar, não é verdade? MILFs? Donas de casa entediadas com sucção de aspirador?



Ele faz um som de sucção com a boca, bombeando seu punho contra sua bochecha, simulando um boquete.

— Certo? — Zeke está de acordo, ainda dentro da ducha.

— A última vez que minha mãe viajou durante as férias da primavera, se agarrou com alguns imbecis da Ivy Leaguer²⁸ andando pela piscina do hotel.

— Daniels, sua mãe parece como uma senhora puta — Vem um grito de brincadeira.

— Bem como a sua, Santiago.

A água do chuveiro de Zeke é desligada e ele sai, pingando água, se secando. Sem se alterar, envolve a toalha ao redor do pescoço, deixando que suas bolas sequem ao ar livre enquanto se vira para mim.

— Então. Pelo menos deu uma?

Rolo meus olhos e faço um espetáculo de remexer em meu armário.

— O que você acha? — Pergunto, sem confirmar nem negar.

Uma mão me acerta nas costas.

— Esse é meu garoto. Quem foi?

²⁸ Ivy Leaguer é um grupo formado por oito das mais prestigiadas universidades dos Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale.



— Por favor, nos diga que foi a garota bibliotecária sacana da qual continuo ouvindo — Disse John. — Foi com ela que você foi não é?

Alguém solta uma forte risada irônica.

Zeke.

— Sim, claro. Aquela sacana? É mais apertada do que a Betty, a verdadeira bibliotecária.

Acomodo-me em um banco de madeira próximo e me sento reto como um pau enquanto me incomodam, zombam de Jameson, e disparam a merda.

— Você já transou com ela? — Pergunta outro companheiro de equipe, se referindo a Jameson de novo.

— Não sei Santiago, as pessoas ainda dizem transar?

— Transar. Foder. Fez. Comeu. Trepou. Você gosta de algum desses, mariquinha? Está começando a soar como a sua namorada virgem.

— Ela não é minha namorada.

Nem sequer perto, vi isso na segunda-feira.

O nó de culpa em meu estômago se remexe.

— Oh, mesmo? Parece passar muito tempo na biblioteca esses dias estudando com alguém que afirma não se importar nenhum pouco. — Zeke usa aspas no ar ao redor da palavra estudando.



Que imbecil.

Calço minhas meias, o impulso de defender a Jameson, bate forte. Defender-me. Defender-nos.

— Nunca disse que me importava.

— Então, por que está sempre na biblioteca, amigo?

— Estou apenas tentando manter a minha média.

Zeke, sempre conflitante, me olha fixamente.

— Sua média.

— Meu MP — Esclareço. — Média ponderada.

— Sei o que é uma maldita média ponderada, imbecil.

Meus olhos escuros o perfuram.

— Você parece realmente zangado por alguma razão. Alguém cagou na sua aveia esta manhã? Não estourou algum bloqueio, Rogers, naquela chave de braço meia hora atrás?

— Talvez esteja zangado. Talvez não queira que saia com uma puritana. Dá falsas esperanças às pessoas chatas.

— Você é um cretino.

Ele ri quase maníaco.

— Eu nunca disse que não era.

Um grito forte e alto viaja sobre o vestiário, ecoando do escritório.



— Osborne. Daniels. Este não é um concurso de mijadas. Vistam seus malditos rabos e vão para o ônibus. Você tem oito minutos.

Zeke grunhe sua decepção, me estudando com um olhar glacial antes de ir para seu próprio cubículo. Pega sua bolsa de lona, gritando sobre o ombro:

— Isto não acabou Osborne. Longe disso.



CAPÍTULO 24

"Meu sonho, era que meu caso morasse ao lado de um McDonald's, então poderia fodê-la, e depois pegar um hambúrguer".

SEBASTIAN

Eu tropeço em casa, esgotado pela longa viagem de ônibus, Zeke continuou a me assediar durante as cinco horas que levou para chegar em casa. Censurou, se enfureceu, se queixou até que minha cabeça virou para o lado e ele notou os fones Beats nos meus ouvidos para abafar o som com a música.

Estou cansado.

Estou faminto.

Estou pronto para comida quente e cama macia.

Está silencioso quando deixo as bolsas na lavanderia, sou o primeiro a chegar em casa. Pendurando minha mochila e tirando a jaqueta, faço o trabalho rápido de tirar os sapatos e colocá-los de lado.



Acendo a luz da cozinha e caminho lentamente, calçado com as meias até a geladeira. Fico olhando, cego pela brilhante luz, analisando as poucas opções: um molho de espaguete de três dias atrás, um hambúrguer meio comido, iogurte. Há um galão de suco de laranja, um pouco de água filtrada e uma garrafa aberta de Dr. Pepper²⁹.

Minhas opções são nojentas.

Lamentando o fato de que não parei e comprei algo rápido em meu caminho para casa, agarro a sobra do hambúrguer e o iogurte do Malone, coloco em um prato e me apoio no balcão.

Onde diabos está todo mundo? Pego meu telefone e tecló uma mensagem de texto rápido para meu companheiro de quarto.

Oz: Onde está?

Zeke: Parei para comer.

Merda.

Oz: Compre algo para mim, por favor. Estou morrendo de fome.

Zeke: Ok. Chego em trinta minutos.

Ele podia ser um total imbecil, mas é um imbecil que vai alimentar minha bunda faminta.

²⁹ Dr. Pepper Marca de Refrigerante, tipo Coca-Cola, muito vendida nos Estados Unidos.



Satisfeito que a comida está a caminho, me desfaço do hambúrguer e do iogurte no lixo, pego minha bolsa, e ando pelo corredor para uma ducha rápida.

Levo um total de seis minutos, do início ao fim.

Visto um short de malha e uma velha e puída camiseta, me dirijo ao meu quarto e desço pelo corredor atapetado, parando diante da porta de meu companheiro de quarto. Dou algumas batidas leves, e não hesito em girar a maçaneta.

Não querendo despertá-lo se estiver dormindo, empurro a porta lentamente, a tênue luz no lado de dentro é uma indicação de que ele está em casa e acordado.

— Eh, Elliot?

Meus olhos vagam para a cama, parando em duas figuras entrelaçadas, ou seja, meu companheiro de quarto se agarra com gosto com alguma garota, a afundando em seu colchão como se fosse sua última oportunidade de foder.

Seus gemidos encham o ar.

Momentaneamente atordoado, leva um segundo para eu me recuperar.

— OH merda! Sinto muito.

Deveria ter fechado a porta, deveria recuar e voltar para meu quarto, mas a visão das coxas brancas de meu companheiro de quarto indo fervorosamente dentro de



qualquer garota que está fodendo me prende olhando incrédulo.

O conservador Elliot nunca traz garotas para casa. Nunca. Nem uma só vez.

Bom, eu não deveria dizer nunca, mas as ocasiões são tão raras que não posso me lembrar da última vez que aconteceu. Não é seu estilo, então vou assumir que isto não é apenas uma foda.

Deve ser alguma garota que esteve vendo, mas não nos apresentou.

Alguém de quem ele provavelmente gosta.

Então devo fechar a porta e me afastar, ficar contente que ele consiga sua conquista.

Mas não o faço.

Envergonha-me.

Meus olhos desviam para o chão, para a roupa íntima desprezada. O sutiã de renda pura. Tanga de cetim cor lavanda (boa escolha). Jeans. Sapatilhas de verniz preto. Card...

Espera.

Sapatilhas pretas?

Cardigã branco.

A Porra de um cardigã branco?



Meus olhos voam para a cama, para o emaranhado de lençóis. Um homem gemendo. Um gemido feminino com o qual estou familiarizado.

Um cabelo comprido e brilhante espalhado sobre o travesseiro azul marinho do Elliot, braços apoiados nas laterais do rosto da morena enquanto freneticamente bombeia e crava seus quadris enquanto ela ofega de prazer.

Ele está fodendo ela.

Fodendo a Jameson, porra.

É ela, eu sei que é.

Feito uma fúria, minha boca se abre e dou alguns passos até eles, com a intenção de... De que? Tirá-lo do meio dela? Começar uma briga? Merda! Meu gemido de indignação deve ter alertado eles porque Jameson abre os olhos e levanta a cabeça do travesseiro em uma atordoada bruma induzida pelo sexo.

Os dedos do Elliot acariciam seu traseiro, cavando perto de sua fenda, e vejo vermelho quando o aperta. Enfureço-me quando ela ri e geme.

— Você é tão incrível — Geme e observo com horror quando ela lambe meu nome fora de seus lábios. — É o melhor, o melhor... Bem aí... Sim!

Assisto sem palavras, enquanto ela ofega. Gozando.

Gozando.



Nossos olhos se encontram, os dela estão frágeis de êxtase e ela sorri, jogando para trás a cabeça em um estado satisfeito e bêbado. Elliot chupa seu pescoço, sua língua suja percorrendo a longitude da garganta.

Droga, merda, puta que pariu.

Bato a porta tão forte que ela se parte, estremecendo nas dobradiças, e ando fazendo ruído no corredor. Abro minha porta com força e ela bate contra a parede, ricocheteando. Caminho em meu quarto, dando voltas no confinamento do pequeno espaço como um maldito tigre enjaulado, contando para recuperar minha compostura. Um, dois, cinco. Dez.

Saio para o vestibulo sem fôlego, como se tivesse acabado de correr doze quilômetros, e luto contra o impulso de golpear a parede de merda que separa o quarto de Elliot do hall.

Espero.

Estou apoiado na parede da porta quando ela sai, sem usar nada mais que a camiseta dele. A fodida camiseta. Lembro-me de nossa viagem para Utah — dela sem usar nada além da minha camiseta cinza de luta — e quase perco o controle outra vez.

Conto até cinco, notando com satisfação seu suspiro assustado quando me vê um grito não muito diferente do que escutei há meia hora quando estava ferrando comigo.



Trepando com meu companheiro de quarto.

— Olá! — Maldição, minha saudação em tom agudo e alegre é tudo menos agradável. — O que há?

Estou seguro de que isso é um sonho psicótico, mas estou tão zangado.

Ela olha fixamente para a esquerda atrás de ajuda. Sinto muito querida, ninguém virá te salvar.

— Se tiver que fazer xixi, oh nossa, não sei, jogar uma camisinha no lixo, o banheiro é no final corredor, à esquerda.

Não sou a porra do comitê de boas-vindas? Vai devagar, Osborne.

Em vez de caminhar para o banheiro, Jameson se apoia na parede, imitando minha postura. Muito reta costas contra a parede, o joelho esquerdo levantado com o pé na parede.

— Você chegou cedo — Diz com amabilidade. — Como foi na luta?

Com os braços cruzados, a estudo. As bochechas avermelhadas, o cabelo despenteado, os olhos um pouco selvagens... o olhar pós-orgasmo é incrivelmente sexy nela.

Vou ao chão.

— Por quanto tempo isso está acontecendo?

Sua cabeça acerta a parede atrás dela com um golpe suave.



— Só esta vez, mas é nosso segundo encontro.

— Desde quando?

— Trocamos mensagens de texto casualmente desde a festa da casa.

Filho da puta. Isso faz pelo menos duas semanas, ou três?

— Quando iria me dizer?

Uma risada irônica sai de sua garganta.

— Não iria dizer.

— Por quê? A persegui por semanas; então você vai e fode com ele, mas não fode comigo?

— Isto não é um concurso, e, por favor, baixe a voz.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que deixou que ele...? — Engulo sem poder dizer as palavras. Porra se tudo isto não faz me sentir como um completo e absoluto merda.

Sua resposta é uma risada seca.

— Oh, por favor, não me diga que isso te chateia. É você quem não se compromete. Você que recebe punhetas e boquetes de qualquer uma que tenha pulso. — Solta um resmungo impróprio para uma dama. — Dá um tempo.



Aponto um dedo em sua direção.

— Você está louca para caralho se acha que vou concordar com isto.

— Isto não tem nada a ver com você.

— Merda. Isto tem tudo a ver comigo! Você gemeu meu nome. Meu. Nome.

Sua única resposta é um indiferente dar de ombros que me faz querer empurrá-la contra a parede e lhe mostrar o que realmente significa para mim.

— Você dormiu com ele para me fazer sentir ciúmes? Para me colocar envolta do seu dedo? Porque estou te dizendo agora Jameson, não vai funcionar. Tudo o que fez foi me fazer ficar com raiva.

Um longo e suave suspiro.

— Ele é um cara bom, Oz. Gosta de mim. Podemos não estar saindo ou ser um casal, mas pelo menos ele não vai me fazer sentir usada e barata pela manhã. Não me fará sentir como um número. Ainda terei minha dignidade quando sair daqui.

— De que merda está falando? — Pressiono um dedo em meu peito. — Eu te trato com respeito.

— Acalme-se e baixe a voz — Rosna. — Deus, Sebastian, nem sempre tudo se trata de você. Ocorreu-te alguma vez que



talvez eu não queira estar com alguém que quer que o leve para a cidade do sexo?

Conto silenciosamente até dez e tomo um profundo fôlego calmante, apertando meus punhos do meu lado.

— Por que não me deixa te foder?

Ela me estuda fria, tranquila e recolhida. Os ombros para trás e digna, como se já tivesse pensado e conhecesse a resposta.

— Porque você diz coisas como "por que não me deixa te foder". Acha que não te desejo? Está errado. Eu desejo. Deito na cama pensando em você toda noite, sonho com você, Sebastian. Mas não sou idiota. Você vai partir meu coração.

— Então essa é a sua solução? Dormir com qualquer outro? Meu maldito companheiro de quarto, entre todas as pessoas.

— Não fiz isto para te machucar.

— É muito tarde para isso! Como pôde fazer isso comigo, Jameson? Diga-me! Eu não fodi com sua companheira de quarto quando tive a oportunidade.

Seu rosto se entristece, os ombros caem.

— Acho que... Queria me sentir bem. Queria prazer. Queria um orgasmo. Não faço sexo há muito tempo, e Elliot foi a escolha mais segura.



— Oh, meu Deus. — Meus punhos se fecham, desejando golpear a parede atrás de mim. — Isto é uma bosta.

Jameson cruza os braços.

— Tomei minha decisão.

— Nunca menti a respeito de quem eu sou para você.

— E adoro isso em você, mas...

— Mas o que? — Não consigo tirar o sabor amargo de minha boca.

— Maravilhosa e horrível — Sussurra. — Linda e esquecível. É assim que você me faz sentir, tudo ao mesmo tempo.

— Como pode ficar parada aí e dizer isso? Eu te adoro! Acho que é linda. Não consigo ficar nem um minuto sem pensar em você, na forma que cheira e que sempre afasta seu cabelo, ou toca a caneta quando está concentrada. Você me deixa louco.

— Não é o suficiente.

— Não faça isto Jameson, não diga merda. Por favor, você está partindo meu coração.

Ela recua, de volta para a porta de meu companheiro de quarto.

— Você não fará de propósito Sebastian, mas acabará partindo o meu.



Engulo o nó duro na garganta.

— E suponho que Elliot não.

Ela agita a cabeça com tristeza.

— Elliot não.

E isso é o ponto de tudo, bem ali. Elliot não o fará, porque é um grande cara que realmente merece uma garota como Jameson Clark; suponho que isso me torna o imbecil sem tempo, um merda cheio de dívida, com o corpo destroçado e o temperamento cru. O tipo que dorme com muitas mulheres, que se embebeda descuidadamente e recebe boquetes de estranhas.

Maldito Elliot e seu maldito halo de ouro.

Vou quebrar a cara dele. Primeiro o agarrarei por suas bolas frouxas. Depois, vou dar um murro em sua maldita cara. Depois...

Afasto-me da parede e ponho um sorriso falso.

— Bom. Então vou te deixar em paz. Espero que se divirtam.

Ela parece devastada, ombros caídos.

— Não era para ser assim.

Afasto-me e vou para meu dormitório no final do corredor, paro quando chego à minha porta.



— Ei, James?

Ela ainda está parada onde a deixei, enraizada no lugar. Seu queixo estremece.

— Sim?

— Quero que saia de manhã.

Não preciso esperar tanto.

Quinze minutos depois de nosso confronto no corredor, ouço a porta do dormitório de Elliot se abrir, o som de vozes abafadas e os passos fora de minha porta hesitam antes de avançar pelo corredor para a entrada.

A porta da frente se abre e fecha. Deixa-me entorpecido escutar cada som, ainda tentando descobrir o que diabos aconteceu aqui.

Que merda aconteceu na realidade?

Com as mãos atrás da cabeça, o abajur ainda aceso, olho para o ventilador do teto e — me chamem de sádico — faço todo o possível para lembrar de cada detalhe do que encontrei: Jameson gemendo, o traseiro branco do Elliot bombeando dentro dela, Jameson com os olhos entrecerrados quando goza, sua boca que forma meu nome enquanto está sendo fodida por outro homem.

Tento uma dúzia de vezes encaixar as peças, e depois mais uma dúzia, falho miseravelmente em todas elas.



Jameson fazendo sexo porque quer se sentir bem. Fazendo sexo com outra pessoa, porque se sente bem com alguém que não sou eu. Porque ela queria um orgasmo e prazer. Nua no quarto colado ao meu, em uma cama que não é a minha, em minha casa.

Mencionei nua?

Jameson foi fodida por meu companheiro de quarto. Em minha casa.

Jameson.

Elliot.

Jameson e Elliot.

Elliot finalmente se deitou, com a Jameson, em cujas calças estive tentando entrar por semanas. Elliot, meu amigo, que merece uma garota como Jameson, que fodeu com ele porque ela queria se sentir bem.

Pergunto-me se a vida agora vai sair para fumar, porque acabou de me foder. Me fodeu duro.

Logicamente, nada disto faz sentido.

Sim, eu posso ter sido um pouco duro com ela, mas ela nem conhece o Elliot. Como se mete na cama com alguém que conheceu em uma festa uma vez e paquerou apenas por algumas malditas mensagens? Quem faz isso?!

Bem. Eu faço.



Dou voltas na cama e golpeio o travesseiro, consciente de minha própria hipocrisia. E sim, eu posso ser um hipócrita, mas pelo menos não estou mostrando um comportamento incomum. Não como ela. Dormir com estranhos é o que eu faço o que sempre fiz. É fácil, rápido, e não implica nenhum esforço.

Não requer prosseguimento ou emoções.

Pode ser que Jameson não seja virgem, mas maldição posso garantir que não se deita com qualquer um. Ela não pode.

Não como eu.

Ela fez.

Ela faz.

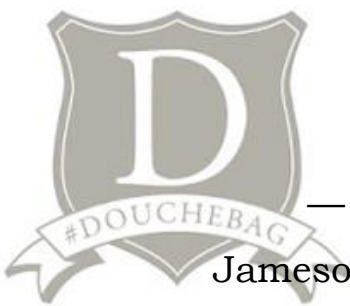
Merda, merda, merda, minha mente é um desastre.

Nem sequer posso pôr em ordem meus pensamentos, pensamentos que me fazem sentar, sair da cama e ir pelo corredor para o quarto do Elliot. Atravesso a porta, sem me incomodar em bater.

— Por que fez isso?

Ele está sentado na cama em nada mais do que sua boxer, zapeando na Netflix, e a visão do peito nu sem pelo me incomoda.

— Fazer o que?



— Não banque o idiota — Cuspi. — Fez sexo com a Jameson.

— Como é? — O cabelo castanho arenoso do Elliot se levanta ao redor de suas orelhas e ele retira as mechas desalinhadas da testa. — Desde quando é crime fazer sexo com uma mulher sexy e disposta?

As palavras "sexy" e "disposta" fazem os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Meus punhos se apertam do meu lado, desejando acertá-lo.

— Cuidado — Ameaço enquanto Elliot olha para mim como se eu tivesse ficado louco, e talvez o tenha feito. — Cuidado com a maneira que fala dela.

Suas sobrancelhas se elevam.

— Não posso chamá-la de sexy?

— Não.

Ele se levanta da cama e se dirige ao armário, e pega um moletom.

— Olha, não sei qual é a porra do seu problema, mas desembucha. É tarde e estou cansado.

Cansado? Cansado?

— Quero bater tanto em você — Grunhi ainda enraizado em meu lugar junto à porta, o observando passar o moletom



pela cabeça. — Por favor, me dê uma razão para te dar a surra de sua vida.

Ele puxa a barra para baixo e suas mãos sobem em rendição.

— Caralho amigo, não tenho nem ideia do que está falando... São... Merda, homem. Você está saindo com a Jameson? É disso que se trata? Filha da mãe, ela está te enganando? Comigo?

Seus olhos se ampliam de horror enquanto a ideia se enraíza em seu cérebro.

— Maldição, ela fez, não é? Ela está te enganando. Merda. Oh, meu Deus. Não me machuque.

Elliot parece estar a ponto de hiperventilar ou de fazer xixi nas calças — ou ambos — então tenho piedade dele.

— Não, ela não me enganou com você! Jesus Cristo, nem estamos saindo juntos.

Seus ombros se afundam e ele exala um longo suspiro de alívio.

— Graças a Deus! — Olhos marrons confusos se encontram com os meus. — Espera, então por que está tão zangado?

— Eu...

Não sei.



— Não tenho a menor ideia.

A cabeça de Elliot se inclina enquanto me estuda, mede minha posição e expressão.

— Espera. Oz, você... Está apaixonado por ela?

— Amor? — Zombo um pouco forte demais. — Não. Diabos não. — Mas hesito em minhas próximas palavras da mesma maneira. — Ela é só minha amiga.

Minha amiga.

Só minha amiga? As palavras fazem me sentir doente e de repente quero vomitar.

— Amigo. Você deveria se ver agora mesmo, não posso acreditar nisso.

— O que?

— Ela; você gosta dela. Você gosta, você gosta.

— Cale-se Elliot, isto não é a quinta série.

— Não deixe que sua lagosta escape, homem.

Minha lagosta? De que diabos ele está falando?

— Por favor, não volte a dizer uma merda como essa na minha presença outra vez ou terei que te bater.

— Wow, não posso acreditar nisso; Oz Osborne, a pródiga lenda da luta livre de Iowa, na realidade tem um coração.



— Já mandei se calar, imbecil.

Mas ele não fecha a boca. Nem está próximo.

— Você tem sentimentos reais por alguém. Não quer só uma foda.

— Não te disse para que se calar?

— Olha homem, eu realmente nem sei o que dizer. Sinto muito. Merda. Se soubesse, nunca teria...

Nunca teria se deitado com ela; agora sei.

Como posso saber?

Um, porque ele é leal e não é dominado por seu pau, diferente do resto de nós. Elliot é dominado mais pela emoção. Então, se dormiu com a Jameson, é porque realmente gosta dela. Dois, porque sabe que se foder comigo, eu o espancaria.

Então o simples fato continua sendo... Dói mais saber que ela escolheu dormir com ele.

Simplesmente não entendo; eu sou incrível, como ela pode não ver isso? Onde diabos errei com ela? Fui muito agressivo? A assustei? *Não me odeie, a ouço implorar. Vejo suas lágrimas. Jameson está chorando, as gotas umedecem seu belo rosto. Meus olhos também se enchem de água, e a alcanço, a agarro enquanto as lágrimas fluem por minhas bochechas, mas não há nada para suportar. Não sabia que te machucaria, soluça. Não sabia... Por favor, Sebastian, estou me apaixonando por você.*



— Então, merda como pôde fazer isso comigo? — Grito.
— Estou me apaixonando por você e você arruinou tudo.

Sebastian, eu te amo. Sebastian, eu te amo.

Sebastian. Oz está me ouvindo?

Oz.

Oz.

— Oz, amigo, acorda.

Ofego um soluço, me sacudindo acordando.

— Merda!

Uma grande e carnuda mão está apertando meu ombro com força. Assustado, eu acordo a parte de trás de minha cabeça golpeando a fria janela do ônibus, minha têmpora bate no vidro duro. *Filho da puta, isso dói!*

— Oz, está tudo bem, homem?

Dou-me conta da sensação de umidade e das lágrimas manchando minhas bochechas, eu as limpo rapidamente com o dorso da mão, envergonhado.

— Está tudo bem. Estou bem.

Assustado para caralho, mas bem.

Esfrego o lugar onde acabei de bater, os dedos passando pelo meu cabelo suado, e dou uma olhada em meus inconscientes companheiros de equipe, a maioria deles ainda



estão adormecidos, salvo Cory Phillips jogando em seu telefone e Tanner Frank lendo em seu Kindle sob a luz de cima.

Exalo me apoiando no assento, e limpo outra lágrima perdida.

— Tem certeza de que está bem? — A cabeça do Jonathan Powell reaparece sobre o assento atrás de mim. As luzes do estacionamento do campus estão à vista, iluminando o interior do ônibus. — Sinto muito por te acordar e ter te assustado, mas já vamos descer.

— Sim. — Massageio o couro cabeludo. — Estou bem. Obrigado por me acordar. Foi apenas um sonho.

Tudo foi apenas um sonho. Um sonho de merda e confuso.

Em um estado de transe, tropeço para fora do ônibus. Nos movimentos de me vestir, guardar meu equipamento, e checar com o grupo de treinadores o meu horário para a próxima semana.

Mal me recordo do trajeto para casa.

No momento em que chego em casa, estou esgotado. Zeke continuou me importunando e as cinco horas que levou para chegarmos em casa estão cobrando o preço, junto com o exaustivo sonho emocional. Zeke censurou, se enfureceu, se queixou até que minha cabeça se inclinou para um lado e coloquei meus fones de ouvido para abafá-lo com música.



Vou para a cozinha, olhando ao redor com cautela.

Estou cansado.

Estou faminto.

Estou pronto para uma comida quente e uma cama, mas estar aqui, nesta casa depois desse sonho conturbado parece muito estranho.

Tudo parece muito real.

Assim como em meu sonho, está tudo tranquilo quando deixo cair minhas malas na lavanderia, ainda continuo sendo o primeiro a chegar em casa. Assim como em meu sonho, penduro a sacola e tiro a jaqueta, faço o trabalho rápido de tirar os sapatos e de colocá-los de lado para que ninguém tropece neles.

Acendo as luzes da cozinha, vou para a geladeira, abro a porta e me agacho para olhar dentro. Molho de espaguete de três dias e sem macarrão, um hambúrguer meio comido do Malone, um iogurte, ketchup e cerveja.

Meio galão de leite achocolatado (perfeito para ajudar a curar uma ressaca). Também há um galão de suco de laranja, um pouco de água filtrada e uma garrafa aberta de Dr. Pepper.

Não tendo opções atraentes, me conformo com a sobra do hambúrguer do Malone, o iogurte e o galão de leite, colocando tudo sobre o balcão.



Onde diabos está todo mundo? Pego meu telefone e envio uma mensagem rápida para meus companheiros de quarto.

Oz: Onde estão?

Zeke é o primeiro a responder:

Parei para comer.

Bom. Isso é estranho como a merda e está me deixando louco.

Oz: Traga-me algo por favor. Estou morrendo de fome.

Zeke: Sim. Chego em trinta minutos.

Tudo isto é muito estranho para ser real.

Levanto a tampa da lata de lixo e jogo o hambúrguer fora, e pego minha bolsa e vou pelo corredor, vacilando diante da porta de Elliot. Detenho-me, tomo uma respiração profunda e dou alguns golpes curtos.

— Sim? — A voz dele responde.

— Está acordado? – Hesito em abrir a porta.

— Oh, sim.

Lentamente, giro a maçaneta. Dou um empurrão suave na porta. Coloco parcialmente a cabeça, como um pai que não quer encontrar sua filha adolescente.

— Está decente?



— Amigo qual é seu problema? — Elliot ri. — Sim, estou decente. — Ele está sentado à mesa me olhando como se tivessem brotado dois paus e uma vagina em mim. — O que aconteceu? — Gira na cadeira e descansa o braço na parte de trás dela, esperando pacientemente que eu responda.

— Só queria te deixar saber que estamos de volta. — Obviamente.

— Bom.

— Tudo bem? — Não posso evitar, lanço vários olhares nos cantos do dormitório, procurando uma visão de...

Meus olhos aterrissam na cama e ficam ali.

E olham.

Tudo parece estar em ordem. Colcha leve azul marinho colocada em seu lugar. Travesseiros na cabeceira. Uma pilha curta de roupa limpa e dobrada no pé da cama.

Não há sapatos de verniz preto. Não há jaqueta branca. Não há Jameson nua.

Não aconteceu nenhuma transa aqui, estou seguro disso. Depois de um longo silêncio, Elliot limpa a garganta.

— Você está muito estranho. Tem certeza de que está bem? — Faz uma pausa — Quer hum, conversar, ou o quê?

Seu tom horrorizado diz tudo: por favor, diga que não.



— Não, estou bem. — Os ombros do Elliot caem de alívio.
— Só achei ter visto... Nada.

Visivelmente aliviado, meu companheiro de quarto continua a me observar curiosamente vagando pela porta.

— Então... Mais alguma coisa?

— Eh? Não. Estamos bem.

Ele não está convencido, mas não vai pressionar.

— Muito bem, beeemmm.

E esse é meu sinal para sair.

— Bom. Tudo bem. Boa noite.

Estoicamente, ando até meu dormitório, fecho a porta, e me lanço para baixo, de cara na cama.



CAPÍTULO 25

"Ela é realmente sexy, mas soa como um desenho animado. Pode imaginar como soaria fodê-la? Prefiro enfiar meu pau em uma tigela do Captain Crunch³⁰".

SEBASTIAN

Aqui é onde as coisas realmente ficam péssimas: nem sequer consigo olhá-la.

Sentada diante de mim, Jameson olha e me prende com o pequeno e lindo sorriso, os dentes dianteiros brincando às escondidas sob seu belo lábio superior quando morde.

Em vez de sorrir de volta como um ser humano normal, a imagem de seu rosto quando chega ao clímax povoa minha mente e franzo o cenho.

— Vamos. — Ela sorri abertamente. — Você está uma pessoa tão rabugenta hoje.

Fixo-me na palavra “enta”, porque soa como boceta e não posso manter minha cabeça sem pensamento obscenos, mas

³⁰ Cereal matinal.



não me atrevo a dizer que estou mal-humorado porque pensar nela me manteve acordado a noite toda, porque sonhei acordado com ela durante o dia, no ônibus, entre as partidas, durante o treino e cada minuto depois.

Não posso parar de pensar nela.

O aroma de seu lindo cabelo.

A maneira em que seus doces e conservadores suéteres se agarram a seus fantasticamente redondos seios.

Seu sorriso quando finalmente me vê entrando na biblioteca em direção à nossa mesa.

A maneira deliciosa que me ignora quando tenta estudar.

A maneira linda em que empilha toda sua merda em minha cadeira assim não posso me sentar nela sem um incômodo.

Deus, ela é adorável.

Oz.

Oz?

— Está me ouvindo? Ei. Oz está me ouvindo? Oz. Está tudo bem?

Olho para cima e me dou conta de que ela me olha com expectativa, estava me fazendo perguntas e provavelmente espera uma resposta coerente.



Diga algo, imbecil.

— Está tudo bem.

Mas não está bem. Não mais. Nem perto.

Ela me conhece o suficiente para não forçar, e pela primeira vez, porque não tenho ideia de como lidar com estes sentimentos nascendo dentro de mim, a ignoro.



CAPÍTULO 26

"Por que no mundo eu alguma vez precisaria de um namorado? Tenho uma enorme cama toda para mim, uma gaveta cheia de vibradores e sou inteligente o bastante para trocar o óleo do meu motor".

JAMESON

Oz está estranho.

De novo.

Só porque minha cabeça se encontra inclinada e aparentemente eu esteja concentrada em meu estudo, não quer dizer que não o note a me olhar, não significa que não perceba sua respiração difícil, suas inquietantes olhadas e o fato de que ele me analisa tão de perto que deixa minhas bochechas de um ardente e ruborizado rosa.

Ignoro o calor, desesperadamente lutando com a tentação de pressionar minhas mãos no rosto. Continuo a estudar, fingindo interesse em meu livro.

Já li a mesma frase seis vezes.



E estou contando.

Ele esteve assim durante os últimos dois dias, sentado comigo para estudar, mas sem qualquer coisa parecida com uma conversa real. Somente respostas monossilábicas. Olhando-me por debaixo do boné de beisebol com olhos melancólicos. Não fez uma tentativa de dormir comigo, flertar ou ir para uma sala privada de estudo.

Como disse: estranho.

Do outro lado da mesa, deixo que olhe por um total de dez minutos antes de não aguentar mais. Levanto lentamente a cabeça. E encontro seu olhar intenso. Subo os óculos, os descanso sobre minha cabeça.

Solto o marcador fosforescente e cruzo as mãos lentamente à minha frente na mesa.

— O que foi? — Sem rodeios.

— O que foi? — Repete como um papagaio, se fazendo de tonto.

— Sei que tem alguma coisa para dizer. Então diga de uma vez.

Nega com teimosia, os lábios apertados.

— Não. Estamos bem, Jimbo.



Mentiroso.

Mas se é o que quer jogar...

— Bom. Não importa então.

Franze o cenho. Linhas marcam seu zangado e bonito rosto quando desdobro minhas mãos, pego meu marcador e continuo a ler.

Pretendendo fazê-lo, de qualquer modo.

Oz olha boquiaberto, silenciosamente fazendo um inventário dos meus movimentos. Seus sombrios olhos seguem os largos traços do meu marcador rosa sobre o papel. Seguem minha mão quando desço os óculos para meu rosto. Dá uma olhada em meus ombros quando afastos uma mecha de cabelo.

Ele fazia tudo isto antes, me olhava boquiaberto, muitas vezes, de fato, mas de algum jeito, isso é diferente. Seu olhar é mais atento, mais penetrante, mais absorto.

Não tenho certeza do porquê e não estou segura de quando, mas algo mudou. O ar entre nós mudou, é espesso, acalorado.

Sério.

Tento de novo, com os olhos ainda fixos em meu livro de texto.

— O que foi? Desembucha.



Não tinha intenção de soar tão irritada, mas o estranho tratamento de silêncio emparelhado com os olhos escuros me perfurando está me enlouquecendo.

— Diga algo, por favor? — Mais uma vez, deixo meu marcador. — Não sei o que acontece com você ultimamente, mas acabei não fazendo nada. Você e sua respiração ofegante estão me pondo de cabelos em pé e me deixando louca.

Ele afasta seu olhar e o dirige para o lado oposto da sala antes de responder.

— Não está acontecendo nada. — Tira o boné para passar as pontas dos dedos pelo glorioso cabelo bagunçado. — Simplesmente passei algumas noites difíceis, isso é tudo.

Ahhh, algumas noites difíceis; com essa informação posso trabalhar.

— Como foi isso?

— Não... Não ando dormindo muito bem. — Ele parece resistente em admitir, mas pressiono.

— Por quê?

Oz se mexe desconfortavelmente.

— Só alguns sonhos de merda. Não é importante, mas é o mesmo todas as noites.

Faço uma pausa.

— Sobre o que são esses sonhos?



Oz se mexe de novo.

— Nada.

— Nada? — Pergunto ceticamente. — Sonhos sobre nada não o mantém acordado a noite, Sebastian.

— Estes sonhos sobre nada, sim. — Faz uma careta.

— Então não são sobre nada... São sobre algo.

Seu nariz se enruga. ?

— Está tentando me confundir de propósito?

— Funcionou?

— Sim.

— Então, vai me contar a respeito?

— Claro, por que não?

— Espera, espera, espera! — Elevo a mão. — Pare! Antes que diga, me deixe adivinhar: são sobre o apocalipse zumbi que vem te matar e não consegue escapar não importa o quão rápido corra?

Sua boca tem um tique.

— Não.

— Tem algo a ver com seus pais ou sua irmã?

— Não.



Dando golpes em meu queixo com meu marcador, finjo pensar longamente e com força.

— Você cai em um buraco escuro, um lugar sem Netflix e frio, sem luta, e não tem uma só garota para foder.

— É uma espertinha, sabia disso?

— Então tenho razão, certo? Isto de algum jeito envolve sexo.

Seu pesado cenho se eleva um pouco.

— Está esquentando. Sim, diria que está perto.

Reviro os olhos.

— É óbvio que envolve sexo. Quão previsível você é. — Um suspiro escapa de meus lábios. — Alguém usou muitos dentes fazendo um boquete? — Reflito antes de instantaneamente pôr uma mão sobre a boca. — Oh, meu Deus, disse isso em voz alta?

Ele está me transformando em uma pervertida.

— Claro que o fez, mas não se preocupe; nenhum boquete foi arruinado no desenvolvimento de meu sonho.

— Então, não foi um pesadelo?

— Oh não, foi... Definitivamente foi.

— Eu não apareci, não é? — Brinco. — A estrela do espetáculo, sou eu! Ha ha.



Ele não responde. Apenas fica sentado lá e...

— Oz. — Meus olhos se fecham momentaneamente e falo lentamente. — Por favor, me diga que não apareço em seu pervertido sonho sexual.

— Tsk, tsk... Acabei de dizer que foi um pesadelo — Esclarece. — Não um sonho.

— Semântica. – Desdenho. — Por favor, me diga que eu não era a estrela de seu pervertido pesadelo sexual.

— Tudo bem. Não direi. — Oz revira os olhos, muito dramático; é exagerado porque este lamentável bastardo mente e nós dois sabemos.

Tusso.

— Isto não foi uma... Hmm... Fantasia, certo? — Luto para expulsar as palavras, com as bochechas em chamas.

— Diabos, não. Definitivamente foi um pesadelo. Quantas vezes tenho que dizer? — Bebe um pouco de água e olha para a grossa espessura de seu pescoço cativada quando joga a cabeça para trás para engolir. — Mas — Começa Oz, afundando seus ombros e estudando casualmente as unhas. — Seria tão ruim se fosse?

Seria tão ruim se eu fosse sua fantasia? Não, não seria. Não seria nem um pouco ruim. De fato, acredito que seria estupidamente bom.



E isso é parte do problema, não? As delícias, sexo que destrói, que altera a vida, com Sebastian seria bom. Genial. Fenomenal. Esses peitorais, esses quadris, essas coxas. Essa incrível ereção apertada em seu jeans.

Mas a que custo? Estou disposta a entregar uma pequena parte de meu coração que pode nunca mais se recuperar? Não tenho fobia de compromisso; nunca tive meu coração quebrado. Nunca me enganaram. Nunca estive apaixonada.

Então qual é a porra do meu problema?

O medo do desconhecido. A intensidade do que sinto quando estou com ele. A incerteza do que sente por mim, além da atração física. Apaixonar-me. Que não se apaixone por mim. Amor não correspondido. Infidelidade.

Embarcar em algo que pode ser que comece, mas que nunca queira terminar.

Eu nunca quis algo mais com alguém antes.

E agora talvez queira.

Vê?

Acabei de resolver meu problema.

Agora o quê?



CAPÍTULO 27

"Não me lembro do que aconteceu ontem à noite, mas nesta manhã encontrei sua roupa íntima envolvendo um pacote de cachorros quentes na geladeira".

JAMESON

Oz: No ônibus para Ohio.

Jameson: Sério? Não sabia que tinha jogos — Quer dizer, partidas — no meio da semana escolar.

Oz: Sim. No meio da semana, nos fins de semana. Esta partida é contra Ohio State. Posso te conseguir um horário impresso se quiser um.

Olho fixamente o telefone, não tendo certeza de como responder. Ele me dará um horário? Para que? É sério que ele quer que o controle? Para que saiba onde está?

Como uma espécie de namorada, e ambos sabemos que não quer uma.

Jameson: Hum, está bem. Claro. Um cronograma seria ótimo. Para meu refrigerador? LOL



Oz: Sim, para seu refrigerador. Ou escrivaninha. Temos uma partida em casa na próxima semana contra Indiana. Poderia ir se quiser. A ação é ligeiramente melhor do que uma só lâmpada no centro de um piso de ginásio.

Jameson: Aquela luz pendurada sobre os colchonetes estava super assustadora. Definitivamente um ambiente de violação.

Oz: Não era um AMBIENTE DE VIOLAÇÃO, era iluminação ambiente; estava tentando ser romântico.

Jameson: VOCÊ NÃO FOI. PARE COM ISSO

Oz: LOL. Então, está dizendo que fracassei no romantismo?

Jameson: Duvido que era o que estava fazendo, mas em qualquer caso, foi um fracasso. LOL

Jameson: Quero dizer, você me pegou pela virilha e me virou de costas contra um colchonete sujo de plástico.

Oz: Quero dizer que aqueles colchonetes são totalmente novos e são limpos diariamente...

Jameson: * Jogo as mãos para o céu * Retiro o que disse

O telefone permanece em silêncio durante alguns instantes antes que soe uma nova notificação. Meu coração



bate incontrolavelmente enquanto me sento na beira da cama para abrir a nova mensagem.

Oz: Ei, Jameson?

Sentando mais reta, fico instantaneamente alerta, porque quando um homem usa seu nome completo em uma mensagem de texto, a merda está a ponto de ficar séria. Mesmo eu que não tive um encontro em meses, sei que é um fato.

Eu: Sim, Sebastian?

Em minha mente, esse sim é ofegante e nostálgico, e sai em um suspiro. Pena que não se traduz no texto.

Oz: Quando eu voltar em três dias, acho que deveríamos

A mensagem para, não dando continuidade.

Acho que deveríamos.

Acho que deveríamos... O que!

O que acha que deveríamos fazer?

Morro devagar espero impacientemente que chegue a segunda parte. Acho que deveríamos... O que? Acho que deveríamos voltar a nos enrolar? Acho que deveríamos nos encontrar na biblioteca? Acho que deveríamos sair?

O que? O que pelo amor de Deus deveríamos fazer!



— Doce Jesus, onde está o resto da mensagem? Onde está? — Grito para as paredes de meu dormitório, sacudo meu celular e agradeço a Deus que minhas companheiras de quarto não estão em casa para testemunhar minhas incessantes queixas enquanto agito o telefone para trazê-lo de volta à vida.

Espero e espero — e depois espero um pouco mais — para que ele termine essa breve frase, para que a pequena luz azul no canto superior esquerdo pisque.

Finalmente louca pela tortura, deixo crescer um par de bolas femininas e envio uma mensagem de volta: *O que deveríamos fazer?*

Passam dois minutos.

Depois três.

Depois dezoito.

Depois duas horas.

Depois dez.

E nada ainda. Não consigo nada.

É uma agonia.



CAPÍTULO 28

"Tenho um pau extraordinário e uma personalidade medíocre".

SEBASTIAN

— Acredito que pedi para não usar a camiseta na cama, sobretudo quando não tenho permissão para te tocar. — Vejo Jameson do outro lado do quarto do hotel no centro da cama.

Ela retira o tecido para longe de sua figura, olhando para baixo para o enorme objeto branco.

— Qual é sua obsessão com esta camiseta?

— Não estou obcecado por ela. Simplesmente não quero que a use.

— Isso não faz sentido. Meu namorado ama esta camiseta, quando a uso me lembro dele.

— Namorado? — Desde quando James tem um namorado que não seja eu, e por que acabei de ficar sabendo?

A vejo cruzar o quarto para ficar de frente da grande porta corrediça de vidro; neve pesada cai em placas através das



janelas, nossa viagem de snowboard para Utah foi abençoada com vários centímetros de gelo fresco.

— Sim, meu namorado. — Jameson revira os olhos. — Elliot? Lembra? Seu companheiro de quarto e o amor da minha vida?

O amor da sua vida?

Rio, franzindo o cenho quando soa estranho e forçado.

— Desde quando?

— Desde que você está muito ocupado para uma namorada, aí foi quando. A luta, amigos, estudo, seu trabalho... Lembra quando me disse que não estava pronto para ficar amarrado? Bom, todos temos nossas prioridades, Sebastian. — Suas mãos suaves e delicadas encontram a barra de seu top desgastado e o leva para cima de seu ventre plano. — Não sou sua.

Para cima e sobre seus seios nus e tensos.

Minha boca se enche de água e minha mão voa para a protuberância florescente em meus shorts de ginásio, acariciando.

— Não tocar. Não olhar. Tudo isto é só para o Elliot. — Empurra para baixo a cintura de sua calça de pijama. — Não ficará preso a uma só pessoa, lembra?

Lembrar?



— Eu nunca disse isso.

Nunca diria isso. Ou diria?

Eu disse?

— Disse. E agora vai me perder.

Jameson abre a porta corrediça de vidro e as cortinas ondeiam como nuvens ao redor de seus tornozelos. Uma rajada de vento leva milhares de flocos de neve frios e brilhantes; eles se prendem em seu cabelo, brilhando antes de fundir-se com sua pele quente.

Vira as costas, saindo para a fria tormenta de inverno.

— Aonde vai? James volta aqui!

— Está me perdendo, Sebastian — Sussurra sua voz.
Está me perdendo. Está me perdendo.

Ofegante, abro minha boca, mas não sai nenhum som.

Em algum lugar do hotel uma porta se fecha. A água de uma torneira. Luz fluindo do banheiro no outro lado do quarto.

— Acorda “fodedor”. É hora do aquecimento.

Hum?

— Não vou te proteger se não estiver lá fora às cinco.

Abro um olho e olho por cima para um de meus companheiros de equipe — meu companheiro de quarto para esta viagem a Ohio — que amarra o tênis de corrida.



— Você me ouviu? — Pergunta. — Mexa-se.

— Sim, eu te ouvi. — Rolo com um gemido para meu celular. — Por Deus, que horas são?

— Quatro e quarenta e cinco. É hora de lubrificar os pneus. — Ele lança uma toalha úmida de banho para a cama, mas erra. — Por sinal, você parece estar uma porcaria. Dormiu alguma coisa ontem à noite? Murmurou a noite toda, choramingando como uma putinha.

— Não.

Não dormi, porque não fiz nada além de dar voltas, suar e gemer, e falar em meu sonho.

— O que falei?

Meu companheiro ri.

— Estava gritando o nome de algum cara e lhe suplicando para que não te deixasse. Quando começou a chorar, tive que pôr um travesseiro sob a cabeça.

Merda.

— Sinto muito, cara.

— Tudo bem. Tem sorte de não ter colocado o travesseiro sobre sua cabeça. — Ele agarra o shorts sujo do chão, o jogando em minha cabeça. — É hora de se apressar.

— Para de jogar coisas em mim, já levantei..



Levanto-me da cama para rapidamente passar pelo meu ritual matutino — urinar, escovar os dentes, me vestir — com minha mente em uma única coisa: Jameson Clark.



CAPÍTULO 29

"Não há arrependimento maior do que o pau de alguém que você não conhece, mas que passou a noite, te cutucando a bunda na manhã seguinte".

JAMESON

Algo está tocando.

Abro um olho, minha cabeça cai para o lado, e instintivamente dou uma olhada na mesinha de cabeceira. Meu telefone vibra e toca, fazendo uma pequena dança feliz sobre superfície plana da madeira. É ruidoso, desagradável e irritante, exatamente como deve ser.

Dou um tapa no telefone e o agarro com um gemido quando está na palma da minha mão.

Pisco ante o número desconhecido chamando, mas ainda assim, deslizo o dedo para aceitar, deixando que a chamada se complete.

— Alô. — Digo com a voz rouca e grogue.

5:37 não é uma boa hora para mim.



— James? — A voz é vagamente familiar. Masculina. Profunda e sexy e familiar.

— Hã?

— Sou eu.

Deus estou cansada. Estou acordada? Que dia é hoje?

— Eu quem?

Uma risada profunda.

— Sebastian.

Meus olhos se abrem em pânico, por que diabos ele estaria ligando tão cedo, a menos que houvesse uma emergência? Luto para me sentar.

— Oz? Sebastian! Está tudo bem?

— Sim, não... Tudo está ótimo.

Literalmente vou matar este cara quando voltar.

— Está me ligando às cinco da manhã porque está tudo ótimo?

— Sim e não. Levei um século para encontrar um telefone para usar.

— Mas ainda está escuro.



Afastando o telefone de minha orelha, olho o número, atordoada e confusa. Esse não é seu número. Não é seu telefone.

— Espera. De quem é este telefone?

— Peguei emprestado com o diretor esportivo. O meu morreu ontem à noite e não trouxe um carregador.

Ele pediu emprestado um telefone para me ligar?

— Você memorizou meu número de celular?

— Minha memória é de elefante Clark, lembra? Três. Ponto. Sete. — Ele respira com dificuldade, parece como se corresse.

— Saiu para correr?

— Sim. Lamento que seja tão cedo, mas me senti como um enorme imbecil por te deixar esperando ontem à noite. Nenhum de meus companheiros de equipe me deixou pegar emprestada a merda de um telefone, e não podia fazer uma ligação para a conta do quarto do hotel.

Idiotas.

— Oh — Respondo estupidamente, ainda incapaz de formar uma frase articulada.

— Sim, sinto muito por isso... Sei que ainda está na cama... Mas não terei um telefone até sexta-feira quando



retornarmos. Deixei meu carregador em casa e ninguém me emprestará um.

— Idiotas.

Ele riu baixo e gostoso. Bom e *OH meu Deus*, estou tão cansada que quero esmagar o seu adorável rosto. O som de sua risada deliciosa envia um zumbido de prazer pela minha coluna... Subindo rapidamente pela minha pélvis... e formigando em meus ovários.

Aconchego-me nos lençóis e imagino o suave e sedoso suspiro sobre meu estômago.

— Não estava sonhando comigo outra vez ontem à noite, não é? — Brinco, a luz da madrugada começando a aparecer agora através de minhas cortinas fechadas.

— Talvez. — Posso ouvi-lo sorrir.

— Mmm isso é estranho — Digo arrastando as palavras. — Antes de ser bruscamente interrompida do meu sono profundo, sonhava que estava afundando meus pés na quente areia caribenha, em uma praia qualquer. Um garçom estava a ponto de me trazer um sippy sippy. — Bocejo, me esticando como um gato selvagem, e faço um som de miado. — Mmmmm.

— Espera. — Soa como se ele tivesse se detido. — Você está usando aquela camiseta branca?

Desorientada, murmuro:

— Hem?



— A camiseta branca transparente que tinha em Utah. É o que usava em meu sonho ontem à noite... Esta manhã.

— Não é um pouco cedo para este tipo de pergunta? — Procurando manter o ambiente brincalhão e não um prelúdio de sexo por telefone, brinco. — Nem posso formar uma frase coerente.

— Sim ou não?

— Não. — Caio de costas para olhar o teto enquanto ele grunhe decepcionado.

— Desmancha-prazeres. Essa imagem era a única coisa que me fazia suportar esta corrida. Estou congelando as bolas aqui, te imaginando nessa camisa, mas vale a pena.

— Hum...

Grunhe de novo, desta vez frustrado.

— Merda baby, pensei que teria mais tempo para conversar, mas o treinador acabou de sair. Tenho que ir. Vamos fazer algo quando eu voltar. Vou te enviar uma mensagem amanhã, ok?

Baby? Ele acabou de me apelidar? Que demônios é isso agora? Não é um pouco cedo para engolir essa história?

— Hum, está bem.

Ouçó seu assentimento decisivo.

— Amanhã.



CAPÍTULO 30

"Quero que se sente no meu rosto. É domingo, então talvez sejamos condenados ao inferno, mas pelo menos terá uma cadeira confortável até lá."

SEBASTIAN

Oz: Está aí?

Jameson: É óbvio. ;)

Oz: Carreguei meu telefone.

Jameson: Eu percebi isso! Quem te emprestou um carregador?

Oz: Ninguém. Dei-me por vencido e comprei um no Walgreens do outro lado do hotel. Desviando do tráfego para atravessar o cruzamento, quero que saiba. Não percebi o quão rápido eu podia correr até ontem à noite.

Oz: Pensei que quase seria atropelado por um carro. Só para comentar.

Jameson: O QUE? Por que fez ISSO?



Oz: Porque estava cansado de esperar.

Jameson: Cansado de esperar por...?

Oz: É uma viagem de nove horas de ônibus para casa, realmente acha que queria esperar mais para te enviar uma mensagem?

Oz: James? Você está aí?

Jameson: Estou aqui.

Oz: Te incomoda ouvir isso?

Jameson: Ouvir que você...

Oz: Sinto falta da sua boca sarcástica? Sim, sinto falta. É esquisito para caramba ou o quê?

Jameson: De onde vem tudo isto?

Oz: É uma longa história, mas acho que deveríamos conversar quando chegar em casa.

Jameson: "Deveríamos conversar". Porque isso acaba bem.

Oz: Acabei de me tornar uma Jameson e revirei meus olhos. Não seja tão dramática.

Jameson: EU? DRAMÁTICA?

Oz: Eu: Oz. Você: dramática.

Jameson: Lindo. Muito lindo. Onde você está agora?



Oz: Assento 12D, passando por alguns campos de milho muito pitorescos em algum lugar entre Ohio e Iowa. Você?

Jameson: Já sabe... Na biblioteca, em minha mesa de sempre.

Oz: Merda, isso realmente me deixa com ciúmes.

Jameson: Por quê?

Oz: Eu meio que considero a biblioteca "nosso lugar" agora, e você está aí sem mim.

Jameson: Sério? Porque está agindo muito estranho ultimamente.

Oz: Estou agindo? Lol.

Jameson: Acabei de revirar os olhos, está feliz? Sim, você está. Finalmente preparado para me dizer por quê?

Oz: Sim, mas preferiria fazê-lo pessoalmente.

Jameson: Pode pelo menos me dar uma pista?

Oz: Muito bem.

Oz: Tem algo a ver com você.

Jameson: Não ESSE tipo de pista! Seja mais específico.

Jameson: Ei, Sebastian? Pode me ligar para conversar, ou seria estranho?



Oz: *Sim, posso te ligar. Já que não te vi em uns dias, que tal FaceTime³¹?*

Jameson: **rubor* Sim, isso também funciona. Me dê quinze minutos para guardar minhas coisas e correr para casa. E arrumar o cabelo. Ha ha.*

Oz: *Quinze minutos.*

Oz: *E para constar, adoro quando diz besteiras como "correr". É tão adorável.*

Jameson: *LOL., ducking*

Oz: *O auto corretor não me deixa dizer ducking.*

Oz: *Não ducking. Ducking³².*

Oz: *MALDIÇÃO.*

Jameson: *Estou rindo tanto agora.*

Oz: *Lol. Começando a contagem. Em suas marcas. Preparar. Vai³³.*

— Está na cama? — Pergunto, me curvando em meu assento para mais dentro de meu moletom com capuz, agradecido por ter toda a fila para mim.

³¹ Aplicativo dos celulares Apple usado para vídeo chamadas.

³² Oz queria escrever Fucking, mas o corretor automático mudava para Ducking.

³³ Expressões usadas para dá início a competições esportivas como natação, corrida, etc.



— Só recostada nela. — Nesse momento escuto seus lençóis ranger, e a imagino fresca, limpa e cheirando como ar puro e sol.

O paraíso.

Jameson me olha através da câmara em seu telefone, cabelo comprido emoldurando seu rosto, olhos inocentes e sexy.

— Quando estará em casa? — Morde o lábio inferior timidamente, como se estivesse muito nervosa, envergonhada por perguntar.

Essas quatro palavras e a forma com a qual pergunta... Cara fazem uma coisa inesperada e estranha em meu estômago, fazendo-o se contorcer.

Limpo minha garganta.

— Programaram para chegar em torno das onze.

— As onze não é tão ruim, é cedo o suficiente para sair e... O... O que?

— Beeem — Digo, arrastando a palavra. — Então esperava te ver.

Seus olhos se ampliam.

— Esta noite? Mas é sexta-feira.

— Correto.



— Não vai sair? Festejar?

— Quer dizer, nós podemos. Se for o que você quer.

— Nós?

— Sim. Você e eu.

— Juntos?

— A menos que não queira. Só pensei... Merda. — Passo uma mão por meu cabelo e depois a arrasto por meu rosto. — Não importa o que pensei. Sou um idiota.

— Não! Não. Sinto muito, eu só. Deus Oz, só imaginei que estaria com seus amigos.

— Você é minha amiga — Aponto, lhe dando um sorriso torcido.

Isto a agrada e um sorriso ilumina seu rosto, um que me faz querer beijá-la através do maldito telefone.

— Sou mesmo, não é?

— Você é. — Me entusiasmo em silêncio. — Sou seu?

— Sim.

— Adoro quando diz que sim e o faz revirando os olhos. É muito sexy.

Jameson ri, inclinando a cabeça para trás até bater no travesseiro branco apoiado contra sua cabeceira.



— Sei que você adora.

— Sabe do que mais eu gosto?

— O que?

— Eu adoro seu cabelo — Deixo escapar.

Suas sobrancelhas se erguem, surpresa, e toca as compridas e brilhantes mechas autoconsciente enquanto segura o telefone com a outra.

— Você gosta?

— Toda vez que te vejo, quero tocá-lo, passar meus dedos por ele.

— Você gosta? — Ela me olha com apreensão.

— Há muito sobre mim que não sabe.

— Posso ver. — Jameson se balança na cama. — O que mais esconde de mim?

Queria esperar, para lhe dizer tudo isso pessoalmente, mas já que pergunta, e tão adorável, digo a contragosto:

— Aqueles sonhos que te contei no outro dia?

— Os pesadelos? Sim, me lembro.

— Não estava brincando quando disse que eram sobre você.

— Oh!! — Sua boca forma um pequeno círculo.



Limpo minha garganta, olho ao redor revisando o ônibus para ver se alguém está acordado, me assegurando de que meus companheiros de equipe estejam ocupados com outras coisas antes que eu continue derramando meu maldito coração negro na pequena tela de meu telefone.

— Então, o que era tão horrível sobre eles? — Pressiona, tentando fazer uma luz desta conversa cheia de tensão.

— Sonhei que você... — Exalo. — Foi realmente fodido.

— Está tudo bem se não quiser me contar, Sebastian. Percebo que te faz se sentir incomodado, mas obviamente mudou a forma como me vê. — Sua voz soa mais rouca do que de costume? — Estivemos afastados nos últimos dias e... Se houver algo que possamos fazer para corrigir, gostaria que me dissesse.

— Não, nós estamos bem, essa é a questão. Talvez eu já não queira que estejamos bem.

Jameson puxa seu lábio inferior, fazendo um beicinho.

— Não tenho certeza ao que se refere, está terminando comigo?

— Viu? Aí está o problema. Por isso preciso te ver pessoalmente.

Franze o cenho.

— Oz, você está me assustando.



— É só que não é algo que deveríamos estar falando por telefone.

— Certo. Isso não me serve de nada, porque durante as próximas horas ficarei louca — Diz.

— Não fique. Não é nada horrível.

Jameson mostra a língua.

— Diz o único de nós que tem uma pista do que está acontecendo.

— Pode vir mais tarde?

— A sua casa? — Ela põe uma mecha errante atrás da orelha.

— Sim, a minha casa.

— Um sim. Claro.

Estou bastante seguro de que um sorriso tolo cruza meu rosto.

— Ótimo. Te mandarei um texto com meu endereço.

— Ok.

— Fica a duas quadras do campus, com uma cor rosada de vômito, não tem como se perder.

Ri.

— Tudo bem.



— Chegarei por volta das onze e meia. Temos que descarregar e outras merdas quando chegarmos à universidade, então posso ir. Me dê um momento para chegar em casa e me trocar. O que acha onze e quarenta e cinco?

— Humm, claro.

— James?

— Sim?

— A menos que quer que eu vá a sua casa?

Isso é cruzar uma linha com ela? Da última vez em que apareci na sua casa, não foi tão bem.

— Não, sua casa é melhor. Minhas companheiras de quarto são intrometidas, e... Não tenho certeza do que vão fazer esta noite. Além disso, Sydney planejava ficar em casa, então... Quer dizer... A menos que queira vê-la.

Sydney.

Claro.

Melhor evitar essa merda.

— Não quero vê-la. Só quero te ver.



CAPÍTULO 31

"Fiz-lhe um oral enquanto ela comia uma caixa de trufas de chocolate, honestamente não tenho nem ideia de quem provocou o orgasmo mais forte..."

SEBASTIAN

Jameson está em minha casa. Em meu quarto.

Em minha cama.

Ela está plantada perto da cabeceira de minha cama tamanho king, está usando uma camiseta branca justa e uma bonita jaqueta rosa. Jeans justos. Seus saltos? Esses estão no chão junto à porta.

Saltos que pertencem a esses pés sexy e pequenos que ela tem. A admiro balançando-os ao lado de minha cama, os dedos dos pés pintados de púrpura néon, e depois os colocando sobre as pernas quando se aconchega, indo para o meio.

Parece fantástica.

Ela me olha da cama me incitando a ir.



— Sente-se. Se quiser? Seu ir e vir me deixa nervosa.

— Sinto muito, não posso evitar. — Me inclino para a beira da cama e limpo as palmas suadas das mãos em meu jeans. O impulso de balançar meu joelho é forte. Em vez disso, estalo os nós dos dedos. — Toda esta energia reprimida se deve ao fato de ter ficado sentado no ônibus a noite inteira.

— Quer ir correr?

— Você quer?

Seu nariz se enruga.

— Humm não... Só estava tentando ajudar.

— Iria correr comigo para me apoiar?

— Humm... Não, mas seguraria o cronômetro enquanto dá voltas na pista, e te lanço uma garrafa de água quando passar correndo?

Deus, ela é perfeita.

Inteligente, bonita e astuta. Com lábios e peitos perfeitos, ela fode completamente com minha cabeça.

Somos amigos e anti-amantes, com a tensão sexual encaixada em uma merda de relação não-relação que é tudo minha culpa porque disse que não podia me comprometer.

Aspiro forte para este pensamento.

— Ei, Jameson?



— Sim, Sebastian?

Deus, ela usou meu nome sem parar ultimamente, e não acredito que alguma vez me canse de ouvi-lo passar por seus lábios.

— Eu tenho... — Engulo nervoso. — Tenho sonhando com você.

Seu rosto fica vermelho como fogo no mesmo instante em que um suspiro escapa de seus lábios.

— Já disse isso.

— Você me traiu.

Suas sobrancelhas se elevam.

— O que?

Minhas costas batem no colchão e meu braço descansa sobre o rosto para esconder meus olhos.

— Em meus sonhos, você é minha namorada e me trai. Com um de meus companheiros de quarto.

O quarto está em silêncio exceto pelo som de uma notificação do Facebook em meu laptop.

— Com qual?

— Com qual o que?

— Com qual companheiro de quarto estou te traindo? Por favor, me diga que não é aquele imbecil do Zeke ou qualquer



que seja o nome do bruto, porque de maneira alguma isso aconteceria. Nem em sonho.

— Não é Zeke. — Minha risada sacode o colchão. — É o Elliot.

— Elliot? — A ouço sorrir. — Aww, ele é o quietinho e legal?

Aww?

Descubro minha cara para fitá-la com os olhos entreabertos. Sentada na cama com as pernas cruzadas, um sorriso de merda em sua cara.

— Você realmente deve parar de se referir aos meninos como amáveis. Odiamos isso.

— Que bom que nunca te chamei de agradável. — Jameson me cutuca no braço com um dedo indicador.

Franzo o cenho quando se afasta.

— Percebi.

— Está fazendo beicinho?

— Não.

— Porque parece que está fazendo beicinho.

— Pfff. O que me importa se não acha que sou amável? Como se me importasse.



Jameson põe a rádio no mudo, me observando com seus grandes olhos azuis. Finalmente, diz:

— Mentiroso.

Me nego a olhá-la. Estudo o teto que talvez precise de uma camada fresca de tinta. O ventilador coberto de pó que precisa de uma boa limpeza. A parede falsa rachada no canto. Para todas os lados exceto para ela. Dando-me um empurrão no bíceps.

— Por que não me olha?

Porque você me faz sentir coisas que não quero sentir. Sentimento que não sei como lidar, não sabe como manejar.

Como me desfazer deles.

Mantê-los.

— Olha Oz, só porque teve um sonho sobre mim, isso não significa nada.

Isso chama minha atenção.

— Não acha que os sonhos significam algo?

— Você acha?

— Sim. — Me apoio sobre meus cotovelos e me levanto para sentar. — Toda a história está fodida. Muito.

Ela enrugando o nariz com desagrado, como se a insultasse.



— Por que? Por que eu estava em seu sonho em vez de alguma loira fanática por luta livre? Alguém com peitos enormes que requer zero esforço? Deus, perdão por te decepcionar.

Ela ainda não entende.

— Não James, é porque sonhei que era minha namorada e me traía. — As palavras ficam presas em minha garganta, amarradas tão fortemente quanto o monte de nós em meu estômago.

Malditos nós.

Vou vomitar.

— Acha que é um pesadelo apenas porque eu era a sua namorada? — Sua voz sai lentamente. Baixa.

Ferida e confundida, presa no detalhe menos importante.

Típico de uma mulher.

Giro o tronco para enfrentá-la.

— Não. Não é isso que estou dizendo. O sonho foi fodido porque... merda. Nem sei que diabos falei. — Está calada, então preencho o silêncio com mais balbuciações. — É o mesmo sonho recorrente: chego em casa de fora da cidade e te encontro fodendo meu companheiro de quarto. Duro. Discutimos e brigamos depois você chora e te expulso. A primeira vez que aconteceu, fui despertado no ônibus por um



companheiro de equipe; ele me ouviu chorar como um maldito bebê. Quão fodido é isso?

— Você chorou? Porque eu era sua namorada e falsamente te traí? — Sua cabeça dá uma sacudida confusa.
— Por que se incomodaria com isso?

— Porque não parecia ser falso. — Digo numa queixa.

— Não entendo. Você nem gosta de mim dessa maneira, por que sonhar comigo?

Fala como se fosse algo que eu pudesse controlar.

— Você não percebe? É isso que estou tentando te dizer.
— Meus olhos vão de novo para o teto enquanto uma lufada de ar sai de meu peito. — Talvez eu faça.

Essas três pequenas palavras repercutem a tensão pesando a atmosfera.

— Mas certamente... Não é assim. — diz cautelosa e insegura, a incerteza gravada nas lindas e perfeitas sobrancelhas. A encaro rudemente.

— Por que fala assim?

— Não sei.

— Como pode não saber? — Pergunto genuinamente curioso. — Seria a pior coisa no mundo se eu gostasse? Sou um grande partido, sabe.



— Quer a verdade? Aqui está: você me incomoda às vezes quando tudo o que faz é falar de sexo. É algo que me desanima. É como ah, deixa para lá, você é uma ereção ambulante.

— Essa é sua única impressão de mim?

— Está falando sério? — Seu rosto sem expressão. — Você passa a metade de nosso tempo juntos fazendo piadas de sexo, e ainda espera que eu o leve a sério agora. — Jameson joga as mãos para o alto, murmurando para o teto. — O que acontece com os meninos?

Está bem, mas...

— Você realmente acha que isso é tudo o que quero de você? Sexo?

Sua risada é sarcástica e falta entusiasmo.

— O que mais? Quer ser meu amigo de verdade?

— Não, não quero ser só seu amigo. — Não mais; agora quero ser seu amigo e quero te foder. Repetidamente. — Você quer que sejamos só amigos?

— Era assim no princípio. Quer dizer, você é vulgar e uma espécie de porco. Não sei por onde começar com um cara como você. É como um jogo de Legos com um milhão de peças minúsculas e instruções terríveis, e não sei onde colocar cada uma. E depois acabo pisando nas quinas pontudas durante a noite, o que dói para cacete.

De que merda está falando?



— O que quero dizer é... Acho que você é muito divertido, mas partes de você poderiam me machucar.

Arranho meu queixo.

— Não tenho certeza de como deveria me sentir ao ser comparado com um jogo de Legos.

— É por isso que não dormi com você. — Ela morde com força o lábio inferior. — Mas comecei a gostar de você e odeio isso. — Sua cabeça balança de um lado para o outro, os olhos fechados. — Odeio.

— Então minhas quinas pontiagudas são...?

— Outras garotas.

Digo cada palavra lentamente, cuidadosamente.

— Às vezes o sexo é só sexo James, e isso é tudo o que é para mim. Um ato físico para aliviar o estresse.

Jesus, até em meus próprios ouvidos, eu pareço como um grande idiota; basicamente comparei o sexo com o exercício na academia. Amaldiçoo a minha mãe por não ter me ensinado melhores maneiras.

E, no entanto, não a perturba.

— Isso pode ser verdade, Sebastian, mas não gosto da ideia de compartilhar ou me perguntar constantemente se meu nam... O cara com quem durmo tem o seu *já-sabe-o-quê* na *já-*



sabe-o-quê de outra pessoa. É coração quebrado na certa, e você disse que não queria se amarrar, então...

— Talvez eu tenha mudado de ideia.

— Já disse isso a seu fã clube? — Seu lindo beicinho faz com que meu coração se agite um pouco e meu pulso se acelera, não é uma mentira de merda. Significa que ela se importa.

— Jameson Clark, nunca acharia que é do tipo ciumento.

— Mesmo para mim, minha próxima pergunta soa incrédula.

— Não está com ciúmes das outras garotas, não é?

Porque isso seria ótimo. Já tive sexo ciumento, zangado no passado, e acreditem em mim quando digo que é o melhor.

— Sim, suponho que estou. — Ela dá de ombros e me surpreende com sua honestidade. — Só sei que todas as vezes que disse que quer me foder... — Estremece... — Eu me afastava; não, essa não é a palavra certa. Eu não me afastava me fazia sentir... — Luta com sua próxima escolha de palavras. — Comum? Talvez seja o que todas as outras sentem. A garota no corredor com o cabelo vermelho.

Franzo o cenho.

— Mas você não é como essas outras garotas.

Jameson revira os olhos e exclama:

— Duh. Eu sei.



Esta declaração inesperada surpreende a ambos, e a forma com que ela o diz nos faz rir. Caio na cama, rolando de lado, e me apoio no cotovelo, a estudando.

Estudo com atenção.

— Você não é nada como essas garotas. Nada.

Quero que ela perceba; preciso que entenda. Utilizando a única ferramenta que tenho para comunicar, mostro com meu corpo. Estico minha grande estrutura, me arrasto pela cama, a puxando e fazendo com que se deite de costas. Apoiado meus cotovelos dos lados do seu rosto e a olho.

Ela é realmente bonita.

Sempre a achei linda, mas com o cabelo despenteado em meu edredom azul marinho, me olhando com os olhos abertos e desconfiados, é totalmente maravilhosa.

Quero envolver as brilhantes mechas de seu cabelo ao redor de meu punho e puxar, então torço em um cacho no meu dedo.

— Sinto muito Jim. Não sei como fazer isto.

— Fazer o que?

— Te convidar para sair. Ter um encontro com você. Nunca te tratarei... — Detenho-me, sem saber como terminar meu pensamento. — Jameson.



— Sebastian. — Seus lábios se curvaram em um sorriso paciente.

— Nada sobre você é fácil...

Sua risada suave enche o quarto.

— Graças a Deus por isso.

— Não posso acreditar que disse isto, mas para alguém que começou como uma companheira de estudo, você é tudo em que posso pensar ultimamente. — Seu cabelo brilhante escorrega de meus dedos, minhas mãos ambiciosas se arrastam através do cabelo espalhado em minha cama. — Noite e dia. Estar na rua e não te ver me mata. Isso nunca aconteceu antes. Não falar com você me mata. Sonhar com você...

— Estava te matando?

Fico quieto, estreitando os olhos para ela.

— Você não parecia tão sabichona no dia em que nos conhecemos.

James levanta uma sobrancelha.

— Ah é mesmo? O que eu parecia?

— Inteligente e sexy. — Desconfiada e complicada.

Jameson ri.



— Não pensei que me achasse sexy. Você pensou que eu era uma idiota, não minta.

Respondo elevando as sobrancelhas e baixando a voz.

— Vou sair com você, e um destes dias Jameson, vou tirar todos os botões de seu casaco, um por um, e te fazer perder o sentido enquanto não usa nada mais que seu colar de pérolas.

— Não há botões neste casaco — Sussurra.

Inclino-me mais perto, meus lábios descansando sobre sua orelha.

— Eu sei.

— Isso não é justo — Queixa, se movendo inquieta debaixo de mim.

— O que não é justo? -As pontas de nossos narizes se esfregam enquanto toco o decote suave de seu suéter rosa. É delicado, bonito e muito Jameson.

— A forma como me faz sentir.

— Como eu te faço sentir? Diga-me — Peço.

Estou de acordo com implorar.

Tenho que saber o que ela pensa, na esperança que me ajude a entender a merda emaranhada que tenho na mente.



— Você me faz pensar em não estudar — Sussurra, arqueando-se para mim, o nariz riscando um traço pelo meu pescoço até o vale debaixo de minha orelha.

Epa!

Movo as mãos, as apoiando de cada lado de suas coxas, e inclino a cabeça para lhe dar um melhor acesso a meu pescoço.

— Isso é bom ou ruim?

— Os dois. — Ela inspira. — Mmmm. Você cheira bem, embora a metade do tempo quero te estrangular com minhas mãos.

— E a outra metade?

Jameson finge um suspiro em meu ouvido tão feliz e doce que envia um choque direto para meu pau. Resisto ao impulso de levá-la para a cabeceira e prendê-la.

— A outra metade, quero que faça todas essas coisas sujas que sempre ameaça fazer. Como agora mesmo, quero você sem essa camisa. Quero te tocar, sentir sua carne nua contra as pontas de meus dedos.

— Oh, mesmo? — Digo com voz entrecortada.

— Sim. — Ela ainda move a ponta de seu nariz por um lado de meu pescoço, para cima e para baixo, para cima e para baixo, sentindo meu cheiro. — Allison diz que devo deixar que



me foda até me deixar em coma. — Sua língua lambe um lóbulo de minha orelha e ela sopra ligeiramente. — O que acha disso?

— Puta merda, sim. — Suspiro, meu pau oficialmente duro dentro da calça de malha, tão dolorido. A fina malha se distende contra minha ereção. — Sabia que eu gostava da Allison.

— Mas o que acho que devo fazer agora é...

— Sim?

— Ir.

— Ir? Por que? Estamos só no começo

Jameson recua, acariciando meu rosto suavemente com a palma da mão.

— Se não nos detivermos, não pararemos, e não quero que esta relação se baseie no sexo. Isso faz sentido, não é? Oz, me diga que faz sentido.

— Faz sentido — Respondo com tristeza, cruzando os braços para fazer um beicinho.

Ela tem razão é claro; esta relação não deve se basear em sexo. Ou orgasmos. Ou boquetes. Ou peitos redondos e arrebitados. Deveria se apoiar em conhecer sua personalidade e do que gosta ou não. Suas esperanças e sonhos e...

Merda, que diabos disse?!?



Seus lábios se movem e ela está falando, mas a dura ereção em minha calça se aperta furiosamente contra minha boxer, cortando o sangue de meu cérebro e tornando impossível me concentrar.

— Então está de acordo? — Jameson diz, lambendo os lábios. Seus lábios brilhantes, suculentos e provocantes...

Assinto.

— Seja o que for que acaba de dizer, estou de acordo. Está bem. Vou fazê-lo. — Expulso o ar e engulo minha grande decepção. — Espera. Com o que concordei?

— Se for sair comigo, insisto na regra número dez: Nada de sexo até o quinto encontro. — Morde o lábio inferior, sai cuidadosamente debaixo de mim e correndo para a beirada, e começa o processo de calçar seus saltos. — Ou talvez no terceiro ou quarto, depende de como será.

Não há sexo até o encontro número cinco! Ela está louca?

— Oz? Temos um trato?

Meus olhos estudam cada uma das deliciosas curvas que não verei nuas por pelo menos cinco encontros. Três se sair tudo bem. Três, três, se concentre em três. Se concentre em sua virilha, seu estômago plano, seus peitos, sua boca veloz...

— Oz?

Eu gosto dela. Posso fazer isto. Vamos iniciar os encontros, um atrás do outro, rápido.



Assinto de novo, meus lábios se arqueiam em um sorriso perverso.

— Sim. Sim. Excelente.

Ela me olha e me sinto a um milhão de metros de altura enquanto caminhamos para seu carro. Planto um beijo casto na parte superior de sua cabeça para deixá-la querendo mais.

Fico olhando suas brilhantes luzes traseiras viajando pela rua vazia, parar no semáforo, e desaparecer de vista uma vez que vira à esquerda.

— Prepare-se Jim, vou te levar a um grande encontro.



CAPÍTULO 32

"Em uma escala de um a dez, quais são as chances de fazermos anal? Preciso saber se deveria parar de falar com você ou não".

JAMESON

— Deus. Esta coisa feia fica realmente muito fofa em você — Diz Oz, se esticando para ajustar o capacete de rebatida azul sobre minha cabeça. Dando uma pequena batidinha, se inclina e...

— Você não acabou de beijar a ponta de meu nariz?

— É um nariz adorável e arrebitado. — Recua, deixando que seus olhos explorem o resto de meu corpo. — Quase tão arrebitado quanto seus peitos.

Dou uma pancada na barriga dele com mais força do que queria. Minha mão dói para caramba quando a retiro, como se agulhas a espetassem por dentro. A coloco sobre a boca para acalmar meu desânimo.



— Oh! Meu Deus, sinto muito! Não queria bater tão forte. Quer dizer... Queria te dar uma batidinha, não te golpear.

— Se isso foi um pedido de desculpa, foi horrível.

— Minha mão dói — Gemo, a embalo como um bebê.

— Quer que a beije para passar a dor?

Quero. Quero que a beije e a faça melhorar, então me aproximo dele, com a palma estendida.

— Seja gentil.

— Venha aqui, deixe-me ver. — Ele deixa seu capacete no chão, vindo para mim com um propósito deliberado e pega minha mão. — Pobre bebê.

Oz faz um grande espetáculo examinando minha mão, meus dedos, depois passa sua palma por meu braço coberto de calafrios, volta a baixar. Quando abaixa a cabeça e arrasta o nariz ao longo da delicada pele do interior de meu pulso, minhas pálpebras se fecham.

Quando seus lábios encontram meu pulso, gemo.

— Pobre. — Beijo. — Pobre. — Beijo. — Bebê. — Mais um beijo e levanta a cabeça. Pisca um olho. — Seja mais cuidadosa da próxima vez. Quando eu te tiver, eu te quero em uma única peça.

— Era meu tipo especial de paquera. — Sem dúvida minha expressão é hesitante. — Espero não tê-lo machucado.



Um sorriso lento se espalha por seu rosto e ele se abaixa, pegando meu braço. Puxa-me mais perto pelo pulso que acabou de marcar com seus lábios. Arrasta minha palma dolorida sobre seu estômago e sobre seu duro abdômen.

— Sente estes abdominais?

— Sim.

— Rocha. Sólida. — Move minha palma sobre o plano de seu tanquinho, os músculos estreitando-se sob o suave toque. Seu braço passa ao redor de minha cintura enquanto ele move minha mão sobre seus peitorais firmes. Por cima de seu ombro direito. Obriga-me a aproximar ainda mais. — Não pode me machucar, James.

Não pode me machucar.

Palavras de flerte com um desconcertante golpe de ficção.

Estas quatro palavras me fazem olhar para seus olhos escuros e expressivos. Sua boca tem um sorriso aberto, mas esses olhos sombrios? Esses olhos estão dizendo completamente algo mais: você pode me machucar.

Todo este tempo eu estive preocupada comigo e com meu coração, nunca considerei que poderia lhe machucar. Que egoísta.

Envergonhada, minha cabeça cai por uma fração de segundo, considerando sua mentira descarada. Ele mente.



Este gigante, uma montanha de homem que me olha com brincadeiras, sorrisos e risadas, está mentindo.

— Realmente gosta de mim — Digo sem fôlego, as palavras cheias de espanto.

— Gosto de você— Diz sem fôlego em resposta.

— Mas você gosta, gosta — Desafio como uma criança de dez anos no pátio de recreio. — É apaixonado por... Meus casacos, Sebastian?

Consigo fazer com que revire os olhos com isso.

— Deixa disso, Clark.

Oz inclina sua cabeça para me estudar, uma mão se levanta entre nossos corpos para acariciar meu queixo. Ele se inclina para frente. Sua boca repousa sobre a minha e ele pressiona suavemente sua outra palma grande em minha bochecha.

— Pegue o taco de beisebol, vamos.

— Mas é pesado — Queixo-me quando ele me entrega o taco de beisebol de madeira do Louisville. — Meus braços são como macarrão.

— Pare de adiar Clark, pegue logo. — Dá outro apertão em meu traseiro e depois uma leve palmada antes de me empurrar para uma linha amarela desenhada no pavimento onde devo tomar minha marca.



Rio como uma colegial e pego o taco de beisebol de madeira de sua mão estendida.

— Verifique seu capacete. — Adverte. — Se assegure de que esteja bem preso. Não quero que sofra uma concussão.

Verifico o capacete, meu cabelo comprido vai para o lado.

— Melhor. Bem, estou pronta treinador.

Oz assente e cruza os braços, satisfeito por eu ter verificado corretamente meu equipamento, depois começa a dar instruções rápidas.

Abra as pernas, dobre o joelho, cotovelos, olhos na bola.

Equilibre tudo.

— Tudo certo?

— Ok.

A bola branca sai da máquina, zumbindo além de mim a uma velocidade curva. Ela golpeia a rede de fundo com um golpe oco, cai no chão, e rola alguns metros antes de parar na cerca de aço.

Tarde demais, eu balanço.

— Maldita seja, não consegui — Brinco. Oz ri, caminha alguns metros até a caixa mecânica verde pendurada na cerca, e abre a tampa. Digita alguns números e fecha a tampa.



— Isso pode ter sido um pouco rápido demais para um principiante, ajustei a velocidade.

— Espero que seja mais lento que a velocidade com a qual as meninas caem na cama com Zeke Daniels — Digo, a postura adequada enquanto antecipo o disparo seguinte. — Porque se esse for o caso, estou fodida.

— Você é engraçada.

— Obrigada. — Levanto o taco, dobro meus cotovelos e empurro o traseiro para fora, olhando as sandálias cor da pele, presa a meus pés. As unhas dos pés pink brincando de se esconder. Visto meu jeans justo e uma blusa de seda azul.

O delicado colar turquesa balança entre meus seios quando olho para Oz.

— Poderia ter me avisado que me traria aqui, assim não usaria saltos; isso teria sido o mais educado para um cavalheiro.

Ele se inclina contra a rede de aço.

— Sempre preferi o elemento surpresa.

— Mas não teria usado estes.

Uma sobrancelha grossa se ergue enquanto olha fixamente meu traseiro coberto pelo jeans.

— Exatamente.

O belo imbecil sorri e reviro meus olhos.



— Vamos colocar este espetáculo em andamento e pôr fim à minha miséria.

Bola atrás de bola sai da máquina. Eu balanço, balanço e perco cada bola voando através de mim com um som e velocidades alarmantemente rápidas.

Frustrada por minha incrível falta de jeito bato o pé.

— Porcaria Sebastian! Vai me ajudar ou não?

O bastardo sorri.

— Só se insistir.

Ponho os olhos em branco.

— Eu insisto.

Afastando-se da cerca, ele se move mais devagar que mel, aproximando-se por trás. Apoia ambas as mãos em meus quadris. Desliza lentamente por minha caixa torácica, por meus braços e agarra a base do taco de beisebol sobre minhas mãos.

Seu corpo musculoso se gruda atrás de mim; e mordo o lábio inferior quando esse peito esplêndido encontra minhas omoplatas, sua pélvis numa fricção erótica contra minhas costas. Recosto a cabeça lentamente, enquanto seu nariz roça o cabelo ao longo de meu pescoço, empurrando-o de lado.



Seus belos lábios falam, acendendo inadvertidamente infinitas faíscas dentro de meu corpo, as palavras sugestivas são uma carícia sensual, sensorial.

— Agarre-o assim, nem muito firme, nem muito suave. — Ele reposiciona minhas mãos. — Abra essas belas pernas para mim um pouco mais afastadas, James. Sim, isso. — Seu joelho golpeia a parte interior de minha perna, afastando-as sobre o asfalto. — Cavalgue a placa. — Suas pontas dos dedos deixam momentaneamente o taco de beisebol para cavar em meus quadris e me embalam mais perto.

Posso sentir sua ereção contra meu traseiro e luto contra um gemido.

— Não há placa. — É uma gaiola de rebater, não um estádio de beisebol.

— Feche os olhos e visualize-a então. Imagine a si mesma cavalcando-a.

Meus olhos se fecham, um estádio de beisebol é a coisa mais longe em minha mente suja. Imagens gráficas alimentam minha muito suja imaginação: Sebastian sobre suas costas, coberto de suor do sexo. Seu peito nu, os quadris esbeltos e uma ligeira penugem que se arrasta do umbigo até o delicioso V... Descendo e desaparecendo em um emaranhado de lençóis brancos. Subo sobre ele em uma cama grande, meu cabelo caindo em uma cascata sobre meu nu...

— Você vê? — Sua voz corta minha fantasia.



— Sim. Vejo... — A pulsação entre minhas pernas não é produto de minha imaginação. A roupa íntima molhada. O desejo. Ele. — Mmm.

Oz libera seu aperto no taco de beisebol para que possa arrastar suas mãos enormes ao longo da frente do meu jeans. Quase não consigo suportar a tensão de seu dedo médio e indicador, para cima e para baixo nesse vale sensível de minha linha do biquíni, esfregando. Enrolando. Tão perto de minha virilha, o sinal revelador de um orgasmo ameaça me fazer gemer vergonhosamente em voz alta.

A força de seus dedos na calça é como a pedra e o fogo. Embriagador.

Ele me acaricia na parte baixa do abdômen.

Grunhe em meu ombro.

Arrasta sua dura ereção em meu traseiro.

Ambos gememos quando seus dedos se arrastam por minha caixa torácica e se reposicionam ao redor do cabo do taco.

— Vir aqui foi uma ideia muito, muito terrível — Grunhe.

— Foi uma merda. — Não deixe cair o taco de beisebol James, não deixe cair o taco de beisebol. — Este foi o pior lugar da história.

Agarro-o com força.



— Regra número onze: quaisquer e todos os futuros encontros terão agora uma cláusula de não contato implementada.

— Isso soa como uma regra dentro de uma regra. — Ofego, mentalmente tentando estabilizar meu coração. — Talvez devêssemos voltar. Claramente não se pode confiar que você se comporte.

— Eu? Você é quem está balançando seu traseiro contra mim...

— Estou? — Tento focar em suas palavras, de verdade, tento... Eu realmente balanço meu traseiro em sua ereção... Mas juro, não posso evitar. Meu corpo de repente tem vida própria.

— Está — ele argumenta. — Está rebolando como uma stripper.

Diz como se fosse algo ruim.

— Sinto muito?

— Diga que sente, sem gemer. — Oz grunhe em meu ouvido com um suspiro. — Provavelmente deveríamos sair antes que eu goze em minha calça como um menino de treze anos e nos envergonhe.

Uma família de sete pessoas está escolhendo capacetes e tacos de beisebol na gaiola fechada a nossa esquerda.

— Boa ideia.



Nenhum de nós faz um movimento.

— Jim, solte o taco.

— Solte você o taco.

Seus quadris giram, dando a meu traseiro um pequeno golpe, uma pequena investida.

— Um de nós deveria soltar o taco.

— Muito bem. — Mordo o lábio inferior e assinto. O calor do corpo de Oz está fazendo com que meus joelhos enfraqueçam meu desorientado cérebro transformado em geleia. — Bom. Definitivamente deveríamos ir.

Então o fazemos.

Devolvemos os tacos de beisebol e os capacetes e voltamos a subir na caminhonete preta sob as brilhantes luzes de segurança. Rumo até minha casa.

Escurece no lado de fora e as luzes da rua se acendem ao longo da avenida vazia, projetando sombras e raios de luz dentro da cabine da caminhonete de Oz. Através de seus escuros olhos, lábios e peito.

Ele parece misterioso.

Sexy.

Engulo, olhando pela janela antes de soltar o cinto de segurança.



— Espere aí — Ordena Oz. Solta rapidamente o próprio cinto de segurança, salta da caminhonete, corre para meu lado e abre a porta do passageiro.

Contenho um sorriso por suas boas maneiras; estão enferrujadas, mas existe potencial.

— Obrigado.

Despreocupadamente, sua mão segura a minha enquanto caminhamos, devagar pela calçada, até a porta.

Viro-me para encará-lo, com a mão ainda na sua, me inclinando casualmente contra a varanda da frente. Respiro fundo várias vezes, em uma tentativa para estabilizar meu coração acelerado.

— Isso é estranho. — Sussurro sob a luz fraca.

— O que é estranho? — Oz sussurra de volta. — Por que estamos sussurrando?

— Isto. Nós. Sinto que devíamos estar fazendo outra coisa. Estudar ou algo assim. — Tento rir, mas a risada fica presa em minha garganta. — Voltar para nosso elemento.

— Se quer ir à biblioteca, vamos à biblioteca — Diz Oz pragmaticamente, a necessidade de me agradar evidente em sua persistência. — Posso esperar aqui enquanto pega sua mochila, depois passamos em minha casa e...

— Não foi isso que eu quis dizer. — Rio. — Esta coisa de encontros... Parece estranho para você? — Oh Deus, o que eu



disse? *Pare de falar Jameson, você vai estragar tudo!* — Sinto muito, não escute minha conversa. Estou muito nervosa.

Oz faz uma pausa por alguns segundos, me observa sob a penumbra da varanda com uma lâmpada queimada. Dá alguns passos mais perto e agarra minha outra mão. Ele a puxa para seu poderoso peito, abre minha palma e a coloca sobre seu coração.

Coração freneticamente acelerado.

Tão selvagem que posso sentir sob meus dedos, seu ritmo como uma corda fina me atrai para ele em cada batida. Conectando-nos, coração a coração.

— Sente isso, Jameson? — Pergunta sem fôlego. — Pode senti-lo pulsando?

Posso.

— Isto é por você. Ninguém me faz sentir assim; ninguém nunca me fez sentir desta maneira. Nenhuma mulher. Nenhum treinador. Nenhum oponente acelera meu coração.

— Pare de falar.

De repente estou nas pontas dos pés, esmagando minha boca na dele, silenciando-o. Esmagar — que clichê — no entanto o empurro contra a casa, beijo este idiota com força, com minha mão envolvida inesperadamente na gola de sua camisa. Trago-o mais perto, beijando as palavras de seus lábios, as bebendo para acalmar a sede de minha alma. O



beijando como se fosse um soldado que não verei por meses, anos.

Insinuações de uma língua deliciosa.

Nossos corpos estão nivelados.

Sons que não sabia que as pessoas faziam enquanto se beijavam.

Beijamos e beijamos até que uma luz se acende na sala de estar, o brilho suave das cortinas é pego por meu olhar me dando uma pausa. Allison puxa a cortina para olhar para fora, visivelmente abalada por nos ver aos beijos na varanda.

Ela fecha rapidamente as cortinas, mas abre de novo segundos mais tarde para conseguir outro olhar. Começa a socar o ar, aos pulos ao redor da sala em uma dança silenciosa da vitória até que meus beijos com Oz se transformam em ataques de risada e ele se afasta confuso.

Os olhos de Allison se abrem com culpa e ela se aproxima das cortinas, as fechando de repente, mas podemos escutar sua risada histérica.

— Ela é encantadora. — Oz ri e planta outro beijo firme em meus lábios.

Eu me animo.

— É isso que pensa?

— Não, é uma assassina de tesão.



Oh, Deus.

Um encontro a menos.

Quatro por vir.



CAPÍTULO 33

"Querendo ser honesto, eu gostei da sua amiga loira e sexy na foto à esquerda. Pode mostrar a ela meu perfil e descobrir se está interessada?"

JAMESON

Se me dissessem a algumas semanas que estaria assistindo a um duelo de luta livre em uma quarta-feira à noite em um estádio cheio no campus, nunca teria acreditado.

Nem em um milhão de anos.

Mas aqui estou Allison do meu lado me apoiando, porque de maneira alguma eu viria sozinha. Não quando os dois ingressos que me deram ontem à noite foram dos assentos na primeira fila.

Maldita primeira fila. No chão.

— Ganhamos estes ingressos para nossas famílias, mas quero que fique com eles. – Oz havia dito enquanto os guardava no bolso de minha mochila, dando um beijo descuidado no



meio da minha surpresa boca; ainda não consigo superar suas demonstrações públicas de afeto. — Ainda planeja ir, não é?

Assenti de forma trêmula, tocando com as pontas dos dedos o local da minha boca onde a dele esteve.

— Sim. Allison vai comigo.

— Bom. Não quero que esteja sozinha em nosso segundo encontro. — Seu lápis batendo na beirada da mesa de madeira.

— Como considera isto um encontro se não estará lá?

— O que quer dizer com não estarei? Vai me ver em ação. E logo depois... — Hesitou. — Talvez possamos comemorar a grande V com um jantar.

Enruguei a testa, confusa.

— Grande V?

Minha mente se foi imediatamente para o foco: Grande O.

Orgasmo.

Grande P.

Pênis.

Oh, Deus, era oficial: ele tinha sexo no cérebro vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e só havia um culpado.

— Grande V significa vitória. — Riu. — O que achou que significava?



— Definitivamente, não isso?

— Então o que?

— Coisas muito grandes.

— OH, meu Deus. — Oz gritou. — Não posso acreditar no quanto você é pervertida.

— Não sou uma pervertida só porque me fez pensar em sexo!

— Foi pega! — Gargalhou mais alto, com a cabeça jogada para trás na cadeira de couro da sala de estudos. — Nunca disse que isso é o que estava pensando.

— *James. James está prestando atenção? Você está no lugar desse cara.*

Hum?

— Tem que pular uma cadeira James. Terra para James. James?

— Oh, merda, sinto muito! — Me movi rapidamente, lançando um sorriso de desculpa ao homem que esperava pacientemente por seu assento no estádio. Agarrando minha jaqueta e o dedo gigante de espuma de Iowa que Allison comprou, me afasto.

— Não posso acreditar nestes lugares! — Grita Allison ao meu lado, me tirando de minha fantasia. — São impressionantes, James. — Ela procura por seu telefone, abre



o SnapChat, e tira uma selfie com os tatames de luta no fundo. O dedo voando pelos filtros. — Genial, há um geofilter³⁴ de luta de Iowa!

Sorrio por seu entusiasmo e experimento o dedo de espuma, fazendo alguns movimentos com ele antes de colocá-lo no chão diante de mim.

As borboletas em meu estômago se multiplicam para centenas quando as luzes no estádio de repente piscam e se apagam. Nossa mascote de Iowa aparece na tela e um holofote foca o centro do enorme piso de madeira que se transformou em um estádio de luta livre.

A luz brilha no tapete central enquanto a voz de barítono do locutor se eleva. A banda começa a música da luta e os aplausos são tão ensurdecedores que tenho de resistir ao impulso de cobrir meus ouvidos.

— Isto é uma loucura! — Grito para Allison, realmente assombrada. O número de pessoas tomando os assentos é incrível; as arquibancadas se perdem em mar negro e amarelo. Faixas, letreiros e bandeiras voam. Através da madeira dura, um pôster pintado à mão anuncia: ZEKE DANIELS! QUERO FAZER BEBÊS CONTIGOOO, um mais atrevido diz OZZY PARA O PIN³⁵ em glitter dourado, e outro ao lado dizia, OZ OZBORNE, NOS PEGUE COM SEU GRANDE P***! FAZEMOS TRIOS!

³⁴ Filtro geográfico, indicando localização através de desenhos ou do nome do local colado à foto, usado no Snapchat.

³⁵ Manobra em que se força a submissão do oponente.



Encolho ao ler esse.

Um por um, os lutadores da equipe visitante são anunciados e suas estatísticas anunciadas enquanto correm do vestiário para o tatame, dando uma volta no perímetro e caindo no chão fazem flexões.

Tiram os trajes de aquecimento, Santo e doce Jesus...

— Querido. Deus. Posso ver... Tudo — Grita Allison sobre a banda que começa um monte de músicas para acender a multidão enquanto nossas animadoras giram seus pompons amarelo metálico e... Espera.

— Desde quando luta tem animadoras? Isso tem importância? — Grito para minha companheira de quarto.

— Oh, é importante! — Ri em voz alta. — Você realmente não gosta muito de esporte, certo?

Sacudo a cabeça.

A multidão ao redor de nós fica selvagem quando as luzes estroboscópicas³⁶ piscam, o rosto da nossa equipe aparece nas telas gigantes sobre os marcadores e a tela acima de nossas cabeças. Primeiro um menino chamado Rex Gunderson corre. Outro chamado Jonathan Powell. Monaghan. Lewis. Fairchild. Pittwell. Bower. Rodriguez. Ebert. Schultz.

O grande imbecil do Zeke Daniels.

³⁶ Luz que pisca em alta velocidade.



Sebastian Osborne sai por último... Cada centímetro masculino e musculoso dele. Chega a lateral do tatame, saltitando no mesmo lugar, coberto da cabeça aos pés com um agasalho preto com seu sobrenome impresso em amarelo nas costas.

Olho fixamente, paralisada enquanto ele abre o zíper da jaqueta e a passa pelos ombros. As alças de seu traje justo ainda não estão sobre os peitorais definidos; em vez disso, estão penduradas ao lado. Ele está nu da cintura para cima, a tatuagem se expande enquanto se aquece com a equipe. A pele já úmida com transpiração é o epítome da rocha, dura, inflexível, sexy...

— Doce. Menino. Jesus! — Grita Allison me dando uma cotovelada em minha caixa torácica tão forte que dói. Seus braços se abrem, suplicantes. — Por que eu nunca prestei mais atenção na equipe de luta livre? Por que Deus! Por que! Isto é... Isto é...

— Impressionante? — Pergunto.

— Não. É melhor. É majestoso. É a oitava maravilha da porra do mundo, isso é o que é. — Me lança um olhar. — Seria estranho que eu tirasse algumas fotos para meu banco de palmadas³⁷?

— As garotas têm isso? — Me nego a dizer as palavras "palmadas" e "banco" juntos em uma frase.

³⁷ No original é Spank Bank, que pode fazer referência a práticas sadomasoquistas ou a memórias para o momento da masturbação.



— Esta garota sim. Quer dizer Jesus, James. Olhe todos os p-ê-n-i-s cobertos em poliéster neste lugar. — Tampa a boca. — Merda, sinto muito. Só... É só que literalmente dá para ver tudo. Quer dizer, esse cara de Wisconsin parece que colocou todo o emoticon da berinjela na sua...

— Estou muito consciente. — Mas obrigado por mencionar.

Allison olha para as fãs femininas na seção de estudantes. Com seus sinais obscenos e roupas escassas, seus objetivos são evidentes para qualquer pessoa com um conjunto de sensores ópticos funcionais.

Minha companheira ressalta o óbvio com um movimento de cabelo.

— Honestamente não acha que estão aqui para ver a luta livre, não é? Vacas, por favor.

— Me lembre outra vez por que eu te trouxe?

— Porque depois que esta reunião acabar, vai ter que atravessar essa multidão de biscates para felicitar adequadamente seu bebê por sua v-i-t-ó-r-i-a e vou te ajudar.

Biscates?

Cuspo na garrafa rosa de água que estava em meus lábios.

— Há tantas coisas erradas nessa frase.



— Shhh, shhh, estão começando. — Allison salta para cima e para baixo sobre seus calcanhares. — OMG, vou tirar um milhão de fotos para meu histórico do Snap. Todo mundo vai morrer de inveja.

Reviro os olhos, mas meu rosto se ilumina com um sorriso.

— Seja o que for que faça não me marque. Não estou brincando desta vez Allison, aquelas fotos que publicou no Instagram na semana passada, não eram engraçadas.

Ela tira uma selfie e me lança um olhar de soslaio.

— Mas você estava usando um casaco acolchoado.

— E?

— Fazia trinta e cinco graus!

— Algumas pessoas sentem frio, Allison.

— Pare de ficar tão irritada, quase ninguém viu.

Respira fundo, James.

— Allison — Raciocino com calma. — Duzentas e sessenta e sete pessoas viram.

Ela ignora minha preocupação com um irreverente:

— Vai assistir seu lutador ou iniciar uma discussão?

Porcaria, ela tem razão. Rancorosamente, volto minha atenção para a luta, para os atletas universitários diante de



nós. Dois homens jovens se agarram no tatame central enquanto que seus treinadores se agacham perto do chão e gritam instruções. Os árbitro deitados no tatame, os braços estendidos para pegar cada movimento, apitos prontos para qualquer ponto ou penalidade. É ruidoso, caótico.

Emocionante.

Meu coração pulsa quando um lutador de Iowa atrás do outro, luta pela vitória no círculo central. Os pesos leves Gunderson e Pitwell. Bower. Os pesos médios. Um hispânico insanamente bonito chamado Diego Rodriguez.

Zeke Daniels.

A multidão se torna louca quando Oz começa o aquecimento, a torcida é ensurdecadora quando ele alonga os tendões das pernas e braços, flexionando a cintura e tocando os dedos dos pés.

Meus olhos famintos voam para seu fantástico... Redondo... Firme... Traseiro. Esse traseiro, as poderosas e grossas coxas.

Sem pensar lambo os lábios, o rubor subindo por meu peito, pescoço e bochechas enquanto Oz passa pela revisão prévia. Pressiono as mãos no rosto para resfriá-lo e resisto a me abanar com o programa que nos deram.

— Deveria se ver agora mesmo. — Allison ri. — Parece que precisa tirar o suéter.



Quero lembrar que é um casaco de algodão, não um suéter, mas as palavras se prendem em minha garganta porque é assim mesmo... Quero arrancá-la. Estou ardendo, e não é pela temperatura do ambiente.

Ansiosamente, olho quando começam, ouço o apito soar para um falso começo. Começam de novo, luta de mãos, resistência. Alguns quadris são jogados antes que Oz tenha seu oponente em uma chave de cabeça, então em segundos ambos estão no chão.

Parecem peixes saltando fora da água, e...

— Te incomoda que possam ver as bolas através do traje?

—Pergunta Allison.

— Oh! Meu Deus Allison, você não pode dizer coisas assim!

— O que! Por que? Só estou dizendo o que está pensando. Seja honesta. Quer dizer... seu pacote está bem. Ali.

— Bom, mas não preciso ouvir em voz alta. — Porque agora tudo o que vou fazer é olhar.

— Vamos encarar James: cada garota daqui está observando o pau dele.

Uma risada nervosa e inapropriada borbulha dentro de minha garganta e sou incapaz de detê-la.

— Pare Allison!



Minha companheira me bate com o quadril.

— Você fica tão fofa quando está excitada e chateada. É isso, não é? Você quer que ele faça sexo com você e isso te deixa toda acesa.

Fazer sexo comigo?

Dou um assentimento brusco porque estou sendo honesta, sim quero sexo com ele.

— Merda. Eu deveria enviar uma mensagem de texto ao Parker e ver onde ele está. Estou ficando excitada.

— Mmm...

— Calma. — Ela me lança um olhar, escrevendo furiosamente em seu celular. — Não por olhar fixamente para seu namorado, é pelo lugar cheio de pênis. — Dá de ombros, como se isso explicasse tudo. — Sou uma adolescente cheia de hormônios presa dentro de um corpo de vinte e um anos, James.

Evidentemente, eu também.



SEBASTIAN

Estou ensopado de suor.

Quente.

Emocionado, caminho com os braços apoiados atrás da cabeça, andando em volta do tapete a um ritmo lento para me esfriar. Diminuir meu ritmo cardíaco.

Cada combate é muito parecido com cavalgar uma explosão de adrenalina e testosterona, meu corpo condicionado, preparado à perfeição, e alimentado com o melhor, se acalma devagar.

Então caminho.

Fora do vestiário, com o cabelo ainda úmido por uma ducha rápida, ando pelo longo corredor do edifício de atletismo. Volto para o ginásio e evito os zeladores enrolando os equipamentos, apesar da multidão.

Meço cada passo. Colocando de lado o espírito escolar e os restos da celebração, pôsteres, letreiros, dedos de espuma, serpentinas, pipocas.

Eu meço cada espaço livre, até...

James.

Ela está sendo guiada através da multidão de pessoas pela “companheira de foda” loira, desculpa Allison, que agarra



com força a mim... James pelo braço. "Guiar" é um termo muito frouxo; ela é arrastada para mim com relutância.

Detenho meu andar e sorrio. Bebo da garrafa de água em minha mão.

Vejo que Allison lhe dá uma cotovelada final. Jameson cambaleia para frente, com a cabeça inclinada, puxando o casaco de algodão amarelo sobre sua camiseta preta de Iowa. Shorts justos. Um rabo-de-cavalo baixo e liso sobre o ombro esquerdo preso por uma fita amarela estreita, amarrada com um pequeno laço.

Um fodido laço.

Concentro-me nesse laço, a dissecando da forma mais erótica possível.

Algo disso de repente me faz sentir estúpido. Isso me deixa quente de uma forma em que blusas curtas e justas ou calcinhas finas poderiam me deixar. Imagino desatar esse laço e vê-lo cair no chão, imagino passado por seus peitos nus.

Uma repentina onda de adrenalina volta com força e antes que qualquer um de nós saiba, empurro a multidão, diminuindo a distância entre nós. Meus braços envolvem sua estreita cintura. A levanto sem esforço do chão, a giro e pressiono minha boca em seus lábios surpresos. São quentes e grossos e succulentos... Exatamente como gosto.

Chupo seu lábio inferior e puxo com um grunhido.



Minhas mãos a desejam, desejam vagar por seu corpo. Passear sob a jaqueta conservadora. Desatar esse laço cuidadosamente preso.

Em vez disso, abaixo Jameson até que seus pés fiquem plantados firmemente no chão.

— OH céus! — Jameson se abana com o programa na mão. — Regra número doze: sem carícias em público. Você não tem autocontrole. — Sussurra.

— Boa sorte com isso — Brinco e me abaixo para outro beijo, porque simplesmente há algo sobre Jameson Clark que não posso tirar da minha maldita mente. Não posso parar de pensar nela. Não posso evitar que minhas mãos a toquem.

Literalmente.

E Cristo... Não quero deixar de fazer.

— Pronta para o jantar?

Ela tenta concordar e sorrio.

Estou nesta montanha russa até o fodido final.

Jameson: Não sei se te disse, mas obrigado pelos ingressos para a luta. E obrigado pelo jantar.

Oz: De nada. Saber que você estava no público esta noite me deu a maior adrenalina, não posso acreditar no quão rápido subjuguiei o McPherson.



Jameson: Quem é McPherson?

Oz: O menino de Wisconsin. Eu estava pegando fogo hoje, e é porque você estava lá me olhando.

Jameson: Esteve realmente incrível.

Oz: Sabe o que mais é incrível? Seus lábios. Poderia ter ficado com você na sua varanda esta noite e te beijar para sempre.

Jameson: Isso foi realmente doce... E hormonal.

Oz: Hormonal? Nah, não é nem um pouco. É você. Se disser "Oz, entre em seu carro, venha até aqui e suba na janela de meu quarto", eu o faria sem hesitar.

Jameson: Meu quarto fica no segundo andar...

Oz: exatamente.

Jameson: LOL.O que mais faria?

Oz: A pergunta correta é o que não faria?



CAPÍTULO 34

"A loja de móveis não tinha a mesa de cabeceira que estava procurando. Talvez possa me ajudar."

SEBASTIAN

Oz: Ei sexy.

Jameson: Sexy? Está falando de mim? *Pontos para mim*.

Oz: Com quem mais estaria falando?

Jameson: Hmmm, boa pergunta...

Oz: O que está fazendo?

Jameson: Me preparando para a noite das garotas. Minhas companheiras de quarto querem ver Netflix e relaxar.

Oz: Realmente vai ficar em casa esta noite?

Jameson: Sim. Hayley quer ver, "Dez Coisas que Odeio em Você". Neste momento ela odeia os homens,



***alguém cara não lhe respondeu as mensagens de texto.
Não me pergunte a razão? ;)***

Droga esperava que talvez...

Bato o telefone em minha mão e o estudo fixamente, estranhamente decepcionado que ela vai ficar em casa com as amigas. Faz dias que não a vejo; o trabalho, a escola e a luta impediram minha vida social, sem mencionar as obrigações que ela teve e...

Sinto falta dela.

Sinto falta dela como um louco.

Jameson: Agora que sabemos que vou ter uma noite de garotas, o que Oz Osborne planeja para esta noite depois de sua grande VITÓRIA contra Princeton?

Oz: Parece que também vou ficar em casa. Meus companheiros de quarto saíram e tenho o lugar para mim esta noite. Talvez assista luta de MMA na HBO. Talvez estude. Não sei.

Jameson: Deve ser agradável ter a casa para si. Como é isso? O único momento em que fico sozinha é durante o dia quando minhas companheiras estão na aula.



Oz: Estranhamente tranquilo. Zeke geralmente faz um pré-aquecimento nas sextas-feiras de noite antes de estar completamente preparado; ele foi para casa ver o primo. Ou talvez... Quem sabe. Não sei por onde tem andado ultimamente, mas voltará amanhã para uma festa.

Jameson: LOL. Não sou muito fã dele. Ugh.

Oz: Sim, ele é um pouco idiota.

Jameson: um pouco? ;)

Oz: Ei, James.

Oz: Tem certeza que não pode?

Jameson: Tenho certeza de que não posso... O que? Seu telefone morreu outra vez?

Droga. Vou ser direto.

Oz: Tem certeza de que não pode deixar suas amigas? LOL

Merda. Sou muito insensível depois de apertar enviar. Deveria ter acrescentado um maldito emoticon de piscada ou algo assim.



Jameson: Estou olhando a Hayley e ela está comendo Ben e Jerry³⁸ a colheradas em um ritmo alarmante. Diria que, no momento, estou presa aqui.

Oz: Quando posso te ver de novo?

Jameson: Honestamente? Não em breve.

Jameson: Não posso acreditar que acabei de enviar isso. Gemido.

Deus, esta maldita garota.

Oz: Realmente sinto sua falta.

Jameson: Também sinto saudades. Isso é estranho? Só se passaram alguns dias desde que te vi.

Oz: Não importa. Não te ver me deixou um pouco instável. Eu deveria ir correr alguns quilômetros para queimar parte desta energia nervosa.

Jameson: Curiosamente, isso me parece muito doce... Te acho muito doce e charmoso.

Oz: E... Você é a coisa mais sexy que já vi.

Jameson: Pare! Está me fazendo ruborizar e rir, e agora minhas companheiras de quarto estão me olhando.

³⁸ Marca de sorvete.



Oz: Adoro isso em você.

***Jameson: O que? O que você adora em mim?
(Tentando ser modesta e corando como uma louca aqui)***

Oz: Tudo. Adoro tudo.

Jameson: Não pode dizer coisas assim em uma mensagem de texto!

Rio em voz alta e teclou um rápido:

Por que não?

Jameson: Porque! Não sabe nada sobre garotas? Isso é algo que quero escutar pessoalmente. Isso é... Para molhar calcinha.

Minhas sobrancelhas se arqueiam e olho fixamente as palavras em minha tela, assombrado de que vieram dela. Molhar calcinha, molhar calcinha, molhar calcinha.

Jameson: Meu ponto é... Isso foi realmente doce e inesperado.

Oz: Ficou molhada ao ouvir que eu adoro tudo sobre você?

Jameson: Não vou fazer sexo por telefone com você agora! Estou em uma sala cheia de gente!

Oz: Vamos, me dê algo! Estou com frio, sozinho e é noite de sexta.



Jameson: Sim, molhei, e "me excitei".

Oz: EXCITADA, excitada?

Jameson: Sim (Sim, sim!)

Oz: Começo a achar que é mais atrevida do que aparenta.

Jameson: Lembrado que te disse a primeira vez em que nos conhecemos?

Oz: Algo sobre ter curiosidade de dormir comigo devido ao meu corpo incrível?

Jameson: LOL, não! (Mas também sim). Nunca julgue uma garota por sua jaqueta.

Estou em meu quarto, esticado sobre a cama, o último episódio do The Walking Dead na televisão, quando ouço o frágil golpe. Inclino a cabeça para me assegurar de que meus ouvidos não estão me pregando truques, não espero ninguém, ouço de novo: vários golpes suaves na porta principal.

Uma pausa.

Outro golpe.

Com curiosidade, minimizo a janela aberta em meu notebook, o coloco de lado, ando tranquilo e descalço para a porta. Paro na cozinha, pego uma garrafa de água da geladeira.



Desligo o televisor na sala de estar, mas não antes de passar por alguns canais.

Quando por fim abro a porta principal, meus olhos aumentam com a visão da James de pé em minha varanda, vestida dos pés à cabeça como uma boa samaritana. Como uma bibliotecária: casaco estilo marinheiro abotoado até em cima e amarrado na cintura, pérolas aparecendo pela gola de sua jaqueta, saia xadrez azul marinho, preto e verde. As mesmas sapatilhas de balé de couro preto que ainda perseguem meus sonhos.

— Por que demorou tanto para atender à porta? Bati cinco vezes! — Sua evidente irritação é pontuada pelo bater de seus dentes.

— Eu... — Olho fixamente. — Está aqui.

— Estou. — Assente com um calafrio, envolvendo os braços ao redor de si mesma em um abraço. — Posso entrar? Estou con-congelada e este casaco não esquentava.

Não é seu volumoso casaco de inverno habitual.

— Merda! — Me afasto para deixá-la entrar na casa. — Entre. O que está fazendo aqui? Não é que não esteja feliz em te ver, mas pensei que Hayley precisava de você...

— O cara finalmente lhe respondeu as mensagens de texto, então foi um alarme falso. — Um sorriso tímido. — Além disso, percebi que ela não precisava tanto de mim como eu de você.



Meus ouvidos me enganam, ou sua voz soa mais sexy do que de costume? Quase como se estivesse aqui para...

Tiro as minhocas do meu pensamento e engulo quando ela passa rapidamente diante de mim para a sala. Dando uma olhada, Jameson faz uma avaliação do pequeno espaço que quatro de nós chamamos de lar. Seus olhos chegam na imensa televisão de sessenta polegadas. Os dois sofás, em tom de diarreia-marrom. Paredes bege nuas. O Xbox e a pilha desorganizada de jogos que vão com ele.

A cerveja do Zeke e do Dylan.

— Adoro o que fez com o lugar.

Jameson se vira lentamente para mim, fazendo um espetáculo ao desatar o cinto da jaqueta, desabotoá-la e deixá-la cair com um movimento dos ombros. Está vestida com uma jaqueta azul bebê com brilhantes botões azuis, fechada até o pescoço, mas é fino e puta merda, não acho que use nada por baixo. O colar de pérolas rodeia o pescoço como uma coleira.

Mamilos. Duros.

Rígidos.

Meus olhos caem sobre seus peitos.

Merda, ela está usando sutiã? Por que diabos não o faria? Por que veste uma saia xadrez? Certamente estava em casa com suas companheiras de quarto vestindo uma calça de ioga? As porcarias casuais que as garotas usam?



Fico boquiaberto como um colegial adolescente com seu incrível par de peitos, com os mamilos duros aparecendo sob o suave tecido do suéter, quase cem por cento certo de que está nua por baixo.

Sacudo a cabeça de novo em negação; de maneira nenhuma. Jameson nunca sairia sem sutiã em público. Sairia?

Pare de olhar seus peitos, amigo. Maldição aprenda a se controlar.

Jameson faz um pequeno zumbido enquanto coloca seu casaco sobre o braço da poltrona, um sorriso recatado separando seus lábios. Descansa seu quadril contra a parte posterior da cadeira e cruza as pernas . Coloca as mãos sobre seu colo.

— Então. Agora, o quê?

Meus olhos voam para seu peito.

— Uh.

Posso pensar em oitocentas coisas para responder a isso e todas elas incluem nudismo, nudez e carne nua.

Ela faz outro pequeno zumbido agradável.

— Acho que deveríamos ir para seu quarto. — Ela é a epítome da inocência e da classe, sem sutiã. — Sabe, para termos privacidade, no caso de seus companheiros chegarem em casa.



Se Jameson quer ir para meu quarto, a propósito, sem usar nada mais que a saia escocesa e a jaqueta, não farei objeções.

Eu tive garotas em minha casa antes, um fluxo constante de sexo de uma noite. Praticamente desconhecidas em minha cama à noite, boas para nada exceto foder rápido, uma palmada no traseiro, e depois direto para a porta da mesma maneira que vieram. Nenhuma delas passou toda a noite; nenhuma delas chegou a ver a manhã. Mesmo assim, não vou deixar passar a oportunidade de descobrir o que há debaixo dessa jaqueta.

Não sou um completo imbecil.

Pego a mão dela, entrelaçando nossos dedos. Guio-a pelo corredor, apagando as luzes no processo. Ela treme quando abro a porta de meu quarto.

— Sinto muito, está um desastre. Não fiz a cama, não achei que teria companhia.

Solto sua mão e entro rapidamente no quarto, puxando com pressa os lençóis da cama. Jogo os travesseiros de novo em seu lugar perto da cabeceira, uma camiseta suja no armário aberto.

— Espera só um minuto.

— Sebastian, está tudo bem. Sério. — Jameson se deita na cama, cruza as pernas e chuta para o chão as sapatilhas, os pés na borda, as unhas rosa claro bonitas e reluzentes.



Meus olhos seguem o movimento de seus dedos enquanto brincam com a barra da saia. Maldita. Saia. Xadrez. Ela afasta a dobra, me dando uma estranha visão rara da parte superior da sua coxa macia, da indescritível fenda entre suas pernas, da sombra de sua roupa íntima.

Sangue corre para o cérebro dentro da minha calça, minhas mãos disparam para meu cabelo. Ando para o outro lado do meu dormitório quando só a visão de sua saia faz merdas com o meu pau que; que porra.

Treme.

Se ela faz toda essa merda sexy de propósito para me deixar excitado e louco, funciona.

A eletricidade de nossa química tem meu cabelo em pé. Encontro minha voz, verificando se sai.

— Está fazendo de propósito? Porque está testando minha paciência.

Seus dedos encontram o botão inferior de sua jaqueta e remexem depois se movem para a prega inferior de sua saia, me dando outra olhada.

— Não sei a que se refere.

Lábios brilhantes se inclinam em um sorriso angelical. Os dentes mordem o tentador lábio inferior.

— Bem. Certo. — Agarro a cadeira que está perto, com os nós dos dedos apertados quando se inclina para trás na cama



e descruza as pernas. Se senta ali com seus joelhos afastados, brincando com aquele botão inferior de seu traje.

Brincando comigo.

— Embora... — Suspira Jameson. — Me ocorreu antes que... — Para, inclina a cabeça e me estuda, olhos azuis vivos e crepitantes. — Estes sentimentos não irão passar, não é? De fato, estão ficando pior.

Estou confuso. De que sentimentos está falando? Nossa amizade? Nosso compromisso?

— Então estou aqui para fazer algo a respeito. Cinco encontros é muito tempo, e já temos algo que a maioria dos casais não tem. Somos amigos. — O botão inferior é empurrado, sua expressão está impassível, mesmo quando o libera. Depois outro... E outro, até que posso ver a planície de seu estômago nu e o bonito umbigo. — E não acha que nós dois merecemos depois de sermos tão pacientes?

Isso.

Isso?

O aperto de morte em minha cadeira se torna mais forte. Ela está... Puta merda está a ponto de se despir?

— Jesus, Jameson. — Ansioso, para dizer o mínimo, involuntariamente minha perna começa a tremer. — Você está me seduzindo?

Um humm baixo.



— Eu gosto de você, Sebastian — Diz seu rouco sussurro.
— Gosto da sua mente e corpo, estou cansada de dizer não.
Cansada das regras. Cansada de esperar o encontro número cinco.

— Quero... Espera. —Ouvi corretamente? — O quê?

Um sorriso.

— Você me ouviu.

— Sim, ouvi. Não estou seguro de ter ouvido.

Seu dedo se arrasta pelo estômago plano, desliza pelo cós de sua saia. Toca a delicada fivela dourada que a segura e dá um puxão suave nas presilhas.

— Ouça atentamente: eu disse sim.

Enfeitiçado, assisto quando fica de pé. Abre a saia de lã, revelando apenas um par de calcinhas de renda lavanda. Calcinhas com as quais fantasiei várias vezes nos últimos dias, que literalmente obcecaram meus sonhos. Roxo claro abraçam seus magros quadris, mas não escondem nada. Absolutamente. Nada.

Nada além de um pedaço de renda feito unicamente para elevar meus níveis de testosterona. São indecentes. Picantes.

Magníficas.



A fantasia sexualmente reprimida da bibliotecária se transforma em uma realidade. Deixo a cadeira e levanto meus olhos para seu rosto, avançando sobre ela.

— Merda, é sério?

— Siiimmm — Geme através dos dentes apertados quando minhas mãos se fecham perto de sua minúscula cintura e depois vão para o sul ao longo de seu traseiro. Por sua coluna. Por sua impecável pele. Até esse traseiro tenso. Minhas grandes mãos escorregam pela calcinha de renda, cobrem suas nádegas, e...

Apertam.

— Até onde quer chegar? — Gemo quando lhe dou uma palmada no traseiro, esfregando a marca em lentos círculos.

— Até o fim. — Enterro minha cabeça na base de sua garganta e gemo minha ereção contra seu abdômen.

— Me diga o que quer James; diga-me e farei.

— Quero passar a noite. Isto não é um caso — Recita de uma só vez suas demandas. — Isto não é transa de uma noite só. Quero respeito. Não pode me jogar fora depois, nem pela manhã. Quero o café da manhã e te quero na cozinha cozinhando para mim.

As palmas da minha mão continuam a acariciar seu traseiro brilhante, lhe arrancando um rubor.

— O que acha de waffles?



— Waffles soam deliciosos. — Ofega e meu pau chora em celebração. — Mas quero que tire a camiseta.

— Sim, senhora.

Alcanço a barra de minha camiseta azul marinho de luta livre, a puxo sobre meu tronco e a jogo no chão de madeira. Ela cai em um monte perto dos seus sapatos.

— O que mais quer fora?

— Tudo. — Jameson se inclina para frente, lambe a pele macia da minha clavícula e sopra, cantarolando sua aprovação. — Mas começaremos com a calça de corrida.

Ela coloca suas mãos sobre mim meigamente, dedos leves como plumas deixam um rastro de prazer enquanto traçam meus bíceps, antebraços, mais em baixo abdômen tonificado e duro como rocha, desenhando círculos ao redor do meu umbigo até que alcança a borda elástica em volta de meus quadris.

Juntos, desatamos o nó preso a minha cintura. Ela abaixa minha calça e a chuto, tropeçando em mim mesmo para tirá-la. De pé em apenas minha boxer cinza que já formou uma tenda.

Jameson me dá um pequeno empurrão para o pé da cama, me instruindo:

— Sente-se.



Como um cachorrinho excitado e obediente, concordo ofegante. Apoiando-se em mim ela se inclina seu sedoso cabelo castanho roça meu peito nu. Sua boca toca o canto de meus lábios.

— Minha vez.

Vai para o botão do meio de sua jaqueta.

— Seja gentil comigo, James. Não fiz sexo com ninguém desde antes de Utah. Tenho me masturbado tanto que minhas genitálias estão irritadas, verdadeiramente irritadas.

Que tal isso de ser brutalmente honesto?

Jameson beija o outro lado de minha boca e cantarola em meu ouvido:

— Quer que faça amor doce, gentil com você, baby? Não fazer duro?

Put a merda, fale sujo comigo.

— Sim, o primeiro soa bem. Depois quero que me abrace até que seja hora de tomar o café da manhã.

— Pensando em sexo, mas também nos waffles — Ela geme.

Nós dois rimos; merda ela é divertida, inteligente, bonita. E o som de meu nome em seus lábios parece melhor do que qualquer vitória.

Mais sexy que qualquer gemido.



CAPÍTULO 35

"Se sua perna esquerda fosse o almoço e a direita o jantar, iria querer lanchinhos entre as refeições".

JAMESON

Pegando o que quero. Vou no meu ritmo. Tiro a saia.

Agora de pé diante da cama, a saia xadrez cai aos meus pés, saio dela e começo a trabalhar em meu casaco.

Não tenho vergonha: se um cara pode se deitar quando lhe der vontade, e com quem quiser, eu também posso.

Sei o que quero e parei de dizer não à Sebastian.

Parei de esperar.

Quero que a tensão desapareça e quero... Foder.

Quero-o, cada parte dele: a boca suja, o horário estupidamente ocupado, groupies necessitadas, seus companheiros odiosos. O bom, o ruim, e o feio. Ele ganhou

CAPÍTULO 36

"Acabei uma partida de golfe. Quer ser meu décimo nono buraco?".

SEBASTIAN

Meus olhos vão para seus dedos, a pele macia do estômago, para os suaves abdominais inferiores, para as coxas nas quais acabo de ter minhas mãos.

— Uma charada: o que estou usando por baixo desse suéter? — Sussurra Jameson em minha direção, desabotoando outro botão azul marinho. Três meros botões a mantém fechado.

— Nada? — Desejo em voz alta.

Jameson sobe a mão pela caixa torácica e passa o indicador no colar que rodeia seu pescoço. Ela nega.

— Errado.

Minha respiração se obstrui.

— O que então?



— Isto. Estou usando isto sob minha jaqueta.

— O colar? — Balbucio.

— Humm-rummm.

— Sem sutiã?

Merda, eu sabia.

Ela percorre o espaço entre nós em três delicados passos, se inclina e segura minhas mãos, as colocando em cada lado de sua cintura. Meus polegares tocam essa extensão tentadora do abdômen. Elevando seus braços, Jameson pega um extenso punhado de cabelo e o joga para trás, as mãos atrás de sua cabeça.

O suéter azul se abre e revela uma pele suave, a tentadora parte inferior de seus peitos nus.

— Vamos, tire-a. — Incentiva com um sussurro sexy.

Como se precisasse dizer duas vezes.

Minhas palmas trêmulas passam em sua pele. Meus dedos velozes desabotoam um botão, depois outro.

Abro a jaqueta, minhas mãos passam por sua caixa torácica, as pontas dos polegares roçam seus duros e escuros mamilos. Meus olhos estão fixos neles, as palmas acariciando com ternura e amor.



Seus seios são perfeitos, cheios e redondos, enchendo a palma de minha mão. Quero chupá-los, fodê-los e saboreá-los até que sua calcinha fique ensopada.

Jameson avança, gemendo, seus braços agarram minha nuca. Os dedos passam por meu cabelo quando abaixo a cabeça e passo a língua no mamilo, fazendo círculos, o atraindo para minha boca.

Chupo, lambo, chupo um pouco mais.

Seus gemidos luxuriosos enchem o quarto, um gemido tão alto e forte que agradeço por meus companheiros não estarem aqui esta noite.

Chupo seus fantásticos peitos. Passo minha língua por sua clavícula, pelo lado de seu pescoço. Nossos lábios se conectam, línguas tão úmidas e necessitadas com desejo que desesperadamente procuramos o êxtase. Delirante e freneticamente fodendo com nossas bocas.

James monta em meu colo. Escarranchada sobre minhas coxas. Alinha-se e cobre minha gigantesca ereção com sua boceta quente e molhada.

E então rebola.

Sem vergonha, Jameson se esfrega contra meu pau, me dando uma dança no colo digna de uma stripper, movendo sua pélvis até que meus olhos rolam para trás, seus peitos em meu rosto.



— Merda, porra, merda. — Poderia de gozar só com seus giros eróticos. As nádegas dela enchem minhas mãos e sou incapaz de lidar com as sensações que estão acumulam dentro de meus órgãos genitais. A pressiono com força, me preparando antes de me levantar.

Giro e a jogo no centro da cama.

Observo seus alegres peitos balançarem pela queda sobre o colchão. Admiro seus mamilos brilhantes, ainda úmidos de minha língua. Observo enquanto ela tira o casaco azul pálido e se estende diante de mim em nada além da pequena calcinha de renda e o puritano colar.

Contorce-se impientemente, num convite para devorá-la.

— Quando tiver acabado com você, vou fodê-la com essas pérolas — Rosno, tirando minha boxer e subindo na cama.

Jameson separa suas coxas, as afastando amplamente, me atraindo. Tão tentador que minha boca começa a salivar... Estou insaciavelmente faminto e só ela pode me satisfazer.

Fico sobre ela, equilibrado onde mais quer. Inclino-me e passo a língua pelo interior da linha do biquíni depilada. Afasto a parte de tecido que cobre a suave boceta e lambo.

Uma, duas vezes.



Roucos gemidos surpresos e ofegos enchem o ar quando golpeio o clitóris com a ponta da língua, para cima e para baixo.

— Oh merda! Oh merda! — Grita, puxando meu cabelo.
— Não se a-atrevaa... Parar. Ohhh...

Não tenho essa intenção.

Enganchando os dedos no cóis da calcinha, eu a desço por suas pernas. Jameson se abre ainda mais, rebolando na cama, impaciente e nua, exceto pelo resplandecente e brilhante cordão de pérolas ao redor do belo pescoço.

Meus dedos a separam e chupo minha língua indo profundamente como se nossas vidas dependessem disso.



CAPÍTULO 37

"Você me lembra o dedo mindinho do pé: pequeno, fofo... e provavelmente vou bater na mesa da cozinha durante a noite".

JAMESON

— Deite de costas.

A ordem sai mais exigente do que pretendia, mas tem o efeito desejado. Sebastian fica de costas, nu como o dia em que nasceu, e me maravilho com a visão dele. Tem ângulos definidos e mãos calosas e tudo nele é firme.

Mas suave.

Maravilhada que meus cardigãs e minhas pérolas o excitam.

Tanto que quando alcanço atrás do pescoço para desabotoar o cordão brilhante, os escuros olhos de Sebastian ardem com fascinação, luxúria.

— Por que está tirando? — Rosna, o peso mudando no colchão debaixo de nós quando põe os grossos braços atrás da



cabeça para me observar. — Por favor, deixe-as no lugar. Eu gosto.

Minhas sobrancelhas se elevam como se dissesse: Você sabe por que estou tirando.

— Você gosta? — Seguro o fecho dourado entre dois dedos e deixo que a fileira marfim pendure sobre seus sólidos e ofegantes peitorais. Elas balançam até que as abaixo, arrastando as quentes pérolas provocativamente sobre mamilos eretos.

Sebastian lambe os lábios, passando os dentes lentamente sobre o tentador lábio inferior.

— Disse que gosto? Queria dizer que amo.

As pérolas passeiam por seu corpo nu, descendo pela pele lisa do esterno, pelos sulcos do malhado e duro abdômen, por sua pélvis. As deixo afundar-se no vale entre suas pernas, sobre as grossas e pálidas coxas.

Lentamente, brinco, subo as pérolas, depois as abaixo. Para cima. Para baixo.

O gemido que deixa escapar é gutural, cru. Cheio de um desejo que faz com que seus quadris se contorçam, os braços freneticamente se estendem para mim, as mãos tão trêmulas quanto suas pernas.

— Venha aqui baby, venha aqui.



— Sim. — Uma palavra e seguro o brilhante colar. Deito no colchão, meu centro pulsando e vibrando.

Ele está excitado; eu estou excitadíssima.

Preciso dele, ele de mim.

Ambos desejamos.

Imploramos por isso.

— Sim. Por favor, ponha uma c-camisinha. — Minha voz pré-orgasmo estremece tanto quanto meus ovários. Agarro as pérolas com força. — Eu te desejo tão desesperadamente.

— Colocarei depois que puser as pérolas de novo para mim — Exige bruscamente, os olhos ardendo quando as tenho ao redor de meu pescoço e estou de costas, meu cabelo espalhado no travesseiro. — Você é tão sexy.

Sebastian começa a subir devagar por meu corpo, sua dura ereção e pré-sêmen se arrastando pelo interior de minha perna quando se estica de lado na cama para pegar uma camisinha na mesinha de cabeceira. Minhas células nervosas agitadas, zunindo, vibrando. As coxas coçando para serem preenchidas.

Pega o pacote de alumínio, tira a camisinha da embalagem com cuidado. Olhamos sem fôlego enquanto a guia pelo comprimento de seu membro, braços e músculos esticando-se com antecipação.

O ar cheio de luxúria e a tensão sexual se apodera de nós.



Olhamos sem respiração quando se ajoelha entre minhas pernas, minhas coxas.

Estendo as pernas e levanto o traseiro da cama, com a cabeça jogada para trás quando ele finalmente empurra lentamente, indo para casa. Coloca a grande ereção para dentro, deliberadamente em ritmo contínuo, em cada investida.

Seu gemido é brusco, masculino, embriagador.

— Oh. Droga. Sim. Sim, querida... Sinto-me tão bem James... Tão bem, baby — Geme, plantando um descuidado beijo em meus lábios. Abro-me para ele, sugando sua língua enquanto os esbeltos quadris se movem em mim, úmido, desordenado e selvagem.

Querida. Baby.

Nossos olhos se encontram e se prendem.

Olhar o rosto do meu parceiro enquanto me fode não é algo que faço normalmente; sempre considerei muito íntimo, inquietante. Talvez seja porque não estivesse apaixonada por nenhum de meus parceiros anteriores, por isso, olhar em seus olhos enquanto me fodiam na cabeceira da cama? Não era para mim.

Mas quando Sebastian levanta seus intensos e melancólicos olhos para os meus, estou nas últimas, fascinada.



A rotação de sua pélvis se acalma, seus olhos escuros fixos nos meus. Lenta, mas firmemente o humor muda; a foda febril de repente se transforma...

Beijos em minha têmpora. Doloridos e desesperados gemidos em minha boca.

— Você é linda... Tão bonita — Murmura roucamente enquanto as enormes mãos chegam debaixo do meu traseiro, levantando. Movendo-se profundo, tão profundo que suspiro, uma e outra vez. As estrelas brilham atrás dos meus olhos e minha visão se turva. Jogo para trás minha cabeça, meu cabelo esparramado sobre o travesseiro quando este glorioso...

— Jameson, Jameson. Eu... Eu... — Sejam quais forem as palavras que tentava dizer, ficaram presas em sua garganta, a emoção apoderando-se de sua expressão. Seus grunhidos guturais são música para minhas partes femininas e eu...

— Quero ficar em cima — Peço contra seu pescoço. — Saia Oz... S-sai...

Posso ter outro orgasmo se estiver por cima. Talvez dois.

As palavras saem de minha boca enquanto minhas pernas se abrem... tanto quanto podem, puxando os quadris por uns poucos segundos frenéticos para que entre mais profundo. Impulsiona mais duro. Mais e mais profundo, investe esses atléticos quadris, trabalhando duro em mim, sua resistência é uma coisa incrível.

É um milagre que já não tenha gozado.



Sebastian se detém e solto um pequeno choramingo quando ele sai, gemo como se morresse pela perda da penetração. Oito membros tremem quando se vira e deita de costas, me alcançando, sua escorregadia ereção em posição de sentido.

Subo nele, desfrutando do contato de pele contra pele antes de me escarranchar na sua cintura, movendo minha língua por ele para um beijo com a boca aberta, imitando nosso sexo, nosso coito.

Meus joelhos batem no colchão quando fico em cima, a dura ereção de Sebastian roça as bochechas do meu traseiro da maneira mais deliciosa. Canalizando minha stripper interior, balanço meus quadris, vejo seus olhos semicerrados, se fecharem de prazer quando a escorregadia ponta brinca em minha porta traseira antes que eu desça.

Ondulo meus quadris tão terrivelmente lento quanto quero.

Para.

Morrer.

Os dedos de Sebastian agarram minhas coxas, relaxando meu corpo. Segura meus seios, passa as palmas em lentos círculos por meus duros mamilos. Como se fosse possível ir mais fundo dentro de mim, ele flexiona, esticando seu tronco. Se eleva em uma posição sentada, envolve os poderosos braços



tatuados ao redor de minha cintura e enterra seu nariz na curva de meu pescoço, me empalando ainda mais.

— Jameson — Geme, acariciando minhas costas, investindo. — Jameson, Jameson.

Me amando.

É o paraíso.

É o inferno.

É a felicidade.

— Deus, eu amo os sons que você faz – Geme, rosna e investe. Acaricia meu cabelo úmido enquanto seu pau acaricia meu ponto G. Seus profundos grunhidos guturais estão em sincronia com meus gemidos entrecortados. –Está se sentindo tão bem... Tão bem... Merda... Uh... Uh... Merda... Estou perto... James baby, vou gozar.

— OH Deus, sim! Sim! Eu também. — Porra, quase soluço. — Forte, empurra... Sim, oh, Deus, oh, Deus, forte... OH! Bem aí, bem aí. OH!

É ruidoso e bonito e suado.

É real.



— Não posso fazer mais Sebastian. Deixe-me em paz e me dê comida.

— Vamos Jameson. Mais uma vez antes de sairmos, por favor?

— Você é insaciável... Pare de implorar. Criei um monstro.

— Mais uma vez e te deixarei em paz, prometo.

— Quanta besteira, já disse isso duas vezes.

— Mas não queria nas outras duas vezes.

— Sebastian preciso de um banho. E preciso de comida... Estou com fome!

— Posso pensar em algumas coisas para satisfazer seu apetite.

— Eca!

— Você não disse "eca" quando me pagou um boquete durante o Game of Thrones.

— Primeiro de tudo, poderia não chamar de "boquete"? Faz eu me sentir barata. Segundo; você me prometeu um hambúrguer do Malone'S.

— Ugh, está bem.

— Ei parceiro, tem sorte que eu ainda esteja aqui. Estivemos na cama durante o que parecem a porcária de umas cem horas.



— É loucura que eu comece a achar sexy quando revira os olhos assim?

— Mm, sim é um pouco estranho.

— Não consigo evitar querer me satisfazer cada vez que te vejo.

— É estranho que eu ache essa frase horrível e de algum jeito degradante e um pouco erótica?

— Me jogue na cama se disser que não é estranho?

— Provavelmente.

— Então, não, não é estranho.



CAPÍTULO 38

"Acabo de bater em alguém sabendo que entraria em uma discussão. Ela tinha "aquele olhar".

Então até agora, essa é minha patética noite de sexta-feira."

SEBASTIAN

Observando Jameson através da multidão, algumas coisas passam pela minha cabeça:

1. A fodi... Quatro vezes nas últimas vinte e quatro horas.
2. Quatro vezes.
3. O melhor sexo de minha vida... E acredite em mim, já tive um monte.
4. Ela é tão pervertida e depravada quanto eu, obrigado. Fodido. Deus.
5. Eu tenho alguns sentimentos verdadeiros por ela.

Um sorriso arrogante cruza meu rosto, como se tivesse tropeçado em uma mina de ouro sem querer, e nem uma alma



antes de mim tenha descoberto. Porque ninguém — e quero dizer ninguém — olharia para a Jameson e suspeitaria o que já sei: ela esconde um corpo muito gostoso debaixo das roupas conservadoras, peitos fantásticos, um redondo e tonificado traseiro e barriga plana.

Boceta apertada.

Entrar nela? Êxtase de curvar os dedos dos pés.

Os homens a olham e enxergam um cardigã elegante e sapatos refinados. A acham entediante, séria, conservadora. Uma dissimulada com uma boca muito inteligente. Deduzem que é sexualmente reprimida, muito trabalho para não ter o resultado esperado.

Como fiz.

O que é bom... Mais da Jameson Clark para mim. Cada centímetro dela é todo meu.

Sendo o centro da atenção perto da cozinha, a pequena raposa afasta o olhar de sua conversa e vejo quando percorre meu físico com seu exótico olhar azul e me despe com os olhos, a boca se curvando em um sorriso de suficiência sobre o copo vermelho de cerveja.

Devolvo o favor avaliando-a: o suéter rosa claro justo com gola em V que só mostra um pequeno decote, calça capri justa, sandálias de salto com tiras sobre as quais questionou por dez minutos antes de decidir que não fazia muito frio para usá-las.



No lugar de seu colar de pérolas? Uma delicada corrente de ouro com a palavra Karma.

Allison, a companheira de quarto, se inclina para perto dela, falando no ouvido, fazendo com que James ria alegremente. Ela joga a cabeça para trás, expondo o lindo pescoço que sei que cheira a doce de coco.

— Por que continua olhando para Parker e à garota que ele fode? — Pergunta meu companheiro de equipe, Pat Pitwell, de gozação. Tirando as pontas espetadas, é um bom garoto, decente. Está na escola para lutar, graduar e se formar. Não dorme no ponto e não causa problemas.

Então sou honesto.

— Estou saindo com a garota de rosa.

— Não brinca? — As grossas sobrancelhas negras do Pitwell disparam até as tranças africanas em seu cabelo. — Sério?

— Sério.

— A certinha?

Deixo passar o comentário.

— Sim. Acho que é minha namorada.

— Uma namorada? Fico feliz por você, cara. — Dá um gole de seu copo vermelho. — A suéter rosa tem um nome?

Suéter rosa... Isso me faz sorrir.



— James.

— Sério? — Pergunta de novo. — De verdade? Seu nome é James?

— Sim, sério.

— É um nome de homem.

— Eu sei. — A observo do outro lado da sala. — Mas combina com ela.

— A garota tem classe — Aponta Pitwell sobre a parte de acima de sua cerveja.

— Com certeza tem.

— Ainda se pergunta como ela acabou com um irmão como você, não é?

— Todos os dias.

— Bom para você, homem. — Dá-lhe uma olhada. — Com certeza ela é uma coisinha linda.

Um assentimento.

— Claro que é.

— Ela não tira os olhos de cima de você, irmão. Deveria ir lá, e reclamar a posse.

Sua mão segura meu ombro, me impulsionando para frente. Cruzo a sala com longas passadas decididas, chegando ao lado de Jameson em quinze passos. Eu me aproximo por



trás. Envolver sua cintura com meus braços, entrelaço meus dedos bem debaixo dos seus peitos, meus lábios pressionam um beijo na curva de seu pescoço enquanto dou a Parker e Allison um assentimento.

— O que foi aquele olhar que estava me dando do outro lado da sala? — Pergunto na concha de sua orelha.

Ela se aconchega, afundando-se em mim, mas revira os olhos.

— Pfft, que olhar?

— Sabe que olhar.

Bate um dedo seu queixo.

— Terá que ser mais específico. Era meu olhar de "Estou com sede e preciso de outra bebida", ou meu olhar de "Estou despindo Sebastian com os olhos"?

— Sim. -Ignorando Parker e Allison, não consigo afastar minhas mãos dela e as desço por sua caixa torácica, notando as presilhas vazias de seu jeans. As agarro e a puxo para mais perto.

Não faz nenhuma tentativa de se afastar, e parece se derreter contra mim. Colocá-la na cama mais tarde será fácil.

— Bem, então sim, culpada — Zomba. — É o seu castigo por me trazer aqui... Simplesmente achava que ia passar a noite de pijama vendo um filme.



— Então, o que está dizendo é que quer voltar para a cama? — Sussurro em seu ouvido para que só ela possa me escutar... Não é que possam nos ouvir, de qualquer modo, não com a música soando pelos alto-falantes de alta definição. A sala praticamente vibra.

Sua risada curva os dedos de meus pés.

— Oh, Deus, não... Minha virilha não consegue aguentar mais Sebastian Osborne.

— Quer apostar?

Isto ganha outra risada; suave e sexy, seu brilhante cabelo me chama. Levanto uma mão para passar minha palma pelas mechas, os dedos puxando intimamente cada acetinada mecha cor areia.

Foda-se, até mesmo seu cabelo me deixa duro.

Puxo a cintura de seu jeans impientemente.

— Vamos sair daqui e voltar para minha casa antes que meus companheiros de quarto voltem.

Sou um jovem com tesão e uma ereção ambulante, ela dificilmente pode me culpar por isso. Os lábios dela se separam para contestar, ou aceitar mas sua resposta foi interrompida por sua maldita companheira de quarto, cuja escolha do momento oportuno era uma merda.



— Esta festa está divertida! — Tagarela Allison de modo estridente, inconsciente das negociações que estão sendo feitas. Frustrado rosno meu desgosto no cabelo de Jameson.

— Deixe-a para lá.

— Obrigado pelas entradas para sua competição na semana passada, Oz. Diverti-me muito, não é mesmo James? — Acotovela forte a provocando. — Eram assentos incríveis, não eram assentos incríveis, James?

Maravilha está bêbada.

Falando de amigos bêbados e desagradáveis... Sobre o ombro da Allison, vejo que alguns meninos da equipe de luta se aproximam, a curiosidade fazendo os bastardos intrometidos avançarem. Não perderam tempo invadindo meu território.

Impressionante.

— Coragem, senhoritas, imbecis se aproximando. — Dou um passo para mais perto da Jameson e aperto sua cintura em solidariedade.

Proteção.

Uma frente unida.

Liderando o grupo está Zeke Daniels, eterno imbecil, empurrando para passar pela multidão como um gladiador dirigindo-se à batalha. Determinado, orgulhoso... E rancoroso.



Seu bruto e resistente foco está em Jameson, depois dispara para a Allison, com desprezo. Desconfiados olhos cinza começam seu escrutínio em Jameson, indo por seus pés, subindo rapidamente pelas pernas em jeans. Fazendo uma pausa no topo das coxas. Permanecendo muito tempo em seus peitos. Rosto, cabelo.

Minha guarda se levanta quando uma fria apreciação recai no cardigã rosa... O colar elegante... Os lábios brilhantes. Seus lábios se estreitam irritados. As narinas se alargam.

Merda, ele realmente não quer que eu saia com essa garota. Não sei por que ou qual é o problema, mas tenho o pressentimento de que em algum ponto, vou descobrir.

Da pior maneira.

— Park, Ozzy. Vão nos apresentar seus brinquedos? — Os olhos sombrios do Zeke ficam sobre o braço que tenho debaixo dos peitos de Jameson, fazendo uma careta.

O sujeito é tão miserável.

— Pessoal esta é Jameson. — Dou a sua diminuta cintura um aperto. — Vocês já conhecem sua companheira de quarto, Allison.

Allison levanta sua mão em uma alegre e amigável saudação.

— Olá, meninos. Parabéns pelas vitórias desta semana.



Não só ganhamos em Stanford... Nós os dizimamos, individualmente e como equipe.

— Olá. — Um de meus companheiros de equipe dá um passo à frente, com o braço estendido em saudação como se conhecesse uma rainha, sua expressão é entusiasmada. — Sou Gunder... Quer dizer, sou Rex. Rex Gunderson. Olá.

Entusiasmado não faz justiça ao Gunderson.

Lutador da classe de peso leve, Rex pode ser um campeão no tatame, mas obviamente está fora de prática com mulheres; posso praticamente visualizar a protuberância crescendo em sua calça e ouvir o diálogo interno: *Olá, sou Rex. Você é linda. Posso te levar para meu dormitório e sair com você? Eu nunca toquei em peitos. Podemos sair? E por sair, quero dizer foder.*

— Rex, é um prazer conhecê-lo. — Jameson estende a mão para um aperto e Gunderson a sacode como uma bomba de água. Uma, duas vezes. Três vezes.

Quatro. Cinco.

Franzo o cenho.

— Certo amigo, isso já é o suficiente.

Ao seu lado, Zeke entra em ação.

— Jameson, Jameson, aonde nos vimos antes? — Pergunta, casualmente coçando a barba rala ao longo da linha quadrada do maxilar que faz dias que não se incomoda em barbear. Dedos musculosos estalam em sua direção. — Já sei!



A Bibliotecária Sexy. Quase não te reconheci sem todos os livros. Você deve ser uma foda fantástica para ter nosso menino Ozzy aqui te seguindo como um cão no cio... Sem ser pago também.

Meus braços caem da cintura de Jameson, preparados para...

— Sei tudo sobre você apostando para que ele me beijasse então não se incomode em tocar no assunto. — Com o queixo levantado, Jameson solta o ar com uma animosidade gritante.

Allison resfolega e se transforma no próximo objeto da trepidante aversão de Zeke.

— Allison, Allison, Allison. Já você é totalmente outra história. Quer saber do que te chamamos pelas costas?

Oh, merda, vai falar na frente de todos.

— Zeke amigo, não faça isso. — Estendo meu braço para detê-lo, com os dedos apoiados contra seu sólido peito em protesto.

Ele ri, me empurrando.

— Em nossa casa, nós a chamamos de Foda amiga.

Droga.

— Oh. Só... Ooh. — O lábio da Allison treme, mas se mantém no controle. — Você é... É grosseiro. Deveria te dar uma bofetada— Repreende Allison, com seus pequenos



punhos apertados. — Quero te esbofetear. James, posso bater na cara dele?

Bêbada, Allison é uma tigresa.

— Sei que sou grosseiro. — Zeke dá de ombros, passando seus estranhos olhos cinza no corpo, inclinando para perto e dando um passo no espaço pessoal dela. — Simplesmente. Não. Me. Importo.

Allison dá um passo para trás, dando uma olhada de mim para Zeke, e vice-versa.

— Não posso acreditar que este imbecil é companheiro de quarto do Parker.

Tampouco posso acreditar e me desespero para extinguir a briga.

— Alguém pode ir procurar o Parker? Gunderson vá, e se apresse droga.

— Você é um bosta — Grita Allison sobre a música. — Quem acha que é?

Todo mundo observa a discussão entre Zeke e Allison, fascinados pelo entretenimento ao vivo. Alguém inclusive baixa o sistema de som para um leve rugido.

Allison continua a desafiar Zeke, destemida.

— Qual é seu problema conosco? Hein? Responda-me!

O impetuoso Zeke está decididamente frio.



— Quando merecer meu respeito darei isso. — Seu olhar percorre a Jameson. — Ela é apenas uma aposta caça fortunas que ele não deveria ter ganhado, e você só é um membro do Tinder.

Com os braços cruzados, a risada da Jameson surpreende a todos.

— Você ainda não pagou pela aposta que eu o ajudei a ganhar, por sinal — Intervém inocentemente, com expressão controlada. — Você deve quinhentos dólares.

Íris prata sem emoção se deslizam em minha direção.

— Viu o que eu disse? Só está atrás de você por seu dinheiro.

— Que dinheiro? — Jameson ri. — Você é um vagabundo. Diferente de você, Oz na realidade é um bom menino que trabalha ao máximo por sua equipe, e olha como trata às pessoas com as quais ele se importa.

— Pessoas com as quais se importa? — Diz Zeke com os dentes apertados. — Você é uma perda de tempo.

— Calma filho, mostre um pouco de respeito — Intervém Pat antes que eu espanque Zeke até o chão, um braço apoiado no peito do Zeke, o forçando a se afastar. — Irmão, acredito que seu tempo acabou. Vá antes que Osborne e suas garotas afundem seus bonitos dentes de menino branco em seu crânio. — O enorme lutador negro acerta Zeke com seu forte braço. —



Sinto muito senhoritas. A mãe dele não ensinou boas maneiras.

Allison continua olhando Zeke, puro ódio apontando em sua direção, enquanto o saúda com um sólido dedo médio.

— Adeus, Daniels. Prazer em conhecê-lo.

Uma réplica está na ponta da língua afiada, mas ele hesita... Tempo suficiente para que Pitwell o empurre para a cozinha, longe do confronto, das mulheres e de todo mundo. Daniels se vira e sai se arrastando pelo tapete na outra sala, mas não antes de disparar um olhar fulminante sobre o ombro.

Para Allison.

Para Jameson.

— Ele é um amargurado — Diz Jameson, aconchegando-se no vão de meu braço. — Me pergunto qual é o problema. De verdade.

— Problemas de abandono, obviamente — Teoriza sua amiga quando Parker, finalmente, traz de volta seu lamentável traseiro. Allison soluça enquanto relata o ocorrido, entrecerrando os olhos para a porta pela qual Zeke desapareceu. — Quero arrancar os olhos sem vida dele.

— Ele pode ser um cara decente quando o conhece melhor — Diz Parker diplomaticamente, sem saber o que aconteceu.



— Não, é um grande imbecil — Contra-ataca Allison. Ele levanta suas mãos. — E você? Ouviu do que ele me chamou? Talvez devesse estar irritada com você também! Qual é a sua? Como se atreve a me faltar ao respeito dessa maneira?

— Não fiz nada! — Discute Parker, com o rosto avermelhado.

— Ele me chamou de Foda amiga!

— Estava no pátio de trás jogando cerveja pong, baby. — Parker se defende. — E nunca te chamei de Foda amiga em minha vida!

— Isso é verdade, Allison. Ele nunca o fez. — Mas, por outro lado nunca a defendeu quando falamos.

— Vamos, esta festa está uma merda. — Jameson sai de meu abraço e se aproxima de Allison para abraçá-la. — O que quer fazer?

— Minha cabeça está doendo. Quero ir para casa — Murmura Allison, acotovelando Parker na barriga. — Parker, me leva para casa. E, desta vez você vai passar a noite.

Desejo ao Parker boa sorte e dou um toque de punho, feliz que Jameson e eu não fôssemos o centro de todo o drama, feliz por não ser a ponta mais fraca que com certeza seria uma merda.

Algumas despedidas rápidas, mais alguns abraços.



— Vamos embora, vou tirar James daqui. — Dou a Allison um olhar mordaz, e depois uma olhada em James. — Não a espere acordada.



CAPÍTULO 39

"Minha caminhada da vergonha está a ponto de se transformar em um reforço positivo; parei para tomar café e saí parecendo alguém que estava indo trabalhar".

JAMESON

Não posso tirar Zeke Daniels de minha cabeça. Sua indiferença. Seu comportamento grosseiro. Sua conduta cruel.

Algo na maneira com que olhava Sebastian e eu do outro lado da ala, capturou e manteve minha atenção. Momentos antes que seu olhar se transformasse em uma carranca, estava cheio com algo completamente inesperado.

Dor.

Não sou psicóloga e já me enganei antes, mas não há como negar: Sebastian Osborne tem algo que Zeke Daniels quer, e ele é tão birrento quanto um menino que não pode expressar seus sentimentos. Lida com eles da única maneira que conhece... Através da frustração e da raiva.

E dando chlique.



Mas por quê?

Por que achou necessário degradar Allison? Por que achou necessário menosprezar minha relação com Oz? Presumi que eram amigos, mas agora não estou tão certa.

Ninguém trataria um amigo assim.

Não se eles se preocupam.

Considero a questão enquanto Oz usa o banheiro, saindo do banho momentos depois para me pegar de onde estou sentada no final do sofá na sala de estar.

Ele me leva pela mão pelo corredor para seu dormitório, nossos dedos entrelaçados quando cruzamos a soleira. Acende a luz, e pressiona minhas costas suavemente na porta fechada. Mãos enormes seguram meu rosto, os polegares roçam a parte inferior de meu queixo com lentas carícias. Seus escuros e penetrantes olhos analisam meu rosto enquanto nós nos estudamos sem palavras.

A áspera ponta de seu indicador risca a linha da minha pele com lentidão, sobre a maçã do meu rosto e ao longo da curva da minha sobrancelha. Seu polegar desce pela ponta de meu nariz até que alcança meu arco de cupido e descansa ali.

Passa o polegar para trás e para frente em meus lábios entreabertos, seu suave toque marca minha pele como um ferro.

Como é a intenção.



Sebastian desliza as magníficas mãos por cada lado de meu pescoço, passando-as por meu cabelo, e se inclina com as narinas alargadas. Depois põe a boca na minha. Me beija suavemente, ternamente.

Então aprofunda.

Beijos com a boca aberta, intensos com língua.

Me segura contra a porta, minhas costas se arqueiam quando move as mãos mágicas mais para baixo. Sobre meus ombros e braços, cuidadosamente lentos. Agarra meus quadris, serpenteia as mãos para meu traseiro. Seus joelhos se dobram e antes que possa reagir me levanta sem esforço do chão como se eu não pesasse nada, nossas bocas ainda fundidas.

Com ele, sou delicada, pequena e deliciosamente vulnerável.

Suspensa no ar, minhas pernas instintivamente envolvem sua cintura. Se inclina para mim, todas nossas deliciosas partes privadas juntas em perfeita sincronia, alinhadas como um sexy e quente quebra-cabeças.

Encaixamos.

— Esperei para te beijar a noite toda. — Suspiro quando os lábios atingem o canto de minha boca.

— Mmm. Você tem gosto de cerveja e mel — Cantarola em meu ouvido. — E de mim, você tem meu gosto.



— Aprecio que sinta seu gosto em mim. — Ronrono entre beijos. — Ê sexy.

— Jesus James, não posso ter o suficiente de você. Ê...

Um estridente golpe para o que for que estava a ponto de dizer, Sebastian fica mortalmente quieto, escutando.

Uma porta se fecha com força, o ruído surdo é acompanhado por vozes abafadas e uma escandalosa risada feminina. Risadas. Mais de duas pessoas obviamente tropeçam pelo corredor e na mobília. Outra porta se fecha de repente, vozes ressoam no quarto do lado. Os reveladores sons do colchão surgem chiando. Os sons de uma garota sendo estimulada.

Gemidos. Risadas nervosas.

Oh, merda.

— Ótimo, o imbecil está de volta com fãs — Queixa-se ruidosamente contra meus lábios. — Precisamos de uma norma na casa sobre isso.

— Shhh, silêncio — Sussurro. — Vão ouvir.

— Não vou me calar. — Sua voz aveludada se eleva desafiadoramente. — Esse imbecil pode beijar minha bunda branca, especialmente depois daquela merda na festa. — Dedos calosos se afundam na gola de minha jaqueta rosa, explorando o inchaço de meus peitos. — Você esperou para me beijar a noite toda e eu esperei para ter você sozinho.



— Mas estamos juntos desde ontem à noite. — Mordisco seu lóbulo preguiçosamente. — Só fui para casa tomar banho e me trocar.

— Não importa. — Hábeis mãos brincam atrás do meu cabelo enquanto seus sedutores lábios encontram aderência em meu pescoço, mordiscando gentilmente, os tendões em seus bíceps se flexionam com cada movimento enquanto equilibra meu peso. — Tão suave e linda... Seu casaco me distrai muito.

Sua voz é baixa, rouca e sexy... Tão sexy. Gemo quando a boca passa sem pressa ao longo do meu pescoço com uma só carícia, a língua travessa em minha pele como se estivesse lambendo mel.

E nunca, nunca, havia me excitado com lambidas... Nunca. Mas gosto quando ele me lambe. Amo sua boca e seus lábios e língua. São provocantes de uma maneira que me põe tão quente, ardente e dez tons de excitada.

Úmida.

Meus quadris giram, esfregando-se no pulsante comprimento entre as musculosas coxas, meus olhos vagam para a cama na parede mais afastada. Devo olhá-la com desejo, porque pergunta:

— Quer se despir?

— Sim. — Me sinto mais viva do que já estive em anos, mais sexualmente desperta do que em toda minha fodida vida.



Sinto-me sexual, sexy, desejável.

Segura, protegida por seus braços fortes ao meu redor.

Adorada.

Sinto-me poderosa e respeitada, e não há dúvida de que estou no comando aqui. Sebastian nos leva para a cama, me coloca na beirada e fica de joelhos.

Ele desabotoa meus sapatos, uma fina tira de couro, antes de tirá-los dos meus pés e deixá-los de lado. Massageia os calcanhares antes de beijar as unhas cor de rosa dos meus pés.

Nossas mãos alcançam o zíper de meu jeans ao mesmo tempo.

Descendo.

Abrindo.

Levanto os quadris e rebolo para tirar o jeans com facilidade. Oz beija meus joelhos, passa as mãos ásperas pelas minhas coxas até que o último nervo de meu corpo formiga. Estremeço.

Salto para vida.

Minhas pernas trêmulas se abrem involuntariamente quando alcanço a barra do cardigã, subindo e puxando por minha cabeça, cai no chão ao mesmo tempo em que os dedos de Sebastian encontram a pele nua do meu abdômen.



Endireita-se, pressiona os lábios quentes perto do espaço debaixo dos meus seios, as grandes mãos prendendo minhas costelas.

Olho para o topo de sua cabeça, assombrada quando os tatuados braços envolvem minha cintura em um abraço e descansa a testa contra meu estômago, me segurando.

Só... Me segurando.

É estranho.

E bonito.

Meus dedos passam por seu cabelo curto, então roçam os firmes planos de seus deltóides, são duros e potentes, uma de minhas partes favoritas de um homem, especialmente por trás. Aplanando minhas mãos, acaricio as omoplatas e o grosso pescoço, amassando e massageando o corpo denso e musculoso.

Relaxado, Sebastian cantarola.

Contente.

Depois de um tempo, beijos suaves pipocam pelo meu estômago, a bela boca se move em minha pele rumo ao decote.

— Jameson — Murmura na minha ardente carne, os dedos traçam a taça do meu sutiã de renda. O bojo fino é quase transparente e assisto paralisada quando Sebastian passa seu nariz por meu peito esquerdo. Chupa gentilmente um mamilo



duro através do tecido e acaricia o peito direito com a mão enorme, fascinado.

Minha cabeça cai para trás arfando, agarro o colchão debaixo de mim quando lambe e brinca com meus mamilos, umedecendo o sutiã, chupa, giro a ponta com a língua.

Olha-me todo o tempo, seus olhos escuros ardendo com desejo.

Por mim.

Nossos olhos colidem, em chamas e excitados. Meio fechados e imprecisos.

Bêbados de luxúria.

Meus lábios se separam, passo a língua no lábio inferior enquanto viro a cabeça, meu cabelo caindo em ondas, impressionada porque Sebastian já sabe como tocar meu corpo.

Sabe o que fazer para me levar ao orgasmo.

Meus peitos são um caminho.

— Nus — Choramingo. — Vamos nos despir.

— Quero foder estes peitos — Ele rosna, liberando um e se levantando. As mãos se apressam para o zíper e olho quando o puxa, freneticamente separando os dentes de metal... Para abrir. Total acesso, alívio quando a calça finalmente desce por sua ereção.



Depois tira a camiseta, jogando-a de lado, e me deleito com seu corpo. Ele é lindo, um trabalho de arte. Musculoso nem começa a descrevê-lo. Robusto, forte, poderoso. Todo ombros largos e peitorais duros, macio nos lugares certos, com um rastro de prazer inundando em sua boxer... Um caminho que sigo com o dedo indicador.

— Deus, estou duro como uma rocha.

Ele pulsa sob a boxer cinza, o contorno da ereção se esforçando para sair do algodão. Alcanço o cós, acariciando por dentro do elástico com meus dedos, ida e volta (uma total brincadeira, eu sei), antes de passar a palma pela suave pele da cintura, atrás do firme traseiro dentro da cueca. Aperto esse ridiculamente bem formado traseiro.

Sob a roupa íntima, acaricio os mais esbeltos quadris que tive o privilégio de tocar, sobre a ereção, tiro minhas mãos que seguram seus glúteos e aperto.

Está ao nível dos olhos, está bem diante de meu rosto e é enorme.

Minha boca se enche de água, ansiosamente baixo a cabeça e o lambo como um pirulito, brincando com a ponta com rápidos golpes de minha língua antes de envolver meus lábios completamente ao seu redor, chupando. Só. A. Ponta.

— Porra, James, droga. Merda. — Ofega um pouco freneticamente, seus quadris investindo para mim. — Chupa.



Chupo até o final, minha língua passando pelo pré-sêmen e lambendo com cada grunhido e gemido vindo do robusto peito. Os punhos dele se apertam e relaxam, um sinal seguro de que está tentando manter sua compostura.

— Droga, para. Preciso que pare, mas merda... Oh, merda... Isso é bom para caralho. — Seus braços tatuados vão para trás de seu pescoço e sua cabeça se inclina, suas pálpebras tremulando como asas uma borboleta. Olha meus dentes morderem preguiçosamente com olhos frágeis. — Tome-o todo, tome-o todo — Implora sua voz se elevando algumas oitavas. — Por favor, Jameson, por favor, apenas chupe.

Eu faço. Minhas mãos agarram o delicioso traseiro e as deixo vagar para o sul ao mesmo tempo em que coloco a grossa e dura ereção mais profundamente na boca. Minhas mãos continuam seu curso, procurando, sem esforço descobrindo o lugar secreto debaixo de suas bolas que só tinha lido on-line, e pressiono, esfrego com movimentos circulares enquanto chupo.

— OH... meu... fodido... D-Deus — Diz com voz rouca, seu alto gemido soando como uma torturada mistura de prazer e dor. — Jameson... Mmph... Uh... Uh... Porra...

Os fortes músculos de Sebastian se contraem, seus bíceps se flexionam atrás do pescoço, os quadris se movem para frente.



— Merda, merda, vou gozar, vou gozar — Repete. — E
então, vou... F-foder... Foder você.



CAPÍTULO 40

"Ter um pênis é como ter um melhor amigo realmente estúpido e bêbado. Você o vê fazendo todas essas idiotices, mas não é o único culpado. E as vezes tiram fotos dele".

SEBASTIAN

O quente e sexy corpo de Jameson se encontra acomodado contra minha pele, a cabeça debaixo do meu queixo, o traseiro pressionado contra minha virilha. Encaixamo-nos como se fôssemos duas peças de um complexo quebra-cabeças que finalmente conseguimos resolver.

Perfeitamente.

Não acredito que tenhamos dormido assim durante toda a noite. Quando finalmente terminamos de foder, ela me disse que eu era uma "caixa térmica" e se instalou do outro lado da cama olhando para a janela, suspirando alegremente, feliz com seu próprio espaço.

Como faria um cara.



Jameson Clark não é do tipo que se aconchega, mas acordei com outra tremenda ereção e ela não resistiu quando puxei seu corpo nu para o meu lado da cama. Sem queixa. Apenas suspirou feliz quando envolvi meus fortes braços ao redor dela, a puxando mais, imediatamente acomodando-a contra meu corpo.

Ternamente, acaricio seu pescoço com meu nariz. Cheiro seu cabelo e penteio as mechas soltas para poder beijar a pele debaixo da orelha. Descanso minha palma em seu peito, brinco com seu mamilo até fazê-lo franzir sob meus lascivos dedos, despertando-a.

Querendo brincar.

Missão cumprida.

— Mmm... — Boceja, esticando-se debaixo de mim, alongando seu tronco e permitindo que minhas mãos possam vagar para cima e para baixo em suas curvas femininas. Maravilhando-me com a pele suave. — Isso é bom. — Desfruta do meu toque. Beijo o ponto entre suas omoplatas, vou para cima, sugando suavemente seu pescoço, tendo o cuidado de não deixar marcas em sua impecável pele. Aninho a ponta de minha ereção entre suas nádegas.

Sinto-me afetado por cada um de seus gemidos.

— Me sinto tão bem. — Acaricio ligeiramente seu quadril enquanto a giro e a beijo no ombro. Ela tem uma chuva de sardas, e descanso meus lábios ali.



Gemendo, sobe seu braço para embalar minha cabeça enquanto acaricio seu peito, passa os dedos por meu couro cabeludo; maldição, não somos a imagem da porra da felicidade doméstica?

— Sebastian. — Geme suavemente, a pélvis começa a oscilar, lentamente.

Sim baby, bem assim.

— Não volte a usar roupa na cama — Digo com brutalidade.

— Não?

Nego com um gesto definitivo.

— Agora que te vi nua? Merda, não!

As palavras ficam no ar; permanecemos tranquilos, nos deleitando um com o outro. Quando Jameson fica de costas, e sorri, há satisfação em suas sobrancelhas relaxadas.

— Significa que me manterá perto por um tempo?

Meu peito se torce de orgulho, sinto que fiz algo bom para nós, algo duradouro.

Algo permanente, e merda, eu sou horrível nessa porcaria emocional, mas os instintos mais básicos prevalecem e me levam a rodear a cintura dela com os braços. A abraço, deixando beijos de boca aberta em seu pescoço. Descanso minhas mãos no ventre, a parte mais feminina do corpo dela.



A fonte do poder feminino.

— Quer permanecer aqui por um tempo? — Pergunto afundando em seu pescoço.

— Sabe que não estaria aqui se não desejasse. — Com lábios suaves, beija o lado de meu antebraço e como se sentisse a mudança em mim, o silêncio pensativo vira seu pescoço para mim. — Sebastian? Achei que ia... — Incita Jameson, o azul brilhante dos seus olhos, leem timidamente minha expressão, e muda de posição, alcançando entre nossos corpos. Envolve minha grossa ereção matutina em suas mãos e aperta — fazer o que quisesse comigo esta manhã.

Para cima e para baixo... Para cima e para baixo, meu pau pulsa em sua mão com cada traçar uniforme até fazer tremer minhas coxas, a necessidade por ela é tão urgente, tão real.

— É o que quer? Que eu faça o que quiser com você esta manhã? — A pergunta sai em um assobio quando suas mãos rodeiam a ponta do meu pau, acariciando a cabeça com seus polegares.

— Sim.

Levo alguns segundos para pegar uma camisinha, abri-la e colocar, então me posiciono sobre ela. Seus olhos se nublam, cobertos pela luxúria e desejo quando a penetro. Está quente, ensopada e disposta. Tão disposta.

Suave.



Sexy.

Seu cabelo cai ao redor dela como um maldito anjo, me observa silenciosamente, posicionado sobre ela.

Vamos metodicamente, dolorosamente lento, o único som no quarto é a nossa respiração forte e o tamborilar da cabeceira, golpeando, golpeando a parede com cada impulso. O som do tamborilar me excita ainda mais.

Os dedos de meus pés se cravam e se afundam no colchão, enquanto deslizo para dentro e fora de seu calor escorregadio, feito apenas para meu pau.

Jameson acaricia minha bochecha e abaixo a cabeça, cobrindo seus lábios com os meus, inalando e exalando, repetidas vezes, como se ela fosse o ar que preciso para sobreviver.

Porque é. De algum modo...

Porra, essa garota significa tudo para mim.

— Mmm, mmm — Geme docemente em minha boca quando seu corpo chega ao clímax, os músculos da apertada boceta se contraem e me espremem totalmente da melhor maneira possível.

Gozo momentos depois, as ondas de choque estremecendo a parte inferior do meu corpo.



— Baby — Digo como uma promessa em seu cabelo, acariciando amorosamente as úmidas mechas em sua têmpora enquanto a aperto em meus braços. — Jameson.

Ela é minha.



CAPÍTULO 41

"Ao nascer, me pediram para escolher entre ter boa memória ou um pau grande. Não posso me lembrar de nada que escolhi..."

SEBASTIAN

Zeke está me esperando na cozinha quando volto de deixar Jameson em casa, sentando-se à mesa da cozinha usando nada além de uma boxer e um cenho franzido.

Passo por ele abro a geladeira e pego a manteiga, um bagel³⁹, a faca para manteiga da gaveta.

Zeke cruza os musculosos braços e se remexe no lugar.

— Escutei você foder ontem à noite. A noite toda.

Ponho o pão na torradeira e viro o rosto para ele, adotando sua postura ao cruzar meus braços.

— E? Qual diabos é o seu problema, amigo? Você trouxe para casa quem sabe quantas garotas ontem à noite depois

³⁹ O **bagel** é um produto de [pão](#) tradicionalmente feito de massa de [farinha](#) de [trigo fermentada](#), na forma de um [anel](#).



daquela cena na festa, e está irritado porque teve que escutar a Jameson e a mim? — A torradeira soa e lhe dou uma sacudida e um tapa para que continue funcionando. — Sai dessa.

— Se estiver fodendo-a por compaixão, por algum senso torto de obrigação, posso encontrar dez garotas para foder agora mesmo.

Foder por compaixão? Que merda...?

Flexiono meus dedos para evitar apertá-los em punhos e olho para meu bagel torrando.

— Poderia parar de chamar de foder?

Cristo, agora comecei a falar como uma garota. Franzindo o cenho com o pensamento, desligo a torradeira, e remexo em seu interior com minha faca para recuperar os únicos carboidratos que comerei hoje.

— Agora você já não gosta de chamar de foder? Quer algo um pouco mais florido? — Diz com uma risada irônica. — Não me diga isso... Agora chama de fazer amor.

— Na realidade, sim. — Passo uma tonelada de manteiga em meu pãozinho e coloco um pedaço em minha boca. Falo mastigando. — É assim exatamente como eu chamaria, e não preciso discutir isso com você. É minha merda, o que faço, não é da sua conta.

— Costumava ser.



— Pois não é mais, e algum dia Zeke, espero que encontre alguém especial que te faça mudar de opinião.

Dentro do possível, sua expressão obscurece ainda mais.

— Ah. A vadia te estragou... Realmente te arruinou, não é mesmo? Não se atreva a deixá-la entrar em sua cabeça, cara.

— De onde vem tudo isto? — Ignoro o fato de que acabou de chamar a Jameson de vadia porque sei que só levará a uma briga física. — A equipe?

— Se perder uma só competição, eu...

— Você o que? Não está em posição de me ameaçar.

Zeke me olha, derramando a palidez fria de seus olhos cinza.

— Eu estou avisando, Osborne. Não deixe que esta garota afete seu lugar na equipe.

Esta garota? Certo, agora está sendo dramático, então na maneira típica de Jameson, reviro os olhos.

— Não irá.

— É melhor, porque você mal a conhece, droga.

Porque ele está enganado.

Sim a conheço.



Conheço Jameson Clark melhor que ele. Sei que assiste apenas realities e adora The Bachelor⁴⁰ tanto que está em uma equipe de fantasia. Sei que tem duas irmãs e um Schnauzer de onze anos chamado Leopold. Sei que quer estabilidade e um bom trabalho, mas quer ser uma mãe presente. Quando tinha doze anos, tingiu o cabelo de um pútrido tom de verde. Aos quinze, beijou um cara chamado Kevin atrás da arquibancada de beisebol e ele tentou tocar seus peitos.

Jameson sabe por que quero estar em recursos humanos. Sabe que não quero lutar profissionalmente, mas o farei se o dinheiro for bom, se qualquer treinador me quiser antes que consiga um "trabalho de verdade". Troca mensagens com minha irmã, sabe que quando eu tinha quatorze anos, chorei assistindo Marley & Eu, que amo cães e viajar. Sabe que minha família vem antes dos amigos e quão duro meus pais trabalham para pagar minha educação.

É uma das poucas pessoas que sabe que tenho um trabalho noturno.

Confio nela.

Eu...

— Você está me escutando, imbecil? — Intervém a voz de Zeke. — Vai deixar essa porcaria fora do ringue, está me ouvindo?

⁴⁰The Bachelor é um [reality show](#) de encontros amorosos roteirizado, produzido pela rede de televisão norte-americana [ABC](#) desde 2002.



Desta vez, aperto minha mão em um punho.

— Sêrio, você passou dos limites.

— Porque você não ouve porra.

Deixando a faca na pia, me viro para enfrentá-lo.

— Essa garota, como continua chamando, é minha amiga. Minha namorada. E se alguma vez eu te pegar, ou qualquer um a desrespeitando, não vou duvidar em escolhê-la sobre quem for. — Inclino-me contra o balcão e falo lentamente: — De fato, escolheria Jameson sobre toda a equipe se precisasse. Então não me coloque a prova.

— Ozzy, apenas me escute...

— Não, me escute você: esta conversa acabou e nunca voltaremos a tê-la.

Surpreendentemente, ele me deixa para lá, e porque não sou uma florzinha, permito que sente e se acalme em um desconfortável silêncio enquanto, impassível termino meu maldito pãozinho frio antes de voltar para meu quarto e fechar a porta com força. Caminho do armário para a cama, com as mãos atrás da cabeça, e respiro fundo e com calma.

Ela tem razão, Zeke é um completo imbecil.

Pego o telefone e envio uma mensagem para a única pessoa que me acalma.



Oz: Olá, garota bonita. Está a fim de um encontro para estudar?

Jameson: Em um domingo?

Oz: Na realidade, só preciso estar em algum lugar tranquilo.

Jameson: <3 Sim, tudo bem. Provavelmente poderia estudar se isso é o que quer. Meu trabalho de literatura não vai se escrever sozinho.

Oz: Tenho treino hoje às 11h30min, mas devo acabar por volta das duas. Depois disso, sou todo teu.

Jameson: Todo meu? Definitivamente eu gosto do som disso. Mas tem que prometer se comportar. Nada de nhaca-nhaca...

Oz: Nhaca-nhaca? Minha avó fala essas merdas.

Jameson: Então, suponho que sua avó e eu temos algo em comum.

Oz: Certo. Mas agora tudo em que posso pensar é na minha avó.

Jameson: Considere isso seu castigo por anos de mau comportamento.



CAPÍTULO 42

"Um estranho no bar tentou transar comigo ontem à noite, então pedi desculpas e disse que tinha que ir trocar meu absorvente. Sempre funciona..."

JAMESON

— Aonde vai vestida assim?

Olho para meu jeans com bainha, o moletom de Iowa, botas de cano longo marrons, e logo depois de novo para Hayley que me para na porta.

Dispara. Quase consegui.

— Por que está carregando livros? É domingo.

— Vou à biblioteca

Ela enruga seu nariz.

— No domingo? Não foi recentemente?

Sim, mas...

— Quer dizer... Oz tem uma prova amanhã e tenho um trabalho para fazer, então ele pensou que podíamos estudar.



— Ela parece horrorizada, então explico. — A biblioteca é onde nos conhecemos, então suponho que de algum jeito, acaba sendo o nosso lugar especial.

Hayley me corta com uma risada forte e vertiginosa.

— Bom, bom. Agora entendi; estudar é a nova palavra para foder, não é? E não se atreva mentir para mim.

— Foder? Quem fode quem agora? — Outra voz entra na conversa enquanto Sydney passa velozmente pela sala de estar, penteando o cabelo loiro em um alto rabo-de-cavalo e prendendo-o com um elástico. — Garota, sabe que meus ouvidos se animaram quando escutei essa palavra.

Eu me mexo desconfortavelmente, balançando sobre os saltos baixos de minhas botas. Não fui exatamente... Comunicativa sobre minha relação com Sebastian, e temia esta conversa, retendo informação de forma intencional. Com medo do que ela poderia dizer de como me julgaria. Preocupada se vai se zangar.

Ou pior ainda, que acabe ferida.

O último lugar em que quero ter esta conversa é na porta enquanto estou a caminho de me encontrar com ele.

Não lido bem com estas coisas, decepcionar as pessoas com quem me importo, neste caso, a minha companheira de quarto, que sem dúvida se apaixona com frequência por meninos bonitos. Especialmente pelos que praticam esportes,



são bem construídos, bem relacionados e cobiçados por toda a população feminina.

Sebastian preenche todos esses quesitos.

E sei que pensa que está apaixonada por ele.

A conversa desanimadora que estou a ponto de ter é uma das razões pela qual não tive encontros na universidade.

Meninos como Sebastian vêm com muito drama.

Mas valeu muito a pena. Então por favor, só atire em mim agora e me liberte da minha existência de agressividade passiva porque não quero ferir minha amiga.

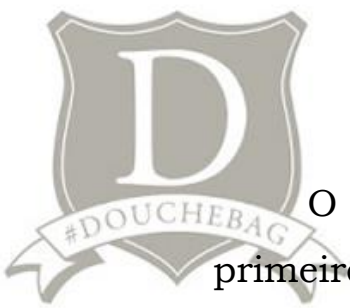
Mas tampouco estou disposta a renunciar o que me custou tanto tempo para encontrar.

Hayley, por desgraça, se adianta.

— Sabe, James e Oz estiveram se pegando.

Isso não é o que esperava, e me surpreendo tanto que quase deixo cair os livros dos meus braços pelo choque. Meu rosto se avermelha pela completa vergonha; nunca em minha vida meu nome e a palavra "pegar" estiveram na mesma frase.

— Eu...n-nós...nós... — Meu Deus, estou gaguejando. — Não estamos nos pegando — Consigo dizer finalmente, frente a um inferno ardente.



O rosto da Sydney, bom essa é outra história. Em primeiro lugar, ela levanta as sobrancelhas com diversão. Mas então... Assimila as palavras. Oz. James. Se pegando.

Seus vívidos olhos azuis esquadrinham a expressão presunçosa da Hayley, digerem minha rápida negação e minhas flamejantes e avermelhadas bochechas. Juro que pode ver a tensão através da camisa se desenvolvendo em meu peito.

— É claro que não está se pegando com ele. — Espeta Sydney e lança o cabelo em direção a Hayley. — James não faz sexo; todos sabem disso.

Nem sequer tenho força para me sentir insultada com seu tom. Nossa outra companheira de quarto argumenta angelicamente:

— Tem razão, não deveria ter usado o termo se pegar. Eles estão saindo, não é verdade James?

— Eu...

Mas Hayley não se detém, fazendo gestos enquanto fala:

— Ele a levou para aquela festa de fraternidade que você perdeu no fim da semana passada, quando foi para casa. Deveria ter visto inteiramente preso ao seu lado a noite toda. Procurava coisas para ela como um cachorrinho. Tão lindo.



— Uh... — É tudo o que posso dizer, tão constrangida por isso que alguém deveria tirar meu cartão de garota⁴¹ porque Jesus sabe que minha coragem desapareceu.

— Depois a levou embora mais cedo. Bom, devido à briga com aquele lutador grande, vocês foram para a casa dele, certo? Porque sei que não voltou para casa. — Solta uma risada e me sinto doente, como se fosse vomitar sobre as plataformas de moda da Hayley. O rosto da Sydney se enrugou, seja por desgosto ou por decepção, é impossível saber.

— James, é verdade?

— Quer dizer... — Encolho os ombros. — Sim?

Começo balançar os pés, os livros em meus braços se transformam em um peso morto.

Sydney olha fixamente para Hayley e depois volta seu olhar ferido para mim.

— Por que não me disse isso, James? Por que me deixou sair com ele se gostava dele?

Certo. Eu fiz...

— Por que não me disse? Sinto-me como uma idiota.

Porque estava assustada, envergonhada e fui uma idiota. Porque perdi tempo quando poderia tê-lo passado com Sebastian em vez de evitá-lo.

⁴¹ Ela se refere a “cartão de garota” como se fosse necessário uma licença para ser uma menina, do mesmo modo que é necessária uma para se dirigir.



— Sinto muito.

Sydney levanta as mãos, exasperada.

— James, foi você quem disse que não era um menino adequado para sair. Que a única coisa que fazia era se deitar com qualquer uma. Quem disse que...

— Eu sei o que disse Sydney! Estava enganada.

Sydney — sensível e compreensiva Sydney — me mostra o motivo por que é tão bonita por dentro quanto por fora.

— Deus, me sinto uma idiota, não tinha ideia de que você gostava dele.

E agora me sinto como uma idiota porque é ela quem se desculpa quando sou eu que...

— Se for o que te faz feliz... Simplesmente não o deixe quebrar seu coração. Não deixe que ele faça com você o que disse que faria comigo.

E agora estou me encolhendo porque as palavras voltam para mim literalmente: *O menino que fode todo mundo... O vi em uma festa ganhando um boquete no corredor... Provavelmente é uma boa ideia se manter afastada de um cara assim, não importa quão bonito pareça... Não há dúvida de que ficou sem espaço para os entalhes na cabeceira da cama...*

Ruborizada, olho para o chão, envergonhada por ter julgado Sebastian antes de conhecê-lo e por ter ocultado a relação de uma das minhas melhores amigas.



Sou a imbecil aqui.

— Não deixarei que me faça mal. — Então, para mim mesma, adiciono: E não farei mal a ele.

Sid olha minha roupa.

— Encontro de estudo casual, então?

— Algo assim. — Mordo o lábio inferior e reajusto os livros. — Acredito que isso pode estar lhe incomodando, então...

— Alguma chance de sair conosco esta noite? Tenho um novo jeans que quero que conheça.

Sorrio com satisfação.

— Quer pegar emprestada uma jaqueta para usar com eles?

— Merda, não.



CAPÍTULO 43

"Sei exatamente o que deu errado com ela. Além de não responder suas mensagens, nunca usei um Ben & Jerrys como técnica de sedução".

SEBASTIAN

Jameson é uma visão para meus olhos, e me embriago dela dos pés à cabeça quando atravessa silenciosamente a porta da nossa sala de estudo no terceiro andar da biblioteca, ao final de uma longa fileira de periódicos da faculdade de direito, pesquisas e publicações.

É silencioso, descontraído e isolado.

Ênfase em *isolado*.

Levanto-me para cumprimentá-la, rodeio a grande mesa de conferências e tomo gentilmente os livros de suas mãos, deixando-os sobre a mesa. Apoio as mãos em sua cintura as movo para seu traseiro e o aperto, enquanto me inclino para um beijo.



— Bom, essa é uma boa saudação. — Ri, batendo nas minhas mãos para criar um pouco de distância. — Disse que íamos estudar, “Senhor Mãos Inquietas”.

— Sim, mas seu traseiro tem uma força gravitacional, sou atraído como um ímã. Não consigo tirar minhas mãos.

Me bate de novo.

— Juro por Deus Oz, se continuar me amassando assim, nunca vamos fazer nada.

Afasto-me com relutância e lhe dou espaço.

— Tem razão, não te trouxe aqui para te agarrar. A sensação de seu traseiro em minhas mãos terá que me ajudar a aguentar a próxima hora.

— Você é uma explosão hormonal. — Jameson se senta, reorganizando os materiais de estudo. Alinha os lápis e canetas, coloca cada um em seu lugar com a ponta do dedo, como se possuíssem um lugar permanente na mesa. A calculadora à direita, o notebook no centro de seu espaço de trabalho.

Ela tira uma pequena pilha de notas da bolsa e as espalha perto das canetas como um leque.

Assisti-la organizar meticulosamente seus materiais de escola me excita.

Abaixo a cabeça com tristeza.



— Eu sei. Ficou pior desde que me deixou entrar nas suas calças. Péssima escolha de sua parte.

Me junto a ela na mesa e rapidamente, ambos estamos concentrados em nossos estudos. De tempos em tempos, sou distraído pelos suspiros dela, os pequenos murmúrios de concentração. O tamborilar de sua caneta na mesa.

— Pare de me olhar — Murmura sem levantar o olhar.

— Não estou — Protesto.

Mas estou.

— Me olhou nos últimos vinte e cinco minutos. Cronometrei. — Rabisca com a caneta em uma caderneta preta e quando termina de escrever o que quer que seja, levanta o olhar, deixa a caneta, cruza as mãos diante ela. — Tem algo te incomodando.

Bom, merda. Eu não esperava que ela notasse.

— Está?

Jameson inclina a cabeça para o lado e me estuda.

— Não é assim? Só suposição, mas de algum modo você parece, não sei... Desligado.

Suspiro.

— Não posso simplesmente querer ficar com você? Por que algo tem que estar errado?



A sala está em silêncio enquanto os segundos passam. Ela está pensando e a olho sem expressão, e ninguém fala nada.

Lentamente, sacode a cabeça.

— Tem razão, não precisa ter nada de errado. Te interpretei mal. Simplesmente vamos esquecer que falei qualquer coisa.

Seu sorriso é simpático e inclinado.

E muito doce.

Jameson é a pessoa menos crítica que conheço.

Confio nela. Confio nela e é a única pessoa para quem conto as coisas além de minha irmã, mas ela não está aqui agora e Jameson está. Então suspiro profundamente e explico:

— Não, você tem razão, algo me incomoda — Comento, me remexendo, lutando contra a urgência de me mover. — Desde aquela festa, Zeke está pegando no meu pé e está me dando nos nervos. Não tenho certeza do que fazer sobre isso. — Quando não diz nada, continuo: — Eu moro com o cara, certo? Então sei como ele é o quão imbecil pode ser... Mas também vejo uma parte dele que ninguém mais vê, entende? Sei que nem sempre é tão imbecil, especialmente quando é amigo de alguém. — Passo os dedos pelo cabelo. — Não entendo qual é o problema ultimamente.



— Ele comentou alguma coisa? — Pergunta Jameson com cuidado, me observando.

Dou um breve assentimento.

— Esta manhã.

— Ahhhh. — Alonga o sussurro, parecendo já saber sobre o que estou falando.

— Ele está... — Qual é a palavra que procuro? — Zangado

— Está — Sussurra Jameson. — Sabe por quê?

Desta vez eu nego.

— Não. Suspeito que conheço a razão, mas não sou um psiquiatra então... — Dou de ombros. — É apenas uma hipótese.

— Tentou falar com ele sobre isso?

— Esta manhã quando me ameaçou, mandei que fosse a merda. Esse foi todo o bate-papo que tivemos.

Eleva as sobrancelhas quase até a linha do cabelo.

— Ele te ameaçou? Por que?

Brinco com as teclas do notebook, acertando em algumas sem rumo.

— Vou te contar, mas não quero que se envolva.

Franze o cenho com preocupação.



— Então quer dizer que tem algo a ver comigo?

— Quer a verdade? Sim e não.

— Por que não gosto de como isso soa?

— Porque a verdade é que sim, ele não quer que eu saia com você. Não acho que esteja, necessariamente, com ciúmes, acho que pensa... Merda, não sei. É como se achasse que o estou evitando para sempre, quase como se o abandonasse... É a coisa mais estranha.

— Tenho que me preocupar com alguma coisa? Ele não vai ficar escondido entre os arbustos me esperando chegar em casa para me dar uma surra, vai? — Dá uma pequena risada nervosa e agora me sinto o maior imbecil por mencionar isso.

— Não te faria mal. Está zangado comigo, e não com você. Simplesmente não se deu conta ainda.

— Está bem — Responde lentamente. — Mas agora começa a te afetar e é isso que me preocupa.

— Por que se preocuparia?

— Porque... — Limpa a garganta. — Porque me preocupo com você, Sebastian.

Minha garota acrescenta revirando os olhos.

Um grande sorriso se estende por meu rosto e me inclino ela para mudar de assunto.

— Se preocupa comigo, hem? É isso?



Põe os olhos em branco.

— Não seja ridículo. Claro que me preocupo.

Preocupar-se. Me pergunto se é a palavra chave para um sentimento mais forte que ainda não está preparada para admitir... Do mesmo modo que eu não admiti, ou falei em voz alta.

É muito cedo para ter certeza. Não é?

Novamente, um silêncio evidente se instala na sala, o peso das palavras paira sobre nós.

— Jameson, me deixe... — Minha voz se quebra, as próximas palavras que saem de minha boca rompem a tensão.
— Te foder sobre a mesa.

— Oh, meu Deus! — Ri, me jogando uma caneta que me acerta no peito e cai no chão acarpetado. — Não vamos fazer sexo em um lugar público!

Faço um gesto para a sala.

— Vamos lá, dificilmente isto é público. Há quatro paredes e uma porta sólida, se não contar a janela. Além disso, não diga que não pensou em fazer isso comigo a cada vez que estivemos aqui.

— Um, posso afirmar honestamente que não pensei nisso, mas claramente você sim.

Olho para ela como se estivesse louca.



— Hum, claramente. Odeio dizer isso, mas foder é quase a única coisa que penso quando estou ao seu lado.

— Bom, então tire isso da cabeça, não vamos fazer sexo na biblioteca.

— O que pode te convencer?

— Nada. Nada vai me convencer a permitir que me foda sobre a mesa. Não vai acontecer.

— Quer apostar?

De novo revira os olhos, já foram três vezes.

— Não, Sebastian. Porque ainda me deve a última aposta que fizemos.

— Que tal se te pagar com orgasmos? Duzentos e cinquenta.

— Hummm. — Bate no queixo com a unha rosa, considerando minha oferta. — Está bem. Vou pensar nisso.

Meu sorriso é presunçoso.

— A última vez que disse que iria pensar nisso, acabou colocando a língua na minha garganta no meio da biblioteca.

— Cale-se! — Pega outra caneta. — Por favor, podemos continuar a estudar?



— OH Deus... Bem aí... Mais forte!

— Baby, estou tentando... Se for mais forte vou quebrar esta mesa de merda. É madeira compensada.

— Minha bunda... M-minha bunda está no teclado do computador e está cravando no meu quadril... OH Deus... Não pare de fazer isso... É tão bom...

— Merda... Merda... Escutou esse rangido? Eu te disse que íamos quebrar esta fodi... Da mesa...

— Vale a pena, va-vale... Muito mmmu-muito a pena...

— Não pare, não pare. Estou gozando, estou gozando...

— Tanto para não fazer sexo em público, Princesinha.

— Vamos, baby. — Jameson finge uma voz decididamente masculina. — Vamos lá, dificilmente isto é público. Há quatro paredes e uma porta sólida, se não contar a janela.

— Muito engraçado, espertinha.

— Não temos tempo para apreciar o pós-orgasmo. Provavelmente deveria subir a calça.

— Aproveitar o pós-orgasmo... Gosto disso.

— Ahhh depois de tudo, você é realmente romântico na intimidade.

— Sim, suponho que sou.



EPÍLOGO

"Às vezes ela me acorda no meio da noite com um boquete. Uma vez, depois disso me preparou um sanduíche. Obviamente precisava acabar com essa merda".

SEBASTIAN

— O que estão fazendo você e sua merda em minha varanda?

O vento sopra, levantando neve e enviando ar frio para dentro do quarto de hotel. A rajada faz com que os cabelos de Jameson se movam em torno dos ombros.

Estou de pé na frente da mesma porta de quarto de hotel, deixando cair minha mochila vermelha sobre o chão gelado e nevado. Uma prancha verde limão apoiada no marco da porta, junto com uma mochila preta com minhas botas e roupa.

— Meu velho amigo Chad comentou que sua companheira de quarto te abandonou — Brinco com um encolhimento de ombros casual.



— Chad lhe contou isso? Hummm... Ouvi que ele se formou e conseguiu um trabalho em uma companhia tecnológica. Terá que vir com um argumento melhor do que esse, não posso deixar que qualquer um passe por esta porta... Meu namorado me mataria e ele estará aqui a qualquer momento.

— Seu namorado parece incrível e realmente bonito.

Jameson cruza os braços e dá de ombros, evasiva.

— Eh, ele é legal. Não o expulsaria da cama.

Inclino-me e beijo seus lábios sorridentes, pego a bolsa e entro no quarto de hotel.

— Oh! O lugar parece como o deixamos.

— *Yep!* — Pronuncia o P com um sonoro golpe. — Mesma cama, mesmo armário, mesmo banheiro pequeno.

— Ah sim, o banheiro pequeno do inferno, cenário de todas as masturbações. — Minha risada enche a antiquado quarto de hotel enquanto me aproximo do armário para deixar as coisas.

— Poderia não me lembrar disso, por favor? Dispara Jameson atrás de mim.

Olho sobre o ombro.

— Você ficou e olhou, baby. Não deve ter sido tão ruim.

— Isso só porque fui pega desprevenida.



— Certooooo... Mas depois escutou atrás da porta enquanto terminava.

— Acho muito mal-educado que toque nesse assunto —
Aponta com indignação.

— Regra número vinte...

Jameson levanta um dedo e me dá uma risada divertida.

— Não. Hum... Estamos na vinte e três.

— OH, me perdoe senhora. Regra número vinte e três: enquanto estivermos neste fim de semana, temos que tentar fazer tudo do mesmo jeito que fizemos da última vez que estivemos aqui.

Ela é cética.

— Quer que vá ao lobby e o veja dar meu número para completos desconhecidos?

— Claro! Será romântico.

— Aquela viagem não foi romântica. Foi exaustiva.

— Não acha que foi romântico quando te derrubei sobre a neve a caminho do ônibus?

— Não, realmente não.

— Tolice. Gemeu quando caí sobre você.



— Não, estava me apertando e eu estava tentando te afastar. Há uma enorme diferença. Além disso, tinha neve em minha calça.

— Hummm. — Penso por um segundo, tentando me lembrar de todas as coisas agradáveis que fizemos em Snowbasin⁴² na última vez em que estivemos aqui. Mas só algumas coisas aparecem em minha mente. — Dormiu comigo na mesma cama porque não podia resistir. Admita, aquele travesseiro foi só uma tática para chamar minha atenção.

Minha linda namorada morde um sorriso.

— Está bem, eu admito... Queria me aconchegar em você na cama, mas tem que admitir que estava louco por mim.

A olho como se estivesse louca.

— Pfff, é claro que estava louco por você... Provavelmente desde o momento em que nos conhecemos. Você é muito adorável.

Meu comentário pode estar dizendo “Qual é o grande problema?”, mas a expressão dela rivaliza com quando lhe dei uma dúzia de rosas vermelhas de talo comprido.

— Às vezes diz coisas muito doces!

— Só às vezes? — Me aproximo, brincando, enquanto ela tira as rugas da cama e arruma os travesseiros.

⁴² O Snowbasin Resort é um resort de esqui no oeste dos Estados Unidos, localizado no Condado de Weber, Utah, a 53 km a nordeste de Salt Lake City, no lado de trás da Wasatch Range.



Jameson boceja, cansada da viagem.

— Está bem. Na maioria das vezes.

E tem razão, raramente sou um imbecil com ela. Reservei o lado sensível e suave que ninguém além de Jameson tem o privilégio de ver. Por mais patético que soe, ela é a luz da minha vida.

E se alguém me ouvir dizer essas merdas, chutaram meu traseiro.

Não que me importe.

Lentamente, Jameson baixa o zíper do jeans, descendo a calça escura pelos quadris.

— Estou esgotada.

— Minha família não chegará antes de — Verifico a hora no telefone — vinte e quatro horas. Como podemos passar o tempo?

— Por falar em seus pais, não posso acreditar que não contou que iríamos chegar antes. E não posso acreditar que renunciaram ao feriado de Ação de Graças e farão toda essa viagem para ficar conosco.

Suspiro.

— Por favor. Minha mãe pensou que isto seria mais divertido que colocar toda aquela gente em nossa pequena



casa. Além disso, agora não tem que cozinhar. Ela odeia cozinhar e sempre estraga o peru.

— Eu sei, mas...

— Confie em mim, eles estão animados.

Uma ruga estraga sua testa.

— Sei, mas tem certeza de que quer renunciar às férias de primavera para estar aqui agora?

— Vai estar comigo em março, então o que importa se não for para lugar nenhum? — Dou de ombros. Isso foi o que decidimos quando planejamos esta viagem, passaríamos as férias de Ação de Graças em Utah com minha família, depois ficaríamos em casa e trabalharíamos durante as férias de primavera para economizar dinheiro para um apartamento. Planejamos viver juntos o resto do último ano... Assim que tivermos dinheiro suficiente para a caução. — Relaxa, não precisa ficar nervosa.

Olho enquanto mordisca a unha do polegar, apreensiva.

— Estou ansiosa para conhecer seus pais.

— Baby, eles vão te amar. E já trocou mensagens um monte de vezes com a Kayla... Ela acha que você é maravilhosa.

— Certo, mas as mães são diferentes.

Sua preocupação faz com que me incline para beijá-la.



— Pare de se preocupar. Vai ser ótimo, não está contente que tenhamos neve o suficiente tão cedo na temporada para fazer um pouco de snowboard, pegar o teleférico — cortesia do Zeke Daniels e seus quinhentos dólares?

Ela levanta o olhar.

— Diabos, sim. Tão contente dele finalmente ter pagado a aposta. — Jameson abre a mala para tirar uma calça e jaqueta de neve e os pendura no pequeno armário. — Estou pronta para pegar a montanha.

Eu tiro minhas roupas para que se juntem às suas.

— Ao menos pode fingir que me espera enquanto desço a montanha atrás de você?

— Veremos! Tente manter o ritmo e não haverá problemas, teremos, *velhote*? — Com um movimento arrogante e presunçoso, Jameson prende o cabelo.

— Está bem, adoro te observar... Especialmente sua bunda.

— Digo o mesmo. — Entra no banheiro para deixar suas coisas de higiene no suporte do lavabo. — Estou esgotada da viagem. Vamos ver um filme e ir para a cama.

— Boa ideia. Devemos aproveitar esta noite, antes que minha família chegue aqui pela manhã, porque que depois que chegarem, você compartilhará o quarto com a Kayla e eu acamparei no chão do quarto dos meus pais.



— Está sempre tentando aproveitar. — A risada chega através da escova de dente.

Me junto a ela no banheiro, chegando mais perto, assim posso passar as mãos nas laterais dela, afundar o nariz na curva do pescoço enquanto escova os dentes.

— Não tenho que fazer um grande esforço, não é mesmo?

— Oh, por favor, posso resistir inteiramente. Lembra daquele dia em que decidiu não colocar a calça em uma tentativa desesperada para conseguir que eu te seduzisse? — Afasta a escova de dente e golpeia o queixo como se recordasse. — Foi uma tentativa inútil de psicologia reversa, mas passei todo o dia sem saltar sobre seu corpo. Praticamente desenvolvi superpoderes.

— Que seja. Não conta porque tirou sua calça como contra-ataque, o que não funcionou. Acabou fodida de qualquer modo.

Suspira, a pasta de dente gotejando pelo canto da boca.

— Pelo menos fizemos todo o possível.

— Com certeza fizemos.

Meu coração está pulsando a um milhão por minuto, pulsando como nunca tinha feito. Nem sequer quando fui apresentado ao olheiro da equipe olímpica de luta no semestre passado. Nem quando disse não, não ia progredir em minha carreira de lutador e me juntar à equipe.



Tinha acabado, estava decidido.

Planejava estagiar em uma firma de advogados em minha cidade no próximo verão, com a esperança de conseguir um trabalho no departamento de recursos humanos. Depois ia comprar uma casa com a Jameson e íamos viver juntos, nos casar e fazer bebês que vestissem cardigãs.

Abro a caixa de anel de veludo preta, me apoio sobre um joelho e a mostro com a tampa aberta. Os olhos azuis dela se abrem como pires, e leva as mãos à boca com estupefata surpresa.

— Sebastian — Ofega. — É lindo.

Não me escapa que não tocou no anel.

— Jameson Vitória Clark. Você quer se casar comigo?

— Não sei o que dizer...

— Diga que sim. — Rio, como se não houvesse nada para discutir e este fosse um contrato fechado. — Te surpreendi tanto? Por que não diz que sim?

— Não posso — Sussurra, o ar deixa seu corpo com curtos suspiros. O ar se torna gelado e o vapor sai de nossas bocas. — Não posso me casar com você.

Não pode se casar comigo? Que porra.

— Não pode? — Fecho de repente a caixa do anel. — Ou não quer?



Nega ligeira e quase imperceptivelmente a cabeça.

— Não posso. Não quero.

— Por que? — Exijo. — Por que não quer se casar comigo?

— Você nem me conhece Sebastian.

Cambaleio até me pôr de pé, esticando o braço.

— Baby, por favor. O que quer dizer com não te conheço?
Você é minha melhor amiga.

— E você o meu...

— Então por que não responde que sim? — Repito, com a voz entrecortada. — Te conto tudo, sabe de coisas que nem meus pais e nem minha irmã sabem. Coisas que nunca contei para os meninos ou para meus treinadores. — Tomo uma respiração. — Jameson, eu... Eu...

As três pequenas palavras que nunca lhe disse ficam presas em minha garganta, me engasgando, me fazendo hesitar.

Jameson se afasta, elevando as sobrancelhas. Me olha com o cenho franzido.

— Viu? É isso. Essa é a razão pela qual não posso me casar com você.

— Grande coisa! Já se passaram sete meses. Muitas pessoas não dizem a palavra com A depois de apenas uns poucos meses.



— Pare de falar, Sebastian, você só está piorando. O fato de que não possa dizer que me am... — Seus soluços cortam o que estava a ponto de dizer.

— Baby, eu sou um idiota... O que esperava?

— Espero mais que um homem que coloca desculpas sobre por que não pode me dizer como se sente. — Seu aborrecimento se transforma em pranto, uma corrente contínua de lágrimas desce por suas bochechas avermelhadas.

— Não chore, por favor, não chore.

Não chore. Não chore.

— Este sonho está se transformando em um maldito pesadelo — Gemo.

— Isso é porque está sonhando.

— Não — Protesto. — Isto é um maldito pesadelo, Jameson...

— Sebastian! Sebastian, acorde, está tendo um pesadelo.

Assustado ofego, despertando de repente.

— Shhh, você estava chorando. — Jameson passa a delicada mão por minhas costas em uma suave carícia e a apoia em minha cintura, me abraçando. Sinto quando dá um beijo com os lábios suaves e sensuais em minhas omoplatas, sua respiração quente acariciando minha pele nua enquanto me abraça por trás.



— Estava?

— Estava— Sussurra com outro beijo em meu ombro.

— Droga, sinto muito. Te acordei?

Assente.

— Sim, mas está tudo bem.

Merda.

— O que eu estava dizendo?

— Não se lembra?

Deito na escuridão olho para a parede antes de ficar de costas. A luz da lua inunda o quarto de hotel, lançando um brilho dourado sobre o lindo e preocupado rosto de Jameson.

— Sim, me lembro.

— Quer falar sobre isso? — Sua voz é uma suave carícia nas sombras.

— Pedi você em casamento e a resposta foi não.

— Por que eu disse não? — Jameson está mordendo o lábio para esconder seu sorriso. Posso ver seus dentes brancos brilhando na luz que entra no quarto.

— Porque ainda não disse que te amo. — Minha voz é suave e distante, porque embora fosse um sonho, me sinto um idiota.



— Oh?

E não o fiz, ainda não. Oficialmente estamos juntos a mais de meio ano e tudo o que tenho feito é mostrar com meu corpo o quanto me importo. Nessa parte sou brilhante, é a parte fácil: o sexo, o carinho, ficar de mãos dadas, sussurrar palavras através da mesa da biblioteca. A forma que de vez em quando, me deixa fodê-la na sala de estudo.

Nem uma vez disse a Jameson como meu coração se sente, que amo sua inteligência e sarcasmo. Que amo seu gênio e o fato de que não aceita nada sobre minha merda. Ou a idiotice infinita do Zeke.

Como a amo.

Não me surpreende que continue a me dispensar em meus malditos sonhos.

Sou um imbecil.

— James?

— Sebastian? — Desta vez quando sorri não se preocupa em esconder.

Viro meu rosto para olhá-la, assim estamos aconchegados um contra o outro no centro da cama, seus braços sobre meu estômago. Afasto uma mecha de cabelo de sua têmpora e com os dedos acaricio sua testa.

— O faço, sabia? Te amo. Provavelmente mais do que tudo.



Aí está, falei.

Ela poderia não saber, na realidade prende a respiração...
Como nos filmes quando a garota fica tão surpresa e encantada
que para de respirar por um segundo.

— Eu sei que me ama. — Diz pensativa e cheia de
preocupação. — Também te amo.

De algum modo, não é suficiente.

— Mas é sério, baby. A única pessoa que amo mais do
que você é a mim mesmo.

Uma risada sonora enche o outro lado escuro do quarto.

— Oh, meu Deus, me diga que não acabou de dizer isso.

Estou perdendo algo?

— O que é tão engraçado? Estou falando sério.

— A única pessoa que ama mais do que a mim é você?

— Sim, e?

— É ridículo.

— Mas você me ama?

— Muito.

Abre uma comporta e agora que pronunciei as palavras,
é mais fácil de dizer do que imaginei.



— Eu te amo. — Aperto os braços em torno dela, puxando e depois trazendo-a sobre meu corpo. Tomando seu rosto nas mãos, faço um esforço para olhá-la nos olhos. — Eu te amo.

Nossos lábios se encontram e sussurro.

— Eu te amo, Jameson. Estou apaixonado por você.

— Desesperadamente? — Murmura com um sorriso.

— Muito desesperadamente. — Abro a boca para outro beijo de língua.

Não paro de sonhar conosco.

Não vou parar.

E quando chegar o momento em que pedir para que se casar comigo e termos bebês vestidos com cardigãs?

Ela vai dizer que sim.



THE FAILING HOURS

(How to Date a Douchebag #2)

Zeke Daniels não é só um idiota; é um imbecil.

Um total e completo otário, Zeke mantém distância das pessoas. Não tem nenhum interesse em relações, como a maioria dos cretinos.

Ter encontros?

Ser parte de um casal? Nop. Não é para ele.

Nunca idealizou uma namorada, porque nunca teve a intenção de ter uma. Merda, mal tem uma relação com sua família, e eles são parentes; nem sequer gosta de seus próprios amigos.

Então, por que continua pensando em Violet DeLuca?

Violet é doce e calma, seu oposto em todos os sentidos da palavra.

A luz de sua escuridão, mesmo seu maldito nome soa como raios de sol, felicidade e merdas.

E isso incomoda também.



SARA NEY

Sara Ney é a autora Best-seller da série *How to Date a Douchebag*, e é conhecida por suas comédias românticas. Entre seus vícios favoritos se incluem: latte gelado, arquitetura histórica e sarcasmo. Vive rodeada de cores, coleciona livros antigos, arte, ama bazares, e se imagina britânica.

Vive em uma pequena cidade do meio oeste com seu marido, filhos e seu cão ridiculamente grande.

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no Facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no Facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

AVISO 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil. Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria! Seja esperta (o).